

A Mulher Pintada



FRANÇOISE
SAGAN

**A Mulher
Pintada**

Tradução de
LUIZA RIBEIRO

Digitalização: **Argonauta**

A Jean-Jacques Pauvert,
graças a quem a história deste livro
é uma história feliz,
sua amiga.

"Que importância poderíamos atribuir às coisas deste mundo? A amizade? Ela desaparece quando o amado cai na desgraça, ou quando o que ama se torna poderoso. O amor? É enganado, fugitivo ou culpado. A fama? É compartilhada com a mediocridade ou o crime. A fortuna? Poder-se-ia considerar um bem essa frivolidade? Restam os dias chamados felizes que passam ignorados na obscuridade dos cuidados domésticos e que não deixam ao homem vontade nem de perder, nem de recomeçar a vida."

Chateaubriand, *Vie de Rancé*

O verão chegava ao fim, um verão que fora amarelo e cru, violento, um desses verões que lembram a guerra ou a infância; mas agora o sol estava polido e pálido, alongando-se pelas ondas azuis e planas do porto de Cannes. Um final de tarde de verão, um início de noite de outono, e no ar havia alguma coisa de lânguido, dourado, soberbo e acima de tudo: perecível; como se essa beleza estivesse condenada à morte pelos seus próprios excessos.

No cais do *Narcissus*, orgulho das companhias Pottin, que se aprestava a levantar âncora para seu célebre cruzeiro musical de outono, o Capitão Ellédocq e o comissário de bordo, Charley Bollinger, postados em posição de sentido no final da passarela, pareciam contudo pouco sensíveis ao encanto da hora. Recebiam os felizes passageiros privilegiados de um navio bastante luxuoso para justificar o preço exorbitante desse cruzeiro. O anúncio em cartazes em todas as agências do mundo, todos os anos, completando três lustros atualmente, era dos mais promissores: seu *slogan*, escrito em letras manuscritas à inglesa, em fundo azul-celeste, cercava uma harpa eólica de época incerta com estas cinco palavras: "*In mare te musica sperat*", o que, para um latinista não muito exigente, poder-se-ia traduzir por: "A música o espera no mar."

De fato, durante dez dias, tendo-se o gosto e os meios desse gosto, podia-se dar uma volta pela bacia do Mediterrâneo em condições de refinado conforto e na companhia de um ou dois dos grandes intérpretes da hora e do mundo musical. Na organização dos Pottin, ou antes, no seu ideal, a escala determinava a obra musical e a obra musical determinava o cardápio. Essas delicadas correspondências, de início hesitante, se tinham pouco a pouco transformado em ritos imutáveis, mesmo quando acontecia por vezes que a decomposição súbita de um turnedô obrigasse a substituir Rossini por Mahler e esses turnedôs por uma "panelada da Baviera". Amiúde, prevenidos no

último momento pela intendência a respeito dos caprichos do congelador de bordo ou dos mercados mediterrâneos, os intérpretes ficavam às vezes sujeitos a ligeiras crises de nervos, que acrescentavam algum condimento a uma existência em si mesma bastante monótona, não se levando em conta o preço. O custo do cruzeiro era, de fato, de 98.000 francos na classe de luxo, e de 62.000 na primeira classe, tendo-se excluído para sempre do *Narcissus* a segunda classe, para poupar as suscetibilidades dos privilegiados menos privilegiados do que os outros. Não importa! O *Narcissus* sempre partia repleto: disputavam-se dois anos antes para assegurar uma cabina e encontravam-se nas espreguiçadeiras de tombadilho superior, como outros nos balcões de Bayreuth ou de Salzburgo: entre melômanos e entre gente rica, com vista, ouvido, olfato e paladar deliciosa e diariamente satisfeitos. Só os prazeres do quinto sentido continuavam facultativos, o que, considerando-se a média da idade dos passageiros, era, aliás, preferível.

Às 17h, hora limite, o Capitão Ellédocq soltou um grunhido sinistro, tirou o relógio do bolso da calça e passou-o diante dos olhos com ar incrédulo, antes de brandi-lo aos olhos pacientes e menos surpresos de Charley Bollinger. Os dois navegavam juntos há dez anos, e tinham assim adquirido hábitos quase maritais que, em razão do seu físico, tinham algo de extravagante.

— Aposto a Bautet-Lebrêche não aqui antes sete horas?

— É provável — respondeu com voz amena e aflautada Charley Bollinger, que à força se habituara ao estilo telegráfico do comandante.

Ellédocq parecia-se tanto com a idéia habitual do velho lobo-do-mar com sua estatura colossal, barba, sobranceiras e marcha irregular que, aos poucos, se impusera à Companhia Pottin, apesar da sua rara inaptidão à navegação. Após alguns naufrágios e numerosas avarias, retiraram-no de todo oceano arriscado para lhe confiar esses circuitos sem perigo, essas cabotagens de um porto ao outro, em que da ponte de comando de um navio sólido e bem equipado, auxiliado por um imediato até certo ponto a par da navegação e suas regras, estritamente nada lhe poderia acontecer de deplorável. A pretensão, próxima da paranóia, que Ellédocq aumentava desde a infância por motivos incomprensíveis, o levava a atribuir automaticamente a ausência de iniciativa que o seu posto comportava à confiança dos seus empregadores; mas ruminava desejos de aventuras à Conrad, nostalgias de capitães corajosos e Kiplingnescos. E a impossibilidade em que se encontrava de transmitir com uma voz sem timbre, mas firme, apelos românticos ou SOS dilacerantes nunca deixara de lhe pesar de modo cruel. Sonhava com a noite em que lançaria num microfone crepitante, em meio a um ciclone: "longitude, tal;

latitude, tal; estamos agüentando. . ." Infelizmente de manhã só se encontrava a transmitir mensagens como: "Peixes avariados, favor mudar fornecedor", ou "prever cadeiras de rodas para passageiro inválido", no melhor dos casos. O emprego do morse tornara-se-lhe tão natural que o uso da mínima preposição "de, a, para, etc." provocava pânico nos seus subordinados, principalmente no temeroso e louro Charley Bollinger. Para Charley, nascido de família burguesa de Gand, homossexual e protestante, a vida fora uma série de humilhações suportadas com mais graça do que felicidade. Extravagantemente encontrara na presença arrogante do Capitão Ellédocq, nessa virilidade intolerante e obtusa, nessa pretensão rabugenta, uma estabilidade e uma relação que, embora platônica (e Deus sabe como ela era platônica), o tranqüilizavam vagamente. Quanto a Ellédocq, detestava, nesta ordem, os comunistas, os gringos e os pederastas, e era um milagre, pensava Charley, que nos últimos tempos ele viesse poupando um pouco estes últimos.

— Nossa querida Edma — falou, Charley animadamente — chegará um pouco atrasada certamente, mas advirto-o que o nosso grande Kreuze também não chegou. Quanto a esperar, já estamos habituados, infelizmente, meu caro comandante.

E lançou uma espécie de invectiva (ou que pretendia ser) para o companheiro, que lhe dirigiu um olhar feroz. O Capitão Ellédocq detestava esse "nós" que Bollinger lhe impunha perpetuamente. Havia apenas três anos que ele conhecera os costumes do pobre Charley. Tendo uma única vez descido a Capri para buscar um pacote de tabaco (porque nunca deixava o navio, princípio sagrado), ali descobrira seu comissário de bordo, vestido de taitiana, dançando o chá-chá-chá com um capriota musculoso na Piazzetta. Estranhamente, a princípio paralisado de horror, nada falou depois ao culpado; mas desde então votava-lhe uma espécie de desprezo horrorizado e por vezes temeroso. Chegara mesmo a deixar de fumar nesse dia, por um curioso reflexo que não saberia explicar.

— Quem, esse Kreuze? — perguntou desconfiado.

— Mas, meu capitão, Kreuze, Hans-Helmut Kreuze. . . Convenhamos, Capitão, eu sei que o senhor não é especialmente melômano. . . — Charley não pôde reter o riso a essa idéia, um risinho em cascata que sombreou ainda mais a testa do capitão. — Mas, ainda assim, Kreuze é atualmente o maior maestro do mundo! E o maior pianista, segundo se diz. . . Na semana passada. . . Afinal o senhor lê o *Paris-Match*, não é verdade?

— Não falta tempo. Com *Match* ou sem, Kreuze atrasa! Talvez maestro, mas não dirige meu navio, o seu Kreuze! Você sabe bem quanto lhe pagam, hem, Charley, ao seu Kreuze, para demolir o piano aqui durante dez

dias? Sessenta mil dólares! Exatamente. Pontualmente. Sessenta magotes. Não lhe diz nada, Charley? E ele quis embarcar o piano dele porque o Pleyel de bordo não é bastante bom para ele. . . Vou ensiná-lo, ao seu Kreuse.

E, com um ar másculo, o Capitão Ellédocq mastigou o tabaco e lançou na direção dos seus pés um longo jato de saliva castanha, que um vento malicioso projetou sobre a calça imaculada do comissário de bordo.

— Ah!, meu Deus! — começou Charley consternado, mas, interrompendo suas lamentações, uma voz alegre o interpelou das profundezas de um Cadillac de aluguel; e com o rosto mudando num instante do despeito para a alegria, Charley precipitou-se na direção da recém-chegada, a Sra. Edma Bautet-Lebrêche em pessoa, enquanto que Ellédocq permanecia imóvel e como surdo a essa voz, conhecida no entanto de toda a sociedade viajante da moda, de todas as óperas e de todos os salões de algum *status* da Europa e dos Estados Unidos (que, aliás ela chamava de "Os States").

Edma Bautet-Lebrêche descia do carro, seguida do marido, Armand Bautet-Lebrêche (do açúcar Bautet-Lebrêche, entre outros), lançando cumprimentos com sua voz de soprano:

— Bom-dia, Capitão! Bom-dia, Charley! Bom-dia, *Narcissus*! Bom-dia, mar! — como mulher de "muita volubilidade encantadora, estonteante", como gostava de dizer de si mesma. Num instante a atividade do porto ficou suspensão por essa voz aguda mas poderosa: os marinheiros imobilizaram-se nos seus postos, os passageiros na amurada, as gaivotas a meio vôo; só o Capitão Ellédocq, que já ouvira outras nos seus ciclones interiores, permaneceu surdo.

Embora Edma Bautet-Lebrêche confessasse ter passado dos 50 (o que era verdade há 12 anos), exibia juvenilmente um costume alaranjado com um turbante branco, conjunto que destacava sua extrema esbelteza, o rosto ligeiramente cavalhar, de olhos amendoados um pouco saltados, e tudo o que ela permitia que se chamasse de sua "atitude principesca". A atitude do marido, em compensação, era a de um guarda-livros atarefado. Ninguém se lembrava jamais de Armand Bautet-Lebrêche, a menos que se tivesse tido algum negócio com ele, e então jamais se o esquecia. Possuía uma das maiores fortunas da França, e mesmo da Europa. Perpetuamente mergulhada num sonho que raiava a distração e o fazia tropeçar em toda parte, podia-se crer que fosse poeta, se não se soubesse que eram as cifras e as porcentagens que freqüentavam essa cabeça ovóide e calva. Mas se, por um lado, ele era dono de sua fortuna e do seu império, "A.B.L." era também o escravo de uma IBM furiosa que tilintava sem cessar no seu cérebro frio, desde a primeira infância, e fazia dele um dos mil mártires beneficiários da aritmética moderna. Sua limusine pessoal tendo-se perdido na auto-estrada,

ele cuidava de acertar as contas com o motorista do Cadillac de aluguel e lhe dava, sem precisar refletir, 12 por cento de gorjeta até o último cêntimo. Charley Bollinger retirava da mala do carro uma pilha inimaginável de malas de couro preto, marcadas B.L. indistintamente, mas das quais ele sabia que nove décimos eram da propriedade de Edma, e não de Armand. Dois marinheiros musculosos desciam a escada e apanhavam as malas.

— Continua sendo a 104? — perguntava Edma em tom mais afirmativo que interrogativo.

De fato a 104 era a sua cabina, que tinha a seus olhos o privilégio (e aos olhos do capitão, a maldição) de ser vizinha da cabina dos intérpretes.

— Charley, diga-me logo, eu durmo perto da Diva ou perto de Kreuze? Na verdade não sei o que prefiro ouvir pela manhã na hora do café, os trinado da Doria ou os arpejos de Kreuze. . . Que delícia. Mas que delícia! Estou encantada, Comandante, feliz demais. Quero beijá-lo. . . Posso? — Sem esperar a resposta, Edma já saltara como uma grande aranha ao pescoço do capitão secretamente indignado, e distribuía batom cor de gerânio por toda sua barba negra. Sempre fora de temperamento malicioso, que aparentemente tanto encantava Charley Bollinger quanto irritava o marido. O que A.B.L. chamava de provocações da mulher — provocações que lhe tinham parecido bastante encantadoras 40 anos antes para que ele a desposasse — era uma das raríssimas coisas suscetíveis de arrancá-lo aos números, a ponto de por vezes o levar a errar algumas operações mentais. Ali, sendo a vítima aquele ridículo e grosseiro Ellédocq, Armand Bautet-Lebrêche apreciou a cena e seu olhar cruzou-se por um instante com a exata reprodução de um sorriso cúmplice, o de Charley Bollinger.

— E eu? — exclamou Charley. — E eu, *milady*? Não terei direito também a um beijinho de reencontro?

— Mas certamente, meu querido Charley. . . Como senti sua falta, você sabe!

Vermelho de raiva, Ellédocq recuou de um passo e lançou um olhar sarcástico sobre aquele par ternamente abraçado. "Uma bicha e uma biruta", pensou sombrio. "Charley Bollinger beijando a mulher do magnata do açúcar. Tenho passado por tudo nesta minha maldita vida. . ."

— O senhor não fica com ciúmes, senhor Bautet-Lebrêche? — perguntou com voz irônica, viril, uma voz de homem para homem, porque afinal esse açucareiro, mesmo com aquele ar de pedaço de vitela mal cozida, ainda assim era um macho.

Mas não recebeu de volta qualquer sinal de reconhecimento.

— Ciúmes? Não, não — resmungava esse marido complacente. — Vamos subir, Edma, não é? Estou um pouco cansado. Mas não é nada, não,

nada, estou-lhe dizendo — continuou precipitado.

Porque Edma, girando ao sabor da inquietação, voltava-se para ele dando-lhe tapinhas na face, desapertando-lhe a gravata, manipulando-o como todas as vezes em que se lembrava da sua existência. Com mais cinco bons centímetros que Armand Bautet-Lebrêche na época do noivado, Edma agora o ultrapassava de dez centímetros. Ainda maravilhada de ter desposado uma imensa fortuna (ambição de toda sua juventude), gostava de tempos em tempos de reafirmar a si mesma e aos outros sua posse e seus direitos sobre o marido, um homenzinho taciturno que pertencia só a ela e a quem pertenciam todo aquele açúcar, todas aquelas usinas, todo aquele dinheiro. E o fazia manipulando-o e apalpando-o com o ar repugnado que teria uma menininha com uma boneca careca. Armand Bautet-Lebrêche, que a vivacidade da voz perfurante da mulher tinha reduzido à impotência, atribuía ao instinto, que frustrara, da maternidade, o comportamento frenético que por vezes agitava a altiva Edma; e ele não ousava muito se defender. Graças a Deus, com o correr dos anos ela esquecia da sua existência cada vez mais amiúde, mas os instantes em que retomava consciência eram duplamente demonstrativos. Talvez fosse ao desejo de se fazer esquecer pela mulher que Armand Bautet-Lebrêche devia o fato de ser facilmente esquecido por qualquer um.

Sua frase imprudente tendo desencadeado no cérebro de Edma toda a memória conjugal, Armand fugiu para a cabina sabendo que, uma vez deitado no beliche, escaparia à solicitude da mulher.

De fato, Edma, que de depressa se exasperara com os carinhos do marido e acreditava ainda temê-los, apesar do afastamento histórico entre eles, imaginava-se ainda "tentadora". Recusando brincar com o fogo, só se aproximava de Armand quando sentado ou de pé, porque a seu ver a volúpia estava ligada à posição deitada, o que Bautet-Lebrêche, esse monte de cinzas, sabia utilizar sem vergonha, estendendo-se por um nada no primeiro divã à vista.

Era assim que, havia anos, sem se dar conta, o casal Bautet-Lebrêche brincava de *gato deitado*.

O imperador do açúcar chegou primeiro à cabina 104, e se lançou ofegante sobre o primeiro beliche, seguido a dois passos por Edma, ela própria um passo à frente do dedicado Charley Bollinger.

— Então, então — sussurrou Edma (cujo ofegar distinto provocou o latido furioso de um cão desconhecido na cabina vizinha) — então quais são as novidades, Charley? Sente-se, por favor.

Ela também se deixou cair numa poltrona e passou um olhar satisfeito sobre a luxuosa decoração tão feia e tão familiar. Era uma cabina de navio decorada como cabina de navio por um decorador parisiense em voga: isto é,

com excesso de teca, cobre e objetos chamados "ingleses" ou marítimos.

— Agora diga-me tudo! Em primeiro lugar, temos gente nova? Mas que animal é esse? — recomeçou com voz anasalada e aborrecida, porque o cão latia cada vez mais.

— É o buldogue de Hans-Helmut Kreuze — disse Charley, sem esconder um certo orgulho ("um orgulho tolo", pensou Edma). — Chegou anteontem, antes do dono. Já quis morder dois camareiros!

— Parece que Kreuze também late muito — disse Edma que, em consequência de algum incidente aborrecido e misterioso em Bayreuth, tornara-se germanófoba.

— O dono devia amordaçar esse cão — disse mais alto para cobrir aquela barulheira — ou que o joguem ao mar — acrescentou uma oitava acima. — Quais são os novos? O velho Stanistasky morreu, não foi, esta primavera em Munique? Quem herdou a 101?

— Os Lethuillier — disse Charley (o cão se calou imediatamente). — Você conhece Eric Lethuillier? *Le Forum*, esse jornal esquerdizante. . . enfim, com tendências quase comunistas? Esse Eric Lethuillier que casou com a herdeira das Aciárias Baron. . . Pois é, esse homem de esquerda vai viajar conosco, querida amiga! A música reúne todo mundo, afinal. . . E graças a Deus — acrescentou sentimentalmente.

— Mas é extravagante! Você concorda! — exclamou Edma. — Mas o que é que esse bicho tem? — Já então Edma batia com o pé. — Será por acaso a minha voz que o irrita? Mas, Armand, diga alguma coisa!

— O que é que você quer que eu diga? — arriscou Armand com voz átona, que magicamente também sossegou o cão.

— Se são as vozes femininas que o enervam, a Doria vai ter com que se divertir do outro lado. Ha, ha, ha! Já estou rindo de antemão. Com o temperamento da Doria vai ser um rebuliço. . . A propósito, o que vocês fizeram para tê-la a bordo? — sussurrou vencida pelo seu inimigo canino, que do outro lado da parede resfolegava de modo febril, com um ruído de válvula de escape completamente desmoralizante.

— Pagaram-lhe uma fortuna, acho — soprou Charley contagiado.

— Seu último gigolô deve ter sido mais caro do que os outros — disse Edma, com maldade e um ligeiro laivo de inveja, porque a vida sentimental da Doriacci era conhecida tanto pela multiplicidade como pela brevidade das suas conquistas.

— Não creio que deva pagar por isso — disse Charley (loucamente apaixonado, apesar de tudo, como os nove décimos dos melômanos, pela Doria Doriacci). — Ainda é maravilhosa, você sabe, para os seus 50 e tantos

—concluiu, enrubescendo subitamente, o que por tão pouco não desarmou Edma.

— Oh! mas ela já os passou há muito, ela também — disse Edma com voz triunfante, que tornou a desencadear os latidos ao lado.

— Em todo o caso — recomeçou Charley, passada a tempestade — ela embarca sozinha. Mas acho que terá oportunidade de desembarcar acompanhada. . . Temos dois hóspedes novos, este ano. Dois homens jovens, e um deles é uma bela figura, aliás. Um avaliador oficial de objetos de leilão de Sydney, chamado Peyrat. E um desconhecido de 25 primaveras, que ainda não vi; profissão, nenhuma; os dois também solitários. Serão duas presas ideais para a nossa Doria. . . Se não sucumbirem primeiro aos seus encantos — acrescentou com entonação gaiata que fez a pálpebras de Armand fecharem-se hermeticamente no seu beliche.

— Lisonjeador! — exclamou rindo a imprudente Edma, provocando de novo a raiva do cão.

Mas não o provocaram mais, ele ganhara. E foi em voz baixa que se despediram.

Charley voltou ao seu posto junto a Ellédocq no momento exato em que acolhia o grande, o célebre Hans-Helmut Kreuze em pessoa. Charley assistiu primeiro de longe ao arrostamento desses dois blocos, esses dois homens que simbolizavam e dominavam, segundo acreditavam, dois velhos e soberbos aliados, a música e o mar; mas, por não serem mais que seus vassalos, intérprete e navegador, podiam se sentir inimigos.

Hans-Helmut Kreuze era um bávaro de estatura mediana, aspecto forte, cabelos curtos e rígidos oscilando entre o amarelo e o cinza, traços pesados, semelhantes em tudo às caricaturas germanófonas da guerra de 14. Era fácil imaginá-lo com um capacete em ponta, seccionando os pulsos de uma criança ainda de fraldas. Mas tocava Debussy como ninguém no mundo. E sabia disso.

Habitado a ver 50 instrumentos de sopro, 50 instrumentos de cordas, um triângulo e coros inteiros se dobrarem ao seu olhar, a atitude fria como o mármore do Capitão Ellédocq começou por deixá-lo estupefato, e depois encolerizá-lo. Descendo de uma Mercedes nova, tão nova que não tinha cor, dirigiu-se em linha reta para o velho lobo-do-mar e bateu com os calcanhares, diante dele, com o queixo ligeiramente levantado e os olhos fixos, por trás dos óculos, sobre as dragonas de Ellédocq.

— O senhor é certamente o piloto deste navio, meu senhor — disse escandindo as palavras.

— O capitão, senhor; sou o Capitão Ellédocq, comandante do

Narcissus. A quem tenho a honra?

A idéia que fosse possível não o reconhecerem era tão inconcebível para Hans-Helmut Kreuze que ele considerou-a uma insolência. Sem uma palavra tirou a passagem do bolso direito do casaco de sarja negra demasiado quente para a estação, e sacudiu-a de forma grosseira sob o nariz de Ellédocq, impassível com as mãos às costas. Os dois homens de defrontaram com o olhar por um instante, durante o qual Charley, horrorizado, tentou-se insinuar entre os beligerantes.

— Mestre, mestre, quanta honra, Mestre Kreuze! Que alegria tê-lo a bordo. Permita-me apresentar-lhe o Capitão Ellédocq. Comandante, eis o Mestre Hans-Helmut Kreuze, que todos a bordo esperávamos com tanta impaciência. . . O senhor sabe bem. . . Como lhe dizia.. . Estávamos tão ansiosos...

Charley se perdia em frases desconexas, desesperadas, mas já então Kreuze, passando pelo nariz de Ellédocq sempre imóvel, entrava de passo firme na escada de acesso.

— Minha cabina, por favor — disse a Charley. — O meu cão também está lá? Espero que tenha recebido refeições apetitosas — acrescentou com voz ameaçadora e num francês barroco, meio literário, meio turístico, que utilizava há 30 anos, quando condescendia em não usar a língua natal. — Espero que levantemos âncora muito breve — dirigiu-se ao pobre Charley, que trotava atrás dele enxugando a testa. — Fico nauseado no porto.

Entrou na 103 e, acolhido pelo surdo rosar de raiva do seu cão, bateu com a porta no nariz de Charley Bollinger.

Majestosamente, o Capitão Ellédocq, deixando o cais e a terra firme, subiu a passos lentos pela escada que foi logo levantada. E, quando três minutos depois, o *Narcissus*, com a sua sirene lamentosa cobrindo os latidos do cão e os guinchos de Edma Bautet-Lebrêche (que quebrara uma unha num cabide), afastou-se lentamente do porto de Cannes, deslizando numa água lisa e nacarada como um sonho, Charley Bollinger teve que enxugar os olhos embaçados com toda aquela beleza: porque o sol tornara-se rubro em meia hora. Essa hemorragia esquentava ao mesmo tempo que ensangüentava a água do porto. . . depressa, demasiado depressa, apesar do algodão das nuvens redondas de um branco que logo se tornava púrpura, que se comprimiam contra o sol que, virando para trás no meio delas, parecia resignado a acabar de um só golpe sua lenta e eterna queda imóvel.

— Vou bisbilhotar um pouco, você não vem, Armand? Sacuda-se. . . O crepúsculo vai ser admirável, estou sentindo. . . Como? Você já está dormindo? Que pena! É muita pena mesmo! Enfim, descanse; você mereceu, meu querido — concluiu Edma, insinuando-se com um luxo de ternas precauções que tornava desconsolante a ausência de qualquer público, na fresta de porta, restrita ao extremo pela própria mão de Edma.

Isso posto, se Edma Bautet-Lebrêche por vezes representava sem público, não se poderia dizer também que representasse realmente para ela própria. (Era mais complicado, pensava.) Com esse discurso, esgueirou-se na ponta dos pés para o corredor. . . mas foi quase sem querer que, por uma vez, fosse indiscreta. Uma voz de mulher na 101 trina cantarolando a Abertura do último ato do *Capriccio*, de Strauss, e com uma voz tão despida, que a intrépida Edma sentiu subitamente a pele arrepiada. "É a voz de uma criança, ou de uma mulher à beira do desespero", pensou de repente. E, coisa rara, sem procurar saber mais nada, fugiu para o convés.

Foi só muito mais tarde, numa representação do *Capriccio* em Viena, que Edma Bautet-Lebrêche lembrar-se-ia daquele momento, daquela voz e acreditaria ter compreendido tudo, afinal, sobre aquele cruzeiro. Tendo no momento mergulhado esse instante com algumas outras lembranças mais banais no depósito comum da sua memória, chegou ao convés num vestido estreito de tecido de seda fina cor de banana, sobre o qual se destacava um lenço azul-marinho enrolado no pescoço magro. Lançou um rápido olhar sobre os dois tombadilhos, a chaminé, a escada, a multidão e as cadeiras de palha — seu olhar, aquele olhar "penetrante" célebre no seu pequeno círculo, olhar que era o de proprietário, mas de um proprietário sarcástico. Como misteriosamente alertados pelo que ela própria chamava de sua aura (porque Edma a tinha realmente adquirido, de tanto desejar soar um alerta com sua

simples presença), alguns rostos viraram-se para aquela "silhueta graciosa e bem lançada, tão elegantemente vestida. . . e tão liberada de toda idade nessa contra-luz vaporosa", pois era assim que mentalmente ela se descreveria. E sorrindo ao seu bom povo entusiasta, a boa Rainha Edma Bautet-Lebrêche desceu os degraus do convés.

O primeiro súdito a lhe beijar a mão foi um rapaz de *blue jeans*, especialmente bonito, talvez um pouco em demasia. E, naturalmente, também Charley Bollinger, de modo evidente caído de amores loucos por ele, nos últimos dez minutos, e que lho apresentou.

— Senhora Edma Bautet-Lebrêche, posso-lhe apresentar o Senhor Fayard. . . Andréas Fayard. . . Andréas!.. — terminou, atravessando assim aberta, desvairadamente e de um só golpe todas as barreiras cruéis instaladas pela sociedade entre ele e esse jovem desconhecido. — Acho que não lhe falei dele — acrescentou com um orgulho matizado de desculpas.

De fato, Charley Bollinger desculpava-se de não ter podido prever sua paixão súbita pelo jovem e de não ter podido prevenir a bela Edma desse fato, como seria seu dever para com ela. Edma esboçou um sorriso de paz, Bollinger agradeceu-lhe com um olhar, todos dois perfeitamente lúcidos e perfeitamente inconscientes.

— Sim — disse ela sacudindo a cabeça com amabilidade (mas com certa altivez que significava "de acordo, Charley, ele lhe pertence. Guarde-o, portanto, não vou tocar nele. Você o achou primeiro".) — Sim! É então Andréas Fayard de. . . de Nevers? É isso, meu caro Charley, você não poderá mais dizer que estou perdendo a memória — terminou, com um grande riso nervoso diante do espanto do rapaz.

"Esse latagão de nariz grego, olhos fendidos e dentes de cãozinho já não devia se espantar há muito tempo que os desconhecidos o reconhecessem. . .", pensava Edma. "Contanto que Charley não tenha caído mais uma vez num oportunista mais oportunista que os outros."

Era isso o que a aborrecia nesses jovens, todos esses jovens que o vento da tarde trazia cada ano para a tribo esfomeada mas inexoravelmente unida das grandes fortunas. De fato era isso o mais aborrecido de tudo: não se lhes podia dar a conhecer que assim como se sabia o que faziam, se pensava o que pensavam. Afinal era-se tão cínico quanto eles, sobre todos os termos do negócio. Finalmente eram os aproveitadores, os proxenetas que exigiam floreios sentimentais muito mais do que suas vítimas, que no entanto é que deveriam exigí-los. Esses rapinantes estavam errados, aliás, faziam perder tempo a todo mundo, e portanto também um pouco do tempo deles, tão curto, desses caçadores caçados, muito mais do que faziam perder

lágrimas ou migalhas de ouro às suas velhas presas ávidas.

— A senhora conhece Nevers? — perguntava justamente o caçador. — Será que a senhora conhece a estrada de Vierzon, na direção do Loire e que...

Interrompeu-se, e a expressão um pouco esgazeada, alegre, que o rejuvenescia ainda mais, desapareceu-lhe do rosto.

— Estou acabando de chegar de lá — gaguejou como para se desculpar daquele ar de felicidade, inesperado na sua profissão (porque afinal todos esses jovens quando falavam da sua terra natal era sempre para se felicitarem por ter saído de lá).

— Mas fica muito bem — disse Edma sorrindo — gostar da sua terra natal. Eu nasci em Neuilly, tolamente, numa clínica que nem existe mais. Não tenho o menor bosque a lembrar. O que é muito frustrante e muito triste — continuou, rindo às gargalhadas. — É verdade mesmo — insistiu (porque Charley e o jovem também riam, Charley por nervosismo e o jovem por gosto). — É a pura verdade, e me atrapalhou bastante para ler Proust.

Edma varreu com um olhar resignado o rosto apreciador mas vazio de Charley, que não tinha chegado a levar a consciência profissional até o ponto da leitura do *Temps perdu*, e o do rapaz que, para sua grande surpresa, em vez de adotar um ar vago e informado, confessou:

— Eu não li Proust — como se lamentasse o fato.

"Um bom ponto", pensou Edma. E virou as costas a esse novo par, à procura de uma presa menos difícil, não sem um breve pesar que lhe fez doer o coração por um instante. Porque apesar do que podiam dizer as amigas e do que ela própria dizia, Edma Bautet-Lebrêche amara muito certos homens; e apesar de se felicitar aos quatro ventos, há cinco anos, por ter renunciado "à carne, suas obras e suas pompas", por motivos de estética e de ridículo, não se podia impedir, por vezes, de sentir saudades ferozes até à náusea, diante de certas lembranças, mais temíveis ainda por não terem rosto nem nome, e que não abrangiam na sua memória, se as quisesse delimitar, mais que um leito vazio com lençóis azulados pelo sol.

Graças a Deus o Capitão Ellédocq dirigia-se a ela balançando os ombros como nas piores horas do *Titanic*, e tirando-lhe de um só golpe toda a nostalgia da gente masculina.

— A senhora conheceu o jovem recruta? — disse ele com palmadas vigorosas no ombro do jovem Andréas, que vacilou, mas não se curvou.

"Ele deve ser bem robusto por baixo desse *blazer* de primeiro comungante", sonhava Edma. Porque essas invectivas eram uma das brincadeiras favoritas do brutamontes debilóide que comandava o *Narcissus*. O pobre Armand, da primeira vez, quase voara pelos ares sob esse punho, como um pacotinho do seu famoso açúcar em pó. Em defesa do Capitão

Ellédocq, pode-se dizer que ele confundira o Sr. Bautet-Lebrêche com um cineasta da Europa Central, o que explicava essa grave falta ao protocolo.

— Então a 104 agrada-lhe sempre? — perguntou amavelmente, virado para Edma, que recuou de um passo, abaixando o queixo e batendo com as narinas como se ele tivesse empestado o ar com alho e tabaco.

Uma das crueldades favoritas de Edma nos últimos anos era observar, no infeliz capitão, todos os estigmas do fumante inveterado (o que já não era desde o famoso incidente de Capri). Ela descobria anéis de charuto numa cadeira de convés e lhes trazia como um cão de caça, oferecia-lhe fósforos com ar cúmplice quando ele chupava um canudinho de refresco, e lhe pedia fogo dez vezes por dia, com a segurança de uma heroinômana procurando uma seringa no bolso de outra heroinômana. Às recusas furiosas e exasperadas do não-fumante formal em que se tornara Ellédocq, Edma respondia com exclamações deliberadamente exageradas, que acabavam pondo-o fora de si.

— Mas é verdade! Meu Deus, como posso esquecer, todas as vezes? . . . Que tolice. Não é possível ter tão pouca memória. . . Isso só me acontece com relação ao senhor, é curioso, não acha? — acabando assim o seu trabalho de sapa.

E por vezes Ellédocq cerrava os dentes de modo selvagem sobre um tubo de cachimbo imaginário que teria há tempos quebrado, assim, secamente, antes da milagrosa visão de Capri. Edma pegou então um cigarro da bolsa e Ellédocq franziu o sobrolho de antemão. Mas, perversa como só ela sabia ser, inclinou-se para o jovem:

— O senhor tem fogo? Já que o Capitão Ellédocq não fuma mais, procuro em toda parte um fósforo de socorro. Durante todo o cruzeiro, vou aborrecê-lo com isso, eu o previno — disse segurando a bela mão loura que lhe oferecia o isqueiro, aproximando-a num gesto lento até sua boca, onde por um instante o cigarro pareceu um acessório inútil, com um gesto tão demasiadamente lento que fez Charley empalidecer e o rapaz bater com os cílios.

"Aí está um rapaz que ela gostaria de papar, essa cabra!", pensou Ellédocq, bom psicólogo.

E emitiu um grunhido de desprezo diante dessas manobras. A seu ver, as mulheres ou eram prostitutas cheias de artimanhas ou mães e esposas. Ele dispunha de um arsenal de pensamentos e também de expressões perfeitamente fora da moda havia duas gerações, o que tornava os pensamentos bem mais percucientes.

O convés povoava-se em tomo deles. Os passageiros do *Narcissus*, repousados e bem dispostos, queimados do sol do verão mas ainda prontos a

tomar a partir para as luzes da cidade, já começando a sentir tédio mas ainda capazes de suportar seus lazeres, afloravam de todos os lados, emergiam dos corredores, reconheciam-se, cumprimentavam-se, beijavam-se e atravessavam o convés ao ritmo dos encontros, formavam pequenos grupos que se deslocavam, dispersando-se em todos os sentidos, como uma estranha legião de insetos saídos, dourados, de um mundo subterrâneo e ligeiramente repugnante.

"Era o reflexo do ouro que lhes dava esse aspecto", pensava Julien Peyrat, apoiado à amurada de costas para o mar, contemplando-os, já prevendo os que contava saquear. Era um rapaz alto, já com 45 anos, de rosto magro, e uma espécie de encanto cínico ou infantil que lhe dava, conforme o ponto de vista, o ar de um desses jovens senadores americanos cheios de vitalidade de que falam os jornais, ou de um desses homens da Máfia, de beleza máscula, sinônimo de violência e de corrupção. Edma Bautet-Lebrêche, que sempre detestara esse gênero de homens, ficou surpreendida por achá-lo, afinal, confiável. Tinha um ar alegre com sua blusa de malha de lã azul, um pouco desenhada para a hora e a ocasião, mas não desenhada no sentido *playboy*. Em todo o caso, tinha um ar mais verdadeiro do que os outros passageiros, e quando sorria ou adotava uma expressão perplexa, como naquele momento, isso lhe dava um ar terno, observou ela, virando-se sem querer para o que atraía o olhar daquele homem parecendo até fasciná-lo.

Por sua vez, saindo das entranhas do navio, um homem e uma mulher dirigiam-se para a espécie de ponto de controle que eram o Capitão Ellédocq e Bollinger, um casal que, em seguida, ela identificou com os Lethuillier, o que a deixou paralisada por um instante, como os outros passageiros, diante de Eric Lethuillier, chamado de viking pela imprensa, por causa do seu perfil perfeito, grande estatura e tom dos cabelos louros, sua intransigência e sua apreciada violência. O incorruptível Eric Lethuillier, cujo semanário *Le Forum*, há perto de oito anos focalizava sem concessão nem medo os mesmos alvos: as iniquidades tão variadas quanto numerosas do poder em exercício, as injustiças gritantes da sociedade e o egoísmo da grande burguesia (da qual no entanto desta vez faziam parte, e com quase unanimidade, seus companheiros de viagem); o belo Eric Lethuillier, que vinha para eles com passo firme trazendo pelo braço a mais bela conquista da sua vida, a herdeira das Aciarias Baron, sua mulher, a misteriosa Clarisse que espantara com sua simples aparência: alta, elegante, evasiva de corpo como, segundo diziam, de mente, cabelos de um louro ruivo, brilhantes e longos, tentando esconder definitivamente o rosto, aliás,

coberto por uma maquilagem espessa rutilante e grotesca. Essa grande burguesa tímida pintava-se como uma prostituta, e, como dizia a crítica, bebia como um polonês, drogava-se como um chinês, destruía-se em suma de forma sistemática assim como à sua felicidade conjugal. Seus retiros nas clínicas especializadas, suas fugas e as peripécias do seu naufrágio nervoso eram de notoriedade pública, a mesmo nível que a imensidade da sua fortuna familiar e a paciência e a dedicação do marido.

De notoriedade pública sem dúvida, mas não a ponto de os camareiros do *Narcissus* terem todos tomado conhecimento.

Foi assim que, um daqueles infelizes, depois de ter apresentado a Clarisse um martini seco, que ela bebera de um trago, julgou conveniente voltar com uma bandeja guarnecida na mão, e nos lábios o sorriso feliz de quem encontrou uma boa cliente. E Clarisse já estendia a mão para um cálice quando Eric, passando o braço entre ela e a bandeja, varreu-a brutalmente: os copos espatifaram-se no chão, onde o garçom, embasbacado, ajoelhou-se, enquanto todo mundo se virava para aquela barulheira. Mas Eric Lethuillier não pareceu perceber: branco de raiva e de inquietação, olhava para a mulher, com uma expressão tão magoada, colérica e desanimada, que esquecendo-se sem dúvida de todas aquelas testemunhas lhe disse em voz alta e distinta:

— Clarisse, eu lhe peço, não! Você tinha me prometido nessa viagem se comportar como um ser humano. Eu lhe suplico...

Parou aí, mas demasiado tarde. Em torno deles todos se sentiram constrangidos, até que Clarisse, virando-se sobre si mesma e sem uma palavra, se pôs em fuga para os corredores, a correr pelo convés no meio do qual, tropeçando nos seus saltos excessivamente altos, teria mesmo caído, acabando de consternar os espectadores forçados dessa cena, se não tivesse encontrado o braço de Julien Peyrat, o avaliador público da Austrália, para impedi-la. Edma surpreendeu então no olhar de Eric Lethuillier mais irritação que gratidão; uma gratidão natural no entanto por aquele que evitara à sua mulher uma queda desonrosa; menos desonrosa aliás, pensando bem, que a invectiva que lhe acabara de fazer em público e cujo tom, senão os termos, só de muito longe evocariam ternura ou preocupação conjugais.

Edma contemplou portanto a fuga de Clarisse com expressão de comisseração indulgente, coisa pouco freqüente nela. E quando, voltando de súbito seu corpo elegante e seco, surpreendeu o olhar do senador mafioso dirigido para a nuca impecável do belo Lethuillier, ela não se espantou de perceber nele uma espécie de desprezo. Deu um jeito para cruzar o caminho de Julien, que se pusera a andar, e depois que Charley Bollinger lho tivesse apresentado como "o famoso avaliador público" de Sydney, ela o reteve pela

manga. Dotada de certa sagacidade, Edma Bautet-Lebrêche não a possuía, contudo, em grau suficiente para se abster de demonstrá-la (e se espantava ainda, passados os 60, que os outros ficassem irritados). Mantendo familiarmente a mão no braço de Julien, resmungou alguma coisa inaudível, e ele se inclinando polidamente perguntou:

— O que disse?

— Eu dizia que um homem é sempre responsável pela mulher — murmurou com firmeza antes de soltar a manga do seu interlocutor.

Ele teve um ligeiro estremecimento dos ombros para trás, que permitiu a Edma perceber que acertara em cheio, e então afastou-se, certa de o deixar palpitante com tanta clarividência.

Mas o deixara apenas irritado. Esse era, porém, o tipo de mulheres que deveria cortejar; antes de partir folheara bastante o *Who's Who* e as crônicas mundanas para saber. Lembrava-se ainda de uma foto de Edma, de braço com o embaixador americano ou da Rússia, debaixo da qual o "olho do *Vogue*" a designava como uma das mulheres mais bem vestidas do ano. Que ela fosse também uma das mais ricas, não devia ter escapado a Julien Peyrat, avaliador público. Ele deveria, pelo contrário, freqüentar seus salões. . . sua cabina, se fosse o caso. Por enquanto essa mulher era realmente temível. Contemplava-a a cacarejar, pendurada ao braço do infeliz comissário de bordo; ele via, ele escutava, seus olhos brilhantes, mãos agitadas, voz incisiva que provavam que, de tanto bisbilhotar os negócios dos outros, podia-se adquirir uma espécie de perspicácia, à falta de uma verdadeira inteligência, que podia muito bem, durante o curso deste cruzeiro, revelar-se desastrosa para ele. "Isso dito, o corpo devia ter sido soberbo e as pernas ainda eram", constatava sem querer o eterno amoroso escondido dentro de Julien.

Uma multidão se comprimira agora a bombordo, lançando gritos de excitação. . . Alguma coisa acontecia por lá, alguma coisa que, fosse qual fosse sua natureza, não devia escapar a Edma, que partiu quase correndo para aquela área.

Saltando no mar e deixando em seu rastro uma espuma rosada e indecente, um barco a motor aproximava-se do *Narcissus*. No fundo luzia um amontoamento de bagagens de couro bege, "um bege um pouco vulgar além de sujar-se com facilidade", pensou Edma.

— Retardatários! — gritou alguém com voz alegre, ligeiramente escandalizada, porque afinal era raro que alguém embarcasse nesse navio Regência de outra maneira que não na hora marcada e no cais marcado.

Era preciso realmente estar sobrecarregado e ser todo-poderoso para se permitir abordar o *Narcissus* no mar. Edma também se inclinou na amurada e, entre o sulco de espuma transparente e a silhueta negra do marinheiro que

pilotava, descobriu dois personagens totalmente desconhecidos dela.

— Mas quem é? — lançou com voz aguda a Charley Bollinger, que gritava ordens e se atarefava com ar importante. E Charley respondeu com um olhar excitado e desafiador que a irritou:

— É Simon Béjard, o produtor de cinema, sabe? Ele vem de Monte Carlo, e a jovem Olga Lamouroux, você vê?

— Ah, sim! sim! Estou vendo — suspirou Edma Bautet-Lebrêche por cima da massa dos passageiros. — Só o pessoal do cinema faz esse tipo de chegada. Mas de quem se trata exatamente?

"Mais essa, ela vai fingir ignorância", pensava Charley aproximando-se. De fato Edma afetava ignorar tudo de cinema, televisão e esportes, distrações demasiado vulgares, na sua opinião. Chegaria mesmo a perguntar quem era Charlie Chaplin, se isso fosse possível sem ficar ridícula. Charley adotou um tom de voz neutro.

— Simon Béjard, um perfeito desconhecido, de fato, até o mês de maio. Mas é o produtor de *Feu et Fumée*, o filme que ganhou o Grande Prêmio do Festival de Cannes, este ano. Afinal, você sabe muito bem, querida amiga. E Olga Lamouroux é a estrela que está subindo.

— Eu realmente não sabia! Infelizmente. . . estava em Nova York no mês de maio — disse Edma em tom humilde, cheio de falsos arrependimentos, que exasperou discretamente Charley.

Do seu lado, achava maravilhoso ter enfim gente de cinema a bordo. Porque mesmo que fossem vulgares, eram célebres, e Charley gostava de celebridade quase tanto quanto de juventude. Era preciso ter essa atitude, aliás, para admirar o embarque dos recém-chegados que visivelmente não eram navegantes experimentados.

— Lamento muito — tomava a dizer Simon Béjard, torcendo o tornozelo e tropeçando, batendo com os braços nesse tombadilho que de repente lhe parecia por demais estável. — Lamento muito, não pude chegar na hora. Espero não o ter atrasado — dirigiu-se ao Capitão Ellédocq, que o olhava fixamente com um horror sombrio, o horror que Simon lhe inspirava: além de produtor reconhecido, provavelmente estrangeiro vivendo na França. E retardatário evidente.

— Em menos de meia hora, em todo caso, os alcançamos. . . Como esses motores disparam — continuava Simon Béjard lançando um olhar de admiração para o barco a motor de popa que já desaparecia no horizonte de Monte Carlo. — E não é para se desprezar: 90 cavalos! Foi o que me disse o velho pirata enquanto me esvaziava os bolsos. . . Como correm esses barcos!

Sua admiração não encontrava eco, mas o homenzinho ruivo não parecia perceber. A bermuda colorida, os óculos de madrepérola e os sapatos

de Cerruti faziam dele a caricatura de um cineasta de Hollywood que não ficava amenizada nem pela petulância nem pelo lado bonachão. Em compensação, a seu lado, a jovem vestida no gênero muito Chanel, com os cabelos puxados para trás, grandes óculos pretos na ponta do nariz — uma jovem que visivelmente não queria representar o papel de *starlet*, de modo algum — adotou uma expressão impertinente que a tornou desagradável, apesar da beleza, e redobrou por antecipação a ingrata tendência de Edma para a crueldade. Fosse como fosse, prometendo voltar logo, Simon Béjard, empurrando as bagagens e sua companheira, engolfou-se num corredor atrás de Charley. Por trás, os comentários irônicos animaram-se durante alguns minutos, depois calaram-se de repente, quando alguém notou que Doria Doriacci, a Diva das Divas, aproveitara dessa agitação para fazer uma entrada discreta e se sentar tranquilamente numa cadeira de convés por trás de Ellédocq.

"A Doriacci" como diziam os diretores de óperas, "A Doria" como dizia o povo, e "Dorinina" como pretendiam chamá-la 5.000 esnobes, passara dos 50, segundo todas as informações concordantes, pelo menos nisso; e tanto podia parecer ter 70 como 30 anos. Era uma mulher de estatura mediana, com essa vitalidade, essa robustez que algumas mulheres do povo latino possuem, e um corpo redondo que não se podia dizer empastado, realmente: era antes um corpo cuja carne estava comprimida por uma pele fina, rosada e baça, uma soberba pele de mulher jovem; um corpo que poderia negar sua idade se não sustentasse a cabeça da Doriacci; um rosto redondo entre planos laterais e maxilar acentuados, cabelos negros de corvo, olhos imensos e fulgurantes, um nariz perfeitamente reto, um rosto trágico, em suma, onde uma boca infantil surpreendia, demasiado vermelha e redonda: uma boca "1900", mas que não conseguia retirar desse rosto o seu lado assediado e aliás prestes também a assediar, e como que varrido por uma violência imprecisa: um rosto como uma ameaça e como uma tentação permanente. Tudo isso que fazia com que, no fim, já não se vissem os traços abatidos, nem os pés-de-galinha, nem as rugas da boca, todas essas "ofensas irreparáveis" do tempo, que uma gargalhada ou um desejo brutal da Doriacci podiam fazer esquecer de repente. Nesse momento, ela fixava na cabeça de Ellédocq um olhar frio intimidador sob o qual, voltando à exclamação de Charley, o capitão estremeceu como um cavalo desconfiado reencontrando seu domador. Toda a natureza profundamente hierárquica de Ellédocq tremeu sob esse olhar; e pôs-se em guarda, dobrou-se em dois, bateu com os calcanhares de forma mais militar que turística.

— Meu Deus! — lamentava-se Charley, que se apoderara da mão coberta de anéis de Doriacci e ali pousara duas vezes os lábios em sua admiração. — Meu Deus, quando eu penso que você estava aqui entre nós. . . Como poderia saber?. . . Você disse que queria permanecer no quarto...

você...

— Tive que deixar a cabina — disse a Doriacci sorrindo e libertando a mão, cujas costas ela enxugou tranqüilamente no vestido sem qualquer maldade e sem qualquer constrangimento, mas para grande ofensa, contudo, de Charley. — O cão desse pobre Kreuze não melhorou com a idade, como seu pai, aliás... Ele uiva! Você tem focinheira no navio? Mas deveria ter, com ou sem cão — acrescentou com ar sombrio e lançando em torno um olhar assustado à *Tosca*.

Porque, de fato, não podendo se dirigir diretamente a ela por cima da assistência, Edma Bautet-Lebrêche começara um elogio em voz alta, dirigindo-se a Julien Peyrat surpreso:

— Nós a ouvimos, meu marido e eu, no Palácio Garnier este inverno — dizia-lhe fechando os olhos, deliciada. — Ela esteve divina. . . E ainda "divina" não é a palavra certa. . . Estava inumana. . . Melhor, afinal. . . ou pior. . . que humana. . . Fiquei gelada, sentia calor, já não sabia o que dizia — terminou ela, no silêncio que se fizera.

Edma fingiu então ter percebido de súbito a Diva e, precipitando-se na sua direção, segurou-lhe avidamente as mãos entre as suas.

— Madame, sonhava conhecê-la. Nunca esperei, nem mesmo por um instante, que esse sonho se concretizaria. E ei-la aqui! E eis-me aqui também a seus pés, como de direito. Permita que lhe diga que é um dos mais belos dias da minha vida!

— Mas por que essa surpresa? — disse a Doriacci quase afetuosamente. — A senhora não tinha lido o programa do cruzeiro antes de embarcar? Afinal eu estou nele em letras garrafais! Em letras mesmo bem garrafais! Ou então o meu empresário já está despedido. Comandante — disse ela bruscamente, retirando mais uma vez a mão e repousando-a como um objeto no braço da cadeira, desta vez sem limpeza prévia. . . — Comandante, escute-me bem; eu tenho amor à vida, o senhor pode imaginar, e detesto o mar. É por isso que queria vê-lo bem antes de me confiar ao senhor: diga-me, o senhor também ama a vida, Comandante? E quais são suas razões?

— Mas eu. . . eu sou responsável pela vida dos passageiros. . . — começou a gaguejar Ellédocq — e eu...

— E o senhor fará o melhor possível, não é? Que frase horrível! Quando um maestro me diz que fará "o melhor possível" para me acompanhar, eu o ponho porta afora. Mas o mar não é uma cena de teatro, não é verdade?.. Vamos adiante...

Com isso, tirou de uma imensa cesta um cigarro único, um isqueiro, e acendeu o cigarro com tanta rapidez que ninguém teve tempo de esboçar

uma ajuda.

Charley Bollinger estava fascinado. Havia naquela mulher alguma coisa que lhe inspirava confiança e ao mesmo tempo o assustava. Sentia que mesmo sem quilha, sem leme e sem motor, o *Narcissus*, já que ela estava a bordo, voltaria são e salvo ao porto. Estava quase tão certo, também, que a autoridade suprema, na volta, teria mudado de mãos e que a Doriacci disporia em Cannes de um quepe azul-marinho e de um alto-falante, no seu caso inútil, enquanto que o Capitão Ellédocq mofaria acorrentado e amordaçado no porão. Pelo menos essa visão apocalíptica atravessou o espírito do buliçoso Charley, dividido entre o susto e o encantamento. Desde que navegavam juntos, havia dez anos, ninguém tinha maltratado nem desprezado tão abertamente Ellédocq, o tirano barbudo que um destino fatal lhe dera por companheiro. Fez mais uma tentativa de se apoderar da mão da heróica Diva e desta vez o conseguiu, pousando os lábios entre dois anéis enormes, um deles arranhando-lhe o nariz; porque a Doriacci, considerando que as apresentações já tinham sido feitas há bastante tempo e surpreendida por essa galanteria tardia, acabava de lhe retirar com a brusquidão de uma cidadina, no campo, lambida de improviso por alguma cabra afetuosa. O nariz de Charley sangrou imediatamente sob o choque.

— Oh, perdão! Perdão, meu rapaz! — exclamou a Diva sinceramente desolada. — Lamento muito, mas realmente você me fez medo. Pensei que já tivesse passado a hora de todos esses beija-mãos, todas essas cerimônias! Digamos agora que acabou, antes que seu nariz receba mais golpes. — Ao mesmo tempo que falava, muito depressa tamponava-lhe o nariz com um lenço de cambraia antiga, milagrosamente extraído também do seu cesto, fazendo-o por fim sofrer tanto que ele ficou com medo dela. — Continua sangrando, venha à minha cabina. Eu lhe porei tintura de iodo. Você sabe que nada infecciona mais a pele humana do que as pedras preciosas... Mas é isso, venha — insistiu, quando Charley protestou fracamente. — Venha me instalar. . . Me instalar e mais nada, tranquilize-se, Comandante Haddock — disse ela como se ele tivesse mostrado algum sinal de ciúme. — Viajo sozinha e às vezes chego menos só. . . Mas não desta vez: estou completamente esgotada... Apresentamos *Don Carlos* um mês no Metropolitan; só tenho um desejo: dormir, dormir, dormir! Naturalmente cantarei dez minutos entre duas sextas — concluiu com expressão tranquilizadora. E indicando Charley com o queixo terminou: — Para a minha cabina, por favor, senhor Taittinger! E rápido, por favor.

E sem lançar mais um olhar ao capitão, do mesmo modo como não prestara qualquer atenção aos miseráveis e sombrios protestos de "Ellédocq, Ellédocq" quando o chamara de Haddock, levantou-se e rompeu a multidão.

A cabina era vasta e luxuosa mas parecia-lhe terrivelmente exígua, e Clarisse esperava. Eric assobiava no banheiro ao lado. Sempre assobiava no banho como um homem despreocupado, mas havia alguma coisa de concentrado, de ofegante, de quase furioso na sua maneira de assobiar, que para Clarisse evocava tudo, menos a despreocupação. A seu favor, devia-se dizer, é bem verdade, que é um dos estados mais difíceis de simular, porque é ligeiro, e que Eric era muito mau ator na comédia ligeira. A despreocupação supõe por definição um certo grau de esquecimento; e lembrar-se de esquecer é sem dúvida um esforço paradoxal e penoso. Em certos momentos, quando Clarisse esquecia que ele já não gostava dela, que já não a desejava, quando esquecia que a desprezava e lhe fazia medo, quase podia achá-lo cômico. Mas eram instantes raros; o resto do tempo detestava demais dentro de si própria essa insipidez implacável e definitiva de que ele a acusava sem uma palavra, mas constantemente, e com razão: essa insipidez que Eric não tinha visto antes, do casamento por causa da miopia do amor, essa insipidez insuperável que ela já não conseguia dissimular, mesmo sob a camada da maquilagem mais espessa, e que passara a chamar a atenção.

Ela esperava. Sentava-se numa das camas da cabina ao acaso, pois Eric ainda não escolhera a dele. Ou, melhor: ainda não tinha escolhido a de Clarisse, porque naturalmente ele não diria: "fico com a cama da esquerda perto da vigia porque a vista é mais bonita"; mas antes: "fique com a da direita perto do banheiro, será mais confortável". Aliás, era exatamente o que ela queria, a da direita; não por motivos de conforto, ou de estética, mas simplesmente porque essa cama estava mais perto da porta. E em toda parte, no teatro, num salão, num trem, era sempre a escada, a porta, a saída, afinal, que a fazia escolher seu lugar, sempre que tivesse que dividir algum espaço com Eric. Ele ainda não o percebera porque Clarisse dava um jeito de sempre parecer contrariada com sua decisão final, sabendo muito bem que a

satisfação dele dependia do desagrado dela. Sentou-se portanto na cama da esquerda, longe da porta, e esperava com as mãos cruzadas como uma criança retardada.

— Você está sonhando? Já está entediada?

Eric saía do banheiro. Abotoava a camisa diante do espelho com gestos sóbrios e precisos de homem indiferente ao seu reflexo, mas Clarisse via o narcisismo brotar de todos os seus olhares para si mesmo.

— Acho que você ficaria melhor no beliche da direita. Ficaria mais perto do banheiro. Você não acha?

Fingindo decepção, Clarisse pegou sua bolsa e esticou-se no beliche perto da porta. Mas Eric a viu sorrir no espelho, e uma onda de raiva fria o invadiu no mesmo instante. De que estaria sorrindo? Com que direito ousava sorrir sem ele saber por quê? Sabia que essa viagem face a face que lhe oferecia como um presente suntuoso e conjugal ia ser para ela — já era — um suplício. Sabia que bem depressa ela se insinuaria num sistema tortuoso de alcoólatra com humilhantes combinações com os homens do bar, sabia que aquele belo rosto adormecido pela resignação e sentimento de culpa, aquele belo rosto de criança mimada e punida escondia uma mulher trêmula, extenuada, de nervos arrebatados. Clarisse estava à mercê dele, nos antípodas da felicidade, não tinha mais gosto por nada; mas alguma coisa nela lhe resistia incansavelmente, alguma coisa se recusava a afundar com o resto e, no seu furor e no seu ciúme, Eric pensava que aquela qualquer coisa lhe vinha do dinheiro dela. Aquele dinheiro que se transformara num deleito dela, mas não conseguia deixar de pensar que era uma virtude, um encanto, aquele dinheiro que ela tivera desde criança e que faltara a ele durante toda sua juventude.

Clarisse sorria de novo com a cabeça inclinada de lado, e ele levou alguns instantes para compreender que não era ele que provocava desta vez seu habitual sorriso assustado, mas a voz de um desconhecido que cantarolava uma melodia de valsa, ao lado. E que desta vez, não era, não podia ser o temor que iluminava assim o rosto de Clarisse, mas o prazer, num sorriso dos mais inesperados e dos mais insuportáveis.

Julien Peyrat, tendo tirado o quadro da mala com mil cuidados, encontrava-se mais uma vez seduzido, cheio de admiração, diante do talento do falsário. O encanto de Marquet estava ali, sem dúvida: aqueles tetos de um cinza apagado pelo frio, aquela neve amarelada sob as rodas cambaias dos fiacres e o frêmito de vapor nas narinas dos Cavalos... O vapor, isso ele certamente teria inventado; mas por um instante ele se sentira — ele, Julien Peyrat — no coração de Paris, no inverno de 1900; por um instante, sentira o cheiro de couro e de cavalo fumegante, o cheiro de madeira úmida da caleça

negra parada no meio da tela debaixo dos seus olhos, como seguira com os olhos cheios de nostalgia e de desejo frustrado a mulher maquilada, vestida de pele de raposa que, virando a esquina da rua, à direita, se dispunha a sair do quadro sem mesmo se voltar para ele. Por um instante respirara, reencontrara o odor dos primeiros frios de Paris, esse odor imóvel de fumaça, de fogo de madeira apagado, de chuva fria, esse odor onde se misturava o sabor picante do ozônio suspenso com a neve acima dos candeeiros, esse odor morno e cúmplice para os parisienses, sempre o mesmo, apesar dos gritos, dos gemidos, dos que votavam a capital à feiúra, em primeiro lugar, e à destruição em seguida, talvez por ciúme, pelo simples fato da sua própria morte por vir. Paris era uma cidade eterna para Julien, com encantos eternos. . . mas dispendiosos, felizmente! Sorriu pensando nos passageiros masculinos do *Narcissus*. O tédio os levaria logo ao *bridge*, ao *gin-rummy*, de qualquer modo ao baralho, e, portanto, ao pôquer. Julien apanhou o seu baralho e se exercitou em algumas distribuições de cartas que o deixariam sempre com um *four* de reis.

Cantarolava sem cessar uma melodia de valsa sem se lembrar do nome, que lhe tomava a cabeça e o exasperava por momentos.

O sol caía agora num mar cinzento, apenas tocado de azul, um mar cremoso que um branco de leite já invadia pelo leste. Todos se preparavam em todos os andares e diante de todos os espelhos para a primeira noite a bordo, mas Edma, que já passara uma hora no quarto, impacientava-se, o que decuplicava a total inércia de seu marido Armand, imerso nas notícias da bolsa. Edma saiu então antes dele, e chegou ao bar cantarolando, desafinada, uma ária de Rossini. Temia encontrar-se sozinha ali, mas graças a Deus o destino sentara na extremidade do bar um bloco de granito cinza da cor do ferro, que ela reconheceu como o maestro Hans-Helmut Kreuze. O referido maestro bebericava uma cerveja, e mastigava ao mesmo tempo batatas fritas e queixas contra aquele comandante desastrado. Sentia-se até mesmo tranqüilo quando a voz de Edma Bautet-Lebrêche, como um toque a rebate, ressoou no ar da noite. Algumas gaivotas lá fora alçaram vôo. Mas Hans-Helmut Kreuze, não podendo segui-las, teve de se virar e enfrentar seu destino. Não sem certo contentamento, aliás!

Porque se Hans-Helmut Kreuze achava paranóico que um melômano ou um rústico imaginasse poder conquistar com sórdidas notas de banco o direito de escutar "a Música" (e principalmente a Música tocada por ele, Kreuze), não lhe parecia contraditório o fato de ele cobrar cachês gigantescos, e ter pelo dinheiro em espécie uma devoção feroz, assim que o tinha na mão. Mas, esse desprezo desaparecendo bizarramente como por encanto diante das grandes fortunas, ele acolheu com simpatia a mulher do imperador do açúcar, até mesmo com deferência. Chegou a descer do seu tamborete num gesto que pretendia ser galante, isto é, caiu pesadamente sobre os dois pés em sapatos de verniz com um "ham" de lenhador. E o chão estremeceu, enquanto ele, dobrando-se em dois com as ancas e a espinha em um ângulo de 45 graus como um compasso aberto, batia com os calcanhares e debruçava-se sobre a mão carregada de anéis da imperiosa Edma.

— Mestre — disse ela — nunca teria esperado que isto acontecesse. Esse encontro! O senhor! Só! E neste canto solitário! Nesta hora solitária! Acho que estou sonhando. E se eu ousasse, se o senhor me pedisse, mais exatamente — disse ela içando-se logo para o tamborete vizinho — eu me permitiria fazer-lhe companhia por alguns minutos. Mas só se o senhor insistir — acrescentou lançando para o *banman* o indicador e um "*gin-fizz* por favor" identicamente decididos.

Hans-Helmut Kreuze iria empregar, como gentil-homem, a súplica e a insistência requeridas, quando percebeu que Edma, bem instalada, com uma azeitona entre os dentes, já balançava a perna sem grandes complexos; assim renunciou aos seus salamaleques. Na realidade a autoridade de Edma não lhe desagradava. Ele tinha, como muita gente de sua corporação, muitos virtuosos e muitas celebridades em geral, um gosto sem limites pelas ordens, a sem-cerimônia, o fato consumado. Falaram de música por um momento, Edma demonstrando sua real cultura musical, que ainda assim emergia do seu esnobismo. Hans-Helmut redobrou de respeito, e até de obsequiosidade, porque suas relações com os seres humanos só comportavam duas chaves, diferentemente de suas partituras: só tocava na chave do desprezo ou na da obediência. Ao fim de dez minutos tinham chegado a um grau de intimidade que Edma nunca imaginaria, e, aliás, nem desejara, e que, com as cervejas ajudando, levou Kreuze às confidências.

— Tenho uma preocupação — resmungou ele — uma grande, preocupação, bem feia. . .

(Edma pestanejou: não conseguia se habituar à maneira confusa de mistura de línguas de Kreuze.)

— A senhora sabe, geralmente, as fêmeas. . . — soltou uma risada grosseira — as fêmeas em geral olham para mim...

"Agora essa! Longe da sua estante de maestro, esse grande javali", pensou Edma de repente. "Esses maestros, decididamente, são todos paranóicos!"

— Certamente, certamente, é normal. — retorquiu ela entre os dentes — principalmente com a sua notoriedade — o dom-juan aprovou com um gesto de cabeça e após um interminável gole de cerveja continuou:

— E até mesmo certas fêmeas muito conhecidas. . . muito, muito conhecidas. . . — sussurrou com o dedo atravessado na boca. — "Grotesco" pensou Edma, "ei-lo que faz gaiatices!" — Mas, minha querida senhora, não me faça dizer nomes. Nenhum nome. Nenhum! Pensemos na honra das damas. . . Eu digo não. Não, não — continuou ele, tendo tirado o dedo da boca e sacudindo-o agora debaixo do nariz de Edma, que subitamente pegou o pão na unha:

— Mas, meu querido — disse levantando a cabeça e olhando-o de

cima — mas meu querido, quem por amor de Deus lhe está pedindo um nome? O nome de quem ou de quê, em primeiro lugar? Não sou eu que o estou perseguindo com perguntas, não é verdade?

— Exatamente não — disse Kreuze com expressão de finura e olhos franzidos. — A senhora não me pergunte o nome da dama, neste mesmo navio, que uma noite, com Hans-Hemult Kreuze. . . — e o mesmo riso espesso o sacudiu.

Edma estava dividida entre a curiosidade, realmente terrível, e um nojo que "quase" sobrepujou, mas como sempre apenas "quase".

— Vamos, vamos... — pensou ela alto — mas quem, então, neste navio?

— A senhora me promete silêncio?... Silêncio absoluto? Prometido?

— Prometido, jurado, silêncio, silêncio e silêncio, tudo o que o senhor quiser — cantarolou Edma, com os olhos voltados moralmente para o céu.

O virtuose adotou uma expressão grave e inclinando-se para ela a ponto de Edma poder-lhe ver os parafusos dos óculos, soprou bruscamente em seu ouvido e seu pescoço: "a Loupa", antes de recuar como para melhor julgar o efeito produzido. Edma, depois de um sobressalto sob essa brisa de cerveja, exclamou:

— O quê? O quê? A Loupa? Ah! "loupa", a loba. . . A Loba? Concordo, eu compreendo latim, graças a Deus! A Loba, mas qual? Nós somos numerosas sob o céu, nós as lobas. . . — E lançou um relincho malicioso que fez o *barman* soltar a coqueteleira.

— La Loupa: Dona Doriacci — sussurrou Kreuze com força. — Por volta de 53 ou 54, a Doriacci era Loupa, nada mais. A Loupa era fácil como fêmea, em Viena. Já era uma bela mulher... Eu, pobre Kreuze, longe da família, longa *tournée*, sozinho. . . E a Loupa, que me olhava todo o tempo assim. . .

E o maestro, arregalando os botões de botina que lhe serviam de íris por trás dos óculos, passou pelos lábios uma língua rosa que enojou ligeiramente Edma Bautet-Lebrêche.

— E então? Você cedeu? Resistiu? Mas é uma história encantadora, a que o senhor está me contando...

Ela se sentia transformar-se em feminista à vista d'olhos. Essa pobre Doria deveria estar realmente faminta para suportar esse pulha na cama.

— Sim, mas — continuou o outro, imperturbável — sim, mas o fim é ruim. Vocês, fêmeas francesas, vocês dizer bom-dia, depois, não é? A Loupa não! Há 30 anos, a Loupa nem mesmo me fez bom-dia, nenhum sinal, nem mesmo pequeno sorriso de canto de boca. . . como a senhora faria, minha querida senhora, não é?

— Quem? Eu? Não, não, certamente não! — disse Edma subitamente

disposta ao pior.

— Mas sim, mas sim. . . — Kreuze tranqüilizava. — Mas sim, mas sim, as femeazinhas francesas, depois, fazem tudo igual: assim.

E sob o olhar indignado de Edma piscou-lhe um olho por trás dos óculos num gesto horrível, enquanto revirava o lábio superior sobre seu único dente de ouro, até então invisível, no maxilar superior à direita, mas sobre o qual esse sorriso malicioso caía em cheio. De início paralisada pelo horror, Edma recuperou-se depressa. Mostrou um rosto tranqüilo, tomou aquela expressão de afastamento, de lassidão, expressão loucamente perigosa mas, infelizmente!, expressão que nem Hans-Helmut Kreuze, no cume da sua imaginação, nem Armand Bautet-Lebrêche, que acabara de chegar e instalara-se pacificamente numa poltrona do outro lado do bar, não tiveram condição de observar nem reconhecer.

— A senhora acha isso bem? — perguntava Kreuze insistente — Que a Loupa que comeu jantar no Sacher de Viena que eu paguei naquela noite, me trata mim, 30 anos depois, eu Kreuze, como um merda qualquer? Hem? Então?

— Pois então, justamente! — disse Edma deixando-se ir naquela languidez deliciosa e invencível, muito próxima do prazer físico, que a invadia com a cólera, a certeza da proximidade do drama, do escândalo, da catástrofe — justamente o que o *senhor é*, um merda!

E para bem persuadi-lo da força de sua convicção como do assunto dessa convicção, ela bateu-lhe no peito com um indicador horizontal e insistente. Mas, oh, surpresa máxima! Kreuze não se abalou. Sua memória, repleta de lembranças de testemunhos de admiração, sua memória cheia de "bravos" frenéticos, ou transbordante de lembranças familiares de total submissão, não podia, apesar da sua *clareza*, admitir o anátema, o sacrilégio de Edma. Tudo nele, fosse sua memória, vaidade, segurança primitiva ou mesmo artérias coronárias, todo o seu ser recusava e rejeitava o que ainda assim seus olhos e seus ouvidos tentavam lhe transmitir: esse "justamente o que o senhor é, um merda". Ele tomou então a mão dessa impudente encantadora, que a deixou ficar por um segundo, altiva mas aterrorizada por pensar que ele ia lhe bater ou jogá-la abaixo do seu tamborete:

— Encantadora, gentil senhora — falou — senhora não deve falar gíria. Não são palavras para bela senhora elegante, essas palavras. . . — E beijou-lhe as pontas dos dedos com indulgência, para grande indignação de sua protegida.

— Mil perdões, mestre! Mas eu sei perfeitamente o que eu estou dizendo — retrucou ela com voz fria, gelada mesmo, pelo que achava ser uma covardia hipócrita! — Eu vou lhe repetir outra vez; o senhor é indiscreto, grosseiro, vulgar, avaro, o senhor *é* um merda típico, o merda

padrão, afinal — detalhou ela, mas a um fantasma.

Porque Kreuze esgueirara-se para a saída rindo, com um riso agudo e mecânico, tossindo, agitando a mão da esquerda para a direita como se não quisesse ouvir os termos inconcebíveis de Edma, negando-os e assim deixando de ouvi-los.

Vagamente despeitada por essa saída salvadora para Hans-Helmut Kreuze, mas que a deixava no meio de sua fome de ferocidade, Edma dirigiu-se batendo com os saltos, os olhos faiscantes, poder-se-ia mesmo dizer com as narinas fumegantes, para contar suas proezas ao marido. Marido que, sempre afundado na poltrona estofada e com os olhos semicerrados, parecia sonhar, ou quase, espantou-se Edma.

— Alô! Meu velho — lançou-lhe ela. — Você vai ouvir uma história extravagante.

Mas se Armand abriu os olhos ao ouvir essa voz, foi com um esforço sobre-humano. Edma sentara-se ao seu lado mas ele mal ouvia, como de muito longe, a voz dela.

— Eu tratei o maestro Hans-Helmut Kreuze, diretor do Konzertgebäum de Berlim, de grande merda — disse com voz exageradamente tranqüila mas com a sua voz de falsete inquiridora, ainda assim), que fez estremecer no fundo da memória de Armand Bautet-Lebrêche o jovem que ele fora 30 anos antes, em pé, de fraque diante do altar de Saint-Honoré D'Eylau. Mas esse jovem logo desapareceu, deixando-o entregue ao seu mal.

Acontece que os grandes navios, em certa velocidade e em certos mares, adquirem uma espécie de balanço regular como uma oscilação ligeira de proa a popa, cujo efeito pode, por vezes, revelar-se irresistivelmente soporífico sobre o ser humano. Interpelado pela mulher, o senhor Bautet-Lebrêche, preocupado, tinha primeiro tentado mostrar uma expressão de finura do marido psicólogo e observar sua mulher com os olhos semicerrados, sorrindo vagamente. Mas levantar por pouco que fosse as pálpebras requeria-lhe um esforço quase tão grande como levantar as portas de ferro de algumas garagens.

Em situação desesperada, Armand Bautet-Lebrêche tentara então arrancar dos pedaços ainda consciente do seu espírito atormentado alguma comparação, alguma imagem própria para fazer Edma compreender e admitir essa sonolência inopinada: porque Edma não era mulher para suportar um ser humano adormecido à sua mesa, mesmo que fosse seu marido. Como lhe explicar? Era como se ele estivesse sendo ninado por uma *nurse*, de fato. . . uma ama musculosa naturalmente, mas contudo bem macia. .. Como se essa ama tivesse previamente embebido seu corpete de

clorofórmio. . . É isso, é exatamente isso. . . Mas por que clorofórmio. . . Por que uma ama teria posto clorofórmio. . . Não seria antes como se lhe tivesse dado um golpe de malho, cinco minutos antes... Mas, considerando-se o preço do *Narcissus*, não se batia certamente nos passageiros com malhos. . . A menos que o capitão. . . aquele brutamontes. . . molhava. . . clorofórmio. . . Afundou-se no ombro de Edma, de quem vagamente sentia o perfume.

Graças a Deus, alguém respondeu, ainda assim, com a sua própria voz subitamente doce e longínqua, mas a sua própria voz, Armand Bautet-Lebrêche: "Você fez muito bem, querida", pausadamente, antes de cair desmoronado sobre o ombro da mulher que de surpresa e de medo ergueu-se deixando assim cair o imperador do açúcar com o nariz no prato. . . Os garçons acorreram para sustentá-lo, mas graças aos roncossonoros que subiam da poltrona estofada. Edma já tinha compreendido a natureza do mal-estar do marido.

"Essa viagem estava começando bem, decididamente", pensava ela tomando um segundo drinque por desânimo: "Um diálogo imbecil com um paranóico obscuro e os roncossonelegantes do marido, na sua própria mesa, tudo isso deixava augurar, de fato, um cruzeiro pouco semelhante aos outros." Mas Edma se perguntava subitamente se isso não seria preferível.

O maior retardatário para o jantar daquela noite foi Andréas Fayard. Recaiu no sono do dia, com o mesmo pesadelo. Dormira de *jeans*. Despiu-se rapidamente, passou pelo chuveiro e antes de tornar a vestir-se postou-se de corpo inteiro diante do grande espelho do banheiro e lançou sobre si mesmo, corpo e rosto, um olhar gelado de negociante de cavalos. Convinha controlar sua cintura, tomar cálcio, corrigir um dente incisivo, um xampu ligeiro nos cabelos louros, sempre frágeis. Precisava tudo isso para que uma mulher lhe comprasse um Rolls-Royce em agradecimento pelas suas qualidades amorosas, sua doçura e sua fúria. "E isso tinha que acontecer depressa" — dizia Andréas consigo mesmo sentado no beliche do *Narcissus*, porque esse cruzeiro empreendido em solitário acabava de arruinar a magra herança que suas duas tias livresas em Nevers, suas educadoras, lhe tinham ganho penosamente antes de morrer no ano passado, e dois meses de intervalo. Ele ia rapidamente tratar daquele incisivo, dos cabelos louros e de tudo mais, a contragosto. Andréas sentiu-se à beira das lágrimas à idéia de que ninguém lhe pediria para lavar as orelhas, talvez em anos, talvez mesmo até a morte.

Enquanto que no convés da "primeira" serviam um jantar suntuoso, de classe, em mesinhas presididas pelos oficiais do navio, tendo o imediato à frente, no andar "de luxo" e numa ordem provisória, ou supostamente tal, a trintena de passageiros distribuía-se por duas mesas: a do comandante e a de Charley; esta, três vezes mais alegre, era em geral assediada pelos *habitués* do *Narcissus*, mas, este ano, a presença de Doria à direita de Ellédocq fazia alguns hesitarem. Muitos mesmo; exceto Edma, que tinha aquele sentido de fidelidade de bando que só se encontra em certas hordas de chacais ou lobos, animais bastante ferozes para pôr fim aos que se atrasavam e expulsar os fracos. Isto os fazia parecer com as hordas mundanas, elas também fiéis às mesmas tocas e todos os anos lançadas nas mesmas migrações; mas cujos membros, sempre à beira de uma briga mortal ao que parecia, mostravam-se com os anos pouco suscetíveis ou bastante indiferentes para se encontrarem 20 anos depois, amigos para sempre e para sempre sem cultura, exaustos, desprovidos de verdadeira alegria, de bondade e da mínima confiança na espécie humana.

Edma sentou-se, portanto, perto de Charley, seguida por alguns *habitués* que sua elegância e sua voz de falsete aterrorizavam até a servidão. Era Edma, por exemplo, que desde sempre dava o sinal para os aplausos depois dos concertos, era Edma que decidia se os ovos estavam frescos ou a tempo clemente, com tanta firmeza como se decidisse se alguém era freqüentável. Mas a vedete naquele ano era evidentemente a Doriacci, já sentada à direita do capitão quando os passageiros entraram, a Doria que com os seus ombros cobertos por um xale, o rosto quase sem maquilagem e a expressão de amabilidade forçada parecia-se furiosamente com a dama burguesa em viagem que ela não era. Todos os seus admiradores sentiram-se um pouco perturbados ou mesmo decepcionados em primeira mão.

Era porque a Doriacci era uma estrela! Uma verdadeira estrela como já

não se fazia mais, uma mulher que diante dos *flashes* brandia sua piteira com segurança, mas nunca tomava a direção do assunto, uma mulher que não era célebre somente pela voz admirável, nem pela arte com que ela a usava: a Doriacci era célebre também pelos seus escândalos, seu gosto pelos homens, seu desprezo pela opinião da sociedade, seus excessos, cóleras, luxo, loucuras e encanto. E na noite, já fazia 25 anos ou mais que substituíra sem qualquer preparação, na *Traviata*, a célebre Roncani subitamente doente, a desconhecida aplaudida com toda a fúria durante mais de uma hora pela sala mais *blasée* do mundo já não era desconhecida de nenhum dos membros do Scala. Do último maquinista ao primeiro administrador, todos tinham passado pelos seus braços e ninguém se esquecera. Desde então, quando chegava a uma cidade, a Doriacci, como certos invasores mongóis, extorquia os homens importantes, ridicularizava suas mulheres, tomava os jovens com uma naturalidade e um vigor que pareciam crescer com a idade. Como ela própria dizia aos jornalistas, seus principais admiradores, "sempre amei homens mais jovens do que eu e tenho sorte; quanto mais avanço na vida mais encontro jovens!" Em suma, a Grande Doriacci em nada se parecia com a dama pacífica com os cabelos repuxados num coque, sentada naquela noite perto de Ellédocq.

Ellédocq herdou, portanto, na sua mesa, a Diva, a "mulher-palhaço adormecida" (era assim que ele chamava Clarisse) e o seu "comunista excessivamente penteado", Eric Lethuillier, dois casais muito idosos e com assinatura vitalícia no *Narcissus*, o "sujo boche" Kreuze e o avaliador público de quadros de má qualidade, chamado Julien Peyrat. Exigira simplesmente que Charley tomasse Béjard e Olga na sua mesa, com alguns melômanos octogenários.

— Não quero saltimbancos na minha mesa! — tinha declarado de início com mau humor, depois com raiva diante dos protestos de Charley sobrecarregado, em seguida numa de suas fórmulas de laconismo "inflamado": — Leve-me isso *Stop* Tem dois minutos *Stop* Mensagem terminada Rogers. — Foi assim que chegara aos seus fins ao mesmo tempo que à mais fina flor da língua telegráfica. Mas se o vento desse furor levava para longe, isto é, para a mesa vizinha, os "saltimbancos", trouxera estranhamente de volta o gigolô de Nevers. Trouxera-o mesmo para a direita da Doria, ela própria à direita do comandante. Tomado de surpresa, Ellédocq não tinha podido reagir, mas tivera o consolo de ver Charley, dessa vez sério e consciencioso, lançar para a mesa dele olhares consternados.

Desde o início da refeição, segundo seu penoso dever, Ellédocq se tinha desdobrado em borborigmos elípticos equitativamente distribuídos como alimento à Doria e ao palhaço. A Doria, de início distraída, acabara por escutá-lo atentamente, com o sobrolho franzido acompanhando seus

lábios com os olhos, como na fábula *Os Filhos do Lenhador*, quando, ofegante pela agonia, o pai tenta indicar-lhe onde está escondido o tesouro. Até às saladas tudo foi muito bem; mas então, quando ele se embrenhava nas previsões cada vez mais sombrias sobre o futuro da Marinha francesa, a moralidade do pessoal navegante, a Doriacci pousou de súbito o talher brutalmente no prato, tão brutalmente que a outra mesa, até então bastante animada, voltou-se como um bloco na sua direção.

— Mas afinal — perguntou ela com sua voz grave — onde o senhor quer que eu guarde minhas jóias com segurança? E depois, por quê? É um antro de bandidos aqui ou o que é?

Tomado de surpresa, Ellédocq enrubesceu sob sua pele queimada. Ficou sem resposta, com os olhos fixos no canto da toalha, com os ouvidos zumbindo. Os convivas da sua mesa olhavam-no com ar de caçoada.

— Isso também pode ser divertido como um filme policial — começou a Doria com sua voz de garganta. — Inspecionáramos uns aos outros, seríamos mortos um depois dos outros, eu teria de cantar o *Réquiem* de Verdi em todas as escalas. . .

Caíram na gargalhada, aliviados, exceto Ellédocq, que levou um pouco mais de tempo para compreender. O "palhaço triste" tinha dentes muito bonitos, observou Julien distraído.

— Porque a senhora não morrerá, certamente? — perguntou Eric Lethuillier sorrindo de leve.

Ele não rira, aliás, no instante anterior, observou Julien. Permitira-se sorrir um pouco mais abertamente que de hábito como para indicar que gostaria muito de se divertir com os outros, mas estava consciente da futilidade desse divertimento. Em todo caso ele sugeria, ou tentava fazê-lo, que aquele intervalo de relaxamento era apenas provisório e que a aula ia recomeçar. Era, pelo menos, exatamente esse efeito que fazia em Julien Peyrat. Com ele, a aula era incessante e sem dúvida fazia o mesmo efeito na mulher — aquela pobre criatura desfigurada esta noite por um verde cintilante nas pálpebras, e mal colocado — que deixou de rir bruscamente como tomada em falta, e tornou a atacar a sua lagosta de olhos baixos. Ao lado dela, Julien admirava a beleza de suas mãos. Mãos longas com a extremidade dos dedos estranhamente intumescida como a dos escultores, como patas de gato. Sentado a seu lado, era tudo que via dela: suas mãos. Não ousava olhar-lhe o rosto com medo que ela se assustasse. Aliás, o que poderia ver mais sob essa camada espessa e rosada de base, sem dúvida passada com pá de pedreiro todas as madrugadas? Era realmente ridícula, e isso mortificava Julien como um insulto pessoal, como um insulto à totalidade das mulheres. Preferia que ela fosse obscena a ridícula. O escândalo pelo menos não matava o desejo. . . O lugar dele, Julien, era afinal o melhor, já que sem a ver de frente, olhava suas mãos, ouvia-lhe a

respiração, sentia-lhe o calor, o perfume, de Dior primeiro, e sob ele o do seu corpo, perfume da pele que apesar daquelas pinturas de índio era o perfume de um corpo de mulher. Clarisse tinha gestos para pegar no pão, parti-lo, levar o copo aos lábios (mas aí o olhar de Julien a deixava) que o encantavam. Eram mãos displicentes e seguras, mãos que poderiam ser peritas e autoritárias, como ternas e consoladoras. A aliança que lhe enfeitava o dedo, único anel que usava, parecia demasiado brilhante, grossa demais, tinha um ar de peça de mosaico. Pousara a mão esquerda esticada na toalha e, em seguida, aborrecendo-se dirigira a mão a um fio distendido e saliente. Puxara-o sorrateiramente, arrastando outros, e começara então um longo trabalho de sapa, destruição das suas unhas encarnadas, quase violetas, de um colorido atroz. Cansada desse brinquedo de vândalo que se começava a ver, a mão direita apanhara um saleiro e com ele cobrira as depredações, simbolicamente, como se a mão direita estivesse habituada a reparar os estragos da esquerda. Trazida à razão, a mão esquerda pousara do avesso, a palma aberta ao exterior, com um ar de cão ao sol, quando eles se deitam de costas e expõem a garganta ao calor ou às possíveis presas de um inimigo mortal. A mão tinha se distendido, fechado, reaberto várias vezes e o olhar de Julien procurava em vão compreender alguma coisa nas linhas da vida e do coração emaranhadas. Inclinar-se então para lhe oferecer fogo, e os cabelos ruivos e brilhantes entraram por um instante no seu campo de visão, desprendendo um sopro de perfume. E Julien, espantado, percebeu que a desejava.

Isso aconteceu à sobremesa e ele esperava já impacientemente que se levantassem e que pudesse rir de si mesmo de uma vez, vendo o rosto que sabia grotesco. Foi então que aconteceu o incidente, o segundo do cruzeiro, observou Charley.

— O senhor não vai me dizer, Capitão Bradock. . . Ellédock, perdão — dizia a Doria — que essa Desdêmona não é uma tola. Pode-se convencer os homens de sua inocência, mesmo quando se é culpada. O que fará quando não se é. . .

— As fêmeas inocentes são pouco numerosas, mas muitas são fêmeas capazes de tudo — declarou a voz de Kreuze, até então mudo e de quem se tinham esquecido sem muito remorso, já que ele se embebedava solenemente. — Existem fêmeas que fazem acreditar aos homens que os moinhos são fazendas.

— Não é tão grave assim até aí, não acha? — disse Julien sorrindo e pronto a se divertir, apesar da demora do jantar.

Não conseguia se impedir, onde estivesse e quais fossem as circunstâncias, de conservar intata a louca esperança de se divertir. . . E de fato. . . mesmo nesse navio de octogenários, de esnobes e pretensos estetas, ele, Julien Peyrat, que já passara dos 40, esperava ainda se divertir. Por

instantes ficava com raiva de si mesmo por não ser mais pessimista ou lúcido sobre a existência...

— *Ja, sim!*

A voz de Hans-Helmut Kreuze era peremptória e esse "sim" soou como um dobre na sala de jantar de acaju envernizado. O garçom, que nesse momento oferecia pela segunda vez sorvete a Julien, começou a tremer convulsivamente. A colher tilintou na travessa de sorvete, fazendo um barulhinho de castanholas que desviou por um instante a atenção geral de Kreuze em favor do sorvete. Julien, gentil, tornou a se servir e pousou a colher.

— Sim existem fêmeas que se comportam como animais. Exceto que os animais não são ingratos.

Houve nas duas mesas uma ligeira hesitação, meio espantada meio cômica, que Edma, a incendiária, para surpresa geral procurou dissipar.

— Se levantássemos acampamento, Capitão? — gritou da sua mesa. — Faz calor aqui, não acha?

E talvez tivessem seguido sua injunção se Simon Béjard, o mal-educado, não manifestasse sua curiosidade.

— E de quem o senhor fala, maestro? — Ele chamava Kreuze de "maestro" num tom tragicômico como para ressaltar o lado de opereta desse título, o que visivelmente horripilava o músico.

— Falava das fêmeas ingratas — disse com vigor, para ser compreendido de onde estava, Hans-Helmut Kreuze. — Falava no ar, se o senhor preferir considerar o caminho dessa trajetória...

Os vizinhos entreolharam-se de sobranceiras erguidas, e Hans-Helmut, com ar resignado e satisfeito ao mesmo tempo, depois de enxugar vigorosamente um bigode que raspava havia mais de dois anos, pousou o guardanapo sobre a mesa com gesto definitivo, quando Doria por sua vez abriu fogo.

— Oh, meu Deus! — disse, caindo na gargalhada subitamente, como atingida pela evidência. — Meu Deus, e eu que estava procurando. . . Imaginem — continuou animada — que estou quase certa de saber de quem o maestro está falando. Será que estou enganada, maestro?

O rosto do interpelado expressava ao mesmo tempo a dúvida e o furor. Os olhos de Edma luziam de excitação e êxtase, sob os cílios, o que inquietou Armand Bautet-Lebrêche, de repente acordado de sua longa sesta.

— Não, não estou enganada — continuava a Diva. — Imaginem que nos conhecemos, o célebre maestro Hans-Helmut Kreuze e eu, em Viena. . . ou em Berlim ou em Stuttgart, já não me lembro, nos anos 50 ou 60. . . Não, nos anos 60 não. Nessa época eu já era célebre e podia escolher. Falo de uma

época em que eu não tinha escolha e o ilustre Kreuze dignou-se dar atenção à Loupa, esse era o nome que me davam então. . . nessa época eu parecia uma jovem loba, o que de fato era. Infelizmente, há muito tempo só representava a criadinha da Condessa no *Le Chevalier*. Só cantava com os outros. Não tinha um papel, mas belas pernas que eu tentava mostrar nos bastidores e no palco em todas as oportunidades. . . Éramos muito, muito, muito mal pagos em Viena. O maestro Kreuze, que já era célebre como agora, dignou-se ver as minhas pernas e dignou-se querer ver mais. Informou-me disso pelo seu secretário, um perfeito *gentleman*; e para completar a minha conquista e me cumular, ofereceu-me uma alcachofra e um sorvete no Sacher. Não foi isso? Uma alcachofra e um sorvete, Hans-Helmut?

— Eu não me lembro mais. . . — disse o virtuose. Estava escarlate. Ninguém ousava se mexer, nem olhar para ele ou para a Doriacci, exceto Clarisse, a quem ela se dirigia então.

— Enfim! — continuou a Doriacci cada vez mais jocosamente — tudo isso era um pouco deselegante, mas a honra que me faziam me fez aceitar isso com o resto. Não pense que me esqueci, caro maestro — disse a Doriacci num silêncio consternado, inclinada sobre a mesa (e subitamente de esplêndida beleza e juventude, observava Julien). — Eu não tinha me esquecido mas receava que esse fato o constrangesse, ou que Gertrude... A senhora Kreuze se chama Gertrude, não é verdade?. . . que Gertrude viesse a sabê-lo. Temia também que o senhor tivesse vergonha, 30 anos depois, de se ter rebaixado a dormir com uma criadinha, Senhor Diretor do Konzertgebäum de Berlim.

Ellédocq, que acompanhara tudo aquilo lançando olhares cada vez mais esbugalhados aos dois protagonistas, fechara-se ao acaso num silêncio altivo. O rosto impassível envolto no seu *blazer* como um peplo, sentia-se certamente muitos côvados acima dessa história de sexo. Em todo caso parecia o menos decidido possível a se levantar e deixar a mesa; a única coisa a fazer, no entanto, pensava Charley, fitando-o desesperadamente. Em vão. . .

Também, pela primeira vez de sua vida comum e marítima, foi Charley que, de repente, empurrou a cadeira e levantou-se seguido precipitadamente pelos outros.

— Que jantar delicioso. . . — resmungou Edma. — Será um novo cozinheiro-chefe? Armand, você não acha?. . . Armand! — gritou ao marido que recaíra na letargia doentia, mal a tempestade serenara.

— Isso é preciso dizer, como alimentação de navio não há melhor — comentou Simon — você não acha, meu tesouro?

Ele tentou enlaçar a cintura de Olga, que se esquivou. Eric Lethuillier dera a volta na mesa e segurava Clarisse pelo cotovelo "como para evitar que ela caísse, mas de modo completamente inútil", pensou Julien que só a tinha visto beber dois copos de vinho. Mas ela se deixava levar e ele ficou irritado; apesar de sua maquilagem grotesca de novo visível, lembrava-se de sua perturbação e lhe guardava uma espécie de admiração retrospectiva e espantada. "O corpo também era bonito", pensou, enquanto ela se afastava na alegre confusão que segue sempre todos os alaridos públicos.

A Doriacci levantava-se lentamente, sozinha diante de Kreuze ainda sentado e de olhos baixos. Ela o contemplava apanhando na toalha o batom, os cigarros, o isqueiro, a caixinha de pílulas, e a de pó-de-arroz, toda a tralha que transportava como uma cigana, a cada refeição.

— Então — disse em voz baixa — então, meu grosseirão Helmut, ficou contente?

Falara com voz inaudível para todos, exceto ele, que não respondeu conservando os olhos baixos, e ela saiu sorrindo e estalando os dedos num ritmo de rumba.

— Mulher danada, hem? — comentou o capitão voltando à porta e esperando Kreuze. — Fêmea danada, como o senhor diria, maestro.

Mas o maestro continuava sem resposta, e o capitão com um passo balanceado reuniu-se aos seus hóspedes.

— Nada divertido esse teutão, nenhum humor — confiou ele, como especialista, a Charley Bollinger.

— Se der sorte vai ser divertido, esse cruzeiro — dizia Simon Béjard a Eric e Clarisse Lethuillier. — Parece que está começando bem! Em matéria de música vai acontecer uma algazarra engraçada, com o "concerto flutuante", como eles chamam. Acontecerão notas falsas engraçadas..

"Ele fazia esses jogos de palavras estúpidos e ria às gargalhadas e ficava contente consigo mesmo", pensava Olga olhando-o com raiva. Por que aberração ela o teria levado para junto dessa gente elegante, chique, de bom-tom? Como se tinha exposto a esses golpes, essas afrontas incessantes que provocavam a vulgaridade, o humor tolo desse inculto? ... E tudo isso, naturalmente, diante de Eric Lethuillier, esse personagem impecável, cheio de classe até a ponta das unhas. . . esse aristocrata do pensamento. . . aquele revolucionário que poderia ser marquês. . . Tinha loucura por esse tipo, enfim, por esse homem, com seu perfil de viking... Não, de viking não, isso era muito clichê. Ela lhes diria: "seu belo perfil de ariano". Esse "lhes" representava seu

público mais apreciador, as duas companheiras de escola, conquistadas desde o terceiro ano, cuidadosamente conservadas, em seguida, no culto de Olga e para as quais Olga Lamouroux, fosse onde estivesse, preparava com todo o cuidado na sua cabeça o relato palpitante da sua existência diária. Ela já estava se ouvindo... Fechou os olhos por um segundo para esquecer a presença muito dispersiva, por demais absorvente (já!) de Eric Lethuillier. "Você sabe, Fernande, você me conhece... Você sabe que sob meus ares de bravata fico esfolada viva, por vezes?... Então, quando eu encontro, quando eu sinto no mesmo comprimento de onda uma pessoa sensível às mesmas coisas que eu, revivo... E então, ali, eu revivia, naquele salão suntuoso na sua austeridade, naquele ambiente marítimo viril mas de bom gosto. Também, quando ouvi de repente Simon contar suas besteiras... (não, Simon sair com suas vulgaridades) na presença desse ariano com perfil de viking. . . Não, desse homem soberbo de perfil ariano. . . Quando vi esse ariano apenas... apenas franzir as sobrancelhas e virar os olhos para que eu não lhe surpreendesse o enfado instintivo. . . Quando o vi um pouco depois voltar para mim seus olhos verde-gaio... (seria preciso ver no dicionário a palavra verde-gaio); quando o vi voltar os seus olhos glaucos (não. . . da cor do mar. . .). Então, Micheline! . . (não; era a Fernande que estava contando), então, Fernande!... Você quer que lhe diga: fiquei com vergonha. . . Vergonha do meu companheiro! E isso é uma coisa terrível para uma mulher. . . Porque, você sabe, você é muito fina para essas coisas. . . (era maquinal, nos seus relatos, esse cumprimento que provocava a atenção; mas aí não era urgente, Fernande, a pobre, estava em Tarbes, na casa da sogra, com os garotos). Bem, você sabe... eu tinha vergonha dessa vergonha. Você sabe. Sempre quis guardar uma distância de Simon, fingir que não percebia o fosso que havia entre nós, do.. ." etc, etc. — terminou ela interiormente, porque o ariano tomara a palavra. "E sua voz de bronze, sua voz de estanho, seu timbre quente.. ." (ela diria depois) ressoava:

— Pessoalmente — dizia Eric Lethuillier — tenho que confessar que detesto esse gênero de cenas. Há sempre nesses escândalos um lado exibicionista que me gela... Não? Para você, não? Você não acha, Clarisse?

— Achei, antes, divertido — respondeu Clarisse. — Muito divertido mesmo.

E ela sorriu ao vago, o que humanizou sua máscara por um segundo e irritou visivelmente Eric.

— Clarisse infelizmente só lê nos jornais as colunas das fofocas, a vida particular dos outros sempre a divertiu. . . às vezes mesmo mais do que a sua própria, receio — disse ele mais baixo, de maneira distinta, para ser ouvido ao lado.

Clarisse não pestanejou, mas Simon ficou chocado.

— A propósito de exibicionismo — disse — você também sabe. . .

— Eu sei o quê?

A voz de Eric Lethuillier era cortante. De repente parecia estar louco furioso, e Simon Béjard recuou de um passo. Não iria brigar com aquele protestante grandalhão intratável só porque ele se comportava odiosamente com a mulher. . . Afinal de contas nada tinha com isso. Olga já começava a se engraçar com ele. Calou-se. O que não impedia que essa viagem se anunciasse mais cômica do que esperava. A mulher dos açúcares chegava na direção deles com todas as velas de fora e os olhos ainda mais salientes do que de costume "Eis aí uma a quem todos esses dramas não devem desagradar", pensou Simon, por uma vez demonstrando alguma psicologia.

— Ah!, meus filhos! — disse ela estendendo, à vista, um copo de uísque de socorro a Clarisse Lethuillier, que o agarrou com mão firme, sob o olhar gelado de Eric. — Esse jantar! Ah, meus filhos, que sessão! Não sabia onde me meter. . . Ah! A Doriacci pegou bem esse rústico! Acho a nossa Diva perfeitamente soberba. . . Ela me emocionou completamente, me envolveu. Eu confesso. Fui envolvida. Vocês não?

— Não precisamente. . . — dizia Eric com voz zombeteira, mas Edma cortou-lhe a vez.

— Isso não me espanta, para envolvê-lo, senhor Lethuillier, seria preciso Trotsky ou Stalin, eu imagino? Pelo menos! Mas o senhor Béjard? E você, senhorita. . . eh. . . Lamoureux? E você, querida Clarisse?. . . Não me diga que você se aborreceu.

— R-o-u-x-, roux. *Lamoureux* — retificou Olga com um sorriso frio (pois era a terceira vez que Edma estropiava-lhe o nome).

— Mas eu disse "Lamoureux", não? — Edma sorria — em todo caso, desculpe-me. Olga Lamoureux, vejamos. . . Como poderia me enganar? Quando eu a vi no. . . Ah! mas como se chamava aquele filme encantador que se passava em Paris, no Quartier Latin. . . afinal ao lado daquele ator um pouco intelectual, mas tão, tão maravilhoso. . . George alguma coisa. . . Ora, ajude-me o senhor — disse a Simon que, embasbacado pela sua temeridade, a fixava de boca aberta e, acordando, precipitou-se:

— A senhora deve estar falando de *A Noite Negra do Homem Branco*, um filme de Maxime Duqueret. Um filme muito bonito, muito interessante... um pouco estranho, um pouco triste, mas muito interessante.. . De fato, de fato — insistiu para se convencer a si mesmo (e lançando um olhar temeroso para Olga que parecia perdida, noutra parte, muito longe). — Acho que foi esse... é...

— E então! — disse Edma satisfeita. — *A Noite Branca de alguma coisa*. . . Estava muito bom. Foi nele que compreendi que a senhorita

Lamoureux, Olga, faria carreira.

— Olga Lamouroux, Lamouroux, querida senhora.

Desta vez era Eric que reclamava, e Edma lhe lançou um olhar sonhador perfeitamente ofensivo.

— Como o senhor é gentil de me ajudar. Vejamos: Lamouroux, Lamouroux, Lamouroux, Lamouroux. Vou treinar, prometo-lhe — disse gravemente a Olga cujo lábio desaparecera sob os dentes superiores. — Espero não fazer como a nossa Diva com o seu "Bradock", "Ducrock", "Capock", como ela não pára de chamar o nosso tolo, o nosso valente capitão... Onde está Charley? Ele que é tão diplomata. . . Deve estar preocupado. Em todo caso, uma coisa é certa: vai ser preciso mudar a disposição dessa mesa já amanhã de manhã. Era preciso, é preciso sempre, de qualquer modo, separar os pares, musicais ou não.

— A senhora suportaria ficar separada do senhor Bautet-Lebrêche? — disse Olga sibilamente sem olhá-la.

— Mas eu já me separei! — Edma parecia deliciada. — Já me separei, mas não por muito tempo. Com a sua fortuna, meu querido Armand é uma presa sonhada pelas intrigantes, estou farta de sabê-lo.

E voltando, agitando-se, dirigiu-se para um outro grupo, talvez uma outra presa. Houve um instante de silêncio.

— Que ordinária! — disse Olga Lamouroux, que ficara branca e perdera o som da voz.

— Essa pobre mulher é o próprio protótipo do seu meio — disse Eric com voz entediada.

Mas pousou a mão sobre o ombro de Olga em sinal de compreensão e ela bateu com as pálpebras uma dúzia de vezes sob a emoção. Simon ficou calado, mas quando cruzou por acaso com o olhar da mulher-palhaço, percebeu perplexo que essa morta-viva estava com os olhos dilatados de riso incontinente.

Julien Peyrat e Andréas, apoiados no balcão do bar, riam às gargalhadas lembrando os detalhes da confusão. Pareciam dois colegas trocando segredos e escarnecendo, percebiam isso, o que ainda aumentava sua hilaridade. Charley observava-os com expressão reprobatória e ciumenta.

— Você viu como ela ficou bonita? — disse Andréas recuperando a seriedade — Você viu aqueles olhos, aquela voz?. . . Que mulher! Bruscamente tinha 20 anos, você viu?. . .

— Mas diga-me, meu velho, você está-se apaixonando. . . — disse Julien sem malícia. — Você teria alguma intenção quanto à nossa Diva nacional. . . internacional, perdão? Você sabe que não é uma conquista

impossível, segundo os rumores.

— Como assim?

Andréas já não ria; Julien surpreso, fitou-o. Não chegava a fazer uma idéia desse rapaz. De início tomara-o por pederasta, por causa de Charley, mas ele não era, visivelmente: tomara-o por um gigolô, mas isso também não parecia de forma alguma evidente. Por outro lado, repugnava a Julien fazer a pergunta clássica. "O que você faz na vida?" Era uma pergunta que o fizera sofrer toda a vida, até descobrir para si mesmo esse ofício extraordinário e vago de avaliador público.

— Eu queria dizer que a vida sentimental da Doriacci é tumultuosa, notoriamente tumultuosa, e que a vi mil vezes em fotografias na companhia de pilantras de físico muito inferior ao seu. Era só isso que eu queria dizer, meu velho. . .

— Diz-se todo tipo de coisa sobre as estrelas — retorquiu Andréas inflamado. — Eu, do meu lado, acho que essa mulher tem o gosto do absoluto. Não acredito, de forma alguma, senhor Peyrat, que a Doriacci seja uma mulher fácil.

— Isso também é notório — disse Julien alegremente, e interrompendo de súbito uma conversa desagradável. — Ela também é notoriamente muito, muito difícil de conviver. Pergunte ao maestro Kreuze o que ele pensa. Aquela alcachofra vai-lhe pesar muito neste cruzeiro...

— Ah, a alcachofra do Sacher — disse Andréas, e recomeçaram a rir. Mas Julien ficou intrigado.

O navio diminuía a marcha e já se viam distintamente as luzes de Portofino. Era a primeira escala prevista, e Hans-Helmut devia abrir o fogo com Debussy. Três marinheiros vestidos de branco puxaram o grande Steinway para o tombadilho, o Steinway até então resguardado no bar sob três capas e uma toalha branca. Era um nunca acabar de manobras para despi-lo e fixá-lo com correntes aos pés. Via-se luzir a madeira escura do piano na obscuridade, e adivinhava-se a sua massa, mas ainda assim houve um instante de silêncio respeitoso na multidão quando, tendo os marinheiros desaparecido com as capas, alguém experimentou as luzes. Havia quatro projetores muito brancos que caíam de cima, desenhando uma pista quadrada e lívida, uma espécie de arena teatral, no meio da qual o instrumento com as suas correntes transformava-se numa alegoria: encorpado como um touro, e brilhante como um tubarão, o animal esperava visivelmente o seu domador, seu toureiro, seu músico ou seu assassino, e esperava-o com ódio. E todos os seus dentes cintilantes e brancos pareciam prontos para engolir a mão do homem, a atraí-lo aos urros para o fundo do seu corpo vazio, onde seus gritos retumbariam por muito tempo antes de se apagarem. Esse piano tinha alguma coisa de romântico, trágico e brutal sob essas luzes, que não combinava com o Mediterrâneo. Esse mar proporcionava um romantismo excessivo e sensual, uma doçura sem falha e sem piedade. Abraçava o *Narcissus* pelas ancas, lisonjeava-o e agredia-o com tantas ondas macias e quentes, insistentes e incessantes a ponto de fazê-lo inclinar um milímetro, de fazer gemer de prazer suas 20.000 toneladas. O navio fez a âncora ranger logo que lançada, já agarrada ao soalho marinho lá embaixo, e ele detestou aquele entrave de ferro que o impedia de se esticar, de se dispersar, de se entregar à mercê de toda aquela água voluptuosa e noturna, aquela água falsamente friorenta e espumante à beira da terra, mas longe, porém, impenetrável e insondável, onde o *Narcissus*, imobilizado na ponta da sua

corrente, renunciava dificilmente a se perder.

Os passageiros da "primeira" tinham subido para o tombadilho "de luxo", e a primeira coisa que faziam ao encontrar, como nos outros anos, os mesmos privilegiados no mesmo tombadilho era explicar-lhes como tinham caído na armadilha do tempo e não tinham podido mudar de *status* como teriam querido. Era o único momento humilhante, aliás, para aqueles melômanos felizes que durante todo o ano, pelo contrário, gabar-se-iam desse cruzeiro. Julien, abordado desse modo por um casal loquaz que acreditava reconhecê-lo, escapou. Passou por cima dos cabos, subiu pela trave que separava as cadeiras das poltronas em tomo do piano e saiu da zona luminosa. Só o caminho que levava aos corredores estava iluminado e, evitando-o, Julien esbarrou na porta aberta do bar, que estava apagado. Levou alguns segundos até ver luzir no escuro o cigarro de Clarisse Lethuillier, sentada a uma mesa do fundo, sozinha.

— Eu lhe peço desculpas — disse, avançando um passo na penumbra — eu não a tinha visto e procurava um refúgio, um acostamento, como nas auto-estradas. Lá fora está um alvoroço: o concerto vai começar. . . A senhora quer que a deixe?

Falava de forma descosida e sentia-se curiosamente intimidado. No escuro, Clarisse Lethuillier deixava de ser um palhaço e se transformava numa mulher, a presa do caçador. Ela acabou abrindo a boca:

— Sente-se onde quiser. De qualquer modo o bar está interditado.

Talvez por causa da escuridão, tinha uma voz sem defesa, uma voz nem informada nem ingênua, nem exata nem quebrada, nem jovem, nem feminina, nem nada. Tinha uma voz sem constrangimento, uma voz despida como um fio elétrico e talvez tão perigosa de ser aproximada. Julien sentou-se às apalpadelas.

— A senhora não vai ao concerto?

— Vou, mas só mais tarde.

Murmuravam sem razão para isso. De fato esse bar era um outro mundo, tudo ali assustador e agradável ao mesmo tempo: a massa das poltronas, o recorte das mesas e lá ao longe aquela multidão iluminada, agitada que, com muita antecedência, aprontava-se para aplaudir Kreuze.

— A senhora gosta de Debussy?

— Gosto mais ou menos — disse a mesma voz, desta vez assustada. E Julien pensou que ela estivesse com medo que os surpreendessem a sós naquele lugar "interditado", como dissera. Mas contrariamente à sua natureza bonachona, não tinha vontade de ir embora. Gostaria, pelo contrário, que Eric Lethuillier chegasse, os surpreendesse a não fazer nada e fosse bastante odioso (um pouco bastaria) para que ele, Julien, lhe pudesse quebrar a cara. Detestava aquele personagem e espantava-se de se dar conta disso; não o podia suportar. Não poderia passar oito dias nesse navio na sua companhia sem lhe dar uma correção ou dele a receber, não importa, mas sem bater ao menos uma vez nesse rosto arrogante com plena razão. Essa vontade de bater era tão definida que se sentiu de repente sedento, sedento e trêmulo.

— Não haverá uma garrafa neste bar? — disse em voz alta. — Morro de sede, e a senhora?

— Não — disse a voz de Clarisse desolada. — Não, tudo está fechado a chave. Eu bem que experimentei, você imagina...

Esse "você imagina" significava "você pensou certo, eu, Clarisse, a alcoólatra! . . . Você sabe? Eu tentei naturalmente encontrar alguma coisa para beber... ora...".

Mas Julien não parou aí.

— Duvido que uma fechadura me resista — disse, tropeçando nos móveis. Passou por detrás do balcão, onde a escuridão era total.

— A senhora tem um isqueiro?

E, instantaneamente, ela estava no banquinho mais próximo com o isqueiro na mão. As fechaduras eram fechaduras para crianças ingênuas, e Julien com o seu caniveteiro venceu-as com facilidade. Abriu uma prateleira ao acaso e se virou para Clarisse. A luz do isqueiro dava um ar de *grand-guignol* ao seu rosto pintado. Ele ficou com vontade de lhe dizer para tirar sua máscara um segundo, mas se reteve a tempo.

— O que é que a senhora quer? Aqui há de tudo, acho: porto, gim? Para mim será uísque.

— Para mim também.

A voz dela se afirmara. Talvez a perspectiva desse uísque inesperado, pensou Julien com alegria. Decididamente ele era um demônio malfetor desse *Narcissus*. . . Ia arruinar nas cartas um melômano, abusar de um

amador de pintura e embebedar uma alcoólatra.

Como acontecia sempre que pretendia assumir o papel de menino terrível, Julien sentiu-se alegre. Alguma coisa nele era tão profundamente bonachona que todos esses papéis cínicos que acabava por representar, efetivamente, nunca lhe pareciam reais. Faziam parte de uma grande ficção, uma série de novelas escritas por um humorista anglo-saxão, e cujo título era *A Vida e as Aventuras de Julien Peyrat*. Encheu até a metade dois copos, ofereceu um a Clarisse, que voltara para sua mesa, e sentou-se deliberadamente ao lado dela. Levantaram os copos um para o outro e beberam solenemente. Sentiu o sabor acre e violento do álcool na garganta. Tossiu um pouco e observou que Clarisse não pestanejava. O calor, o bem-estar súbito que os invadiram logo, os tranquilizaram e justificaram o arrombamento efetuado.

— Agora está melhor, não? — disse. — Estava tenso, pouco à vontade, sinto-me reviver; e você não?

— Oh, sim — respondeu Clarisse num sopro — Eu. . . eu me sinto realmente reviver. . . Ou antes, sinto-me viver, simplesmente.

— Isso nunca lhe acontece quando está sóbria? Nunca?

— Nunca. Agora nunca mais. Você ficou com a garrafa?

— Naturalmente.

E inclinando-se encheu-lhe o copo. Viu a mão branca levantar-se e levar o copo ao rosto. Lembrou-se da impressão que essa mão lhe causara durante o jantar, e ficou zangado consigo mesmo. As circunstâncias eram-lhe um pouco demasiadamente propícias, ao que lhe parecia. Também encheu mais um copo para si mesmo. Nesse ritmo estariam bêbados de morrer antes que o concerto começasse. Imaginou-se chegando com Clarisse pelo braço, tropeçando durante os arpejos de Kreuze, e se pôs a rir.

— Por que está rindo?

— Pensava na nossa chegada bêbados de morrer no meio do concerto — disse ele. — Eu rio por qualquer coisa. Não é o caso do seu marido, não é? Tenho a impressão que ele não tem o riso fácil.

— A vida é uma coisa séria para Eric — disse ela sem qualquer inflexão, como se tivesse enunciado um fato. — Mas vejo muito bem como se pode tomar a vida a sério, aliás, admitindo que se tenha a força de tomá-la de uma forma ou de outra. . . Neste momento eu a tenho. Respiro de novo. Sinto o coração bater. Sinto-me habitada dentro do meu corpo, as coisas tornam-se reais. . . Chego mesmo a sentir o cheiro do mar, como sinto o frio deste copo nos meus dedos. Você compreende isso?

— Mas evidente — disse Julien.

O principal era não interrompê-la, pensava. Era preciso que ela falasse, a ele ou a qualquer outro. Sentia grande pena dessa mulher, pena quase tão

grande quanto a raiva pelo marido. Mas o que tinha a ver com esse casal Lethuillier?

— Todo o dia tive a impressão de vagar no deserto, com obstáculos que no último momento não via. Tinha a impressão de falar errado e que se notava, e era ridícula. Tive a impressão de só pensar em banalidades. Tive a impressão que ia deixar cair o garfo, ou eu mesma cair da cadeira, o que, mais uma vez, ia envergonhar Eric, constranger ou fazer rir os outros... Tive a impressão que ia morrer asfixiada nessa cabina. Tive a impressão que este navio era grande demais ou pequeno demais, e que, em qualquer caso, eu nada tinha a fazer aqui. . . Tive a impressão que esses nove dias nunca acabariam e que no entanto eram a minha última chance. Mas minha última chance por quê?... Estava entregue à desordem, à confusão, ao tédio... Uma dúvida sobre a minha pessoa que me martirizava. . . Martirizava — repetiu ela em voz alta. — Passei horas martirizada. E agora graças a isto — e ela fez o copo tinar batendo-lhe com a unha — estou em paz com Clarisse Lethuillier, nascida Baron, 32 anos, rosto sem graça. Clarisse Lethuillier, alcoólatra, e nem mesmo com vergonha de sê-lo.

— É que você não é alcoólatra de fato. Quanto a esse rosto sem graça seria preciso acreditá-la sob palavra. . . Você tem o rosto sem graça tão maquiado. . . Senhora Lethuillier! Em todo caso "Clarisse Lethuillier: solitária". . . isso eu acreditaria.

— A rica herdeira solitária. . . Isso deve-lhe recordar esses semanários de grande tiragem, senhor Peyrat. . . De qualquer modo, nunca lhe agradecerei o bastante por ter forçado essa fechadura. . . Se eu pudesse contar com você, além disso, para esconder garrafas na sua cabina e se você tivesse a bondade de me dizer o número, meu reconhecimento lhe seria definitivamente conquistado: você não é homem de fechar as portas a chave, imagino?

Falava com voz precipitada, mas clara, nítida, quase arrogante, sua voz de moça Baron, sem dúvida. Mas ele já a preferia odiosa do que infeliz.

— Mas com certeza. Vou me abastecer logo amanhã! E estou no número 109.

Houve um silêncio, e a voz de ainda agora, de antes do uísque, perguntou:

— Você não terá remorsos? Ou então. . . Você pediria uma contrapartida?

— Eu nunca tenho remorsos e nunca peço contrapartida a mulheres. — E aí estava dizendo a verdade.

Adivinhou mais do que viu Clarisse estender-lhe o copo, e encheu-o sem comentários. Ela esvaziou-o, levantou-se, partiu de passo firme, ao que

lhe pareceu, para as luzes. Julien ficou imóvel por um momento, antes de acabar o seu copo e segui-la.

Clarisse mal tivera tempo de se sentar perto de Eric, e este de fazer suas costumeiras manifestações exageradas de cortesia, e já Hans-Helmut Kreuze entrava sob aplausos. O *smoking* ainda lhe ressaltava mais o lado prussiano, seu colarinho duro parecia raspar na nuca quando ele se inclinava. Mas logo que se sentou e começou a tocar, o músico fez desaparecer o personagem. Tocou Debussy com leveza, tato, doçura que ele não tinha. Fê-lo escorrer como um líquido, como a chuva sobre a ponte, e Clarisse, de olhos abertos, recebia aquela água fresca, sentia-se rejuvenescer, intacta, invulnerável, lavada de tudo. Estava nos bosques, nos prados de sua infância. Nada sabia do amor, do dinheiro, dos homens. Tinha oito anos, 12 ou 60 e tudo era de uma limpidez perfeita. O sentido da vida estava ali, nessa inocência inalterada do ser humano, na fuga precipitada e aceita da vida, na misericórdia da morte inevitável, em alguma coisa outra que não era Deus para ela, mas da qual, naquele momento preciso, estava segura, como outros estariam, ao que parecia, da existência desse Deus. Nem mesmo se espantou que Kreuze tocasse assim nos antípodas de si mesmo, de sua aparência. Só se espantou quando ele acabou, e que o estrangeiro louro ao seu lado lhe fez sinal com o cotovelo para ela aplaudir. Eric sacudia a cabeça com certa gravidade e certa tristeza, como sempre que se encontrava diante de um talento incontestável.

— Não se pode negar que ele seja genial — dizia o marido, como se seu primeiro reflexo fosse, de fato, negar esse gênio e que a impossibilidade de fazê-lo lhe custasse. Mas ela pouco se importava com Eric, de repente. Parecia-lhe mesmo da maior futilidade, da maior tolice tê-lo amado tanto tempo e ter sofrido por ele. Naturalmente que alguém lhe soprava que essa liberdade e essa desenvoltura iam ser eliminadas do seu espírito ao mesmo tempo que o álcool do seu sangue, mas alguém também lhe dizia que a verdade estava ali naquele momento, nessa percepção que, no entanto, era considerada enganadora, falseada e desnaturada pelo álcool. Esse mesmo

alguém lhe dizia que ela tinha razão quando era feliz e estava errada quando não era feliz; esse alguém era o único, desde sua infância, entre os inumeráveis *alguéns* de que ela era constituída, que nunca mudaria de opinião. Aplaudiu por um pouco mais de tempo do que os outros. Olharam-na e Eric se fechou, mas isso de nada lhe importava. Do outro lado do piano, de pé, Julien Peyrat, seu cúmplice, lhe sorria e ela lhe restituiu o sorriso abertamente. Esse salvador era também um belo homem, constatou divertida com uma espécie de satisfação antecipada que já não sentia havia anos, havia séculos, como lhe parecia. Poucos homens resistiriam ao critério de Eric Lethuillier, é bem verdade.

Simon Béjard, que se sentara no seu lugar sobre suas calças de *smoking* novas com uma impressão igual de perigo e tédio, tinha lágrimas nos olhos. Tudo isso graças a esse pesadão do Kreuze, que considerava intragável, e graças a Debussy, que sempre julgara inescutável. De fato era a primeira vez que lhe acontecia sentir prazer gratuito, a primeira vez, havia muitos anos. Anos em que, quando via um filme, era para fazer uma triagem dos atores, para ver o trabalho de alguém mais, da mesma forma que só lia romances para ali descobrir argumentos — exceto os livros cujo sucesso, adesão louca do público, dispensava dessa obrigação funesta de serem palpitantes; mas nesses casos Simon não podia comprar o título.

A primeira sessão de cinema ocorrera por ocasião dos seus seis anos. E do mesmo modo como, havia 40 anos, para Simon todas as paisagens não passavam de cenários, todos os seres humanos eram personagens e todas as músicas eram apenas de fundo.

— Foi formidável, não? — disse no seu entusiasmo. — Parabéns Helmut! Fez-me o mesmo efeito que Chopin.

Muito chorara aos 14 anos, aos acordes de uma *Polonaise* num filme-bomba em cores vindo da América onde se via Chopin, com ar de *cowboy* bronzeado, musculoso e de cabelos encaracolados cuspir sangue sobre as teclas brancas, enquanto George Sand passeava uma magreza igual à de suas piteiras pelos cenários dignos dos Borgia e das *Folies Bergères* reunidos. Concluiu que Chopin era um músico capaz de comover, talvez mesmo de fornecer um apoio musical para as suas próximas obras-primas, dele, Simon; mas sua cultura musical parava ali. E eis que, com Debussy, agora que estava rico, um mundo novo se abria a Simon. Sentia de repente grande apetite e grande humildade em relação a essas grandes estepes da arte, esses monumentos vivos, esses tesouros fabulosos que ele não tivera tempo nem a ocasião de descobrir. Sentia uma grande fome de literatura, pintura, música. Tudo enfim lhe parecia desejável ao infinito, pois Simon só se subordinava aos seus desejos na medida em que pudesse concretizá-los. Desejava "poder" possuir, era só isso. De fato, amanhã poderia comprar os melhores aparelhos

de alta-fidelidade japoneses, adquirir um ou talvez dois quadros impressionistas mais ou menos identificados e, por que não?, uma edição original de Fontenelle (que aliás não conhecia). Sendo-lhe agora acessíveis todas essas loucuras, teria o direito de se oferecer livros de luxo, minicassetes e visitas a museus. Como se, para penetrar nos domínios desconhecidos da Arte, houvesse uma porta de serviço e uma grande escadaria, a primeira só sendo suportável se deliberadamente preferida à segunda. Para Simon, o panteão dos mortos ilustres atingia afinal em prestígio a United Artists e seus esberras anônimos. Em todo caso, ficara comprovado que ele era sensível às coisas da Arte e foi com uma espécie de admiração pelas suas próprias lágrimas que voltou para Olga olhos úmidos; mas ela não parecia participar dessa admiração; parecia até, ao contrário, ter ficado irônica.

— Ora, Simon, não diga tolices — disse à meia voz.

Olga lançara um olhar furtivo a Eric Lethuillier sentado diante deles; e de esguelha, Simon vira o sorriso farto, indulgente de Eric.

— Não era o que se devia dizer? — perguntou ele muito alto.

Sentia-se ferido na sua boa fé, na boa vontade. Afinal, essa emoção que parecia achar ridícula, ela própria a reclamara ainda ontem, parecendo achá-lo incapaz.

— Mas não! — disse Olga — Chopin. . . Debussy! Meu pobre Simon! Mas ainda assim convém não confundir alhos com bugalhos.

— Chopin é o alho e Debussy o bugalho? Ou o contrário? — atalhou Simon. Depois da emoção artística sentia-se agora invadido pelo furor, e eram dois sentimentos violentos, bizarros, que lhe tinham sido estranhos até então. Olga espantou-se com aquela cólera súbita.

— Mas, enfim! — disse ela. — Não se trata disso. Digamos que ainda é um pouquinho cedo para você se lançar em comparações.

Ela hesitou, lançou um olhar furtivo para Lethuillier, que não se virara.

— Enfim, você temia há três meses que fosse tarde demais para mim! E, hoje, cedo demais. Você precisa afinar os seus pianos — disse brincando a contragosto, o que permitiu a Olga rir bem alto e fingir que ignorava a cólera dele.

— Então — continuou Simon. — Você vai me explicar?

— Mas afinal, Simon... — voltara à sua voz de falsete, exasperada — mas enfim, Simon, digamos que não é um assunto para você.

— Se não é um assunto para mim, também não é um cruzeiro para mim.

Olhou-a de frente, furioso, e ela lançava olhares desesperados para Lethuillier. Mas agora parecia que este senhor tinha a nuca fixada nos ombros e seus ouvidos instalados de um lado e de outro do crânio unicamente a título decorativo. Olga se afobou; Simon começava a se tornar grosseiro. De forma

inesperada, foi a mulher-palhaço que salvou a situação: virou-se sorrindo para Simon com uma gentileza tão evidente que ele se tranqüilizou de uma vez. Bruscamente, essa Clarisse Lethuillier era o calor, a própria desenvoltura, era principalmente, apesar de toda aquela pintura, inimitavelmente amigável.

— É engraçado o que o senhor está dizendo, senhor Bégard; foi exatamente a impressão que eu tive. Achei que Kreuze tocava Debussy de uma forma tão terna. . . tão triste.. . tão líquida como Chopin.. . mas não ousava dizer; estamos cercados de ouvintes tão conhecedores, aqui! Eu também não sou muito entendida.

— Ora, Clarisse, você conhece música muito bem — disse Eric virando-se — não se deprecie assim todo o tempo de forma sistemática, ninguém vai acreditar.

— Me depreciar? Mas como é que você quer que eu me depreciar, Eric? Para isso seria preciso que eu tivesse um valor qualquer, vejamos. Ora, eu ainda não dei provas de valor, não é? Nem na música tampouco.

A voz era insolente e alegre e Simon Bégard pôs-se a rir do mesmo riso, e tanto mais alegre que o belo Eric parecia furioso. Fitava Clarisse e seus olhos azuis tinham o azul clorado e frio da piscina de bordo.

— Aos meus olhos, sim — disse — você já deu as suas provas! Isso não lhe basta?

— Sim, mas se fosse o caso, preferiria que fosse aos seus ouvidos...

Clarisse ria com uma expressão que escapava subitamente das suas melancolias; provocava seu mestre e senhor:

— Teria gostado no entanto de tocar cravo para você, Eric... Haendel, todas as noites à beira do fogo enquanto você corrigiria as provas do jornal.

— Haendel, diante de um bom velho *armagnac*, suponho?

— E por que não? Assim como você prefere regar suas provas com xarope de cevada?

Simon fora esquecido na briga, mas continuava entusiasmado de a ter provocado. Levantou o punho direito de Clarisse e, tomando uma voz de baixo marselhês, declarou sorrindo:

— Clarisse Lethuillier, vencedora por nocaute técnico — mas o olhar de Eric com que o dele se cruzou estava vidrado de hostilidade.

Simon deixou cair a mão de Clarisse. Esboçou um gesto de desculpas, de pena, mas ela lhe sorriu sem a menor expressão de temor ou constrangimento.

— Se tomássemos alguma coisa no bar? — perguntou Simon. — Afinal, dois melômanos e dois incultos, o senhor poderia nos dar lições...

— Pessoalmente não dou lições a ninguém — disse Eric num tom que desmentia totalmente sua frase. — Além disso, acho que a Doriacci vai

começar a qualquer minuto.

Clarisse e Simon, que já se levantavam, sentaram-se docilmente. Porque de fato os quatro projetores se acendiam e logo se apagavam e tornavam a acender, etc. . . sinais de que o programa começava. Olga inclinou-se na sua cadeira e murmurou no ouvido de Eric: "Perdão. . . perdão por ele", com voz suplicante e um pouco teatral, que ela própria percebeu. Mas era porque ela estava realmente horrorizada! Como Simon podia oferecer álcool a essa Clarisse Lethuillier que ele sabia ser uma alcoólatra inveterada? invete. . . notória, ora! Como ousava ele falar naquele tom com aquele viking soberbo! Aquele homem de classe. E que renegava as castas! Porque afinal não era preciso ser hipersensível para percebê-lo: Eric Lethuillier era um homem ferido até o coração. . . não, até os ossos. . . não, não, até a alma, era isso! Não! O que ficava absurdo para ela era continuar. "Continuar perto de um sujeito que já não estimava: Já não assumia mais Béjard (versão Micheline), ou 'Não suportava mais Simon', (versão Fernando)."

— Em que está pensando? — dizia acremente o futuro excomungado.
— Você não está com boa cara, foi o jantar que não lhe caiu bem?

— Claro, claro. Tudo vai muito bem, eu lhe garanto — disse ela horrorizada.

Como era possível ser tão vulgar, tão trivial? Olga, que se preparava para explicar sua meditação por uma comparação poética e musical, parou de súbito: "Quase que me caem os braços", pensou ela. "Pronto, os braços, Micheline, me caíram e . . ." Mas a última vez que utilizara essa expressão, Simon se pusera de quatro fingindo procurar os braços dela no carpete, rindo às gargalhadas, porque era esse o gênero de coisas que o fazia rir. Havia uma raça de homens como ele a que essas coisas faziam rir, essas brincadeiras grossas. Havia mesmo muitos. Nesse navio, por exemplo, pelo menos três, Olga sabia, tinham vindo para rir e aplaudir a divisa orgulhosa (e falsa como ela ia lhe provar) de Simon Béjard a respeito do amor: "Divirto-me ou largo." Haveria Julien Peyrat, esse indivíduo sedutor e pouco sério, de qualquer forma evidentemente inatingível; havia também esse vaidoso do Charley, apesar dos seus costumes, que teria rido bem com os homens; e sem dúvida esse gigolô louro chamado Andréas.

Olga já detestava Andréas por uma excelente razão, que era sua juventude. Pensava ser a única pessoa na casa dos 20 anos nesse navio, pensava representar ela sozinha a juventude e seu ardor e encanto, e vem esse lourinho com seu ar ingênuo, parecendo tão jovem quanto ela e talvez mais ainda, se ela o comparasse com aquele... aquele cretino do Simon.

— Oh! esse garoto — dissera-lhe Simon — se lhe apertarmos o nariz ainda sai leite.

Simon pensou assim tranquilizá-la, mas a exasperara.

— Acho que não tenho esse aspecto, imagino.

— Ah! não. Pode ficar tranqüila, você nada tem a ver com esse moleque.

— Só a idade — retificou ela.

— Nem se pensa nisso — continuara o estúpido, o pulha, o desastrado Simon.

E naquela mesma noite, Olga puxou os cabelos para trás, num rabo-de-cavalo, para o jantar. Esses pensamentos sombrios foram interrompidos pela chegada da Diva. Dona Doriacci entrou em cena sob aplausos, e na mesma hora a arena desenhada no tombadilho pelos projetores, os espectadores, o navio inteiro tomara um ar teatral. Fosse onde fosse, aliás, sua expressão furiosa, as pinturas e os *strasses* criavam uma atmosfera dramática e deliciosa de se sentir. A Doriacci, por um desses caprichos habituais, desprezara programas e decidira cantar naquela noite uma das grandes árias do *Don Carlos*, de Verdi.

Instalou-se por trás do microfone pausadamente, no seu vestido negro e brilhante, fixou um ponto imaginário na direção de Portofino, por cima das cabeças dos espectadores, e se pôs a cantar com voz baixa e contínua.

Julien, diante dela, de início perplexo, constrangido pela proximidade física dessa voz, só tivera tempo de ser tranquilizado pela sua compostura quando de súbito susteve a respiração entre os dentes, crispando-se no assento. Do busto imponente e ajustado num corpete negro, jorrara da Doriacci uma voz inesperada, a voz brutal e desesperada de alguém no cúmulo da raiva e do medo. E a pele de Julien arrepiou-se contra sua vontade. Depois essa voz distendeu-se, alongou-se numa nota ficando rouca, demasiado rouca, voz de uma inocência lírica. Era um bramido amoroso que fazia agora sobressair as cordas do seu pescoço, rodeado contudo por um fio de pérolas ajuizadas, e Julien discerniu, sob esses traços regulares, sob essa inspiração controlada e esse penteado burguês, a expressão arrebatada e cega de uma sensualidade sem freio. Desejou bruscamente aquela mulher, um desejo perfeitamente físico, e virou a cabeça. Foi então que viu Andréas, e a expressão dele o informou sobre a sua própria e o apaziguou: de caçador o jovem Andréas tornara-se caça, o fervor já se misturava à cobiça, e Julien o lastimou.

De fato, Andréas esquecera seus planos ambiciosos e, de olhos fixos na Doriacci, repetia-se como um *leitmotiv* que precisava possuí-la a qualquer preço. Aquela mulher se tornara de modo brusco o romantismo, a loucura, o negro, o ouro, o raio e a paz, e de repente nada havia mais sobre a terra do que a ópera, suas pompas e obras e faustos que sempre lhe tinham parecido sem verdade e sem vida. Ouvindo a Doriacci cantar, Andréas se disse que

lhe arrancaria, um dia, esse grito de outra maneira, e que faria essa voz grave liberar uma nota grave jamais atingida. Chegou mesmo, na sua exaltação, a dizer que se fosse preciso trabalharia por ela e que se ela não o quisesse sustentar, ele a alimentaria: escreveria num jornal sob nome falso. Seria crítico musical, seria feroz, temido, detestado mesmo pela sua severidade, sua exigência, sua empáfia, sua juventude e sua beleza aparentemente inutilizadas e que dariam que falar. . . Sim, toda Paris falaria e se interrogaria em vão até o dia em que, de volta de uma *tourné*e, a Doriacci se apresentaria em Paris e ali, o artigo mais louco e mais apaixonado faria estourar a verdade em pleno dia. Logo no dia seguinte sairia dos braços de Doriacci com o olhar cansado, feliz e Paris compreenderia.

A Doriacci nem mesmo chegara a dramatizar uma saída, apesar da ovação de uma multidão delirante de entusiasmo. E verdadeiramente delirante, esta vez, mesmo admitindo-se que, para todos os passageiros, não ficar delirante de entusiasmo todas as noites significaria que tinham sido embrulhados, e embrulhados tanto por eles mesmos como pela Companhia Pottin Frères. Gritavam pois "Bis, Bis..." a Diva que sorria e se recusava com a cabeça, descendo do seu pedestal para o meio deles, pobres mortais. Era uma das suas manobras habituais que tinha o mérito de impedir outras chamadas. A Doria sabia por experiência que ninguém nesse público elegante e tão gracioso, por outro lado, ninguém teria a coragem e a ousadia de lhe gritar "bis" no rosto e a menos de um metro. Às vezes, lamentava não poder descer assim no Scala de Milão e passear no meio do público como Marlene Dietrich entre *os spahis* de Gary Cooper, mas isso não se fazia. Havia uma noção de solenidade indestrutível nesse personagem da Diva, sutileza que ela acreditou poder esquecer com 25 anos e que ela se felicitava aos 50 e poucos de ter aceito. No entanto, Deus sabia que ela não era hipócrita, mas as suas caçadas noturnas triviais teriam por vezes perdido o sabor se a cortina de ferro da celebridade não se tivesse abatido de cada vez nas abas do casaco do seu último amante, cravando-o no chão enquanto ela partia para outros lustros e outros amantes.

De fato, estava com fome, tinha vontade de comer pato com laranja e sobremesa gelada, tudo regado a Bouzy tinto e com gosto de fruta. Desejava também aquele jovem louro que a olhava sorrindo de longe, e que passava de um pé para o outro sem ousar atacá-la. A Doriacci preparava-se para pedir a ajuda da mulher-palhaço sentada perto dela. Abrira a boca para lhe falar quando Clarisse, num esforço supremo, conseguiu emitir um som. Tinha uma bela voz, e sem aquela quantidade de tinta agarrada ao rosto teria mesmo um bom aspecto. E depois, agora que ela lhe falava de música — assunto que a Doria Doriacci temia entre todos — à medida que lhe contava a felicidade que

sentira em ouvi-la, com uma voz um pouco quebrada, e o olhar ainda diluído por essa felicidade, à medida que lhe agradecia, a Diva compreendia que já não estava tão só no navio, já que alguém mais, aquela mulher ridícula, também tinha sentido a Grande Felicidade, o que a Doria Doriacci chamava de Grande Felicidade: a que sentia e que alguns privilegiados sentiam e que não era privilégio de casta ou educação, era o privilégio quase cromossômico que fazia com que se sentisse a Grande Felicidade diante da música, quando esta por acaso estava presente. Esse acaso gravava a música na memória, sob etiqueta, e na gaveta sempre meio vazia das Grandes Felicidades ou das Felicidades Perfeitas, lembranças cada vez mais vagas sobre o nascimento da felicidade, mas lembranças cada vez mais precisas também sobre a realidade!

Essa jovem compreendia a Música e era bom, mas o cordeiro louro um pouco mais adiante já tremia nas pernas à espera inconsciente do sacrifício. Um sacrifício que não tardaria, porque, agitando-se na porta do bar, seus cachos de cabelos muito ruivos e seus brincos ouro velho misturando-se uns aos outros, batendo no assoalho com os seus escarpins a golpes curtos e secos como costumam fazer, ao que parece, suas congêneres antes de ir à carga, a cabra do senhor Séguin, senhora Bautet-Lebrêche, aprontava-se para se aproximar dela. De fato Edma as tinha visto e foi a galope de caça que corria para a mesa delas. Clarisse, estupefata, viu com espanto a Doriacci, maciça, imponente e quadrada escamotear-se literalmente entre duas mesas que não teriam deixado passar uma sílfide, tendo pegado num gesto de batedor de carteiras a bolsa, a piteira, o batom, o isqueiro e o leque de cima da mesa, e já singrar para a porta do bar, tudo isso sem ter abandonado nem mesmo por um instante sua trágica altivez.

Clarisse não sabia, de fato, que a Doriacci, quando escolhia um homem, aprontava-se a imolá-lo no grande altar da sua cama de baldaquim, dando a toda a sua pessoa alguma coisa de fúnebre e pomposo, uma espécie de dor silenciosa e trágica que se atribuiria mais à Medéia do que à Viúva Alegre. Gelado, assustado, Andréas viu também com dilaceramento a sua bem-amada fugir majestosamente da pequena multidão, e já esperava vê-la desaparecer sem uma palavra e sem um olhar, nas profundezas e nos meandros dos corredores, quando, olhar fixo nela, viu-a virar ligeiramente a cabeça em sua direção. E, como um grande barco de três mastros arrastado pelo vento no seu curso, e incapaz agora de frear a sua marcha para poupar o pequeno veleiro que iria dançar nas suas ondas e sem dúvida afundar, e como esse navio orgulhoso mas deplorável, deixando atrás de si alguns barcos de salvamento para repescar suas vítimas, a Doriacci atraiu com os olhos para o seu flanco o olhar de Andréas: ao longo do flanco pendia sua mão de unhas recurvas pintadas de púrpura. Um dos seus dedos dobrados e

virados para a palma da mão indicou-lhe duas ou três vezes, de maneira mais trivial e mais eloqüente, que sua desgraça estava longe de ser completa.

Simon Béjard entrou primeiro na cabina, esquecendo as boas maneiras, ou as que ele tinha, observou Olga Lamouroux, vagamente inquieta. Sentou-se no beliche e começou a tirar os sapatos de verniz, novinhos em folha, ao mesmo tempo que a gravata, a mão esquerda puxando o laço borboleta, a mão direita os cordões, numa postura vagamente simiesca. Pés e pescoço igualmente vermelhos emergiram desses instrumentos de tortura, e foi só então que Simon olhou para ela. Um olhar tempestuoso. Olga deu alguns passos no quarto, ondeante, e alisando os cabelos com as duas mãos levantadas muito alto, os olhos fechados. "Alegoria do desejo", disse para consigo. Embora não estivesse certa se alegoria fosse a palavra certa. Deveria ter sido Simon a alegoria do desejo. Mas a sua expressão amuada e sua postura de equilibrista não o sugeriam. Olga virou-se um pouco mais para trás.

Naturalmente Olga vivia do seu talento e não do seu corpo, como lembrava sempre de bom grado, e como, aliás, estava quase persuadida. Isso não a impedia de recorrer aos encantos desse corpo quando os encantos do espírito revelavam-se funestos para sua carreira.

— Ora, Simon — disse ela gentil, afetuosamente até, com um risinho terno na voz do mais gracioso efeito, e que "parecia que esse bruto nem mesmo notava". — Ora, Simon, não fique zangado por causa da minha observação. Não é culpa sua se você não tem cultura musical. Não vai ficar a noite inteira emburrado com a sua ave-do-paraíso. . .

— Minha ave-do-paraíso. . . Minha ave-do-paraíso, seria melhor dizer minha pata azeda — resmungou Simon, um instante antes de olhar aquele corpo jovem, reto como uma espada, o jovem corpo da sua amante, e de admirar com uma espécie de dilaceramento estranho o longo pescoço liso,

coberto de uma imperceptível penugem loura.

E a onda de raiva de Simon transformou-se numa onda de ternura num segundo; uma ternura tão aguda, tão triste, que sentiu lágrimas nos olhos e atacou violentamente os laços dos cordões dos sapatos, de cabeça baixa.

— Você tem tantas outras culturas. . . Você me é tão superior, ora. A sétima arte, por exemplo...

Simon Béjard sentia-se mal. Estava de mal com ela por ter contrariado nele o homem novo, pronto a amar apaixonada, piedosa, gratuitamente todo esse universo que, sob o nome de Arte, lhe fora de início estranho, em seguida inacessível e por fim hostil, tanto era invocado à sua custa pelos críticos de filmes. Essa arte reservada a uma classe social que ele desprezava e ao mesmo tempo desejava conquistar; todos esses quadros, todos esses livros, todas essas músicas eram, antes de mais nada, ele sabia, papéis frágeis, ou telas frágeis, as explicações fraternais e as tentativas de explicação de uma existência absurda em que se tinham acorrentado e quebrado, na maioria das vezes, irmãos desconhecidos. E dos quais Simon se sentia ao mesmo tempo o herdeiro compreensivo e emocionado há uma hora. Só dependia dele agora ascender a esse mundo. Já não tinha necessidade da pedagogia condescendente de todas essas pessoas, nem de explicações confusas e aborrecidas de Olga. Alguma coisa como uma solidariedade secreta, mas segura, o ligava agora a Debussy como se tivessem feito juntos o serviço militar ou juntos conhecido seu primeiro desgosto amoroso. Nunca permitiria que alguém se interpusesse entre eles.

— A sétima arte, vamos falar dela. . . — disse ele, arrancado ao seu furor por essa nova certeza. — Ah! a sétima arte! Você sabe qual foi o filme que eu preferi em toda a minha juventude? E eu vi muitos, já que como lhe disse, eu acho, meu pai fazia projeções no Éden, em Bagnolet, durante toda a guerra e depois dela. O que eu preferi... você jamais adivinharia...

— Não — disse Olga sem entusiasmo. (Detestava que ele falasse da família dele com essa desenvoltura. Um pai que era operador de projetores de cinema, uma mãe costureirinha. Não havia de que se vangloriar. Nem de se esconder, naturalmente, naturalmente. . . Mas ela teria preferido que ele escondesse.)

Aliás, a própria Olga tivera o bom gosto, para não constranger ninguém, de transformar a mercearia da mãe numa usina de tecelagem e o pavilhão onde moravam numa quinta que, apesar do que ele dizia, impressionara Simon Béjard: ela se perguntava se não seria a grande burguesa que ele apreciava nela. Sem rir disso.

— Pois é, foi *Pontcarral* — disse Simon, sorrindo enfim. — Fiquei loucamente apaixonado pela lourinha, Suzy Carrier, que roubava Pierre-Richard Wilm a Annie Ducaux, irmã dela. Era a época em que virgencinhas

louras e castas ganhavam das *vamps* — falou a princípio distraído, para depois se interromper subitamente.

"Talvez fosse essa a razão de tudo", pensou ele. "Minha propensão a me envolver com as mocinhas em flor que me tratam friamente, e meu desprezo pelas mulheres da minha idade, com quem me sinto bem e que poderiam gostar de mim. Talvez isso venha de *Pontcarral*. Seria tolo demais. . . Uma vida inteira orientada pelo *Pontcarral*. . . Isso só acontece a mim!", raciocinou amargamente, ignorando a que ponto poucas pessoas têm orgulho dos seus gostos e como são poucos os que são realmente atraídos pelo seu ideal. Ignorando a que ponto esse divórcio entre a idéia de si mesmo e os prazeres de si mesmo faziam terríveis estragos havia séculos e, talvez também boa literatura.

— Mas. . . mas. . . mas eu ouvi falar de Pierre-Richard Wilm. . . — gaguejou Olga alegremente, como sempre que lembranças de Simon ou de um dos seus amantes coincidiam com algumas da sua própria infância. (Porque ela não fazia questão dos jovens da sua idade, perto dos quais a juventude dela não faria o mesmo sucesso.)

— Naturalmente, mamãe tinha loucura por ele, Pierre-Richard Wilm.

— Quando ela era uma menininha, então. . . — disse Simon levantando os ombros.

E Olga mordeu os lábios desta vez realmente. Tinha que prestar atenção. Ela conseguira subtrair Simon das suas férias de Saint-Tropez, onde teria que o disputar a dez *starlets*. Consequira levá-lo para aquele navio cheio de septuagenários; agora precisava prestar atenção, para na empolgação do seu próprio sucesso não exasperá-lo definitivamente. Simon tinha bom gênio, era pesado, às vezes ingênuo, mas era um homem, como ele se obstinava a provar todas as noites para grande aborrecimento de Olga. Porque, de tanto simular o prazer. Olga já não sabia se alguma vez o sentira de fato. Mas a sua frigidez só a inquietava em função desses jovens soberbos, ou conhecidos pelos seus dotes para as coisas do amor. Talvez fosse essa a razão pela qual havia dez anos ela só dormia com homens cuja falta de atrativos físicos, ou grande atração material, lhe permitissem acreditar na ausência dessa frigidez, na existência nela de uma grande amorosa, frustrada pelo destino. Afinal, para aquela noite, a sua entrega a que se constrangia parecia-lhe de antemão menos penosa que de hábito, já que, na medida em que reconciliaria definitivamente Simon com ela, perdia o lado inútil, gratuito, breve, que sempre detestara nessas ligações.

Mas por uma vez, essa entrega não resolvia o problema, pois Simon, sem dizer palavra, tendo se enfiado no *blue jeans* que o apertava demais e numa blusa de malha, saíra fechando a porta sem mesmo bater com ela.

Andréas ficara estupefato, a princípio, com a mímica inequívoca da Doriacci, quando ela deixara a sala, com indicador imperioso, e uma ligeira reprovação se misturara à sua alegria. Na realidade, desde o início do que ele chamava sua história de amor, Andréas sentia-se desassossegado. Sentia-se cada vez mais apaixonado pela Doriacci e culpado por isso: culpado de sentir um desejo que, de qualquer modo, estava *a priori* decidido a declarar e comprovar. Nas suas idéias imaginárias, ingênuas e cínicas as mais exageradas, Andréas se via em geral contando as bagagens no vestíbulo de um hotel de luxo, via-se pousando um *vison* sobre ombros cobertos de diamantes, via-se dançando foxes lentos na pista célebre de uma boate noturna com a sua benfeitora. Nunca se via nu na cama, junto a uma mulher nua e desgastada, nunca se via lançado em gestos de amor, apesar das suas experiências, recentes mas numerosas. Nesse ponto, seus sonhos eram tão castos como os que se atribuem às mocinhas do século XIX. E principalmente, em caso algum, não podia imaginar nem mesmo que o seu corpo se esquivasse: seu corpo, como a intendência, obedecia. Estava absolutamente certo, graças, a algumas proezas nesse estilo, realizadas a frio e contra todos os seus gostos sensuais. Convinha dizer que em Nevers, e durante o serviço militar, Andréas tivera que reprimir seus desejos eróticos mais do que estimulá-los.

Ficou portanto inquieto com a emoção que a Doriacci lhe inspirava. Ela suscitava nele dúvidas, problemas, indagações sobre a sua virilidade. Indagações que uma completa indiferença sentimental bizarramente nunca lhe tinha provocado. Mas, ali, de repente, achava a Doriacci soberba. . . Soberba de ombros, braços, voz, olhos. . . Naturalmente ela devia ter um bom peso, mas graças a Deus ela era bem menor de pé nessa cabina do que cantando no palco. Quanto aos olhos, esses olhos imensos e admiráveis, faziam-lhe recordar, de forma totalmente desconcertante, os da tia Jeanne (um pouco mais maquilados, naturalmente. . .). Afugentou essas recordações

perigosas, sabendo que, entregando-se a elas, encontrar-se-ia encolhido nesse ombro a pedir-lhe com voz mimada soldadinhos de chumbo, enquanto precisava de relógios, um carro esporte, um pequeno apartamento, gravatas. Não devia ser lamentado, nem acarinhado, mas desejado. Desejado até a morte por essa mulher sublime, sua primeira mulher célebre. . . Uma mulher que, além do mais, viajava sem cessar e o levaria nas suas bagagens. . . Uma mulher que era real, viva, embora usando de excessiva liberdade nas suas palavras, uma mulher admirada, em todo caso, que não provocaria nos *maîtres-d'hôtel* aquele olho vidrado e impassível que já tinha sofrido graças a algumas sexagenárias sem-vergonhas do Alto Loire. Neste caso não, ele seria invejado em vez de desprezado. E isso era importante para Andréas, que tinha grande preocupação com a respeitabilidade, herdada do pai, do avô e de todos os seus honestos ancestrais. Ah!, se ao menos as mulheres da sua infância, seu verdadeiro público, seu único público, o pudessem ver neste momento, no apogeu da sua carreira e das ambições delas...

Todas essas idéias zumbiam na cabeça de Andréas enquanto ele contemplava o imponente decote da Diva que, também, o examinava, mas muito mais profissionalmente. Tinha o olhar exercitado, cru, do negociante de cavalos, mas Andréas sabia que era impecável: seu peso, os dentes (fora o incisivo), a pele, os cabelos, tudo era impecável, ele se cuidava bem. E ela devia ter percebido também, pois o fizera entrar com uma reverência irônica na sua cabine, e fechara a porta atrás dele.

— Sente-se — disse — o que você gosta de beber?

— Uma Coca-Cola. Mas não se incomode, eu vou buscar. Você também tem um barzinho na cabina, não é?

Esse barzinho particular encantara Andréas, afinal pouco habituado a luxo; mas não parecia ter provocado o mesmo entusiasmo na Doriacci.

— No meu quarto! — disse ela, refestelando-se no canapé de falso acaju. — Eu prefiro um cálice de vodca, por favor.

Andréas voou para o quarto de dormir, lançou um olhar encantado à grande cama antes de se servir no barzinho: reinava grande desordem nessa cabina, mas uma desordem sedutora feita de roupas, jornais, leques, partituras e até mesmo livros, mais para literários, como lhe pareceu, e muito evidentemente lidos.

Trouxe um copo de vodca para a Doriacci e engoliu um grande gole de Coca-Cola. Batia-lhe o coração, morria de sede e de timidez. Não pensava de todo em desejo.

— Você não toma alguma coisa para se pôr em forma? Você pode fazer isso a frio, em jejum, assim?

A voz tinha qualquer coisa de sarcástico, embora fosse afetuosa, e Andréas corou diante desse "isso", tão despido de romantismo. Esquivou-se

precipitadamente:

— Como era bonito, o que você cantou! O que era?

— Uma das grandes árias do *Don Carlos*, de Verdi. Você gostou?

— Ah sim. . . Uma maravilha — disse Andréas com os olhos brilhantes — tinha-se a impressão de início que era uma moça jovem que cantava. E depois uma verdadeira mulher danadamente feroz. . . Afinal, não entendo nada de música, mas eu gosto disso, é uma loucura.. . Talvez você pudesse me ajudar a conhecê-la? Tenho medo que a minha falta de cultura a exaspere, à força de...

— Não nesse campo, pelo contrário — respondeu sorrindo — mas em outros sim! Não tenho gosto algum pelo ensino. Que idade você tem?

— Vinte e sete — disse Andréas, envelhecendo-se maquinalmente de três anos.

— É muito jovem. Você sabe que idade eu tenho? Um pouco mais do dobro...

— Não! — disse Andréas estupefato — diria... pensaria que...

Ele estava sentado na borda da cadeira no seu *smoking* novo e rutilante, com os cabelos louros como milho eriçados; ela passeava em torno dele com expressão divertida, mas atenta.

— Você não tem outras atividades na vida, além de ser melômano?

— Não. E ainda melômano é um pouco demais — acrescentou ingenuamente.

Ela deu uma gargalhada.

— Não está na publicidade ou na imprensa? Não tem cobertura nenhuma em parte alguma? Em Paris ou em outro lugar?

— Eu sou de Nevers — disse ele miseravelmente. — Não existe jornal em Nevers, nem publicidade. Não existe nada em Nevers, você sabe.

— E o que você preferia em Nevers — perguntou, ela abruptamente — os homens ou as mulheres?

— Mas as mulheres — respondeu Andréas com naturalidade.

Ele não imaginava nem por um instante que essa preferência confessada pudesse confessar também referências.

— Todos dizem a mesma coisa — resmungou a Doriacci para ela mesma, misteriosamente irritada.

Dirigiu-se para o quarto com o mesmo gesto demasiado convidativo que já envergonhara Andréas. Jogou longe os escarpins, e esticou-se completamente vestida com os braços por trás da cabeça, olhando para ele ironicamente; e olhando-o de cima, embora ele estivesse de pé e medisse um metro e oitenta...

— Mas, sente-se. Aqui. . .

Andréas sentou-se perto dela e a Diva dobrou o indicador mais uma vez, mais lentamente porém, na sua direção, e Andréas se inclinou, beijou-a, e espantou-se com a boca fresca que cheirava muito mais a hortelã do que a vodca. Ela se deixava beijar, passiva, inerte na aparência, e por isso ele ficou duplamente surpreso quando ela avançou uma mão precisa e rápida para ele, pondo-se a rir.

— Fanfarrão — disse.

Andréas estava aturdido, mais de surpresa do que de vergonha; e ela devia ter percebido, porque deixou de rir e olhou-o com seriedade.

— Isso nunca lhe aconteceu?

— Não. . . E além disso você me agrada! — disse com um furor quase cândido.

Ela começou a rir e passou um braço em volta do pescoço dele puxando-o contra si. Andréas deixou-se levar, aninhou a cabeça no ombro perfumado e afogou-se logo em bem-estar. Uma mão hábil, divinamente inspirada, desabotoou o colarinho da camisa permitindo-lhe respirar melhor, e se pousou na sua nuca. Ele por sua vez estendeu uma mão que queria ser perita, mas tremia, para aquele corpo confortável e quente contra o seu, procurou um seio, uma coxa, uma zona dita erógena, mas às apalpadelas, como num exercício mnemônico, e um tapa severo o interrompeu; ao mesmo tempo em que um rugido se levantava no peito sob seu ouvido:

— *Sta tranquillo* — disse ela severamente.

Mas inútil, porque, por si próprio, o corpo de Andréas continuava mergulhado numa letargia beatífica e mesmo desonrosa, mas que lhe parecia mais beatífica que desonrosa. "Ele estava perdido, liquidado, rejeitado. . .", tentava se dizer, "a grande chance da sua vida, a vida dourada do belo gigolô Andréas estava começando a desaparecer". Mas o pequeno Andréas de Nevers estava tão satisfeito e tão quentinho que renunciou a qualquer futuro sonhado, à glória, ao dandismo e ao luxo, a tudo, por esse quarto de hora de carinho, por causa daquela mão pacífica sobre seus cabelos, por esse sono inocente que no entanto o deixava vencido, às portas do sucesso, sobre esse ombro de uma compreensão demasiado provisória.

Andréas Fayard, de Nevers, amoroso e impotente, desonrado e encantado, adormeceu imediatamente.

Quanto a Doriacci, permaneceu por um momento no escuro, com os olhos abertos, fumando o seu cigarro a rápidas baforadas, as sobrancelhas franzidas, com um leve balançar do pé direito, que acabou desaparecendo ao mesmo tempo que o franzido das sobrancelhas. Ela estava só, como de hábito. Só no palco, só no seu camarim, só nos aviões e só mais

freqüentemente com esses gigolôs na mesma cama, sempre só na vida se é que se pode dizer estar só quando se leva atrás de si a música ou a música ama a gente. Que sorte tinha tido! Que sorte, tinha de ainda possuir essa coisa: essa voz de potência infernal, essa voz que ela treinava para lhe obedecer como se treina um cão malvado, voz que tinha libertado com grande esforço, com ajuda de Yousepov, o barítono russo Yousepov, que como ela no início tinha tido medo dessa voz animal, e que por vezes à noite, depois dos seus exercícios, contemplava-lhe a garganta com temor admirativo, quase cômico, aliás, mas que a fazia corar como se ela estivesse grávida, habitada abaixo do tórax pelo feto já intocável de um moleque ou de um criminoso.. . Graças a quem ela começara a trabalhar para seu sucesso, graças a quem ela trabalhara até ele chegar. Um êxito que cheirava a *patchuli*, a casacos de peles, uma chegada nessa carreira onde não tinha nem o tempo de amar, nem o tempo para escutar música e da qual ela mal teria um dia o tempo de sair, moribunda, e, sabendo-o, para um bastidor provavelmente sujo.

— Parece que os americanos fazem agora um conhaque melhor do que o nosso — dizia Simon Béjard com um ar de dúvida, que lhe permitiu apanhar a garrafa com expressão severa, como se sua única preocupação fosse a de verificar esses boatos.

Engoliu um bom gole e ficou ainda mais firme quanto à superioridade francesa em matéria de bebidas alcoólicas.

— Sim... Ficaria surpreso. Sinceramente, você não bebe, Peyrat?

"Ele vai ficar logo bêbado como um polonês", pensou Julien, aborrecido. Fazia uma hora que jogavam cartas, e Julien detestava depenar bêbados. Essa condição tirava toda a graça das coisas. Esse Béjard lhe era simpático, nem que fosse apenas por causa da bestinha resmungadora ("aliás com seios muito bonitos", observava Julien conscientemente) que o acompanhava. Esse jogo que jogavam era divertimento de mulherzinhas, e além do mais era comprido. . . Em duas horas ele só conseguira tomar 15.000 francos desse infeliz. Julien tinha dado um jeito para que fosse Simon quem quisesse jogar, ele próprio se esquivara a meio, diante de testemunhas, para maior segurança. Não ia, por miséras partidas de cartas, demolir seu projeto Marquet, muito mais importante para seus recursos. Mas Simon agarrava-se a ele e a esse projeto de uma partidinha entre homens. Só estavam eles no tombadilho de luxo; e mais o infatigável Charley, que perambulava pelo tombadilho de popa com um grande pulôver branco jogado sobre os ombros, com um ar mais pederasta que um *setter* inglês.

— Você tem uma sorte — comentava Simon, deixando-se vencer pela segunda vez. — Se não estivesse tão longe da Austrália, eu diria que suspeitava da sua mulher ou da sua amiguinha. Mas não seria chique, você não poderia verificar... Aliás esse provérbio é idiota, você não acha, Peyrat? Infeliz no jogo, feliz no amor. Eu tenho cara de feliz, por exemplo?. . . Você acha que tenho cara de sujeito feliz no amor? Eu, sem brincadeira?.. ..

"Essa não! Ele era dos beberões lamentativos", pensou Julien com aflição. Detestava instintivamente os relatos de homens para homens, fossem eles crus ou sentimentais. Julien pensou na palavra e termos sentimentais reservados às mulheres nas histórias de amor e de sexo, e disse tudo calmamente a Simon Béjard, que não ficou zangado, mas pelo contrário opinou com entusiasmo.

— Você tem toda razão, meu velho. Aliás, mesmo as mulheres, eu acho que existem momentos em que deviam calar a boca. . . Por exemplo, não quero ser indiscreto, mas uma vez que é ela que está aqui. . . Eu falo dela — desculpou-se junto a Julien, estupefato com aquela nova regra de discrição instaurada por Simon Béjard. — Então, por exemplo, Olga, moça sadia, boa família burguesa, bem-educada e tudo isso. . . de modo algum uma vagabunda, mas de modo algum mesmo. Pois é, na cama ela fala. . . ela fala como um papagaio. Isso me mata, a você não?

Julien estava contraído, enojado como um gato, dividido entre o riso e o escândalo.

— Evidentemente — resmungou ele — isso pode ser uma desvantagem...

Ficara vermelho, sentia isso e se julgava ridículo.

— Aliás, para uma mulher fazer um discurso, parece puta de província, profissionalmente — insistia Béjard. — As mulheres distintas e as grandes putas fecham a boca, ao que parece. Eu sempre caí em tagarelas, eu... eu. . . papagaios, papagaios e patas. Ah! não é divertido ser produtor, meu velho! Essas fêmeas que correm atrás de você...

— É curioso — comentou Julien como se fosse para ele próprio — esse navio chique, em que todas as mulheres são tratadas como fêmeas.

— Você fica intrigado com isso, senhor Peyrat?

Alguma coisa na voz de Simon Béjard despertou a atenção embotada de Julien. O outro olhava-o sorrindo e seus olhos azuis já não eram tolos como ainda agora.

— Você é avaliador público onde mesmo.. . em Sydney?. . .

"Essa não." Eles se conheciam. . . Julien pensara reconhecer Simon por ocasião da sua chegada triunfal, depois o esquecera. Mas o outro o conhecia e, pior ainda, o reconhecia.

— Você está-se perguntando, hem?... — Simon Béjard exultava. — Você está-se perguntando, onde, quando? Infelizmente tenho memória demais para você. Você nunca vai descobrir, eu penso. Em todo caso não foi em Sydney, posso-lhe afirmar...

Deixou o seu ar de esportista e, inclinando-se através da mesa, deu um tapa no braço de Julien imóvel.

— Sossegue, meu velho, sou um sujeito discreto.

— Para me tranquilizar completamente, você deveria esclarecer a minha memória — disse Julien entre dentes.

"Vou ter que descer antes de mais nada na próxima escala só por causa deste cretino. . . E já não tenho um tostão no banco. . . Adeus Marquet, adeus corridas em Longchamp, adeus o prêmio do Arco de Triunfo e o cheiro de Paris no outono. . ."

— Você estava num navio menor do que este, na Flórida. E o navio era de um cara da Metro Goldwyn, que o tinha convidado para que lhe fizesse um seguro de vida. . . Você trabalhava para Herpert & Crook. . . Então se lembra? — perguntou, vendo o rosto de Julien se iluminar de repente, desabrochar mesmo, enquanto que Simon teria acreditado que ele ficaria humilhado com essa recordação não muito prestigiosa.

— Ah, sim. . . um período penoso — disse Julien embaralhando as cartas com mão enérgica. — Você me meteu medo, meu velho.

— Por que medo?

Simon Béjard tinha cartas horríveis, mas nem se importava, esse novo companheiro era-lhe tremendamente simpático. Não era pretensioso nem esnobe como o resto desses rústicos, pondo de lado a Doriacci.

— Medo de quê? — repetiu maquinalmente.

— Também fui lavador de pratos — disse Julien rindo. — E engraxate de sapatos na Broadway. . . Menos brilhante, não acha?

— Farsante, vamos...

Ele começou a perder com aplicação. Tinham-lhe dito alguma coisa a respeito desse belo corretor de seguros, mas não se lembrava o quê. Em todo caso era um cara a ser cultivado, um sujeito sem pretensão, mas não sem envergadura.

— Você sabe por que você me agrada, Peyrat. Vou-lhe dizer.

— Ora, diga — respondeu Julien. — A propósito, eu bati.

— Azar — disse Simon, batendo 50 pontos. — Então, vou-lhe dizer por que: há duas horas que jogamos e você ainda não me propôs uma história, nem um assunto, nem mesmo um livro que poderia fazer um filme extraordinário. . . Entretanto isso não pára nunca. Desde que estou com a grana, e isso é público, as pessoas não param de inventar histórias para que eu as filme, a vida deles, das suas amantes, todos! Têm idéias, idéias geniais que ninguém teve antes e que fariam um filme fabuloso; vou-lhe dizer, Peyrat, fora o fisco e os mordedores, é o que há de pior na minha profissão, quando há sucesso, quero dizer. Todo mundo joga as suas idéias em cima de você como se joga um osso a um cão. Só que, no caso do cão, eles não esperam sua volta com um lingote de ouro nas mandíbulas. . . Mas eu, sim.

— É o preço do sucesso — respondeu Julien tranqüilamente. — Os grandes cenários e as amiguinhas intelectuais fazem parte do *status*, não é verdade?

— Exatamente. . . — Simon tinha os olhos injetados e sonhadores. Quando penso que sonhei com isso, que toda a minha vida sonhei com isso — com uma mão vaga designava o navio e o mar brilhante e negro em torno — e aqui estou eu. . . Tive o Grande Prêmio de Cannes, sou o produtor mais em vista da França, estou num navio com gente chique e tenho uma amiguinha bem-apanhada, que além do mais tem bons miolos na cabeça. Tenho zeros no meu talão de cheques e me chamo Simon Béjard, produtor. Devia estar contente, não acha, com tudo isso, já que era o que eu queria?

Tomara uma voz patética irritante para Julien, que levantou os olhos:

— E então, você não está feliz?

— É, não está mal, finalmente — disse Simon Béjard após um instante de silêncio em que pareceu se auscultar. — É, sou até. . . bastante feliz.

Estava com um ar tão intrigado que Julien caiu na gargalhada e interrompeu a partida. No dia seguinte, ainda deixaria Simon Béjard perder. Mas esta noite, achava-o um pouco simpático demais para continuar.

Clarisse encontrava-se na banheira entregue a duas volúpias, a da água quente e a da solidão. Sonhava. . . sonhava que estava só numa ilha, que um cão e uma palmeira a esperavam lá fora para brincar com ela e nada mais. Chamaram-na. Ela se enrijeceu, os olhos na direção daquela voz, trazida à triste realidade. Eric Lethuillier esperava que acabasse com o banho para poder escovar os dentes por sua vez. Clarisse lançou um olhar ao relógio: oito minutos. . . Havia oito minutos que ela estava ali, oito infelizes minutos. . . Levantou-se e enfiou o roupão acolchoado, apesar da sigla ridícula do *Narcissus*, que parecia a sigla napoleônica, e escovou os dentes depressa. Não tinha tirado a maquilagem antes de entrar no banho e o vapor da água quente diluíra-lhe a pintura, traçara rios sobre o seu rosto, tornara-a "ainda mais grotesca que de hábito", pensou com aquele deleite amargo que sentia cada vez mais amiúde ao se ver nos olhos dos outros, como no seu espelho.

— Clarisse. . . eu sei, você ainda não acabou, mas estou cansado, minha querida. . . São as minhas primeiras férias nos últimos dois anos, queria tomar um banho e dormir, se não fosse lhe pedir muito.

— Já vou — respondeu ela.

E sem tocar naquela maquilagem desastrada saiu do banheiro para encontrar Eric na mesma posição em que o deixara: com as duas mãos apoiadas nos braços da poltrona, a sua bela cabeça jogada para trás, os olhos fechados e arvorando uma expressão de cansaço e de tolerância absolutas.

— Eric, eu lhe pedi para tomar banho antes de mim. Por que você não quis?

— Uma questão de cortesia, minha querida. As regras elementares da polidez. . .

— Mas, Eric — interrompeu bruscamente — as regras de polidez não o obrigam a transformar o meu banho da noite numa corrida de pegar. Adoro ficar deitada numa banheira, é o maior luxo da vida; parece-me, cada vez. . .

— Desde que você esteja deitada, estará contente de qualquer modo. Fico me perguntando se esta viagem lhe dá realmente prazer: se não me esforcei para fazer este cruzeiro com alguém que não se diverte com isso. . . Você tem um ar tão triste. Parece estar-se aborrecendo. . . Todo mundo vê isso; e aliás todo mundo fica constrangido. Afinal, não gosta mais do mar? Nem da música? Pensava que a música, em todo caso, era o que lhe restava, era a sua grande paixão. . . a última que lhe resta, mesmo.

— Mas, certamente, está com a razão — falou Clarisse com voz apagada. — Não seja tão impaciente.

E sentando-se na cama, puxou as pernas para junto de si para que Eric não tropeçasse nelas no seu passeio de um lado para outro, enquanto se despiu. Ficava à direita, à esquerda, atrás dela, estava em toda a parte. . . Em toda a parte sentia-se à mercê daquele olhar depreciativo e malévolo. Além disso, lhe dava vertigem.

— Eric — disse — eu lhe peço, pare de andar. Diga-me, Eric, por que você está sempre contra mim?

— Contra você? Eu? Você é inacreditável!

Caía na gargalhada. Ria, estava encantado: recomeçara o assunto amargo das suas relações afetivas, um assunto que adorava que Clarisse trouxesse à baila, pois era o ponto em que ele podia lhe dar maior número de golpes, finalmente. Assunto de que ela fugia sistematicamente, e só abordava quando à beira do pânico, privada de amigos, de possibilidade de retirada, de espaço vital. Clarisse não resistiria jamais aos dez dias com esse estranho hostil... Era preciso que promettesse poupá-la durante esse cruzeiro, que pelo menos não lhe demonstrasse abertamente esse desprezo incessante, esse desprezo tão sincero que ela acabara por compartilhá-lo.

— Contra você? Eu? . . . É o cúmulo! Ofereço-lhe este cruzeiro delicioso, porque sou eu, Eric seu marido, e não a família Baron, advirto-a, que financia esta expedição. Levo-a num navio para escutar seus dois intérpretes preferidos, não é? Se tenho boa memória. . . Dou um jeito até para poder acompanhá-la, para evitar que fique demasiado só, ou de fazer tolices, e para compartilhar com você de alguma coisa afinal, alguma coisa além do dinheiro e dos objetos que ele pode comprar. E você me considera malévolo?

Ela ouvia-o com uma espécie de fascinação. Estavam sós, entretanto. Estavam sós, não havia ninguém a quem demonstrar mais uma vez seu comportamento perfeito e a ingratidão dela. Mas Eric não vivia mais um só momento da sua vida sem público e comentários: representava perpetuamente. Muito breve seria incapaz de um "passe-me o pão" sem lhe perguntar o preço da bisnaga. . . Por que seria ele incapaz de lhe dizer enfim o que tinha a dizer? Que a detestava? E se ele a detestava por que viera no

último momento se reunir a ela? Seria a simples certeza de que a companhia dele estragar-lhe-ia a viagem, isso ele sentia, seria que esse triste estado de fato teria sido bastante para decidi-lo? Fazê-lo abandonar o jornal, os colaboradores, seus companheiros de política, sua corte, esse areópago beato que ele praticamente não podia mais dispensar há alguns anos?

— Por que você veio, Eric? Diga-me.

— Eu vim porque adoro a música. Você não tem a exclusividade desses prazeres. . . Beethoven, Mozart são músicos populares. A minha própria mãe, na sua incultura total, adorava escutar Mozart e distinguia-o de Beethoven melhor do que eu.

— Gostaria muito de ter conhecido sua mãe — falou Clarisse debilmente. — Será um dos meus remorsos. Você me dirá que me bastará juntá-lo aos outros para que ele se afogue na multidão!

— Mas não precisa ter remorsos! . .

Vestido só de cueca, Eric deambulava pelo quarto pegando os cigarros, o isqueiro, o jornal, preparando-se para a deliciosa meia hora na água quente, aquela água quente da qual ele a tirara sob pretexto de cortesia. . .! Não havia razão alguma para que ele desfrutasse dessa felicidade mais tempo do que ela. A essa idéia, uma cólera, um incêndio de raiva correu-lhe nas veias e ela entregou-se à fúria com uma complacência e um medo igualmente fortes. Era agora a menininha de dez anos, a queridinha da professora, a escolar, a criança mimada dentro dela que se opunha a Eric. Era ela que reclamava o banho, o lanche e o conforto com bastante acrimônia para resistir ao fatalismo e à submissão resignada de Clarisse adulta. E que resistia a isso com energia e má-fê, as únicas defesas que a lealdade insuspeitável, o espírito da justiça e o sentido de decência demonstrados de manhã à noite por Eric não podiam vencer, nem persuadir e muito menos culpabilizar. Já não se tratava da mulher apaixonada que se debatia num amor cruel, já não era a mocinha que recusava as lições do seu Pigmalião, que se tornara sádico e sem piedade, era uma garota suja, egoísta e voluntariosa, que ela nem se lembrava de ter sido, e que se rebelava.

— Não precisa ter remorsos — ralhava Eric. — Seria antes eu. Fui bastante tolo para acreditar que se podia mudar de classe, que se podia, por amor, renunciar a certos privilégios e escolher outros mais preciosos aos meus olhos. Eu me enganei. Você não tem culpa nenhuma.

— Mas em que se enganou? Porque eu o decepcionei, Eric. Seja claro nesse ponto.

— Claro? A auto-suficiência, a covardia, a brutalidade dos grandes burgueses franceses que você herdou dos seus avós, não são conscientes em você, são instintivos. Por exemplo, você me pede para trazer minha mãe para sua família. Ora, eu já lhe disse: minha mãe foi empregada doméstica,

faxineira, se prefere, toda a minha adolescência, para me dar de comer e a ela própria. E você quer que eu a traga a sua casa onde qualquer dos seus quadros teria dado para nos fazer viver cem anos? . . . A minha mãe é a única mulher que eu estimo profundamente. Não quero humilhá-la com os seus faustos.

— A propósito, Eric, por que você diz sempre que sua mãe foi doméstica em Bordéus? Ela trabalhava nos Correios, Telégrafos e Telefones, segundo me disseram.

Clarisse fizera a pergunta ingenuamente, mas Eric botou a carapuça, empalideceu e virou para ela um rosto convulsionado pelo furor. "Ele podia até ficar feio, por momentos", pensou ela, "e até podia achá-lo feio". O que era um progresso imenso, de certo modo.

— Ah, sim? E posso perguntar-lhe quem lhe disse isso? O seu tio. Alguém de sua família que achou que era mais chique assim do que ser faxineira? Alguém que conhece melhor minha vida e a minha infância do que eu próprio? É espantoso, verdadeiramente, Clarisse.

— Mas foi o seu redator-chefe, ele próprio. Foi Pradine que disse isso outro dia, à mesa. Não ouviu? Eu mandei-o a Liburne entregar o presente de Natal a sua mãe, já que você não queria convidá-la. Ele passou por lá e encontrou-a no Correio de Meyllat, um nome assim, onde ela, aliás, parecia dirigir tudo com mão de mestre. Achou-a mesmo encantadora.

— É uma calúnia — disse Eric batendo com o punho na mesa para estupefação de Clarisse. — Vou despedi-lo. Não suporto que tentem rebaixar a minha mãe.

— Mas não vejo em quê. . . por acaso é infamante trabalhar nos correios, mesmo se fôsse mais honroso trabalhar como doméstica. . . ? Tem horas que eu não o compreendo de modo algum.

Ela procurava-lhe os olhos, mas Eric fugia do seu olhar, pela primeira vez em muito tempo. Em geral era ele quem fixava os olhos duros nela, examinava-lhe o rosto atentamente, parecendo perceber nele traços de corrupção ou tolice em número bastante impressionante para que ela se virasse muito depressa, humilhada, antes mesmo que Eric tivesse aberto a boca. Uma veia salientava-se na têmpora direita, pondo em destaque uma pinta marrom plana, única falha no plano estético de Eric Lethuillier. Ele já se controlara.

— Não vou tentar mais uma vez inculcar-lhe meu senso de valores, Clarisse. Saiba pelo menos que é o oposto do seu. E não se ocupe mais com a minha família, por favor, do mesmo modo que não me ocupo com a sua.

— Eric — de repente Clarisse sentia-se farta, esgotada, e no fundo de uma tristeza mortal no seu leito estreito, coberta com os lençóis. — Eric, você passa uma parte de sua vida com meus tios. . . e quando não é com eles, com os homens de negócio deles. E você é tão perfeitamente polido com

eles, tão agradável, ao que parece, tão fácil mesmo.

— Fácil? Eu? Seria realmente o último adjetivo que eu me atribuiria! Que aliás alguém me atribuiria em Paris ou em outro lugar.

— Oh! Estou certa — continuou Clarisse, fechando os olhos — conheço bem sua intransigência, Eric, e sei também que foi para me dar prazer que pagou esse cruzeiro e que me faz companhia. Eu sei tudo isso. . . Você tem sempre razão, e estou sendo sincera. Há momentos em que me é absolutamente indiferente estar errada, é só isso.

— Esse é o privilégio da fortuna, minha querida Clarisse. Rico pode-se permitir estar errado e até mesmo confessá-lo. Como pude acreditar que você escaparia a todos esses privilégios?

— Como você pôde crer que eu mudaria de classe? É isso? Ignorava então "que não se muda de classe".

Ela imitava-o. Imitava-lhe a voz, e quase ria:

— E então, você mesmo, Eric, como é que fez para mudar de classe?

Ele bateu com a porta atrás de si.

Tinha uma resposta como um açoite para lhe dar ao sair do banheiro meia hora mais tarde, mas Clarisse dormia, o rosto limpo de toda aquela pintura, entregue, virada para a direita na direção da porta, com ar infantil, subitamente, e pacificado. Quase sorria, dormindo. Havia nela alguma coisa que ele não conseguia destruir. Por vezes, como agora, pressentia que jamais conseguiria destruir alguma coisa nela, que tentava desesperadamente ligar à sua fortuna mas que, sabia muito bem, nada tinha a ver com isso, alguma coisa que se parecia estranhamente com a virtude. . . Ela se defendia com isso. . . lutava. E, no entanto, não tinha retaguarda, nada tinha. Ele a destituíra de tudo, dos amigos, dos amantes, da família, da infância e do passado. Destituíra-a de tudo, até mesmo dela própria. E contudo, de tempos em tempos, ela sorria misteriosamente, como se fosse a primeira vez, a um desconhecido invisível para Eric.

O sol estava cinzento nesse terceiro dia do cruzeiro, velado pelas nuvens, de um branco ferroso e abafante. Tendo Julien decidido na véspera, em Porto Vecchio, num grande impulso esportivo, atravessar a nado a piscina, encontrava-se às duas horas, só, de calção de banho, esbranquiçado e friorento. E mais deprimido ainda por se sentir inspecionado, e sem dúvida ridicularizado, pelo grupo dos Bautet-Lebrêche & Companhia, vestidos e instalados nas espreguiçadeiras acima dele, no bar da piscina. Estava perplexo: entrar na água pelo lado raso era impossível ao seu orgulho, e entrar pelo lado fundo igualmente impossível por se sentir enregelado. Ficou então sentado na borda com os pés e a barriga das pernas mergulhados nessa bela água clorada e azul, perdido na contemplação dos próprios pés. Pareciam-lhe desconhecidos e lamentáveis, como acrescentados aos tornozelos, na sua posição pendente e ajudada pela refração da água. Para se tranquilizar, Julien tentou agitar os dedos um depois do outro, e teve que admitir que não conseguia: o dedo mínimo permanecia imóvel apesar das mudas exortações, enquanto o dedo grande movia-se no seu lugar e mesmo gingava (como se Julien pudesse se iludir com essa manobra diversionista); lutou por um momento contra essa anarquia e resignou-se; afinal era normal que esses infelizes dedos dos pés, todo o inverno fechados nos calçados, todo o inverno imobilizados nas meias, esses dedos dos pés que ele nunca olhava, que só tirava das suas jaulas para lançá-los na escuridão dos lençóis, que só tomava em consideração quando os comparava com os de uma nova conquista, e, sempre, mais ou menos em seu detrimento, era normal que esses escravos, de tanto viverem em grupo sob o nome único de pé, uma vez estendidos ao sol se tornassem incapazes de qualquer iniciativa individual. Não era uma meditação muito, brilhante, dizia a si mesmo Julien, mas estava amplamente à altura da conversa que se desenvolvia acima da cabeça dele e que era contudo animada.

A senhora Bautet-Lebrêche, vestida na moda das moças dos anos 30, e mais ruiva ao sol do que sob a luz elétrica, conduzia o debate com sua vivacidade costumeira. Eric Lethuillier, muito elegante numa blusa de *cashmere* e uma calça bege, Olga Lamouroux, exibindo sob sedas indianas um bronzamento sedutor, e Simon Béjard, tentando em vão amenizar com um pulôver carmesim o vermelho dos cabelos e do nariz, estavam defronte dele. A chegada do pianista e maestro Hans-Helmut Kreuze num *blazer* branco esporte com botões dourados, o boné na cabeça e uma espécie de *boxer* horrível pela correia, acabava de completar o elegante ecletismo daquela assembléia.

— Acho-o horivelmente pessimista — estava dizendo Edma, com expressão magoada a Eric Lethuillier. Este acabara de descrever o êxodo dos vietnamitas e o massacre dos refugiados em termos especialmente atrozes.

— Infelizmente ele tem razão! — disse Olga Lamouroux, sacudindo tristemente os cabelos ao sol. — Chego a temer que esteja alguém da verdade.

— Ora, ora — resmungou Simon Béjard que, com a ajuda de dois martinis secos sentia-se antes levado para o otimismo. — Ora, tudo se passa longe: nós estamos na França. E na França, quando os negócios andam, tudo anda — concluiu, bonachão.

Mas foi um silêncio desaprovador o que se seguiu a essa informação, conquanto tranqüilizante, e Olga deixou vogar para o lado do horizonte um olhar desolado. Não lançara a Eric Lethuillier, como ardorosamente desejaria, aquele sorriso aterrado ou aquele piscar de olhos imperceptível, que lhe teria feito compreender sua indignação; pelo contrário, fugira ao olhar dele: o papel da mulher leal e estóica devia parecer mais adequado a Eric do que o da renegada. Aliás, não valia a pena, com Eric seguindo sem esforço a evolução dos seus pensamentos. "Essa cretinazinha está querendo realmente que me ocupe dela", pensou, olhando fumegarem na direção do leste os destroços de Indochina, como ele a descrevera.

— Eu ainda não vi a Doriacci ao sol — disse Edma, que classificava há muito tempo as diversas atrocidades perpetradas neste vale de lágrimas sob a etiqueta "assuntos políticos". Os assuntos políticos a aborreciam até a morte. — Confesso que isso me intriga! Quando se viu a Doriacci em Verdi, na *Tosca* ou mesmo como ontem em *Electra*, só se pode imaginá-la lívida e flamejante no escuro como uma tocha, as jóias, os gritos, os clamores, etc. Em nenhum momento se pode imaginá-la numa cadeira de tombadilho em roupão de banho, bronzando-se ao sol.

— A Doriacci tem uma pele muito bonita — disse distraidamente Hans-Helmut Kreuze.

Mas logo, sentindo-se trespassado por alguns olhares irônicos, corou num balbúcio:

— Enfim, uma pele muito jovem para a idade que, como se sabe, ela tem.
Edma reagiu imediatamente:

— Então, veja bem, caro mestre, eu Creio, estou mesmo certa, sim, certa — acrescentou ela não sem uma surpresa visível por se sentir certa de alguma coisa — que quando se ama apaixonadamente sua arte, por exemplo, quando se tem a chance de exercer uma arte, quando se ama alguém de bem, ou mesmo quando se ama muito simplesmente a vida com "V" maiúsculo, não se pode envelhecer: nunca se envelhece, a não ser fisicamente. E isso. . .

— Aí a senhora tem razão — continuou Simon, enquanto desta vez Eric e Olga trocavam um olhar. — A mim, o cinema sempre me fez esse efeito: quando vejo um bom filme, sinto-me rejuvenescido 30 anos. E depois, além disso, não sei se é o ar do mar ou a atmosfera do *Narcissus*. . . mas esta manhã, por exemplo, eu nem li os jornais. . . Fica-se cortado de tudo, é tão agradável!

— Mas a terra gira ainda assim — disse Eric Lethuillier com voz fria. — Este navio é dos mais bem-servidos mas existem outros aos milhares, muito menos confortáveis e muito mais povoados que vão ao fundo no mar da China neste momento mesmo.

A voz dele era tão neutra, tão átona de tanto pudor, que Olga emitiu um pequeno assobio de tristeza e de horror. Hans-Helmut Kreuze e Simon Bédard olharam para os respectivos sapatos, mas Edma, depois de ter hesitado um instante, decidiu rebelar-se. Sabia-se, esse Lethuillier tinha um jornal de esquerda: mas nunca sofrera frio, fome ou sede. . . Acabara de embarcar num navio de luxo, e ele não lhes ia jogar os horrores da guerra à cabeça, todas as manhãs daquele cruzeiro. Afinal, Armand Bautet-Lebrêche também trabalhava duro todo o ano e estava ali para descansar. Assim, com dois dedos, ela tapou os ouvidos num gesto bem visível, antes de fixar sobre Eric um olhar severo:

— Ah! Não — disse — meu querido amigo, por favor. Você vai-me tachar de egoísta, de cruel, mas tanto pior: nós estamos todos aqui para descansar e esquecer esses horrores. Nada podemos fazer, não é verdade? Não, nós estamos aqui para apreciar tudo isso — e com a mão desenhou uma larga parábola para o mar alto — e ainda tudo isto. . . — e acabou sua parábola com o indicador direito que ela tirou do ouvido para apontar o peito de Hans-Helmut Kreuze, que, surpreendido, na sua miopia e na sua rigidez, cambaleou um pouco.

— A senhora tem razão, absolutamente razão. . .

Era Eric que, de forma completamente inesperada, cedia às injunções de Edma, ele próprio fixando um ponto deliberadamente a noroeste, para deixar o campo bem livre, poder-se-ia dizer, a todas as formas de divertimento ocidental fúteis e inconscientes. Olga lançou-lhe um olhar

espantado e inquietou-se pela sua palidez. Eric tinha os maxilares cerrados, ligeira transpiração sobre o lábio superior e mais uma vez Olga sentiu a admiração: esse homem tinha um tal domínio sobre si mesmo, uma tal cortesia, que ele conseguia amordaçar esse grito interior, essa revolta diante do egoísmo dos grandes burgueses. Olga seria menos admirativa se ela também, como Eric um momento antes, tivesse sentido o hálito do buldogue nos seus tornozelos. O animal, de fato, até então pacificamente sentado aos pés do seu dono, repousando seus velhos músculos depois de uma pequena corrida, começava a se aborrecer. Resolvera portanto fazer o reconhecimento desses indivíduos indesejáveis e começara sua inspeção por Eric. Estava ali bufando, olhos semicerrados, músculos visíveis sob a pele já corroída em certos pontos, a baba pendente, o ar feroz por herança, por treinamento e gosto. E rosnava suavemente, com um pequeno assobio ameaçador entre dois rosnados, como o que precedia a chegada de uma bomba definitiva durante os bombardeios.

— Estou bem contente que estejamos de acordo sobre isso — disse Edma Bautet-Lebrêche ao mesmo tempo tranqüilizada e decepcionada por essa falta de resistência. — Só vamos falar de música, se estiverem de acordo, queridos amigos: sim, vamos aproveitar os nossos artistas — e passou o braço com um gesto carinhoso sob o de Hans-Helmut Kreuze que, surpreso, deixou cair a correia do cão.

Por sua vez Simon empalideceu, pois o terrível animal puxava de leve pelas suas calças; e suas presas, embora amareladas pela idade, ainda eram enormes. "Certamente é um cão drogado, além do mais", disse para consigo. "Esses alemães são decididamente incorrigíveis! Esse cão porco vai com certeza estragar minhas calças novas." Ao mesmo tempo que conservava uma imobilidade estóica, lançava um olhar suplicante para Kreuze.

— O seu cão, maestro. . . — disse ele. — O seu cão.. .

— Meu cão? É um buldogue da Pomerânia oriental. Ganhou 15 pequenas taças, e três medalhões de ouro em Stuttgart e em Dortmund! São animais muito obedientes, muito bons guarda-costas. É verdade, senhor Bédard, que o senhor comparou Chopin a Debussy, ontem à noite?

— Eu? Mas. . . Oh! de maneira nenhuma — declarou Simon. — Não, mas acho que seu cão — indicava com o queixo o maestro agarrado cada vez mais solidamente a sua perna — está muito interessado nas minhas tíbias, sem brincadeira. . .

Sem querer murmurava, sem conseguir interessar Kreuze.

— O senhor sabe que há tanta diferença entre Chopin e Debussy quanto entre um filme de. . . vejamos, vejamos. . . Ah! não encontro o nome que procuro. Ajude-me. . . Han. . . Becker. . . Han, um diretor francês muito leve, muito diáfano, compreende?

— Becker! — soprou Simon aos latidos: — Becker! Feyder! René Clair! Enquanto isso o seu cão vai me rasgar as calças!

Murmurara mais do que proferira a última frase, porque o cão começara a rosnar surdamente diante da resistência daquela perna em se deixar levar e despedaçar, e agora puxava com inacreditável vigor.

— Não, não é esse o nome. . . — continuava Kreuze com ar descontente.

E o outro insistia agora com suas idéias de leveza, a coisa mais longe dele, naturalmente. Simon puxou com uma sacudidela violenta a perna direita até a altura da perna esquerda, e o cão lançou um ganido sinistro de despeito antes de recomeçar o assalto. Mas esse animal, para a felicidade de Simon, estava à beira da cegueira e optou por acaso pelas calças mais próximas, que eram agora as de Edma Bautet-Lebrêche, calças de gabardina branca de corte perfeito, de que ela fazia muita questão. Edma, não tendo o estoicismo masculino, lançou um grito penetrante.

— Seu cão sujo! — gritou. — Largue-me já. Que horror! — Mas ele fechava definitivamente, ao que parece, suas presas sobre o precioso tecido branco, escapando por pouco de atingir a elegante barriga da perna da bela Edma. Edma, não se achando no centro do pequeno grupo a ela dedicado, era uma pária entre estrangeiros decididos a salvar suas pernas. Simon, vendo-se fora de perigo, chegou mesmo a rir.

— Mas façam alguma coisa! — gritava Edma fora de si. — Façam alguma coisa, esse cão vai-me morder. Ele já mordeu, aliás. Charley? Onde está Charley? Enfim, senhor Kreuze, segure o seu animal!

O rosnar do cão tomara-se medonho. Fazia tanto barulho como um aspirador de pó de alta velocidade, e o próprio Kreuze mostrava sua incapacidade ao olhá-lo.

— Senhor Béjard, faça alguma coisa — suplicou Edma, que sabia nada poder esperar de Lethuillier, nem do marido. — Peçam socorro!

— Acho que cabe ao brutamontes agir — protestou Simon.

— *Fuschia!* — trovejou o brutamontes, roxo e batendo com o pé no chão sem êxito. — *Fuschia! Aus komm schnell!*

A raiva sobrepujava o medo de Edma Bautet-Lebrêche, e ela acabaria por apertar o pescoço do impotente Kreuze com suas mãos brancas, mesmo com *Fuschia* ainda pendente da sua calça, se Julien não tivesse chegado ao local do drama em roupão de banho, com ar satisfeito. Seguiu todas as peripécias do incidente e de nada tendo medo, mais por inconsciência do que por coragem, segurou *Fuschia* pela pele do pescoço. Demonstrando o vigor nervoso próprio dos turfistas, lançou-o a cinco passos, rosnando de indignação e de susto. *Fuschia* não acreditava nos seus sentidos. Habitado ao respeito mais completo ou ao medo mais servil, da parte do seu dono inclusive, não podia compreender o que lhe acontecera. Do mesmo modo

que a idéia de ser tratado de "brutamontes" ultrapassava seriamente a compreensão de Kreuze, a idéia de ser maltratado por um bípede ultrapassava a compreensão de *Fuschia*. Ficou boquiaberto por um curto instante, com as suas presas deixando cair um pedacinho de gabardina branca assinada Ungaro, e adormeceu logo em seguida. Mas Edma estava nos antípodas da sonolência: com os cabelos ruivos eriçados em torno da cabeça, sua voz ultrapassou os limites do agudo a 100 metros dali; no tombadilho de popa, o homem de vigia imobilizou-se e viu passar acima da sua cabeça uma gaivota com um espanto mesclado de respeito. Armand, que interviera demasiado tarde como de costume, agarrado com toda a sua pequena estatura aos braços agitados da mulher, tentava acalmá-la infligindo a intervalos regulares uma ligeira e obstinada tração nos antebraços de Edma, que se tinham tornado musculosos de furor.

Adotara a mesma postura que *Fuschia* um pouco antes, observou Julien involuntariamente. Mas não se podia pensar em fazê-lo seguir a mesma trajetória! . . . Embora! . . . Julien tinha repugnância instintiva pelos grandes magnatas, pelos grandes êxitos, sobretudo quando eram fruto de obstinação e de inteligência prática. Suportava melhor as fortunas surgidas por acaso ou oportunismo. A propósito e muito curiosamente, aliás, para um trapaceiro profissional, Julien tinha grande respeito e grande atração pela sorte pura. Todos os anos, depois de a ter forçado durante inúmeras noites, ia com regularidade se submeter, da roleta ao bacará, a todos os caprichos da sorte, bruscamente tratando como grande dama aquela que tratara durante todo o ano como mulher da vida. Parecia-lhe, de forma confusa, que lhe prestava obediência, pagava suas dívidas, aliviava a consciência aceitando apostar de um só golpe, segundo seus desejos, somas laboriosamente ganhas contra essa deusa cega (mas acontecia-lhe também que sua aposta fosse vencedora, tão pouco rancorosa era ela).

Sua coragem transformou-o subitamente num Robin Hood, num Bayard aos olhos das mulheres da assistência, mas também num *habitué* de máquinas eletrônicas de jogo para os homens, que o consideraram imprudente ou pretensioso, conforme o caso, exceto Simon que, na sua ingenuidade primária, ficou espantado: "esse Peyrat era alguém". . . Pena que fosse tão mau perdedor! Julien, tendo começado na primeira noite em Portofino ganhando cerca de 15.000 francos de Simon, acreditara em milagre, pensava Simon, mas no dia seguinte, em Porto Vecchio, perdera direto perto de 28.000! E visivelmente tomava isso a mal. Simon tivera que suplicar-lhe hoje para que admitisse até mesmo esse famoso pôquer de cinco, que se tornara o objetivo número um para Simon Béjard, produtor, entre dois crescendos e dois *pixicatti*. Em resumo, esse Peyrat falhava no jogo, mas não na vida corrente, se é que se podia chamar de vida corrente

esse *Helzapopin* de música em que se transformara o cruzeiro aos olhos de Simon. Era verdade que não pensara, ao embarcar, que teria direito a todos esses efeitos burlescos! Com todos esses velhos melômanos. . . Não pensava também que Olga seria tão má e tão tola por vezes, nem que o julgaria tão tolo. Era pena, porque realmente gostava muito do seu porte de cabeça, a pele unida e a maneira de dormir dobrada sobre si mesma como um gatinho. Quando a via de madrugada estendida naquele beliche austero, essa cama de pensionista (a oito milhões de francos antigos por oito dias), quando a via tão pura, tão inocente e tão doce era-lhe difícil não esquecer a *starlet* bombástica e detonante, ambiciosa e obtusa, dura no fundo, que ele também conhecia. Gostava de Olga; de certa maneira estava fisgado e tinha horror de reconhecê-lo. Havia muito tempo que a urgência de dinheiro diário ou semanal tinha impedido qualquer diálogo de Simon consigo mesmo. Havia anos que ele só se dirigia injunções de empresário ao seu boxeador esgotado, no estilo de: "Vamos! Não desanime! Agora você conseguiu! Prudência!" etc. Descobrir-se ao mesmo tempo enamorado e melômano (e perspicaz também) parecia-lhe um pouco acima de suas forças e pelo menos muito acima de suas previsões. Sacudiu-se e apanhou Julien pelo cotovelo, puxando-o para o lado.

— E então, esse pôquer? — disse fazendo pressão na voz baixa. — Vamos, meu velho? A gente apanha o usineiro de açúcar, o gigolô, o intelectual e lhe tomamos um milhão de cada um, você e eu, hem? Com você a técnica, a paciência, e eu a intuição, as apostas; então? Depois do golpe será meio a meio. Concorda?

— Lamento muito, mas não faço golpes a dois, no pôquer ou em nenhuma outra coisa — disse Julien constrangido, não severo, mas constrangido e um pouco confuso de confessar essa moral burguesa.

"Decididamente ele era também um *gentleman*", pensou Simon com desprezo condescendente e teatral. Pôs-se a rir forte demais sacudindo os ombros freneticamente, "o que não o beneficiava", pensou Julien.

— Quando falo em partida a dois, quero dizer. . . eu estou brincando, queria dizer que a gente se seguraria, que amorteceríamos os choques. Não falava de golpes escusos, senhor Peyrat — disse Simon, rindo abertamente. — Não, mas a gente se diverte, não acha?. . . Todo mundo tem recursos neste navio. . . exceto o gigolô, talvez; mas a Diva vai dar um jeito nisso, não é?

— Creio antes que seria ele a pagar pela Diva — disse Julien, sorrindo com expressão enternecida e as sobrancelhas levantadas.

"Um belo homem, este cara", pensou Simon de súbito, "talvez não ficasse mal num papel gênero rufião de 40 anos, um pouco desiludido de

tudo; bom sujeito, duro e doce com as mulheres. . . Esse tipo faz sucesso na tela nestes tempos. Exceto o físico de americano. . . Ele se parece com Stuart Whitman. . . É isso!"

— Sabe que se parece com Stuart Whitman? — falou Simon.

— Stuart Whitman? Que relação vem a ter com o pôquer? — espantou-se Julien.

— Está vendo, você só pensa nisso, você também. E os três outros que ficam sonhando com outras coisas enquanto ouvem adágios. . . Ficariam extremamente contentes, posso-lhe assegurar, de ficarem um pouco entre homens, sem as suas damas. Em todo caso há uma dama que ficaria tremendamente contente sem o seu homem: é Clarisse. . .

Hesitara em dizer "Clarisse". Hesitara na verdade entre "a Lethuillier", "a palhaça", "a alcoólatra", mas finalmente optara por aquele Clarisse pronunciado involuntariamente, como uma palavra de amor. Sentiu isso e corou.

— Está bem, vamos ao pôquer — disse Julien de repente afetuoso, dando-lhe por sua vez um tapa um pouco seco, que o sacudiu até aos mocassins de Gucci, estreitos demais na ponta.

Começaram a partida às 15 horas, pararam às 19; e naquele momento Andréas, que ganhava seis milhões, um pouco de todo mundo, concentrava nele toda a raiva e a suspeita dos outros, exceto a de Julien, Pararam para beber um gole, começaram às 19h 30min, para mais um giro, e em três cartadas Julien, com um *four* de setes no fim, raspou os seis milhões de Andréas que tinha um *full* de ases e reis, tudo fornecido por Julien com impecável maestria. Às oito da noite tudo acabara. Os ludibriados não tinham tido tempo de mudar de objetivo para ruminar seu contentamento, e Andréas, embora ele próprio tivesse perdido cinco mil francos, recolhia toda a raiva enquanto Julien fazia o papel de tolo feliz. De qualquer modo não tornaria a jogar com eles naquela semana, pensou. Nenhum deles tinha sangue-frio. Nenhum: Andréas jogava para ganhar dinheiro para viver; Simon jogava para se provar que ele era Simon Béjard, produtor, papel demasiado recente para que não solicitasse de tempos em tempos atestados suplementares da sua sorte; Armand Bautet-Lebrêche jogava para verificar que se podia "brincar" com dinheiro, mas achava tudo aquilo anormal e coisa de pesadelo; quanto a Eric Lethuillier, jogava para ganhar e para se provar a si mesmo e aos outros que era vencedor, nisso também, e sua cólera e furor eram os mais pesados dos quatro jogadores. Sendo mais inteligente e mais vivo que os outros, operou no mesmo instante a mudança de agressividade de Andréas para Julien, e foi sabendo-se detestado por ele, desprezado e votado a uma vingança, fosse qual fosse, que Julien o viu partir

com o seu ar frio para sua cabina.

Enquanto os homens batiam-se astuciosamente nas cartas, ou pelo menos assim acreditavam, as mulheres, acompanhadas por Charley Bollinger, pareciam ter sofrido a influência da alcoólatra Clarisse Lehuillier. Edma Bautet-Lebrêche e Charley, mergulhados num tabuleiro de palavras cruzadas, faziam o bar reunir com suas gargalhadas de mocinhas cujas cascatas provocavam no Comandante Ellédocq um franzir as sobrancelhas. Também as sobrancelhas de Olga Lamouroux, inimiga jurada de qualquer álcool, anfetamina, tranqüilizante ou outras drogas suscetíveis de modificar qualquer personalidade, e portanto também a sua. Acabara de se sentar perto da Diva que, sempre ativa e chupando seus rebuçados negros como azeviche, não deixava absolutamente perceber que tinha bebido uma garrafa inteira de vodca apimentada Viborova. Pareceu mesmo aos olhos de Olga, que saía da sua cabina e de uma leitura especialmente austera sobre a condição das atrizes através dos tempos, a única pessoa sóbria, o único espírito claro nesse salão em que os homens embriagados pelo jogo e as mulheres pelo álcool formavam um feio espetáculo.

— Só vou tomar uma limonada, obrigada — disse Olga ao *barman* louro que se apressava, e lançou um olhar indulgente, ostensivamente indulgente, na direção de Clarisse e Edma, que estouravam de rir diante da palavra, aparentemente irresistível que Charley, hílare, acabara de compor.

— Receio não estar à altura — acrescentou Olga com uma tristeza fingida na direção da Doriacci.

— Também receio — disse a Diva, sem pestanejar.

Estava um pouco mais avermelhada que de costume, e mantinha as pálpebras modestamente abaixadas sobre os grandes olhos ferozes. Olga, iludida com essa calma, tomou coragem:

— Não acredito que a senhora e eu mesma sejamos capazes, no fundo, de outra ebriedade do que as do palco — falou sorrindo. — Certamente não estou comparando, madame, mas afinal a senhora e eu temos que entrar às

vezes num espaço iluminado onde olham para nós e esperam que finjamos... É o único ponto preciso dessa comparação, naturalmente. — Gaguejava um pouco sob a modéstia da sua juventude, sob sua devoção. Sentia as faces corarem, o branco do olho quase azul de tanta admiração ingênua. . . A Diva não pestanejava, mas escutava, pensava Olga. "Ela escutava essa voz jovem e sincera dizer-lhe coisas comoventes e sua impassibilidade era mais reveladora do que qualquer resposta. Reveladora do caráter da Doriacci: esse silêncio era o da emoção, e essa emoção, a de uma grande dama." Olga sentia-se no melhor dela própria: estava com a garganta apertada pela humildade, tanto mais apertada porque, afinal de contas, conseguira ainda assim o papel principal em três pequenos filmes no ano passado, e críticas ditirâmbicas para a peça de Klouc que ela estrelara e que fora a revelação do Cafê-Théâtre 79...

— Quando eu era uma menininha — lançou-se ela — e que eu a ouvia cantar no rádio e no velho toca-discos do meu pai, papai era louco por ópera e minha mãe chegava a ter ciúmes da senhora, quando eu a ouvia cantar, eu me dizia que daria a vida para morrer como a senhora morria *na Bohème*. A maneira de dizer a última frase... Ah, meu Deus, como era mesmo?..

— Não sei — disse a Doriacci com voz rouca — nunca cantei a *Bohème*.

— Ah, mas que tolice. . . Naturalmente. . . é da *Traviata* que eu queria falar...

"Ufa, escapara por pouco. . . Mas que pouca sorte! Todas as cantoras cantaram a *Bohème*, exceto a Doriacci, naturalmente. Que sorte, por outro lado, que a Doriacci estivesse de tão bom humor e tão calma... Em outras circunstâncias, a teria fulminado por causa da gafe. Mas, pelo contrário, parecia literalmente enfeitiçada pelos elogios hábeis de Olga. Afinal de contas, era uma boa mulher como as outras: teatral. . ." Agitando as mãos acima da cabeça, como se quisesse afugentar as moscas confusas da sua má memória, Olga recomeçou:

— A *Traviata*, naturalmente. . . Meu Deus! A *Traviata*. Chorava como um bezerro ao ouvi-la. . . e um grande bezerro de oito anos. . . Quando lhe dizia "Adio, adio"...

— Um grande bezerro de 28 anos então — trovejou a Diva de modo brusco. — Só gravei a *Traviata* no ano passado.

Jogando-se para trás, rompeu num riso tonitruante e aparentemente irresistível, pois atingiu de imediato, embora não lhe soubessem a origem, os três cúmplices do jogo de palavras cruzadas.

Empolgada pelo riso incontrolável, a Diva tirara o lenço de cambráia, enxugava os olhos, e às vezes o agitava como para pedir socorro, às vezes designava com ele uma Olga petrificada. Gemia mais do que articulava frases indistintas: — É a pequena. . . Ah, ah, ah! O pai dela, louco por mim.

.. Puccini, Verdi, *tutti quanti*. . . e a pequena no seu disco, ah, ah, ah, um grande bezerro de 28 anos, ah, ah, ah. . . — E depois de ter dito pela terceira vez com sua voz retumbante "um grande bezerro de 28 anos", terminou com voz apagada:

— Foi ela mesma que disse...

Olga começara rindo nervosamente, mas, durante essa horrível explicação, sentira o áspero odor da vodca, enfim os grandes olhos sombrios iluminados pelo álcool, e compreendeu a armadilha que ela própria fabricara para si. Tentara enfrentar, mas quando os três zumbis degenerados ao fundo se desmoronaram na mesa, desvairados e aos soluços, as letras de madeira rolando por terra e suas próprias cabeças rolando apoiadas no encosto da poltrona; quando, na última frase dessa ordinária: "Foi ela mesma quem disse", Edma se endireitara na poltrona como sob o efeito de uma corrente elétrica; quando a mulher alcoólatra desse pobre Eric Lethuillier escondera o rosto nas mãos balbuciando "Isso não. . . Isso não. . ." com voz suplicante, quando o velho pederasta de galões se abraçara a si mesmo com os dois braços, esperneando, Olga Lamouroux levantara-se simples e dignamente, e sem palavra deixara a mesa. Parara um instante na porta e lançara sobre esses alienados, esses fantoches ébrios, um só olhar, um olhar de piedade, mas que redobrava sua hilaridade. Tremia de raiva, portanto, ao voltar à cabina. Mas foi encontrar Simon, atirado na cama de meias e que dizia que perdera três milhões no pôquer e se divertira muito.

Eric encontrara a cabina vazia ao voltar daquele pôquer sinistro. Mandara um camareiro à procura de Clarisse.

— Você dirá à senhora Lethuillier que o marido dela a espera na cabina — dirigira-se ele sem outra explicação ao camareiro que mostrara um ar ligeiramente escandalizado com o tom imperativo, mas Eric não se importava. Já várias vezes que sentia Clarisse lhe escapar física e moralmente. Fisicamente pelo menos. Desaparecia a todo momento, segundo notara, sob pretexto de tomar ar ou de olhar o mar, e como Eric obtivera de Ellédocq, encantado na sua alma de ajudante, o controle do bar, onde a presença de Clarisse lhe devia ser de pronto comunicada, poderia crer que ela tivesse um amante. Tanto mais que voltava desses passeios com a tez viva, e ar alegre e em toda a sua pessoa aquela impressão de despreocupação que o marido levava anos para lhe tirar. Ou, mais exatamente, a degradar até à angústia e ao sentimento de culpa.

Naquele exato momento ela voltava, aliás, despenteada, desmaquilada pelas lágrimas do riso, cujas faces rosadas pela alegria testemunhavam bastante. Mantinha-se ereta e ágil na porta, os olhos repuxados, e os dentes brilhantes no seu rosto queimado apesar da pintura. Era bonita, pensou de

repente Eric, com furor. Havia muito tempo, tempo demais que não a via tão bela...

Da última vez fora por causa dele. . . Quem portanto nesse navio lhe podia restituir a confiança em si mesma? (Se já não era Johnny Haig.) Seria esse Julien Peyrat, tão vulgar porém, na sua virilidade? Se Eric não tivesse constatado ele próprio que as escapadas de Clarisse coincidiam com a presença de Julien no tênis ou na piscina ou no bar, teria acreditado. Esses homens mulherengos são muito hábeis. Ou então era esse gigolozinho de três francos, esse Andréas alguma coisa. . . Por mais que a desprezasse, porém, e alimentasse constantemente esse desprezo, sabia que ela não era muito propensa a carne fresca, sobretudo quando era tão evidentemente acessível como essa. Clarisse olhava-o.

— Estava me procurando?

— Divertiu-se bem com as suas amiguinhas? — perguntou Eric sem responder. — Ouvia-se o seu riso do salão.

— Espero que não tenhamos prejudicado o seu pôquer — disse ela com ar demasiado preocupado.

Lançou-lhe um olhar rápido mas ela lhe oferecia um rosto liso, policiado, seu rosto de moça de família Baron, esse rosto que lhe dera tanto trabalho para decompor, esse rosto liso, impecável, indiferente a tudo que não fosse seu conforto, seus usos, um rosto que era da burguesia triunfante e sem piedade que Eric lhe ensinara pouco a pouco, achava, a detestar até mesmo nos seus.

— Não, você não nos atrapalhou, ou antes, você não perturbou a manobra do nosso parzinho de trapaceiros. . .

— Que parzinho?

— Estou falando do *cowboy* avantajado e do gigolô lourinho que lhe faz companhia. Devem fazer o rodízio dos navios a dois!. . . Por que você está rindo?

— Não sei — disse, tentando reter o riso. — A idéia desses dois homens formando um par é cômica.

— Não estou dizendo que dormem juntos — Eric se enervava — estou dizendo que trapaceiam juntos, e mesmo que elaboraram uma técnica inigualável.

— Mas eles nem mesmo se conheciam! Ouvi-os falar dos respectivos liceus e mesmo descobrirem que tinham uma província em comum, ontem à noite em Porto-Vecchio.

O riso de Eric era agastado.

— Lógico, pois você estava ouvindo.

Clarisse corou subitamente. Era como se ficasse envergonhada por eles. Por Julien sobretudo, pensou. Seria para melhor depenar Eric que

Julien Peyrat lhe deixava a cabina e as garrafas à vontade? Isso lhe dava uma impressão desagradável, uma mal-estar quase físico, ao mesmo tempo que uma tristeza informe. . .

Ela estava sentada na cama e tornava a se pentear maquinalmente diante do espelho do armário aberto. Arrumava as mechas do cabelo e se examinava sem prazer aparente, mas também sem constrangimento. E Eric sentia de repente ímpetos de lhe bater ou de obrigá-la a descer à força na próxima escala. Era isso, ela lhe escapava, mas no vazio. E esse era o perigo. Ele o demoliria rapidamente aos olhos dela, se fosse de outro homem que se tratasse. Mas de fato não via quem naquele navio poderia ter despertado a mulher nessa Clarisse adormecida e aterrorizada. . . A menos que fosse esse Andréas. . . Parecia impossível. Mas tudo era possível numa neurótica. Tentou:

— Você sabe que não tem qualquer chance, minha querida, com suas solicitações, modestas naturalmente, mas ridículas. De qualquer forma seriam inúteis; está ocupado com outros projetos mais remuneradores, ou mais tentadores aos seus olhos.

— Mas de quem você está falando?

Eric se pôs a rir. Já lhe acontecera simular assim desprezo e ciúmes enojados. Chegara mesmo a fingir, para humilhá-la mais, acreditar que estivesse apaixonada por personagens tão desprezíveis que só lhes prestar atenção já seria desonroso. E todas as vezes Clarisse se afobara, se debatera. Negara com indignação e desespero na época. Não tivera essa voz pacífica e um pouco fatigada para responder, como hoje.

— Não vejo de quem você está falando. — Empalidecera, porém. Levara a mão ao pescoço no seu gesto habitual. Olhava-o incerta, já resignada, pronta para um novo golpe, mas sem compreender por quê. Não, se enganara; ela nada tinha a ver com o gigolô. (Ainda bem.) Sossegado, lançou-lhe um sorrisinho igualmente tranquilizante.

— Tanto melhor, afinal; ele tem quase dez anos menos do que você. É muito — acrescentou, antes de mergulhar no jornal, não muito orgulhoso da última frase.

Mas teria ficado ainda menos satisfeito se tivesse visto a expressão de alívio no rosto de sua mulher-palhaço e a cor que voltava por baixo da pele com o oxigênio, o sangue e a esperança.

Dez minutos mais tarde, no banheiro, Clarisse inundava o rosto com água fria com violência; tentava esquecer esse segundo de felicidade e mesmo de chamá-lo de outra maneira; tentava negar que de certa forma teria caído em desespero se Julien tivesse ficado tentado por uma outra mulher; e fossem quais fossem suas razões; e mesmo que ele apenas levantasse os olhos para ela quando estavam diante um do outro. Naquela mesma manhã encontrara uma rosa vermelha no copo que a esperava perto da garrafa de

Haig na cabina 106, e agora se espantava (graças a Eric) de ter achado esse gesto simplesmente encantador.

Chegavam a Capri onde, segundo o programa, os passageiros seriam esperados com um *vol-au-vent* Curnonsky, duas sonatas de Mozart e *lieds* de Schumann, e na mesma noite, para os mais aventureiros, uma volta pela ilha. Era em geral uma regra de ouro no *Narcissus* não descer nas escadas. Admitia-se que todos conheciam todos esses portos célebres, ou pelo menos já os teriam visto num iate particular. Era exatamente o que Edma Bautet-Lebrêche explicava a Simon Béjard, ainda novo a bastante para fingir algum entusiasmo por essas cidades soberbas. Ele esperava que seu interesse pela cultura, pelo menos pelas coisas culturais, o faria ser bem-visto, quando, pelo contrário, desacreditava-o, pois deixava supor a incultura deliberada da pobreza. Mas curiosamente, esse mecanismo era tão explorado e fora tão sistemático naquele navio, que Simon pareceu a Edma ingênuo, original e bom sujeito.

— O senhor não conhece de todo a bacia mediterrânea, senhor Béjard — informava-se Edma Bautet-Lebrêche com uma solicitude espantada (como se ele tivesse declarado jamais ter sido operado de apendicite). — Mas então o senhor vai descobrir tudo isso de uma só vez! — continuou, com um ar de inveja que soava como pena. — O senhor sabe que o Mediterrâneo é admirável. . . — assegurou, abrindo os "as" ao máximo e rindo ao mesmo tempo para melhor mostrar que ela os abria muito conscientemente. — Perfeitamente admirável — recomeçou mais docemente com uma voz quase terna.

— Mas estou certo disso — falou Simon (sempre otimista em relação a tudo). — E depois seria preciso, hem? Se os Cruzeiros Pottin puseram esse preço ao cruzeiro. . . não seria para mostrar usinas de gás abandonadas, não acha?

— Evidentemente que não — admitiu Edma um pouco decepcionada com esse pesado bom senso. — Evidentemente que não. . . Diga, meu caro amigo. . . posso chamá-lo de Simon? Diga-me, meu caro Simon — recomeçou a impaciente Edma — o senhor mesmo, que benefício pensou tirar deste cruzeiro? Em outras palavras, por que o senhor embarcou nele? Isso me intriga. . .

— A mim também — respondeu Simon pensativo de repente — não sei, para dizer a verdade, o que estou fazendo aqui. . . Na partida era. . . para... enfim, Olga não gostava de Édén Roc, nem de Saint-Tropez, então... E depois, afinal e curioso, não pensava gostar deste cruzeiro e finalmente. . . hem? Não está nada mal o que eles tocam todas as noites. . . Não está realmente nada mal. . .

"Fiquei ao mesmo tempo aterrorizada e divertida", deveria mais tarde contar Edma no seu salão da rue Vaneau, "mas também vagamente enternecida, eu confesso. . . sim, sim, sim". (Muitas vezes ocorria a Edma contrariar objeções inexistentes.) "Sim, sim. . . fiquei enternecida. Porque afinal ali estava um homem simples, um ambicioso sem escrúpulos, vivendo para o dinheiro, pelo dinheiro, com o dinheiro; um rústico, pois é, ele também. . . E por um acaso extravagante, ou antes graças a um esnobismo da *starlet* que o explorava, ei-lo descobrindo a música. . . a 'grande Música', e ei-lo que se comove obscuramente, ei-lo que descobre uma espécie de terra desconhecida. . . uma escala que ele não previra. . ." (E ali, a voz de Edma baixaria a um sussurro e seus olhos se perderiam nas chamas da lareira, se houvesse alguma, naturalmente.)

Mas naquele momento não era unicamente a compreensão que orientava Edma, era também uma ironia para a qual lamentava não haver mais espectadores.

— De início, você teria preferido Saint-Tropez, caro Simon? Você deve ainda assim se aborrecer um pouco neste navio, afinal, sem sua fauna de costume. . . E não há nada de pejorativo nesse termo de fauna, acredite-me. Todos nós temos a nossa. . .

— Isso eu imagino. . . A senhora também não deve estar muito encantada — completou Simon com uma convicção excessiva, na opinião de Edma.

— Então é a sua Olguinha que gosta da grande música, portanto? Se estou compreendendo bem... Eu, na sua idade, também tinha avidez, desejos de tudo, os de todas as juventudes, mas não me desculpava. Tinha mesmo certo orgulho dos meus desejos, das minhas loucuras. . . E Deus sabe...

E agitou uma mão esgotada por 40 anos de festas e orgias. Não pôde, portanto, torcer o nariz nem se zangar quando Simon, com a mesma convicção acentuada esta vez por ligeiro assobio, de sentido equívoco,

exclamou:

— Ah, e aí, então!... Aí também acredito. . . — o que deixou Edma embasbacada, suspeitosa, mas vagamente lisonjeada.

Aliás, Charley chegava com todas as velas ao vento, isto é, com toda a camisa de seda para fora. Porque tornava-se mais lânguido com o decurso das longitudes, sua natureza desabrochando com o calor; iniciada a viagem de azul-marinho e colarinho duro, chegava geralmente a Palma, última escala, em camisa colorida e alpercatas, ou mesmo um único brinco na orelha esquerda, para dar um ar de pirata.

Mas ali, era apenas a terceira escala e sua extravagância se limitava a uma jaqueta de seda pura de um branco ligeiramente quebrado, em lugar do seu *blazer* azul. Exultava visivelmente.

— E eis-nos em Capri! Senhor Béjard, o senhor também vai descer? Acho que praticamente todo o navio vai dançar um pouco, para variar... Depois do recital, lógico — acrescentou com ar piedoso.

De fato, entre as escalas a terra geralmente desprezadas pelos passageiros, só Capri beneficiava-se de uma espécie de liberação para uma farra, de que se aproveitavam maciamente mas com grandes gritos, todos fingindo descer só para rir, procurar um corpo irmã, ou um corpo irmão ou primo, como se a confissão dessa caçada a tornasse vã de saída, e como se todos, se ainda estivessem na idade de o fazer, não sonhassem, antes dos perigosos árabes e dos selvagens espanhóis, com uma aventura italiana. Capri era o último local da civilização no sentido de "orgia" e da orgia no sentido "bonacheirão". Por esse motivo não era raro que, em Capri, o navio ficasse vazio à noite, ou quase, com exceção de alguns velhos bem guardados pelas suas enfermeiras, ou alguns marinheiros de plantão. Deviam ficar, uns e outros, no tombadilho, como crianças de castigo olhando lá embaixo brilharem as luzes da cidade e seus prazeres. Deviam também suportar o passo do Comandante Ellédocq que, durante toda a escala, palmilhava o tombadilho com raiva e inquietação, devastado por uma lembrança longínqua, mas bem viva na sua cabeça: como o fantasma do Hamlet ele estava certo de, cada vez que pusesse os pés na Kazzetta, encontrar ali a imagem de Charley; Charley de saia de cigana, um cravo nos lábios, todo arqueado nos braços de um rude capriota!

— Certamente que vou — disse Simon Béjard com mais firmeza ainda, porque Olga há dois dias o exortava a não fazê-lo. — Certamente que vou, não conheço Capri. Mas antes da farra vou-me alimentar — acrescentou, dando um estalo amigável no lugar presumível do estômago, o que fez a elegante Edma Bautet-Lebrêche, e o sensível Charley Bollinger desviarem os olhos. — Tanto mais que desconfio que hoje vai ser divertido —

acrescentou, levantando-se.

E ao sol poente, as rosas da sua camisa e o colorido do seu rosto estimulado pelos últimos dias de sol formavam um camafeu impressionante, no limite do trágico.

— Por que especialmente divertido? — perguntou Edma, cuja curiosidade superava sempre o desprezo, mas que ficava a cada vez aborrecida consigo mesma depois pelas perguntas triviais que fazia... Mas, ainda assim, menos do que ficaria se não tivesse obtido a resposta.

— Pode ser uma farsa — explicou Simon, jovial — porque em quase cada um dos casais há um que quer ir à terra e o outro que quer ficar. Como, além disso, esta noite vamos nos sentar todos na mesma mesa, pode haver barulho.

De fato, desde a primeira noite, os hóspedes se tinham sentado maquinalmente quase na mesma ordem, mas, desta vez, ficariam em torno da mesa do comandante, prolongada, porque o prestígio da mesa de Ellédocq tornara-se subitamente superior ao da mesa de Charley, graças ao entrevero Doriacci/ Kreuze.

— Mas — disse Edma — o senhor se engana... Armand Bau... meu marido está muito encantado de rever Capri mais uma vez.

— O seu marido é uma coisa — disse Simon com uma reverência cômica — o seu marido não a perde dos olhos, ele é louco pela senhora. . . É Otelo, esse homem. . . E a gente o compreende não é, meu velho? — acrescentou, lançando uma palmada magistral nas costas de Charley dolorosamente abalado sem que Edma Bautet-Lebrêche parecesse também apreciar esses cumprimentos com justiça. — Mas afora você, o intelectual da esquerda também quer ir, por exemplo, e isso aborrece Clarisse! Eu vou, e Olga não quer ir! A Doriacci vai também e o gatinho louro parece hesitar. Ellédocq não vai e Charley vai, então!.

Não percebera a pequena careta de sofrimento, real desta vez, que deformara o lábio superior de Charley ao enunciado de um desses casais, mas Edma, muito sabida, e solidária, desta vez apressou-se a reparar a gafe, porque via Charley Bollinger em muito maus lençóis para este cruzeiro. O belo gigolô, o belo Andréas, cada vez mais bonito com o correr dos dias, estava literalmente fascinado pela Diva, suas pompas e seus faustos. Trotava atrás dela como um gato bravo, carregava seus cestos, seus leques, seus xales, mas sem que ela nem mesmo parecesse perceber. Como gigolô, sua carreira parecia mal começada, do mesmo modo que a de Charley, como amante satisfeito.

— Ora, senhor Béjard — disse — não se faça de mais ingênuo do que é, senhor Béjard. . . Caro Simon, perdoe-me. Você sabe muito bem que o

coração do belo Andréas tem motivos profissionais e o senhor não vai afinal falar desse animal feroz de Ellédocq e do nosso delicioso Charley como de um par, não é?

— Mas eu não dizia isso. . . — retrucou Simon virando-se para Charley com ar contrariado. — Nunca quis dizer isso — recomeçou, com calor. — O senhor sabe muito bem, meu velho. . . Todas as mulheres a bordo estão loucas pelo senhor, então não vale a pena eu me desculpar... Ah! Tem sorte de ser o comissário de bordo neste navio cheio de mulheres desocupadas! Ignoro qual é o seu *score*, meu velho, mas deve ser bastante brilhante, hem? Estou enganado? Bendito farsante! — acrescentou com uma nova palmada vigorosa, e partiu rindo para mudar de roupa, anunciou ele, importante, deixando seus interlocutores perplexos.

— Decididamente, só gosto de espaguete *ai dente*. E o senhor, meu caro amigo?

— Eu também — respondeu tristemente Armand Bautet-Lebrêche, que mal tivera tempo de ajustar sua dentadura de forma discreta, antes de responder a Doriacci.

Ela o contemplava comer há cinco minutos com uma fixidez alarmante; ou que teria sido para alguém que não fosse Armand, mergulhado numa avaliação comparada das variações da bolsa da Engine Corporation e da Steel Mechanics Industry, e isso fazia três horas.

— *Al dente* quer dizer não cozido, ou o quê? — perguntou Simon Béjard com voz triunfante.

Graças a alguma loção capilar conseguira por milagre achatar os cabelos rebeldes e avermelhados de modo impecável sobre o crânio rosado; vestia um *smoking* de sarja escocesa azul-escuro e verde-água do mais gracioso efeito e cheirava a loção após barba de Lanvin a dez passos. A discreta Clarisse, ela própria, sua vizinha, parecia incomodada.

O triunfo de Simon, muito pessoal e muito apreciado, é preciso dizê-lo, tinha de bom impedi-lo de ver os olhares trocados à mesa por Eric Lethuillier e sua bela Olga. Tinham-se encontrado na porta do bar uma hora antes e Eric teria parecido irresistível na sua jaqueta de linho bege, camisa e *jeans* azul-claro, seu belo rosto queimado de sol e os olhos azul-da-prússia, divertidos e autoritários.

— Encontro-a esta noite em terra — dissera entre dentes, segurando-a pelo cotovelo e apertando-lhe o braço entre os dedos duros tão virilmente que a magoara. "O desejo torna-o desastrado. . ." encaixara imediatamente Olga. "Ele sorria mas tremia, tinha aquele desajeitamento tão tocante e perturbador ao mesmo tempo que dá a atitude fogosa mas controlada dos homens maduros."

Esta última frase a tinha entusiasmado de tal modo que descera precipitadamente à cabina para transcrevê-la no caderno, o grande caderno com cadeado que escondia na mala e que erroneamente acreditava ser objeto de mil pesquisas de Simon. Por essa razão, chegara atrasada à mesa, mas um pouco despenteada, ofegante, bem queimada, com uma ligeira expressão de culpa que lhe dava, enfim, ar de ser jovem. E os convivas em unanimidade a tinham olhado com admiração, com algumas diferenças, certamente, mas verdadeira. — Um belo pedaço de mulher, essa puta — resmungara Ellédocq entre os dentes, mas bastante alto contudo, para que a Doriacci o ouvisse, solicitando em voz alta que ele repetisse, com o único objetivo de aborrecê-lo. Ele corou e seu mau humor aumentou, quando Edma Bautet-Lebrêche lhe pediu fogo com ar meloso e cúmplice.

— Eu não fumo! — dissera com força num silêncio infeliz, atraindo olhares irônicos severos. Teve que suportar a réplica graciosa de Edma, ostensivamente chocada, mas sorridente.

— Que isso não o impeça de me oferecer fogo! — sussurrara com voz desarmada. E mais uma vez ele fizera figura de malandro, enquanto Julien Peyrat, aquele valentão, estendia o isqueiro à pobre vítima. Com isso a conversa se perdera por diversos campos incompreensíveis ao comandante. Abordara a inteligência dos delfins, os arcanos da política, a má fé dos russos e os escândalos do orçamento da cultura. Tudo isso com muito brilhantismo até a sobremesa, quando cada um, pretextando qualquer coisa, descera até a cabina para dar um último jeito nos cabelos para poder partir diretamente depois do concerto para aquela ilhota-bordel chamada Capri. Para grande surpresa de Ellédocq só restou um homem à mesa, que parecia mesmo decidido a não se reunir àquele rebanho lúbrico, e foi Julien Peyrat. Fizera ao capitão algumas perguntas muito pertinentes sobre navegação, o *Narcissus*, o interesse das escalas, etc, e subira na cotação do chefe de bordo. Naturalmente fora preciso que essa conversa viril, por uma vez um pouco interessante e isenta de hipocrisia ou de tolices, fosse interrompida pelo concerto... Mas a alusão apenas velada do capitão ao lado maçante desse recital ficara sem eco. Ou esse cara simpático e aparentemente normal amava na realidade a música, e então ele cessava de ser normal aos olhos de Ellédocq, ou então representava um estranho papel. Meio seduzido, meio desconfiado, Ellédocq seguiu-o pesadamente até o local do sacrifício.

A Doriacci começou o concerto com um ar apressado, cantou a toda velocidade duas ou três árias com técnica e vivacidade incríveis, e parou de repente no meio de um *lied*, recomeçando com outro, sem mesmo se desculpar, mas com um sorrisinho de conivência que lhe valeu mais aplausos do que toda a demonstração precedente, aliás maravilhosa, da sua arte vocal. Kreuze sucedeu-lhe, mas com uma obra interminável, ao que

parece de Scarlatti, impecavelmente executada, mas com uma tal ausência de efeito (ausência contudo meritória) que Ellédocq paradoxalmente indignado pôde ver se esquivarem uns depois dos outros, até os seus passageiros de primeira classe. Todos os outros melômanos convictos tinham desertado aquele ponto alto da música. Saudado por magros aplausos, Kreuze inclinou-se como se diante de uma multidão, com sua morgue por uma vez justificada, e desapareceu na sua cabina seguido rapidamente por Armand Bautet-Lebrêche, que parecia muito alegre do seu abandono. Quando Ellédocq, por sua vez, deixou o local, só havia em torno do rinque luminoso duas silhuetas pensativas separadas por algumas fileiras de cadeiras, e que eram Julien Peyrat e Clarisse Lethuillier.

Julien estava imóvel na poltrona e com a cabeça jogada para trás, olhava as estrelas no céu, seu piscar, e de tempos em tempos sua queda brusca e bela, absurda e súbita como certos suicídios. Ele a viu sem a ver levantar-se quando o *barman* apagou os quatro pontos de luz. Seguiu-a com os olhos enquanto se dirigia para o bar; não se moveu, mas esperava. Sem nada ter premeditado parecia-lhe que a dupla presença solitária naquela hora naquele tombadilho tinha sido combinada de longa data, que havia qualquer coisa de fatal na solidão desse tombadilho e no seu duplo silêncio. Iam juntos a alguma parte, e estava certo que, tanto quanto ele, Clarisse também não sabia para onde. Talvez para uma aventura breve e fracassada, entrecortada de soluços nervosos e de protestos, talvez para um ato bestial e vergonhoso, talvez para lágrimas silenciosas no seu ombro. Em todo caso, tinham encontro marcado obscuramente desde que se tinham visto nesse mesmo tombadilho, por ocasião do coquetel de chegada, principalmente desde que a vira, cambaleante, e ridícula, grotesca sob sua pintura multicolor, apoiada sem confiança no braço do seu demasiado belo marido. Clarisse tinha medo, ele sabia. Mas sabia também que iria voltar a se sentar perto

dele sem que a menor arrogância se insinuasse na sua segurança. Nem era mesmo a necessidade dele, Julien, que a traria de volta a seu lado, era a necessidade de alguém, não importa quem, outro que esse bruto policiado que desposara. Respirava lenta e profundamente, como antes de se sentir a uma mesa de *chemin de fer* ou de começar um pôquer trucoado e perigoso, como antes de dirigir depressa demais de modo deliberado ou como antes de se apresentar sob nome falso a pessoas que poderiam reconhecê-lo e confundi-lo. "Respirava como antes de um perigo", pensava, e isso fê-lo rir. A conquista de uma mulher nunca lhe parecera até então um perigo, mesmo que mais tarde viesse a sê-lo.

Clarisse precisou de meia hora para chegar perto dele, meia hora que passou bebendo, muda, de olhos fixos diante de um rapaz intimidado por ela e espantado de senti-lo, porque Clarisse Lethuillier fazia em geral os *barmen* sorrirem com um sorriso irônico ou compassivo conforme o caso, a hora e o número das bebidas consumidas que lhe serviram. Fumava também a grandes baforadas, violentas, que rejeitava logo depois em longos jatos pueris, como se tivesse aprendido a fumar naquela mesma manhã. Mas apagava os cigarros com um ar de despeito após três ou quatro dessas inalações. Bebera três uísques duplos e esmagara 20 cigarros quando saiu do bar deixando uma gorjeta ao garçom incompreensivelmente inquieto por ela. Gostava de Clarisse, como aliás o resto do pessoal de bordo. Ela lhes parecia, como eles próprios, em estado de inferioridade oficial em relação aos outros passageiros. Tropeçou um pouco numa cadeira na semi-escuridão quando chegou perto de Julien, que se levantou instintivamente, mais por preocupação de segurá-la do que por cortesia. Ela se deixou cair numa cadeira vizinha e olhando-o no rosto pôs-se a rir de repente. "Estava despenteada, até mesmo um pouco embriagada", pensou Julien com uma tristeza moralizante que não conhecia.

— Você não foi com os outros a Capri? Não lhe agrada? — perguntou docemente enquanto ajudava-a a apanhar a bolsa e os diferentes objetos acumulados em desordem no interior, é que luziam no chão aos pés deles: uma caixa de ouro para pó-de-arroz e que devia valer uma fortuna, demasiado pesada para ela, com sua iniciais em brilhantinhos incrustados, um estojo de batom idêntico, chaves não se sabia de onde, algumas notas amassadas, a foto de um castelo desconhecido num cartão-postal, cigarros amassados, uma caixa rasgada de Kleenex e a inevitável caixa de pastilhas de hortelã, o único dos objetos que ela tentou esconder-lhe.

— Obrigada — disse endireitando-se muito depressa, mas não o bastante para que ele deixasse de sentir, ao mesmo tempo que seu perfume, um perfume verde e teimoso, para que ele deixasse de sentir o odor do seu corpo,

esquentado pelo sol do dia e como que condimentado pelo odor muito leve do medo, odor que Julien reconhecia entre todos, odor familiar aos jogadores.

— Não, Capri não me diverte. . . enfim já não me diverte. Mas eu me diverti muito, antigamente. — Olhava à frente, e cruzara as mãos nos joelhos, ajuizadamente, como se ele a tivesse convidado a uma conferência e ela se tivesse instalado por algumas horas.

— Nunca tinha vindo — disse Julien. — Mas era um dos meus sonhos familiares quando tinha 18, 19 anos. Queria ser decadente. .. Engraçado, não?, para um rapaz de 18 anos. Queria viver como Oscar Wilde, com galgos afegãs, e aqueles enormes carros De Dion-Bouton daquela época e fazer correr cavalos italianos no hipódromo de Capri. ..

Clarisse começou a rir ao mesmo tempo que ele, que, encorajado, continuou:

— Ignorava naturalmente que Capri era um pão de açúcar sem a menor superfície plana e ignorava também que Oscar Wilde não gostava das mulheres. . . Acho que foi essa dupla decepção que me impediu até hoje de vir aqui e talvez seja essa lembrança que me impede de descer à terra hoje.

— Mas são lembranças. Tive muito sucesso aqui com 19, 20 anos. Mesmo na Itália, a fortuna dos Baron era conhecida e me faziam uma corte assídua. Naquela época não era vergonhoso ser a herdeira dos Baron...

— Agora também não, espero — falou Julien em tom ligeiro. — Não é mais vergonhoso nascer rico do que pobre, que eu saiba.

— Acho que sim — disse ela seriamente. — Por exemplo — continuou com volubilidade de repente — você, que é avaliador público, deve gostar de pintura, não é? Não lhe parte o coração vender obras-primas a burgueses, a ricos que só sonham em se enriquecer ainda mais graças a essas telas. . . E que vão fechá-las num cofre-forte logo que voltarem para casa sem mesmo olharem para elas?

— Nem todos fazem isso...

Mas Clarisse cortou-lhe a palavra sem ouvi-lo:

— Meu avô Pasquier, por exemplo, tinha uma soberba coleção de impressionistas. Comprara tudo aquilo por uma bagatela, naturalmente: Utrillos, Monets, Vuillards, Pissaros. . . tudo isso por três francos, segundo dizia. Os grandes burgueses fazem sempre pechinchas, você reparou?. . . Chegam até a comprar o pão mais barato do que a zeladora. E ainda por cima ficam orgulhosos disso...

Começou a rir, mas Julien guardou silêncio e ela se virou diretamente em sua direção, como que irritada.

— Você não acredita?

— Não acredito nas generalizações. Eu conheci burgueses

encantadores e burgueses infames.

— Então teve sorte — disse brutalmente, com uma voz cheia de cólera.

Levantou-se, dirigiu-se para a amurada, um pouco ereta demais como que para disfarçar seu desequilíbrio etílico. Julien seguiu-a maquinalmente, apoiou-se à amurada a seu lado e quando virou a cabeça percebeu que ela chorava sem controle, com grandes lágrimas que escorriam-lhe pelas faces sem que ao menos parecesse notá-las, lágrimas que ele adivinhava quentes, curiosamente, só pela forma: lágrimas esticadas, escorridas, oblongas, lágrimas de raiva semelhantes à fumaça dos seus cigarros que não tinham aquela redondeza perfeita, aquele lado cheio e quase sereno que têm as rodela de fumaça bem estudadas e as lágrimas das crianças quando as decepçionamos.

— Por que você está chorando?

Mas ela se deixou ir contra ele, a cabeça no seu ombro como se estivesse apoiada numa árvore, ou num candelabro, ao acaso.

Fora a luz que vinha do bar que iluminava o tombadilho onde estavam um segundo antes, luz que chegava de lado, luz vaga, furtiva, luz equívoca, eles estavam no escuro. E só o farol da ilha cortava por vezes essa escuridão, passava pelos seus rostos por dois ou três segundos antes de tomar a partir no seu círculo maniaco. Mas só mostrava a Julien, de cada vez, o cimo da cabeça de Clarisse, pois ela a mantinha obstinadamente abaixada, como uma cabra teimosa contra o ombro dele, os ombros sacudidos por pequenos espasmos regulares, quase tranqüilos na sua regularidade. Era um desgosto desesperado e pacífico ao mesmo tempo, um desgosto que vinha do fundo dos tempos, também um desgosto por nada. Era um desgosto inútil e inextinguível, uma loucura e uma resignação. E, para sua própria surpresa, Julien sentiu-se pouco a pouco invadido pelo tranqüilo impudor desse desgosto, pelo silêncio que ela guardava quanto às suas causas enquanto soluçava no ombro desse desconhecido que era ele, silêncio pior, enfim, que todas as explicações, silêncio unicamente rompido pelas fungadelas e o ruído dos Kleenex, que ela rasgava para secar as lágrimas com gestos rudes de adolescente.

— Vamos — disse perturbado, inclinando-se para essa cabeça acabrunhada — vamos, não chore assim... É bobagem, vai sofrer com isso — acrescentou tolamente. — Por que você está chorando assim? — insistiu sussurrando.

— É inepto. . . — respondeu, virando o rosto para ele. — Inepto. . . mas eu sou inepto. . .

O farol passou então sobre, seu rosto e Julien ficou petrificado. A maquilagem tinha cedido sob as lágrimas e os Kleenex, e como os bastiões de uma cidade tinha-se esboroadado, diluído, afundado. Dessa maquilagem

espessa e barroca, quase obscena, surgiu um novo rosto, um rosto desconhecido e soberbo que a luz vaga, vinda de viés, esticava e sublinhava de forma impecável e trágica, à qual poucos rostos teriam resistido: mas ali estava um rosto de eurasiana, com ossatura perfeita, olhos muito longos, muito diretos, puxados do nariz para as têmporas, apesar da ausência de qualquer máscara, olhos de um azul pálido de maço de *gauloises* sob os quais distinguia uma boca marcada, arqueada ao alto, ávida e triste embaixo, uma boca ainda úmida das lágrimas. Julien se viu beijando aquela boca, inclinando-se sobre ela, o nariz nos cabelos dessa mulher louca e ébria, mas cuja loucura de repente lhe era completamente indiferente, tão preocupado estava com o contato dessa boca tão resolutamente cúmplice da sua, tão definitivamente amigável, complacente, generosa, exigente, sorrateira.

Uma verdadeira boca, dizia-se ele no escuro, "uma boca como as de 25 anos atrás, quando eu próprio tinha 20 anos e beijava as moças pela portinhola dos carros e sabia que ficaríamos por ali e que esses beijos eram o cúmulo do prazer acessível para mim; e que, de fato, esses beijos me deixavam cumulado de felicidade e ao mesmo tempo doente de saudade!

Nos últimos 20 anos tinha havido muitas bocas e muitos beijos, promissores ou apaziguadores, beijos antes e beijos depois, mas todos cronologicamente situados. Nunca mais houvera, nunca mais de fato, beijos inúteis, gratuitos, finais em si mesmos, beijos fora do tempo, fora da vida, quase fora do sexo e do coração, beijos nascidos de puro desejo de uma boca por outra. "Os beijos verdes, apertados, beijos gulosos da juventude", cuja descrição por Montaigne o emocionara, e cujo gosto encontrava ali, naquela noite, na boca de uma mulher da sociedade ligeiramente ébria. Era risível, mas ao mesmo tempo ele não podia se separar dessa boca. Inclinando o rosto à direita, à esquerda, seguindo os movimentos do pescoço dela, só tinha um pensamento, um objetivo!, nunca mais se separar daquela boca, apesar da situação absurda, inclinada, com câibra nas costas, essa boca que a sua cabeça cobria de qualificativos, que felicitava e declarava fraternal, maternal, corruptora, confiante e a ele destinada desde sempre.

— Espere — disse ela afinal.

Arrancou-se dele, jogou a cabeça para trás apoiada na amurada, mas com o rosto em sua direção, olhos abertos. Julien não podia se afastar, perdê-la de vista, nem sair daquela sombra, porque quebraria então alguma coisa, alguma coisa eminentemente frágil e que deveria ser inquebrável. Não fosse assim, ela ia recuperar o controle, esquecer que era bela, ou então seria ele que esqueceria de desejá-la tanto. Alguma coisa adejava entre eles nessa iluminação lívida, alguma coisa que se desvanecia se se afastassem dos olhos um só instante.

— Mexa-se um pouco — disse. — Apóie-se aqui.

Conduzia-a para a parede do bar, apoiava-a ali, calçava-a com os braços, em suma, instalava-a na sombra dele próprio. Sentia-se ofegante, o coração batia devagar, pensava vagamente que só recuperaria a respiração na boca de Clarisse; mas não podia se mover, e ela também não, naturalmente, pois podia ver, no escuro, Julien como um cego ou uma criança a oferecer-lhe o rosto impaciente e triunfante e que ela não se movia. Ele olhava a mancha branca desse rosto tão longe e tão perto, agora indistinto, vago e tão recentemente posto a descoberto, esse rosto tão ameaçador e tão desejável na sua proximidade, esse rosto que já era uma lembrança desse rosto do qual já possuía uma imagem para sempre marcada na sua memória, tal como o vira ainda agora contra a amurada, quando se inclinava para ele, um rosto visto naquele ângulo preciso, naquela iluminação precisa, rosto que jamais veria de verdade, e de que já, furtiva, insolentemente, se permitia ter saudades, até mesmo preferia aos mil outros rostos que o esperavam naquela mancha branca, vaga, ali, essa mancha indecisa, que podia não ser nada. Que não seria nada se não houvesse aquela boca sob a sua e a câmara do desejo imediatamente desencadeada diante de Julien. Era a vida sensível, e a sensibilidade oferecida a essa vida de ser qualificada feliz ou infeliz; o risco também de nada mais valer como tal, de só ser estimado ou suportado em função de outros olhos: os olhos de Clarisse. Esses olhos independentes, estranhos a Julien, a sua infância, esses olhos indiferentes, ignorantes dos segredos ainda existentes entre Julien e ele próprio durante muitos anos, ainda acumulados e cuidadosamente dissimulados; e não forçosamente por covardia, mas em geral por decência ou por gentileza; todas essas barreiras, esses véus, essas acomodações que Julien interpusera entre sua vida e sua própria visão da sua vida; máscaras e caretas que se tinham tornado instintivas, mais verdadeiras talvez, na sua recusa da verdade e mais profundas no seu gosto de mentira que muitos outros instintos vindos da infância e pretensamente naturais. Essas máscaras, ele já recusava negá-las, rasgá-las mesmo com a ajuda de uma outra. Recusava-se a apagar qualquer traço dessa coabitação vergonhosa e culpada com ele mesmo, sob pretexto de participação, de sinceridade. A menos que, e isso seria o pior, e mais desejável, talvez, essa ligação inconfessável entre ele e ele próprio permanecesse inconfessa. Essas máscaras de papelão seriam beijadas a boca plena e esses cabelos falsos alisados por mãos quentes. Então ali, ele sabia, ao abrigo dessas comédias ele se aborreceria, não amaria e estaria salvo.

E já apegado a esta última hipótese, atroz, provável, Julien respirava aliviado, quase lamentando o tempo feliz em que poderia cortar todas as amarras, entregar seu coração e deixar que alguém desse sentido a sua vida, isto é, um tom. E Julien, desolado com a sua impossibilidade de amar, enfermidade quase gloriosa pois colhida nos campos de batalha, Julien

ofereceu na escuridão, com os olhos fechados, um rosto impaciente e triunfante. Mas, no tempo do rosto de Clarisse se aproximar do seu, Julien pôde ter saudades do amor. Se ele amasse, o seu futuro se povoaria, as ruas, as praias, os sóis, as cidades voltavam a ser reais, desejáveis mesmo, pois seriam mostrados compartilhados. A terra, aceita como redonda, tomar-se-ia plana, aberta como a palma de uma mão a percorrer, os concertos se repetiam, os museus se reabriam, os aviões reencontrariam os seus horários. E se amasse, ser-lhe-ia possível tanto compartilhar de todos esses tesouros, como esquecê-los deliberadamente, desdenhá-los por um quarto de hotel, uma cama, um rosto. E se amasse, seu passado, essa história um pouco fora de moda, mas decente, inenarrável, seu passado morto com a mãe, a única que desejara contar-lhe até o fim essa infância, tirá-la da sua banalidade para dela fazer uma série de acontecimentos originais, o seu próprio passado deveria ressuscitar e se apresentar impetuoso, intransigente, como o adolescente que se esforçaria por descrever e criar, toda memória falseada e toda recordação adulterada. Mas, definitivamente, Julien nunca seria mais sincero do que nessas mentiras, pois, procurando seduzir Clarisse, o que revelava em profundidade era o que o seduzia aos olhos dele, Julien. O que ele esboçava, assim, através de um adolescente exemplarmente falso, era o adulto em que se tornara, e com tanto mais certeza por serem os seus sonhos, seus arrependimentos que ele assim descobria, seus sonhos, e seus arrependimentos, únicos reveladores irrefutáveis de um homem. Pontos de referência bem mais confiáveis que as realidades; realidades que, como sempre, iriam parar como troféus duvidosos nas planas páginas de um calendário onde seriam datadas, certificadas, reconhecidas pelos burocratas esclerosados da memória ou do julgamento moral. Através dos falsos relatos e dessas anedotas falsas, seria a verdadeira vida sensível de Julien que ele poderia afinal contar, vida que ele delineara, afinal, lógica, plana, estimável e finalmente feliz; porque para Julien não era das menores forças do amor a que o obrigaria a cada vez, apresentar ao ser amado o reflexo de um homem feliz. Queria ser feliz, alegre, livre, forte. Que o amassem pelas suas desgraças, parecer-lhe-ia um insulto a sua virilidade, pois Julien gostava tanto dos prazeres do amor como dos seus deveres. Foi pois, contemplando essa imagem de si mesmo, essa imagem, generosa e sentimental, que Julien recebeu nos seus lábios o beijo apenas apoiado de Clarisse. Só quando Clarisse se reergueu foi que a terra balançou, e tudo tornou-se outra vez possível e infernal pois, correndo para a luz, Clarisse já fugindo, dizia ela em primeiro lugar:

— É preciso não recomeçar.

A terra balançava um pouco sob os pés dos passageiros após apenas três dias de cruzeiro.

— Vai haver barulho na volta — observou Simon Béjard.

Edma Bautet-Lebrêche, embora ainda um pouco chocada com o gênero da conversa dele, não deixava de se mostrar vagamente aprovadora quanto ao fundo. Esse rude bom senso depois dos comentários longínquos, fúteis e distantes dos seus amigos mundanos, essa apreensão brutal da realidade, traduzida em termos joviais e crus, pareciam-lhe, afinal, os mais reconfortantes. E mesmo dos mais tolerantes, não tendo os sarcasmos brutais de Simon o menor laivo de maldade; em suma, Simon Béjard não estava longe de representar o *povo* para Edma Bautet-Lebrêche. Esse povo que ela não conhecia e do qual a tinha separado, tanto, senão mais do que seu casamento luxuoso, uma infância laboriosamente burguesa. Além disso, a admiração de Simon Béjard era contagiosa, de tão ingênua. Chegava mesmo a ser comovedora, por momentos.

— Ah! isto aqui. . . — dizia, na charrete que os levava em trote cerrado até à Razetta, Charley, Edma e ele (Olga e Eric tinham preferido ir até lá de táxi).

— É um lugar soberbo! Vou voltar para filmar aqui! — resmungou num surto de profissionalismo, mas sem grande convicção, pois, por uma vez, Simon não pensava em termos de utilidade mas em termos de gratuidade.

— Não é mesmo uma beleza? — disse Edma Bautet-Lebrêche lisonjeada, imediatamente se apropriando de Capri e dos seus encantos por um reflexo universal. — É bastante chocante, não? — Acrescentou segundo o vezo próprio da alta sociedade e de certos intelectuais acrescentar um pequeno advérbio restritivo a um adjetivo flamejante. Era assim que ela achava Hitler "bastante abominável" e Shakespeare "bastante genial", etc. O seu "bastante chocante" pareceu fraco a Simon, em todo caso.

— Nunca tinha visto um mar igual — disse. — Que bela puta!

Edma estremeceu; mas de fato o mar se estendia em todos os seus lençóis, do azul-noite ao azul-desbotado, das púrpuras-flamejantes aos rosas impudicos, do negro ao cinza do aço como uma cortesã", e se enlanguescia nessas cores misturadas com narcisismo e sem dúvida nos prazeres solitários de que a superfície cremosa e lisa, prateada, nada refletia.

— O que você acha da Piazzetta, Simon?

— Não vejo nada — resmungou. Porque a Piazzetta iluminada estava cheia de *shorts*, máquinas de fotografar, mochilas, entre os quais não via Olga nem Eric.

— Devem estar no Quisisana, é o único bar tranqüilo do hotel. Vamos. Você vem, Simon?

Mas eles não estavam no Quisisana, nem no Número Dois, nem na Piazzetta, em parte alguma, constatou Simon com irritação crescente pouco a pouco transformada em decepção, em desgosto. Sonhara ver Capri com Olga, misturara seus sonhos de infância com a realidade da idade madura. Sentia-se ainda mais triste porque Edma e Charley, de início otimistas, confiantes, adotavam pouco a pouco um tom de pena, falavam-lhe afetuosamente, riam cada vez mais alto das suas brincadeiras, cada vez mais raras, ou talvez mais ligeiras.

— Devem ter voltado para bordo — disse Edma saindo da sexta boate e instalando-se num murinho baixo, com as pernas pesadas. — Estou exausta. Devíamos voltar também, eles devem estar esperando por nós.

— Coitados. . . Talvez estejam mesmo furiosos! — falou Simon, amargamente. — Talvez seja preciso nos desculparmos! Eu também estou exausto — confessou, sentando-se perto de Edma.

— Vou buscar alguma coisa para beber, ali defronte — propôs Charley, a quem consolar o desgosto dos outros não consolava o seu, porque não encontrara traço de Andréas, apesar das suas perguntas indiscretas. E no entanto, com a beleza do rapaz e ao braço da Doriacci não deveriam ter passado despercebidos. . . Ia aproveitar da sua missão para questionar Pablo, o *barman* do Número Dois, a par de tudo que acontecia em Capri.

Charley partiu, pois, no seu passo dançante um pouco demasiado juvenil, mas o porte da cabeça não correspondia à marcha, não indicava qualquer alegria, e Edma sabia por quê. "Ah! como estava divertido o passeio a Capri, entre esses dois corações partidos!. . ." Por uma vez felicitava-se da sua castidade voluntária. . . se não tanto voluntária, pelo menos deliberada.

Eric pagara o táxi e junto com Olga insinuou-se pelas ruas estreitas de Capri, sem mesmo chegarem a combinar qualquer coisa. Havia um lugar muito bonito de que Eric se lembrava, que dava para o mar e que ficava a

dois passos do Quisisana. Parou no Quisisana por um instante, confabulou com o porteiro e depois voltou para Olga com ar distraído. Apesar de sua grosseria permanente, Eric pensava que um pequeno preâmbulo sentimental era necessário, que não podia decentemente, sem o menor discurso, arrastar a jovem atriz para a cama. A jovem atriz não deixava de pensar nisso também. "Era tão comovedor, Fernande, ver esse homem afinal tão seguro de si e dos seus sucessos femininos, vê-lo tomar tantos volteios para me confessar essa coisa tão simples, o seu desejo. . . É porque ele é um homem que faz parte dessa geração deliciosa (e finalmente mais viril do que qualquer outra) em que não se considerava adquirido um corpo de mulher no momento em que ela lhe agradava. Ficamos dez minutos trocando banalidades num terraço antes de ele se decidir. . . Você compreende? Estava comovida até as lágrimas. . ." Na verdade, Olga, habituada a costumes mais expeditos, principalmente naquele meio cinematográfico em que os heterossexuais convictos se disputavam como raridade, tinha temido de início que Eric fosse impotente. Depois, quando lhe falou com uma voz falsamente despreocupada: "Sinto desejo por você", com uma voz que ela acreditou sentir vibrar de desejo sob controle, ela se dissera sem querer, com um pouco de ironia: "Já perdemos dez minutos." Uma hora mais tarde teria direito a dizer que fora também uma hora perdida, tanto Eric se revelara expedito, brutal, e irritado, em todo caso o menos interessado possível no prazer dela. Se não fosse o diretor do *Forum*, o teria mesmo insultado muito trivialmente, mas essa auréola fez com que o achasse admirável de vigor e de uma pressa comovedora. Eric tornou a vestir-se em dois minutos, contente com esse sucesso aliás fácil e já se perguntando como Clarisse poderia ser informada do fato. Mas na porta Olga o deteve com uma mão pousada no ombro. Virou-se espantado.

— O que foi?

Ela bateu com as pálpebras, abaixou para murmurar.

— Foi divino, Eric... Realmente divino...

— Vamos recomeçar — declarou polidamente e sem qualquer convicção. Tinham-se amado no escuro, e ele seria incapaz de dizer como era ela.

Olga teve que insistir para que lhe oferecesse uma garrafa de Chianti no terraço do hotel.

Andréas imaginava-se dançando, aliás com entusiasmo, o tango ou o *jerk*, nas boates da noite, mas se viu numa enseada totalmente deserta na qual um mar morto e transparente batia na escuridão.

— Vamos nos banhar — dissera a Doriacci, e a viu estupefato tirar os sapatos, o vestido, e os pentes. Viu seu corpo gordinho e indistinto passar como uma mancha branca diante dele e ir-se debater no mar com gritinhos de alegria. Não imaginava nem por um instante a força interior dessa mulher para se expor nua, mesmo na escuridão, a um olhar que ela pensava crítico. Ora, esse olhar já não era crítico: se ela pesasse duas vezes o seu peso, mesmo que fosse feia, Andréas não o teria percebido. Estava há três dias penetrado de um sentimento que se assemelhava muito à devoção e que, o percebia bem, não o ajudaria a provar sua virilidade. As pinturas, os drapeados, o porte da cabeça da Doriacci o tinham enchido até ali de um terror respeitoso, e assim, quando a viu-se debater na água com gestos infantis, quando esse rosto marmóreo ficou coberto de cabelos molhados e a voz sonora se reduziu a gritinhos agudos provocados pelo frio, o terror cedeu em Andréas, diante do instinto de proteção: Andréas despiu-se, correu ao mar e chegou junto a Doriacci atraindo-a nos seus braços e trouxe-a para a praia com decisão como o soldado rústico que não tinha conseguido ser durante 24 horas. Ficaram muito tempo depois esticados na areia, perfeitamente bem, apesar do contato desagradável e frio da areia e apesar do ligeiro tremor intermitente que os fazia se apertarem um contra o outro como escolares.

— Você fez de propósito? — disse ele em voz baixa.

— De propósito o quê?

Voltava-se para ele e sorria e Andréas via-lhe o brilho dos dentes e a massa dos ombros e da cabeça contra o céu claro.

— De propósito, tirar os seus pentes — disse.

A Doriacci sacudiu a cabeça da direita para a esquerda.

— Nunca faço nada de propósito, exceto quando canto: nunca aceitei fazer de propósito qualquer outra coisa.

— Eu, sim — confessou ingenuamente. — Você não sabe como eu já fiquei envergonhado...

— Vocês são bem tolos, vocês os homens — declarou ela, acendendo um cigarro e pondo-o na boca. — Vocês têm noções sobre o amor. . . será que pelo menos você sabe o que é um bom amante, para nós, mulheres?

— Não — disse Andréas intrigado.

— É um homem que nos acha boas amantes, e é só. E que fica com o mesmo humor do que nós no amor: tristes se estamos tristes, alegres, se estamos alegres, e não o contrário. Os técnicos não passam de uma lenda — disse com firmeza. — Quem lhe ensinou, seja o que for, sobre as mulheres?

— Minha mãe e minhas tias.

E ela caiu na gargalhada e depois escutou-o com atenção e uma espécie de afeto maternal, enfim, enquanto ele contava a sua infância bizarra. Mas recusou-se, apesar das solicitações, a falar da sua. "Gostava que se abrissem com ela, mas ela própria, não", pensou Andréas com melancolia, mas uma melancolia não bastante grande para enfraquecer sua felicidade e o sentimento de triunfo que o habitava.

Esbarraram em Olga e Eric ao chegarem à escada do navio. Não estava longe a aurora no céu, nem a embriaguez em que os esperavam Edma, Simon e Charley.

Adiantaram-se os quatro para as cadeiras reclináveis. A Doriacci e Andréas visivelmente satisfeitos um com o outro, embora ela tivesse largado a mão do jovem, mas com aquele ar de inocência que o prazer proporciona, o que ressaltava de modo curioso, por oposição, a sensação de culpa dos dois outros. O ar formal e frio de Eric não dava para contrabalançar essa retidão submissa e virginal pousada como um véu sobre o rosto de Olga; esse ar tão deliberadamente angélico que era uma confissão à beira do insulto. Pelo menos foi o que pensaram Charley e Edma, e eles baixaram os olhos precipitadamente como se Simon pudesse ver neles o reflexo dessa certeza e sentir-se obrigado a reagir. Mas Simon bebera demais, estava embriagado demais e, embora clara, a confissão pareceu-lhe involuntária. Era uma coisa que resolveria a sós com ela; ainda assim, não sabia se teria coragem. Sentia-se culpado, desde logo, de "saber". Olga sentou-se ao lado dele com um sorrisinho falso, e Eric, pouco à vontade, sentou-se ao lado de Edma, que não o olhava.

Para sua grande surpresa, Edma, que tinha o hábito, no entanto, dessas trocas de parceiro, sentia uma espécie de desprezo, pelo menos de aversão, com relação a Lethuillier, e Charley devia ter os mesmos sentimentos, porque também não parecia notar a presença do belo viking a seu lado.

— Se nós bebêssemos mais alguma coisa? — falou Charley a Doriacci, visivelmente hesitante.

A tensão que reinava nessa mesinha noturna era quase palpável. Mas Andréas, que não ligava a mínima e só sonhava em reiterar suas proezas amorosas, bateu com os pés resmungando que era tarde demais, o que decidiu a Doriacci: ela sentou-se, esticou as pernas e pediu uma limonada ao

seu cavaleiro às ordens, com voz imperiosa. Edma e Charley respiraram. A presença de terceiros, ainda mais *terceiros* do que eles próprios, afastava o drama. (Era raro Edma tentar evitar um drama.)

— Nós os procuramos por toda parte — disse com voz aguda, que por uma vez desejava que fosse deliberadamente mundana, esperando assim banalizar as suas excursões e busca inútil em Capri.

— Ora, ora. . . Onde vocês estavam, afinal? — falou Simon com ar brincalhão, e falsamente severo, um ar bonachão de fato, ele também tentando atenuar o clima de drama.

— Vagamos ao acaso — disse Olga, com voz átona, impessoal, de uma indiferença tão forçada que Edma sentiu um desejo violento de esbofeteá-la de repente, mais uma vez, aquela mulher pretensiosa e ridícula, feroz. Desviando os olhos cruzou com o olhar da Doriacci, e leu nele o mesmo desejo igualmente refreado, sentindo de repente um surto de afeição pela Diva. Pelo menos esta se comportava bem: tinha desejo de carne fresca, tomava-a sem fazer barulho nem caretas; e ali, esticada na sua poltrona, com expressão satisfeita e contente de sê-lo, o rosto desabrochado, ameno, parecia dez anos mais jovem e ingênua nos seus 55 do que a Olguinha nos seus 26, de que se orgulhava, e com os quais, como se fosse uma virtude, acabrunhava o infeliz Simon.

— Julien Peyrat não está com vocês? — disse Eric de súbito, com expressão suspeitosa muito inesperada, pensou Edma. — Não o vi em Capri, pensei que ele os escoltasse — perguntou imperativamente a Edma, que não lhe respondeu com os olhos sempre fixos adiante. — Eu pensei que ele os escoltasse — recomeçou com veemência desta vez, e Charley se interpôs, de repente, inquieto.

— Não — respondeu. — Edma tinha Simon e eu como cavalheiros para acompanhá-la. . . Edma. . . Senhora Bautet-Lebrêche, quero dizer — corrigiu precipitadamente.

— Chama-me de Edma, de uma vez — disse em tom cansado — pelo menos quando o senhor Bautet-Lebrêche não estiver presente — acrescentou, brincalhona.

E Edma pôs-se a rir. Charley acompanhou-a, mas seus risos não tiveram eco.

— Então Peyrat ficou no navio — resmungou Eric.

— Ele deve ter ficado em conversa com Kreuze — disse Charley gentilmente.

— Ah, então não deve-se ter aborrecido — disse Edma.

E pela primeira vez lançou a Eric um olhar agudo, bem de frente, um olhar que jubilava. Esse imbecil de Lethuillier tinha ciúmes da mulher, ainda por cima. Agora que pensava nisso, acreditava que por certo se passavam

coisas entre esse encantador Peyrat e essa encantadora Clarisse. Exatamente por não haver nada de visível entre eles, acabava havendo alguma coisa, evidente. . . Espantava-se de não ter pensado nisso antes! Eric sustentou seu olhar um instante, com um sentimento que parecia ser de raiva nos olhos, depois bateu com as pálpebras e levantou-se brusco.

— Eu volto — disse, não se sabia bem para quem.

E partiu a passos largos, afastando-se do círculo. E pouco depois só se via a mancha clara do seu casaco que desaparecia no tombadilho....

Simon Béjard jogara a cabeça para trás. Parecia vagar em outras paragens, e realmente hesitava entre duas vodcas de um lado e duas atitudes de outro. Uma era levantar-se, respirar fundo e puxar Olga pelo braço até a cabina, o que era a solução número um, dos filmes de cineastas ditos viris; a segunda, respirar indiferente, propor um jogo de baccará e falar de outra coisa, o que seria a solução número dois, dos cineastas ditos modernos. A solução dele, Simon, no seu cinema pessoal e sem êxito, seria ficar na sua poltrona ao abrigo, sob a proteção de Edma e de Charley, a proteção da sua garrafa de vodca que ainda não estava vazia, e de se embriagar até de manhãzinha, até mesmo ao sol do meio-dia. Não queria, não podia enfrentar Olga a sós, naquele lugar apertado, com uma vigia, aquela pequena cabina luxuosa onde, afinal, não se sentia bem desde a partida. Porque isso significaria enfrentar uma cena e se ouvir dizer coisas cruéis (que adivinhava cruéis), ou então não fazer perguntas, nada pedir, e enfrentar um desprezo silencioso, crescente e injusto que, ele sabia, constituiria uma espécie de dívida da sua parte.

Realmente era o cúmulo, ser enganado e ainda praticamente ter de pedir desculpas. Mas fora a isso que ele chegara, de repente percebia com terror. Porque as duas outras soluções, as soluções "normais", que consistiam em dar uma bofetada naquela prostituta, exigir desculpas e promessas, ou mais simplesmente desembarcá-la ou ele próprio descer na próxima escala sem outra forma de processo, essas outras duas soluções, as únicas "convenientes" também para um homem, lhe eram interditas. Não suportava a idéia daquele cruzeiro sem Olga; nem dias futuros sem seu rabo-de-cavalo, seu corpo elegante e bronzeado, seus gestos bruscos, sua voz estudada, sua tensão e esse rosto infantil que ela mostrava ao dormir, aquele rosto que era, em suma, a única coisa que podia amar de verdade nela, e a única coisa de que ela não era responsável.

Simon Béjard teve a impressão que o tombadilho se abria sob seus pés, como num livro; uma espécie de náusea encheu-lhe a garganta, fazia brotar suor sobre a testa; e admitiu afinal que estava apaixonado de fato por aquela prostituta que não gostava dele. Fechou os olhos, fez por um segundo uma expressão dolorosa, aterrorizada, que lhe deu um ar muito mais jovem e

muito mais digno que de hábito. E mais uma vez só Edma surpreendera esse rosto, para seu espanto. Instintivamente estendeu a mão da meia-luz e deu uns tapinhas no braço da poltrona de Simon, ao lado do seu braço, perto o bastante para que ele sentisse. E Simon voltou-lhe os olhos com o olhar de um afogado, um afogado rubro e escarlata, um ruivo ridiculamente púrpura e infeliz que conquistou de vez o que restava de coração à elegante Edma Bautet-Lebrêche.

Clarisse dormia. Eric entrara silenciosamente no quarto, o rosto duro com uma raiva cega contra alguma coisa que não sabia exatamente o que era, uma raiva sem qualquer relação com o aborrecido e rápido *intermezzo* que fora a noite com Olga. Pelo menos deveria ter sentido um prazer orgulhoso dessa noite, mas só lhe restava um sentimento obscuro de ter sido logrado. Mas por quem? Gostaria que tivesse sido por aquela mulher adormecida, e que tivesse tido a prova flagrante ao voltar a essa cabina: gostaria de tê-la encontrado nos braços de Peyrat, tendo assim um pretexto para bater-lhe, insultá-la, fazê-la pagar por aquelas três horas aborrecidas e triviais, fazê-la pagar a promiscuidade desse táxi com aquela mulher caçadora, fazê-la pagar a multidão vulgar naquela Piazzetta, o sorriso entendido do porteiro do hotel e sua obsequiosidade complacente, fazê-la pagar o contato desse corpo estranho contra o seu, os gritinhos e os sobressaltos simulados daquela débil mental nos seus braços, fazê-la pagar aquele Chianti xaroposo e interminável que tivera de beber depois, para festejar aquilo. Ao mesmo tempo gostaria de encontrá-la nos braços desse Peyrat e ao mesmo tempo não teria suportado. Eric continuava imóvel diante da cama e diante do corpo adormecido de Clarisse. Só lhe via os cabelos ruivos sobre o travesseiro. Jamais veria outra coisa dela: cabelos sobre um travesseiro, escondendo o rosto que jamais veria. Ela lhe escapara. Tinha escapado e não sabia por que nem como tinha tanta certeza disso. Ao mesmo tempo, reprimia essa idéia, rejeitava-a como um fantasma, como um absurdo, como uma impossibilidade total. Era sua mulher, Clarisse, que reduzira havia muito tempo à sua mercê, e isso não mudaria enquanto vivesse.

Virou nos calcanhares bruscamente e saiu batendo com a porta. Assim, quando voltasse, ela estaria acordada e em condições de constatar sobre o rosto dele todos os traços de suas delícias amorosas com Olga. Pareceu-lhe ter ficado apenas um minuto ao lado da cama de Clarisse, mas quando tornou a subir ao tombadilho, não havia ninguém. Só viu Ellédocq apertado no seu *blazer* azul-marinho e que recolocava com ar solene a corrente da escada. O capitão virou um rosto satisfeito.

— Todo mundo de volta a bordo. Vamos partir.

E lançou um olhar mortífero para Capri e suas luzes, para esse lugar de

perdição, um olhar que em outras circunstâncias talvez tivesse feito Eric rir.

Armand Bautet-Lebrêche estava acordado, infelizmente!, quando Edma voltou à cabina conjugal. Ele não dormia antes das cinco da manhã e acordava às nove, tão bem-disposto como seria possível a um jovem ancião já não muito jovem. Lançou um olhar frio a Edma, despenteada, um pouco ébria, foi o que pareceu a Armand, que detestava esse estado nas mulheres em geral e mais especialmente na sua. Mas não foi seu olhar reprovador que chamou a atenção de Edma, mas, bizarramente, seu torso. Armand Bautet-Lebrêche vestia um pijama de seda riscada comprado em Charvet, de colarinho russo, um pouco largo, o que lhe dava mais do que tudo o ar de um pássaro depenado. Aqueles poucos pêlos loucos e cinzentos que a natureza esquecera no seu peito de repente lhe pareciam obscenos, literalmente, e de modo maquinal dirigiu-se a ele. Embora estivesse deitado, isto é, segundo o regulamento deles, intocável, fechou-lhe o colarinho em torno do pescoço, completando com um tapinha no ombro. Armand lançou-lhe um olhar indignado.

— Perdão. . . — disse entre os dentes (não sabendo muito bem de que se desculpava, aliás, mas vagamente culpada ainda assim). — Você não está dormindo?

— Não, por acaso tenho o ar de quem está dormindo? — "À pergunta idiota, resposta idiota", pensou maldosamente. Ele próprio não sabia por que o gesto de Edma o tinha aborrecido tanto. Na realidade um e outro ficariam completamente surpreendidos se ouvissem dizer que a origem dessa raiva e desse remorso igualmente confusos era uma infração às regras milenares do gato deitado. Enquanto esperava, Armand estava de mau humor e não faltava mais nada, pensou Edma sentando-se no seu beliche, como os braços

soltos. Aquela noite fora infernal.

— Que noite! — disse, na direção de Armand, de novo mergulhado nos seus blocos, seus jornais financeiros que cobriam a cama, e aos poucos a cabina inteira. — Que noite... — repetia, mais lentamente e sem entusiasmo.

Repugnava-lhe despir-se e, principalmente, tirar a maquilagem. Tinha medo de se achar velha nesse espelho cruel, sobrecarregado de acaju. Afinal, representara o segundo papel durante toda a noite e não podia deixar de pensar nisso. Certamente ela era o núcleo desses pequenos grupos, como lhe diziam, mas já não era a polpa. Além disso, esta noite ela representara o papel de confidente, das damas de caridade, uma figurante, era isso: ela chegara até aí. . .! E, de fato, comparados aos papéis habituais de provocadora de disputas ou de cronista feroz, os novos papéis que lhe sugeria sua nova bondade pareciam-lhe bem chatos.

— Imagine. . . — disse, com sua voz trombeteante (que provocou um latido cavernoso do encantador *Fuschia* do outro lado da parede) — imagine — continuou ela muito mais baixo — que esse pobre Simon e esse pobre Charley também, aliás. . .

— Escute — disse Armand Bautet-Lebrêche — seja gentil, minha querida, poupe-me as miseráveis depravações dos seus. . . enfim, dos nossos companheiros de viagem. . . O dia inteiro já é um pouco demais, você não acha? — acrescentou com um sorriso constrangido, porque Edma, imóvel, olhava-o com ar estranho.

"Que teria ele podido dizer de tão terrível?" Depois de um curto silêncio, Edma levantou-se, dirigiu-se para o banheiro passando diante dele. "Está numa magreza realmente exagerada", observou pacificamente Armando que, aliás, tendo o mesmo médico que sua mulher, sabia que ela estava muito bem.

— Finalmente. . . — disse a voz de Edma, vinda do banheiro — finalmente, fora os seus cálculos e continhas, você não se interessa por ninguém, não é verdade, Armand?

— Sim, minha querida, sim: por você e por todos os nossos amigos verdadeiros, aliás, naturalmente que sim. . .

Não houve resposta e, diga-se, ele não a esperava. "Perguntas idiotas, respostas idiotas", pensou ainda. Que idéia tinha essa Edma! Naturalmente que se interessava pelos outros! Naturalmente. . .

Enfim, "era estranho a que ponto as ações da Saxer estagnavam havia algumas semanas. . . " Tornou a mergulhar nos seus algarismos; estes sim, pelo menos faziam sentido. De qualquer modo, nada teria compreendido das lágrimas que hesitavam, todas intrigadas de ali estar, no canto dos olhos de Edma, do outro lado dos pés-de-galinha.

Fazia 40 anos agora que Armand sustentava esse papel de velho, precoce de início, de homem que jamais fora jovem: papel que lhe agradara no princípio, porque o dispensara de qualquer entusiasmo, qualquer agitação frenética, tudo que detestava; seu papel consistia, ao que parece, unicamente em pagar as contas do restaurante ou do hotel, esquecidas pelos companheiros joviais. Tarefa ingrata, mas da qual se ocupava sem se aborrecer, já que os meios de gastar dinheiro lhe pareceram sempre tão pouco interessantes quanto pelo contrário eram palpitantes os meios de ganhá-lo. Esse papel tinha portanto durado alguns lustros para a felicidade de todos, mas atualmente parecia que se suportavam menos os sinais de velhice nos "já velhos", como ele, do que nos "nunca velhos". Estes, transformando-se em velhos festeiros, podiam exibir gorduras, vermelhidões, protuberâncias, desmazelos que só provocavam na sua mulher um comentário enternecido do estilo:

"Ah! ele está pagando pelos seus bons anos... não roubou suas rugas." Em compensação, o menor grama a mais em Armand, o menor tremor, eram interpretados como decadência. Ele envelhecia, sim — dizia ela, e no entanto não fora por falta de se preocupar. . . Foi assim que, cruelmente perseguido durante toda a vida por pessoas que o aborreciam e tinha que freqüentar, Armand se via, 40 anos depois, desprezado por estas mesmas pessoas por assim ter feito. Parecia que nenhuma lembrança alegre era evocada pelo seu nome; a não ser talvez algumas crianças apaixonadas por guloseimas, ninguém sorria ao enunciado do seu nome. Por outro lado, se alguém falava de Gérard Lepalet ou de Henri Vitzel, "os que tinham queimado a vela pelas duas pontas", os cenhos se distendiam e uma espécie de simpatia reconhecida tremia na voz dessas senhoras. Ora, perguntava-se Armand, afinal, e após algumas experiências, se as proezas desses belos leões teriam sido superiores às suas. Esse tipo de homens dormia com as mulheres dos amigos, enquanto que ele dormia com as suas secretárias. Aqueles homens faziam suas mulheres infelizes por algum tempo, e ele punha essas outras mulheres jovens à vontade e confortáveis num outro tempo. Perguntava-se finalmente qual seria o maior mérito, o primeiro ou o segundo. O que chocava Armand nessas ligações mundanas era que se misturasse paixão nelas, que essas brincadeiras provocassem, às vezes, divórcio em casais com interesses concordantes, que, em suma, entre pessoas bem-educadas fosse preciso falar de amor nesse caso, também. Naturalmente, a pobre Edma envelhecia e tinha menos amantes, mas era um fato clássico; Armand Bautet-Lebrêche nunca se dissera que, se Edma se sentia tão só a ponto de enganá-lo, fosse talvez porque ela estava realmente solitária e que ele não era o menor culpado dessa solidão.

Dez minutos depois, todo mundo dormia no *Narcissus*.

Julien Peyrat saía geralmente do sono como um náufrago, aturdido e atemorizado, mas desta vez teve a impressão que fora uma onda jovem e vigorosa que acabava de depositá-lo nu nesses lençóis amassados, ao sol deslumbrante da sua cabina, um sol que entrava a jorro pela vigia, que lhe lambia os olhos abrindo-os e que, antes mesmo de lhe dizer onde estava, antes de qualquer outra informação, declarava-lhe que estava feliz. "Feliz. . . estou feliz" — repetia para si mesmo com os olhos fechados, ignorando ainda as razões dessa felicidade, mas já prestes a se entregar a ela. E recusava-se a abri-los agora, como se essa bela felicidade involuntária estivesse cativa das suas pálpebras, e prestes a fugir. Tinha bastante tempo. "Fecham-se os olhos dos mortos com doçura e é também com doçura que é preciso abrir os olhos dos vivos." De onde vinha isso? Ah! sim, era uma frase de Cocteau, descoberta num livro, 20 anos atrás, um livro, ele próprio, descoberto num trem vazio. . . E Julien acreditou ainda sentir o cheiro cinza desse trem e pensou mesmo rever a fotografia plana do grande pico nevado que ficava defronte dele nesse vagão deserto, e pensou rever a frase de Cocteau e esses sinais negros na página branca. Belas frases ronronantes ainda hoje, e que acreditava esquecidas havia muito, surgindo assim de improviso na memória. E Julien, pouco seguro de seu último endereço, achava de certo modo milagroso descobrir-se proprietário sem saber, proprietário de longas tiradas racinianas falsamente pacíficas no seu fino traçado musical; proprietário de fórmulas resplandcentes de espírito, frases involuntariamente de fundo conciso, graças a uma concisão desejada, da sua forma; proprietário de mil poemas misturados. Na desordem repleta e resignada da sua memória, acumulara uma provisão de paisagens imóveis na sua banalidade, de músicas militares, refrões estimulantes e vulgares, odores quase todos roubados à infância, planos de vida fixos como os de um filme. Era um caleidoscópio ingovernável que desfilava sob suas pálpebras agora, e Julien, paciente com sua própria memória, esperava sem se mover que o rosto de Clarisse, voltando à sua memória sensível, quisesse também voltar à

sua memória visual.

Os rostos de duas outras mulheres surgiram primeiro. Eram rostos pálidos, desconfiados, como informadas da sua desgraça recente. Depois foi Andréas descabelado, de perfil contra o céu que se incrustou sem razão, e que foi seguido por um cão amarelo estendido no cais na partida de Cannes. Enfim, vieram dois pianos em posição de caixa de sapatos, irreconhecíveis, e dos quais Julien não procurou encontrar a origem. Sabia que havia de fato algumas falsificações entre as suas lembranças, e que imagens falsas estavam misturadas às verdadeiras. Há muito tempo que não procurava reconhecer esse rio da China onde jamais estivera, nem aquela dama risonha que jamais vira nem mesmo esse porto nórdico calmo, e no entanto tão familiares e tão teimosos todos três nas suas aparições. Não, não reconhecia nem aquele rio, nem aquela mulher... E não, nunca pusera os pés nesse porto do qual no entanto podia sentir o cheiro e mesmo descrever com adjetivos precisos. Essas lembranças, esses *flashes*, misturados como cães sem coleira a essas verdadeiras lembranças, as vivências, deviam ter pertencido um dia a alguém, um outro alguém que estaria morto. . . E lançada fora da sua concha natural, fora dessa coisa apodrecida atualmente e dissolvida na terra, essas pobres imagens procuravam um dono, uma memória e um refúgio. Nem todas, aliás. Por vezes, algumas delas voavam, apenas entrevistas, sem dúvida, para uma outra memória mais acolhedora, e ele não as revia mais. Ao que lhe parecia, porém, o mais freqüente era se incrustarem desesperadamente, voltarem anos inteiros atrás, tentarem se confundir com as lembranças reais, as legítimas: e em vão. Esse porto desconhecido mas ardente por se fazer reconhecer acabaria sem dúvida por largá-lo um dia. . . Partiria de novo no escuro a esbarrar com outras consciências esclarecidas — e fechadas, pois eram vivas; o porto tentaria em vão insinuar-se sob outras pálpebras. Tornaria a partir mais uma vez para atacar alguém com seu encanto, sua nostalgia... A menos que Julien, bom príncipe, se decidisse um dia pela graça da sua imaginação encaixar seu pobre porto arbitrariamente num velho filme de infância, ou num livro de escola e se persuadisse assim da autenticidade desse usurpador.

Enfim o rosto de Clarisse surgiu diante dele, sorridente, no escuro e, de repente, extremamente preciso, imobilizou-se por muito tempo. Tempo bastante para que pudesse detalhar os olhos claros e alongados, os olhos assustados e voluptuosos, a aresta reta do nariz e as maçãs salientes à luz do bar, e o desenho da boca por baixo, vermelha sob a tinta, depois rosa, quase bege, depois do beijo. E Julien sentiu de súbito o contato exato dessa boca sob a sua, com tanta precisão que sobressaltou-se e reabriu os olhos. O rosto de Clarisse desapareceu, empurrado pelo aparecimento de uma cabina de

acaju, de um lençol branco, de cobres ofuscantes ao sol: um sol muito alto, muito arrogante e do qual a vigia deixada aberta na véspera, esgotada, batendo ao vento da manhã, tentava ainda em vão interceptar o brilho. Um sol que trazia Julien para o dia, o jogo e o cinismo: como para compensar os efeitos desse sentimentalismo exagerado no qual não se reconhecia, ou já não se conhecia mais, Julien Peyrat abriu seu armário, tirou o falso Marquet que pendurou na parede no lugar da escuna *Drakes's Dream* que a decorava até então. Já era tempo de passar adiante sua obra-prima a um crédulo, e chegar mesmo a ser um pouco matreiro, mesmo que inconscientemente já estivesse gastando o preço em presentes para Clarisse.

Após alguns instantes de contemplação, retirou-o da parede e tornou a colocá-lo cuidadosamente entre duas camisas, envolto em papel de jornal.

Do seu lado, Clarisse acordava assustada, envergonhada e decidida a esquecer tudo da noite anterior.

Na madrugada azul-pálida de Capri, um céu azul tão pálido que os primeiros, os prudentes raios de sol pareciam amarelo-vivo, Simon não tivera muita dificuldade em simular a mais total embriaguez para voltar à cabina, como também pensava simular a enxaqueca mais forte ao acordar. A primeira parte do seu plano corraera muito bem: fora levado para a cama por Charley, Edma e Olga. Chegaram mesmo a prender o lençol em torno dele, e desejá-lhe os mais doces sonhos. Mais tarde Olga tentou acordá-lo muitas vezes em vão. Simon roncara tão forte e tonitruantemente que desistira. Mas agora, ao despertar ao meio-dia, teria dificuldade, sabia-o bem, para escapar à grande cena das confissões que Olga vinha cozinhando desde a escala. E seria uma catástrofe, aquela explicação! Para ele, apesar de ser o acusador, o queixoso, o homem enganado. Porque das duas uma: Olga de pé tomaria um ar virtuoso doloroso e digno, negaria qualquer traição, o que lhe permitiria os gritos de pavão da dignidade colérica; ou então, mais provável, sentada, segurando a xícara de café na mão, contar-lhe-ia com todos os detalhes, em voz monocórdia, os encantos da sua noite de adultério. Empregaria palavras muito simples, de forma deliberada, palavras "cruas e naturais", uma espécie de borborigmos entrecortados por hesitações adolescentes" do gênero "Hã... Hã... Quer dizer... Entende?", que naquela ocasião eram consideradas o reflexo da juventude e de sua linguagem, a verdade da época, e que se tinha tornado de modo efetivo a linguagem comum a muitos cineastas, comediantes, jornalistas e mesmo escritores, todos até bem maduros, aliás. Simon queria evitar isso; não queria saber oficialmente o que já sabia, por sensibilidade. Não se tratava, como pensava Olga, de recusa de sua vaidade, da sua suscetibilidade viril: era simplesmente para não sofrer, para não ter que imaginar, colocar, ver Olga nos braços de um outro homem. Mas Olga não devia saber de suas razões para recusar confissões, tão doces ao seu coração, ao que lhe parecia. Porque se sentisse que ele estava apaixonado, espezinhá-lo-ia com um prazer total. E já era bastante extravagante para Simon a maneira como sofria nesse beliche

duro, com os lençóis esticados demais e sobre o qual jazia de barriga para baixo com a cabeça no travesseiro, como quando tinha 12 anos. Dava-lhe a impressão que seu coração ficava mais pesado de sangue, apesar da espécie de punções que algumas imagens lhe faziam, certos desejos, aqui também a propósito de uma mulher, que era então uma menininha da sua idade, com tranças. Ele se acreditara ao abrigo disso há 20 anos, a tal ponto sua vida sentimental ficara subordinada à material. . . Nada lhe restava a perder, mesmo por um amor louco, pensara imprudentemente, nem as mulheres vampiros, nem as mulheres invasoras, nem os ônibus que se espera na chuva, nem os sapatos apertados demais que se precisa amaciar. Pensara-se a salvo de tudo isso, ao mesmo tempo que dos olhares condescendentes dos rapazes do Fouquet's, pelo seu triunfo em Cannes, pelo seu sucesso. Mas iria trocar essa servidão por uma outra que não imaginava, nem mesmo naquele momento, que pudesse ser pior?

Tudo lhe chegara, aliás, pelo sucesso. Encontrara Olga em Cannes, porque ali estava por ser atriz, como estrela ascendente, seguira-o por ambição. Tinha portanto um coração armado, bastante, em todo caso, para que toda ausência de sentimentalismo de Simon não lhe fosse cruel. Escolhera Olga porque ela correspondia aos seus critérios estéticos, e porque, fisicamente, estava de fato três graus acima de todas as que a tinham precedido. Afinal de contas, Olga fora um acaso, um acaso que se tornara uma necessidade e uma dessas necessidades implacáveis que as paixões produzem. Infelizmente para Simon era no desgosto, no ciúme e na decepção que começava o seu primeiro amor, como acreditava, esquecendo que há 20 anos oferecera casamento a uma meia dúzia de pessoas temas ou odiosas. Todas essas mulheres, lembrava-se perfeitamente agora, tinham ficado comovidas com suas propostas conjugais e conservado por Simon uma espécie de afeição do mesmo estilo. Mas Olga, ele sabia, rir-lhe-ia na cara e contaria essa loucura ao Tout Paris do cinema. Tinha que ser lógico e lúcido. Olga não o amava. "Não de verdade. Ainda não...", gritou uma vozinha, afobada na mecânica bem ajustada do espírito de Simon. Uma vozinha que se recusava à desgraça e que, através de todos os fracassos, falências e catástrofes materiais de sua vida aventureira, lhe tinha falado aos ouvidos sempre com aquela frasezinha imbecil: "Tudo vai-se arranjar." E aliás, muitas vezes se tinha arranjado para ele, quase apesar dele. "A vida decide tudo por nós", repetia-se Simon, de olhos fechados não sabendo que era ele que, de tanta ambição, coragem e entusiasmo, arranjara as coisas. De toda maneira, desta vez, não era coragem, o entusiasmo nem a teimosia de Simon que estavam sendo requisitados, mas os de Olga.

Esta não se encontrava na cama quando Simon levantou a cabeça da

proteção do travesseiro, e teve um momento de esperança. Devia ter acordado antes dele, ao menos aquela vez, e para deixá-lo dormir fora tomar café no grande salão. Era realmente gentil da parte dela, principalmente quando se sabia, como Simon, que dificuldades Olga tinha para se levantar para o café. Tinha coragem, aquela moça. . . era verdade. E, no fundo, bons sentimentos, pois lhe inspiraram a proteção do repouso dele, Simon. Reconfortava-se, re-aquecia-se com essa idéia, depois das suas primeiras reflexões cruéis. Porque a calça de linho, a camiseta bordada, a minúscula calcinha lançadas em desordem na poltrona da cabina lhe tinham feito imaginar as mãos de Eric pousadas nessas roupas, as mãos de Eric lançando-as longe antes de pousarem sobre a pele nua de Olga. A essa idéia, Simon fechara os olhos e se retraira debaixo dos lençóis, como Clarisse na cabina vizinha. O ruído de um copo de vidro para escovas de dentes caindo ao lado acabou de acordá-lo, seguido de um "Merda!" convencido. Mas foi infelizmente seguido de outro "merda", tão alto, que se sabia escutado e que cantava na última sílaba.

— Simon — disse a voz de Olga — você está dormindo?

Tornou a fechar os olhos, mas ela repetia:

— Simon. .. Simon — com uma voz cada vez mais retumbante e, passando para dentro do quarto, inclinou-se para a cama.

— Simon, acorde. Preciso falar com você — disse com voz mais forte, sacudindo-o um pouco com mão delicada (delicada demais, visivelmente, para pousar na testa ou cabelos de Simon, delicada demais para suportar outro contato que o do pijama).

Essas impressões, essas intuições ferozes em relação a ele próprio deslizavam como peixes na superfície da água, deslizavam pela consciência de Simon, não se demorando, fugiam logo levadas pela grande torrente ainda poderosa que era o otimismo de Simon Béjard.

— Chá. . . — disse com voz infeliz. — Chá, chá. . . tenho sede. . . Estou com enxaqueca. . . Que enxaqueca... meu Deus. .. — Pousou a cabeça no travesseiro com um lamento um pouco exagerado, onde entrava muito terror: Olga aprontava-se realmente a lhe fazer confissão completa. . . Olga devia estar embriagada. Talvez tivesse até escrito essa confissão de noite... Simon encontrara duas ou três vezes assim rabiscados num caderno rascunhos de conversa futura, rascunhos dos quais mal perturbara o desenrolar previsto e querido por Olga; rascunhos onde encontrara também na sua quase total integralidade algumas fórmulas lapidares e complicadas, embora mais ou menos simplistas, que ouvira antes de viva voz. Como poderia fazer para escapar de Olga durante os sete últimos dias, os únicos dias em que a proximidade da sua falta ainda tornava possível a confissão? Confissão que mais tarde não se aplicaria a nada de vil, senão a um acidente

banal e vagamente vergonhoso, ou então a uma ligação instalada de vez e mais difícil portanto de confessar, de contar liricamente. Enquanto esperava, ela pedia chá pelo telefone, com uma voz mundana e açucarada, uma nova voz que estreava com o pessoal do navio, observou Simon pela segunda vez. Olga exagerava, mas ele preferia que fosse demais do que de menos. Preferia esse empenho demagógico ao desprendimento "soberano ou irritado" que a seus olhos usava até então com os empregados, nem mesmo olhando de frente aos garçons nem os *maitres-d'hotel*.

— Acho-a muito mais amável com os serviçais — disse, quando ela desligou o telefone — será que estou sonhando?

— Nunca fui desagradável com eles. E mais ainda lhe digo: um certo tom de autoridade é o que todo bom empregado reconhece e aprecia.

— Pois é, acho isso estranho para uma mulher de esquerda — rebateu Simon com ar distraído. — Acho estranho ficar de cima com os empregados, como você diz.

Sentia-se heróico, com um heroísmo perigoso mas que lhe evitaria, talvez, graças a uma nova cena, outra, a das confissões. Olga olhava-o de frente com olhar gelado. Depois sorriu-lhe lentamente, pensativa, com o lábio superior um pouco levantado como sempre que se sentia ofendida por alguém e pronta a fazer sofrer esse alguém de modo deliberado, mesmo que essa afronta tivesse sido involuntária.

— Não compreende porque não foi criado com empregados em torno de você — disse com voz calma (que ele conhecia como sendo em Olga a da raiva cega). — Bizarramente, a naturalidade com os empregados não é coisa que se aprenda. É tarde demais, Simon. . .

Sorriu-lhe um pouco mais e continuou:

— Enfim, para lhe explicar um pouco, não é o homem, o ser humano, que esnoba, é sua especificidade de *maitre-d'hôtel*, sua roupa, sua atitude obsequiosa; é isso que me envergonha por ele, porque é um homem por baixo e um homem que vale tanto quanto eu, sem dúvida. É só aos uniformes que dirijo os meus sarcasmos, você compreende? Não ao ser humano.

— Sim, eu compreendo, mas ele talvez não saiba tudo isso. . . Aliás, aqui está o chá — disse animado (porque o camareiro entrava trazendo até à cama cestas de frutas e *croissants*, os mais agradáveis de se ver). — Estou morrendo de fome — concluiu alegremente.

— Eu também; para dizer a verdade, não jantei ontem. Não tinha fome, é preciso dizer.

Para dizer isso a voz de Olga tomou um tom solene, de uma solenidade desproporcional ao jejum. O garçom que os servia abriu as cortinas da vigia a aprontava-se para desaparecer quando Simon, assustado, bateu com os

dedos na sua direção e corou imediatamente.

— Oh, perdão. . . — disse ele. — Desculpe-me — e refez o gesto sorrindo. — é maquinal. . .

Olga virara a cabeça com um ar enojado, desgostoso, mas o jovem camareiro sorria para Simon.

— Você me poderia trazer, quando tiver tempo, uma toranja espremida? Uma toranja fresca, se vocês tiverem,

— Eu talvez leve dez minutos — disse o camareiro antes de sair. — Todo mundo toca a campainha ao mesmo tempo a esta hora.

— Não importa — respondeu Simon, que se virara para Olga e se espantou ostensivamente com seu ar aborrecido.

— O que foi? Você também queria um suco? Pode ficar com o meu.

— Não, obrigada, não, eu não posso lhe falar diante de um camareiro sem me interromper. Não posso falar diante dele, é um hábito de infância e absoluto. Meu pai não suportava que se revelasse qualquer coisa da nossa intimidade a desconhecidos, ou mesmo familiares.

Simon sentiu a garganta apertada sob o jugo de uma piedade nervosa e inoportuna "aquela pobre Olga no seu roupão de seda chinesa bordado de florezinhas e pássaros vermelhos, aquela pobre Olga com seu roupão de puta falando como nos maus romances de estação de trem de ferro..."

— Dez minutos, é muito tempo de qualquer modo. O que é que você queria me dizer?. . . Espero que você não vá me fazer queixas por ontem à noite — encaixou rapidamente. — Estava tão bêbado que não me lembro de nada, mas de nada mesmo da noite. Sou todo ouvidos.

Mas sabia bem que era preciso tempo para Olga realizar a sua grande cena do segundo ato, e que ela não suportaria a menor interrupção. Dez minutos. . . dez minutos infelizes para o seu papel seriam um desastre. Simon assobiava como um melro enquanto fazia a barba no banheiro, depois deu lugar a Olga, que se instalou diante do espelho e, com a mesma técnica de uma velha maquiladora de estúdio, começou a se compor um rosto de mulher que confessa. Ao acaso, reforçou o vermelho da vergonha nas maçãs, com uma pintura um pouco viva, afundou as faces, fez recair as pálpebras, transformou-se em mulher de 30 anos e em mulher culpada, no espaço de 20 minutos. Lançou-se um último olhar no espelho antes de voltar ao quarto, com o ar solene, e descobrir que o quarto estava vazio, e o homem enganado voara.

O homem enganado partira com seu casaco sob o braço e seus sapatos na mão. Já no corredor tentava enfiá-los em vão, porque o barco se movia com um princípio de vagalhões. Um movimento brutal, por causa de uma onda mais forte, fez Simon Béjard entrar a pequenos passos apressados com

os sapatos na mão, titubeando e de cabeça baixa, na cabina de Edma e Armand Bautet-Letrêche. Sua entrada foi bem notada, sobretudo o final da sua trajetória, que o levou a tropeçar na cama de Edma, estendida e estupefata, uma Edma sobre a qual se projetou como um bêbado frenético, e sob os olhos impotentes de Armand Bautet-Lebrêche, que a mesma onda eficaz lançara e espremera por cima do porta-malas dobrado pelo choque em torno de seus quadris. Sua estupefação foi rápida, pois, com o mesmo movimento maleável e irrazoável, a onda arrancou Simon da cama de Edma Bautet-Lebrêche, com vigor idêntico ao que o forcara. Era indubitavelmente, uma onda de equinócio, pensou Simon confuso.

— É seu flerte, naturalmente? — perguntou Armand Bautet-Lebrêche com ar irritado à mulher, a espirituosa Edma Bautet-Lebrêche, que por uma vez na vida ficou calada.

Depois de ter experimentado em vão todos os elementos do seu enxoval, isto é, dois casacos e duas calças que combinavam, mais um terno cinza-azulado, Julien, que se achava horrível em todos (comprara-os às carreiras em Cannes, não podendo saber que ia se apaixonar durante a viagem), Julien, portanto, desamparado mandou chamar Charley, Charley Bollinger, o árbitro das elegâncias, pelo menos no *Narcissus*.

— O que é que você acha do meu aspecto, Charley? — perguntou Julien com ansiedade, para grande surpresa de Charley, cujo espírito romanesco despertou imediatamente:

— Mas muito, muito simpático — disse com calor e curiosidade, de um golpe, com todas as velas e antenas para fora, encantado de receber confidências como de dar conselhos, auscultante ou oráculo, pronto a qualquer cena que lhe deixasse um papel, mesmo que perigoso. Ele se imaginava à noite jogando bacará com Eric, estóico, sem mesmo um pestanejar apesar do ligeiro barulho; o ruído dos remos dos barcos de salvamento afastando-se à noite, pela força dos remos, levando para a felicidade Clarisse Lethuillier e Julien Peyrat. Abreviou, portanto, esses cumprimentos inúteis:

— Muito, muito encantador, muito simpático, caro... caro senhor!

— Caro Julien — disse este. — Não, eu queria dizer: como o senhor me acha fisicamente?

Aí Charley ficou atônito por um instante e foi atingido, também, por um instante, pela extravagante esperança: já que Andréas nem olhava para ele, já que ignorava a própria existência do seu amor, talvez fosse possível ser consolado por Julien Peyrat. . . Não, impensável! Esse Julien Peyrat era realmente um pouco maluco, mas um macho verdadeiro. . . Isso dito. . . era pena, muita pena. Corou um pouco ao responder:

— O senhor quer dizer aos olhos de um homem ou de uma mulher?

— De uma mulher, naturalmente — disse Julien com inocência (e o fantasma de esperança de Charley desapareceu por completo). — O senhor acredita que uma mulher possa se apaixonar por um sujeito com jeito ao mesmo tempo esportivo e triste como eu? Tenho ar de um queijo insosso.

— Ah, isso é verdade, você está muito, muito misturado do ponto de vista da vestimenta, meu caro Julien. Que estrago. . . Com esse físico de guerreiro, e de guerreiro amável, ainda por cima! Vejamos um pouco esse guarda-roupa. . . Sim, sim. . . ponha tudo isso, quero ver vestido. . . — Julien vestiu seus três conjuntos, maldizendo a si mesmo e as suas vaidades ridículas. Voltou depois do terceiro quadro em roupão de banho e olhou para Charley que ficara impassível durante esse desfile.

— Então?

— Então, é de roupa de banho que você fica melhor. Você fica mais natural. Ah, ah, ah — tinha um riso pontudo, um riso de ferragem solta que bruscamente deu a Julien vontade de virá-lo de cabeça para baixo como um mealheiro. — É engraçado, Julien — continuou — você não se deu conta, por certo, mas você muda de expressão de acordo com o vestuário: fica com ar esnobe com o terno cinza, ar de malandro com a camisa de malha, um malandro esportivo e bem-educado, bem piedoso, é verdade. Com suas calças de veludo e seu infeliz, seu agonizante casaco de *tweed*, em compensação, você fica com um ar arrogante, calmo, muito, muito nobre inglês! Só lhe faltam um cachimbo e um cão de caça... É inconsciente?

— Totalmente — disse Julien ofendido.

E mal agradeceu a Charley antes de correr para a piscina. Um banho frio, segundo esperava, o despertaria um pouco da sua tolice e de seus sonhos de colegial.

Nadou *crawl* durante três minutos — era o seu máximo — mas estava na piscina menor com água pelo meio da perna e tremendo quando Clarisse chegou. Sentia-se miserável, arrepiado como pele de galinha, os pés dentro d'água. Quando ele se aproximou, batendo na água por sua vez, é que ela lhe estendeu a mão, desviando os olhos, ar digno, mas também com água pelo meio da perna, Julien sentiu-se melhor, mais igual. Lançou-lhe um sorriso furtivo e confiante ainda assim, porque Clarisse, sem maquiagem para ir à piscina, era bem a mesma mulher da véspera.

— Quando poderei vê-la? — disse Julien em voz baixa (porque os Bautet-Lebrêche acabavam de chegar à beira da piscina e esticavam quilômetros de tecido esponja, litros de óleo de bronzear, livros, cigarros, travesseirinhos, caixas prateadas, revistas, limonadas, toda uma parafernália extravagante sob a qual o pobre Armand vergava, mais injustamente ainda porque da sua parte só desfrutava do sol sob um guarda-sol e sob a proteção

do bar). Edma lhe fez um sinal com a mão e um pequeno sorriso cúmplice que completou o terror de Clarisse.

— Não devemos nos rever — disse depressa. — Não convém. Não convém nos vermos outra vez, Julien, eu lhe asseguro...

Como se ele, Julien, pudesse agora passar perto dela e não beijá-la. Ou acordar sem sua imagem na mesa-de-cabeceira! Como se a fosse deixar nas mãos daquele grosseirão que a fazia sofrer, como se fosse realmente um João-ninguém, um incapaz. . . Ah! Já era tempo de vender esse Marquet para poder fugir com ela. . . Ele imaginava muito, muito bem, Clarisse nas corridas, e mesmo Clarisse com seus companheiros das corridas. Imaginava-a em toda parte onde costumava comparecer. . . Já nem podia imaginar esses lugares sem ela. . .

— Mas — disse com uma alegria que não lhe dava crédito — mas eu a amo, Clarisse.

E, como se percebesse o divórcio entre suas palavras e sua voz, tomou-lhe o pulso nos dedos, segurou-a fortemente, mas com a outra mão alisou-lhe os cabelos com ar paternal.

— Eu digo isso rindo — acrescentou em voz baixa — porque estou feliz. . . isso me faz feliz. É uma loucura, eu a amo: essa idéia me faz feliz... a você não?

Ela tinha o seu olhar de explorador de rinha e a mão da mesma temperatura que a de Clarisse. Tinha o mesmo contato e a mesma textura de pele e ela teve, portanto, muita dificuldade em lhe responder que não, ela não gostava da idéia de amar. Que não, ela não queria amá-lo, que não, amar a fazia infeliz...

— Você nunca ficou feliz e apaixonada ao mesmo tempo? — disse Julien indignado. — Mas justamente é preciso que isso lhe aconteça...

Mas Clarisse não teve que responder. A voz de Edma levantava-se como uma sirene acima das cabeças deles:

— Se nós fôssemos dançar um pouco em Siracusa? Depois do recital, um pouco de dança nos desenferrujaria as pernas. . . É bem possível que haja velhos discos encantadores neste navio, não acham? — Ela respirou fundo. — CHARLEY! — urrou ela (o que pôs todos os nadadores na vertical e todos os jornais na horizontal). — CHARLEY! Uu! Uu! — recomeçava, com voz superaguda antes de explicar a Julien e a Clarisse ainda surpresos — Charley nunca está muito longe...

E, de fato, ao mesmo tempo que os dois *barmen* arrancados a sua sesta movimentavam-se, Charley chegou correndo no seu pequeno galope dançante na ponta dos pés, os dois cotovelos afastados do corpo como pêndulos, o fôlego curto.

— Mas o que aconteceu? — disse freando no último momento na borda escorregadia da piscina, parando por milagre aos pés de Edma.

— Nós adoraríamos dançar esta noite, meu belo Charley, para desenferrujar as pernas depois do recital.. . Não é verdade? — acrescentou ela na direção de Julien e Clarisse, que maquinalmente sacudiram as cabeças em sinal de aprovação. — Meu querido Charley, onde estão os discos e o toca-discos?

Tinha decididamente o hábito bem arraigado de se apropriar do navio como de um hotel ou de um trem e de utilizar o "nós" mesmo fora de casa.

— Vou já — disse Charley. — Que sorte essas danças! Nós tínhamos aberto o baile no início dos cruzeiros, mas durante alguns anos a média da idade era tão elevada que. .

— Sim, sim! Mas este ano ela baixou sensivelmente — disse Edma animada. — Você não poderá negar, Armand e eu somos dos mais velhos. . . então quem poderia ficar ofendido? Exceto o Abominável Homem das Neves de bordo, naturalmente. . . O que é que vocês acham, meus filhos? — dirigiu-se de novo a Clarisse e Julien, esquecendo que já utilizara a aprovação deles.

— Mas é uma ótima idéia — disse Julien, que a possibilidade de ter Clarisse nos braços cinco minutos que fosse entusiasmava.

— Minha querida Clarisse — disse Edma agitando sua revista — você sabe que 80 por cento das mulheres atuais, você e eu somos pela sexualidade matinal de preferência à vespéral?.. . É inaudito o que se lê nos jornais...

— Sim, mas — disse Julien — a senhora conhece alguém que tenha sido sondado? Eu não. Em parte alguma.

— É verdade — respondeu Edma perplexa, e mostrando-o, ao lançar olhos angustiados mas decididos para os vizinhos. — Quem são então esses sondados?.. . Dir-se-ia um som de chá-chá-chá — acrescentou, cantarolando "Quem são então esses sondados?".

— Na minha opinião, são os miseráveis. Vivem nas grutas de Fontainebleau como trogloditas. Parquearam-nos ali para que tivessem, eles pelo menos, tempo de ler todos os jornais. Eles têm peles de animais, clavas, e de tempos em tempos perguntam-lhes sua opinião: se eles, os homens, preferem a eleição européia ou o sufrágio universal, ou se elas, as mulheres, sabem se elas já se realizaram.

Edma e Clarisse começaram a rir...

— A menos que seja uma carga hereditária — falou Clarisse. — Nasce-se sondado de pai para filho talvez, como se nasce tabelião!

Ela estava de pé na piscina pequena e apoiava o cotovelo no rebordo com a cabeça na palma da mão, como num salão. Era bela, divertida, e desamparada, pensou Julien num grande movimento de ternura, que deve ter sido visível no rosto, pois Clarisse perturbou-se, corou antes de lhe devolver

o sorriso sem querer. Foi o momento que Simon Béjard, sempre gozador, julgou propício para sua chegada e apareceu subitamente por trás das cabinas, correu e mergulhou sem muita graça na piscina sob o nariz de Edma, mais respingada que fascinada. Algumas gotas chegaram mesmo a atingir *A Vida Financeira* que Armand Bautet-Lebrêche teve que abaixar pela terceira vez. Sem uma palavra, levantou-se e foi-se refugiar na terceira fila das cadeiras, ao abrigo do bale náutico de Simon Béjard, que, inconscientemente, ressurgiu em triunfo aos pés de Clarisse. Foi então que ele a viu na realidade, viu-a sem maquilagem e olhou-a por um instante incrédulo, antes de olhar para Julien e depois de novo para Clarisse, com o mesmo ar abobalhado.

Abria a boca para expressar o seu espanto quando um acesso de tosse o sacudiu, cuspidor, tossindo, aos soluços. O pobre Simon pagava caro seu ousado mergulho, pensou Julien batendo-lhe nas costas com força.

— Devagar. . . devagar. . . meu Deus devagar. . . — dizia Simon, endireitando o torso vivo e magricela apesar de um indício de barriga. — Diga-me, Clarisse, você precisa ficar como está, não é? — falou abraçando Clarisse impetuosamente. — É preciso, eu a contrato quando você quiser. E para o papel principal, todas as vezes. O que é que você acha?

— É muito lisonjeiro, mas Olga... — dizia Clarisse sorridente.

— Posso produzir dois filmes ao mesmo tempo — retorquiu Simon.

— E minha família?

— O seu marido dirige um jornal de. . . bem. . . enfim, um jornal, não é verdade? Você bem poderia ser uma atriz de cinema, não?

— Mas não tenho qualidades para isso — falou Clarisse rindo. — Eu não sei representar, eu...

— No teatro é outra coisa, talvez, mas no cinema, aprende-se depressa. Escute aqui, Clarisse, eu, com seu rosto eu volto a rodar *L'Eternel retour*. Hem? Hem, Julien? O que você acha? Mas por que nossa Clarisse cobre esse rosto com essas maquilagens todas? . . . É um crime!

— Nesse ponto Simon tem razão: é um crime — disse Edma aproximando-se da piscina e inclinando-se sobre Clarisse com um binóculo imaginário de cabo. — Quando se tem traços tão bonitos, olhos tão bonitos...

— Você vê — disse Julien triunfante — você vê?

Interrompeu-se de súbito. Houve um instante de silêncio, que por uma vez Simon Béjard não sublinhou com alguns comentários pesados. Pelo contrário, facilitou a situação:

— Mantenho minha posição — finalizou simplesmente. — Vou-lhe fazer uma carreira fantasmagórica. . . Enfim!. . . Ufa! Uma atriz bela, com raça, é exatamente o que falta ao cinema francês! Palavra de honra, hem!

— E a senhorita Lamoureux?, perdão, r.o.u.x. — disse Edma. — Você

não acha que ela tem raça, por acaso?

— Mas eu falava de mulheres de 30 anos — retrucou Simon lançando em torno um olhar furtivo.

— Mas a senhorita Lamouroux, r.o.u.x., é maior de oito anos, não é verdade? — continuava a impiedosa Edma. — Ela deve estar muito perto dos 30, ela também.

— Ela é bem mais jovem do que eu, em todo caso, e muito mais bonita — falou Clarisse sinceramente. — Vocês não vão nos comparar.

Pouco a pouco, para escapar a esses três olhares admiradores, ou que aparentavam sê-lo, como Clarisse pensava, ela se refugiara na grande piscina de onde só sobressaíam sua cabeça e seus olhos inquietos.

— Oh, não! não. . . — disse Julien com a mesma voz terna — não, nós não vamos compará-la a quem quer que seja. Vamos apostar uma corrida, não? Vamos nadar um pouco. . . Simon, enquanto espera *L'Eternel retour*, você faz algumas idas e voltas comigo. Eu o desafio...

— Vamos — aceitou Simon com ar desenvolto, mais desenvolto por não ver aparecer em parte alguma o *short* mais do que curto e o busto audacioso da senhorita Lamouroux, Olga.

Aliás, ele não corria qualquer risco do mundo de ser ouvido por ela. A bela Olga mandara entregar um bilhete a Eric, que a tinha encontrado no tombadilho, na proa pouco freqüentada por causa do vento (o que não favorecia Eric). A aventura fora demasiado discreta para ele se encontrar ali. Ficou, portanto, apoiado na amurada, ouvindo sem escutar a tagarelice de Olga que, como de hábito, perorava com mudanças das mais sutis na tonalidade da voz.

— Veja só, Eric, compreendi graças a você que me aviltava no contato com Simon. . . Ele pensava me comprar com papéis, grandes papéis, belos papéis, aliás, mas graças a você compreendi que a vida me oferecia um papel verdadeiro, a vida, bem mais profundo... um papel superior a tudo, e que exigia sinceridade total... O que é que você acha, Eric?... Essas perguntas me obcecaram desde ontem — dizia muito lentamente, a voz em fã sostenido e a gravidade em ré maior (ela o chateava decididamente).

— Nada penso sobre esse assunto — disse Eric friamente. — Só conheço um ofício, o meu. E ali, meu papel, como você diz, consiste justamente em dizer a verdade, aconteça o que acontecer.

— Responda-me, *please*, mesmo que sua resposta seja dura. . . — (Olga vaticinava a seu lado, e a sua voz saltava uma escala inteira na vivacidade do seu interrogatório. A palavra "cacarejar" foi visível nos olhos de Eric.) — Você poderia viver numa situação instável entre suas ambições e seus sentimentos?

— Mais uma vez os dois se confundem para mim — disse ele com paciência. — Mas parece-me que ficaria de mal com alguém que quisesse me impedir de concretizar minhas ambições, meus esforços.

— Mesmo que esse alguém o exigisse? — disse Olga sorrindo no vazio. — E mesmo que você fizesse questão desse alguém a ponto de lhe obedecer em tudo?...

Essas bobagens começavam a exasperar seriamente Eric. Quem era

esse alguém, primeiro? Então se enganava por completo, a pobre Olga... E Béjard devia ter sido bom demais para ela. E ainda era.

— Isso queria dizer que esse alguém não gosta de você realmente — disse ele num tom severo.

— Ou demais?...

— É a mesma coisa — disse Eric, para abreviar.

Ouviu-a respirar profundamente e, depois de um instante, com os olhos baixos dizer-lhe em voz apagada:

— Você tem umas palavras, fórmulas assustadoras de cinismo, Eric. . . Se eu não o conhecesse, pensaria que você é terrível. . . Beije-me, Eric, para se fazer perdoar.

Ela se apertou contra ele, que olhou com repugnância esse rosto magnífico, dourado, essa pele de pêssego, essa boca bem desenhada. Inclinou-se para tudo isso com uma contração de todo o corpo. Seus lábios tocaram os de Olga que se abriram e os seguraram, enquanto que, contra ele, um gemidinho subia desse corpo que lhe era tão indiferente. "Mas o que estava fazendo ali?... E sem a mínima testemunha ainda por cima."

— Vamos — disse, recuando — vamos. . . Assim vão acabar nos surpreendendo.

— Então beije-me outra vez. . . — disse, levantando o rosto para ele, um rosto enamorado.

Mas incapaz de mais um esforço, Eric ia recusar quando nas costas de Olga viu aparecer, enrolada em espirais de *cashmere* multicolor, despenteada e soberba ao vento, a Doriacci em pessoa, seguida pelo seu belo Andréas. Deu então a Olga um longo beijo, muito mais apaixonado do que o primeiro, e achou perfeitamente oportuno, desta vez, que ela se agarrasse a ele com seus dez braços e suas dez pernas, e que miasse de êxtase, um miado capaz de pôr em fuga as gaivotas.

Prolongou esse beijo dez segundos mais para ficar certo de ter sido visto. De fato, quando levantou a cabeça, a Doriacci, a dez passos, olhava-os fixamente, enquanto que, mais discreto, seu companheiro virava a cabeça ao largo.

— Perdão. . . — disse Eric a Doriacci, afastando docemente Olga que, seguindo seu olhar, virou-se para os recém-chegados, mas tomou um ar de desafio. (Desde a história do grande bezerro de 28 anos, não olhava mais para a Doriacci de frente.) — Desculpem-nos — disse Eric muito ereto — pensávamos estar sós.

— Não é a mim que isso pode incomodar. Não se desculpe. Pelo menos para mim.

— Não acredite. . . — começou Olga com coragem a altivez (pelo

menos assim pensava), mas a Doriacci cortou-a direto.

— Sou terrivelmente míope para certos assuntos. E Andréas também — acrescentou, olhando para o rapaz que sacudiu a cabeça de olhos baixos como se fosse o culpado. — Eu não vi a senhorita Lamouroux, r.o.u.x. - repetiu, sempre olhando para Eric.

— Nós também não os vimos — retrucou Olga com sibilância hostil.

— Ah, então está realmente entregue à sua discrição — disse a Doriacci, rindo com seu riso largo de soldado de cavalaria. — Você não tem um cigarro, Andréas?

E passou diante deles, docilmente seguida pela sua sombra.

— Meu Deus, Eric. ... Ela vai dizer tudo, é terrível.

Olga adotava um ar de desespero mas estava profundamente encantada, sem dúvida mais do que Eric, que tinha um ar furioso e que conservava os olhos baixos seguindo com olhar o casal que se afastava.

— Não — disse, entre os dentes — ela não dirá nada. De repente ficara branco de furor reprimido.

— A Doriacci é dessa espécie que não diz nada. Faz parte dessa gente que fica orgulhosa por nada dizer, nada fazer, dessa gente tolerante, você sabe? Convenientes, discretos: todo o charme perdido da burguesia liberal. . São os mais perigosos, aliás. Podíamos crer que estivessem do nosso lado.

— E se a gente os desafia? — perguntou Olga.

— Se a gente os desafia, continuam tolerantes ainda assim, graças a Deus — cortou Eric e uma expressão diabólica enfeou por um instante seu belo rosto.

"Foi nesse instante, querida Fernande, que adivinhei a fera sob o anjo... o diabo sob Deus, a fenda. . . Que digo?. . . o precipício sob o lago... Será que se pode dizer que há um precipício sob o lago?. . . E por que não, aliás?"

— Então, você vem? — perguntou Eric rudemente.

— Tudo isso é por minha culpa — disse Olga, levantando para ele uma vez mais o rosto, desta vez perturbado (havia dez minutos representava em *close-up*). — Este último beijo fui eu que o mendiguei, mas afinal foi você que me deu.

— Pois é... Tudo bem, e daí? — disse Eric constrangido.

— Você vê, Eric. — A voz de Olga atingira profundezas insuspeitadas nesse corpo frágil. — Você, vê, eu aceito ser insultada, desprezada pela terra inteira por esses beijos, Eric...

Ela tornou a abrir os olhos que seu fervor tinha fechado, com um bravo, um belo sorriso emocionado que desapareceu assim que viu Eric se afastando a grandes passos.

— Eles devem ter ficado muito chateados — disse Andréas — coitados... Devem estar com medo!

— É o que você pensa! Só têm medo é que não se fale nada, pelo contrário. Esse Lethuillier só pensa em chatear a mulher, e a menina em fazer sofrer seu pobre nababo.

— Você acha que é assim? — disse Andréas surpreso.

Pois ele não tivera tempo desde a partida de refletir sobre o que quer que fosse, exceto a Doriacci. Via todos os acontecimentos no primeiro grau. E, surpreso, parou, mas ela continuou sem parecer notar. Teve de correr, sem graça, para alcançá-la. Ela não lhe dava qualquer atenção fora da cama, e isso humilhava Andréas, quase tanto quanto o fazia sofrer.

Por trás da amante, Andréas deu uma topada com ostentação, e, segurando o pé com uma mão, agarrou-se com a outra a um extintor, com o rosto tenso pela dor. Mas a Doriacci só pareceu perceber quando ele lançou um urro para alertá-la, "um verdadeiro uivo de lobo mesmo", pensou, virando-se para esse moleque supernervoso. Oscilava num pé só e segurando a outra perna soltava *uis*, com todo seu belo rosto parecendo cômico por excesso de sofrimento melodramático. O vento jogava-lhe os cabelos no rosto; seus cabelos dourados que pareciam moldados em metal muito claro e de preço exorbitante, um metal esculpido mecha por mecha em torno da sua cabeça tão bem desenhada, a cabeça simbólica de uma raça desconhecida e perigosa, cabeça que podia ser indiferentemente de uma criança, de um malandrinho, de um cantor gregoriano. O corpo. . . O corpo era de um homem de prazer, isso era um fato. Nesse ponto as piedosas senhoras de Nevers tinham compreendido muito bem os verdadeiros encantos de um jovem para uma mulher madura e de bom gosto. Andréas nascera longilíneo e assim se desenvolvera: não adquirira os músculos salientes, de bolas duras, esses relevos de atleta de feira inevitáveis à beira das piscinas. Graças a Deus era delgado! E se para isso fazia regime, seria escondido, ou pelo menos se envergonhava de fazê-lo. Já era alguma coisa. A Doriacci não podia se lembrar sem uma mistura de hilaridade e exasperação, de um certo fim de semana passado em Oslo, a Oslo bloqueada pela neve em novembro após as *Noces siciliennes*. Seu companheiro de uma noite, por falta de concorrência nesse hotel transformado em fortim, fora o mesmo durante toda a estada: um belo, um muito belo rapaz, ágil e bronzeado, muito desenvolto mesmo, para um rapaz de 19 anos, mas insuportável, escandaloso, repugnante pelos cuidados complicados, as ausências de excessos, as prudências, os pudores, as abstinências de que fazia o tecido da sua vida: uma vida de regime; uma vida que, fosse qual fosse a segurança que acabaria obtendo definitivamente de um homem ou de mulher, e que seria

talvez concluída sob o signo escarlate da devassidão, da orgia e do assassinato ritual, continuaria para ele, para sempre, uma vida de ascese e de pequenas privações; uma vida que, mesmo que se suicidasse numa Bugatti lançada da ponte de Washington, não o impediria de contar seus alhos vinagrete na véspera ao meio-dia, ou de exigir dos *maitres-d'hotel* um açúcar sem glicose. . . A Doriacci sacudiu-se com horror a essas lembranças, sua atrocidade cômica, e se pôs a rir em alta voz.

— Quando penso. . . — disse alto — seria mesmo capaz de matá-lo! . . . Que cretino. . . Que rato, Meu Deus, três dias com esse malandro que cheirava a leite Nestlé e a pomada.

— Mas de quem você está falando?... Que leite?. . . Mas está falando de quem?. . . O que é que a faz rir?

E como ela continuasse a rir sem lhe responder, sem maldade, mas sem amabilidade, Andréas ficou perturbado, inclinou-se um pouco mais na sua posição de mártir, exagerou, chegou mesmo a lhe inspirar uma vaga condescendência física, como se tivesse medo diante dela e não lhe tivesse escondido isso, como se ela tivesse encontrado nele algum traço de feminilidade um pouco nauseante, como se o lado dúbio que ela atribuía a Andréas se tivesse revelado mais forte.

Deu meia-volta diretamente para ele, que ficara lá longe apoiado ao extintor como um pernalta, e contemplou-o com um olhar longínquo, novo, "um olhar de entomologista", pensou Andréas, um olhar que lhe faria medo se, de repente, jogando para trás seus lenços de seda, liberando os braços, o peito, os cabelos, ao mesmo tempo que seu calor e afeição vigorosa, a Doriacci não tivesse corrido para ele como uma menininha gorda maquilada por engano, e não se tivesse jogado nos braços dele com risco de cair, o que não deixaria de acontecer se Andréas se tivesse realmente machucado um pouco antes.

Mais tarde, pensava Andréas, seria por certo essa imagem, essa sensação daquele preciso momento que recordaria obstinadamente como um disco gasto e às vezes completamente novo, mas sempre dilacerante pela força da memória. Ele se veria naquele grande tombadilho vazio, com os brancos e cinzas dessas tábuas e desse mar, dessa amurada e desse céu vazio no ocidente, sem sol, alguns segundos; seria essa imensidão plana, deslizando da antracita ao cinza-pérola, deslizando de uma nuance a outra por toques delicados, enquanto um vento violento, bárbaro e trivial fustigava as cordas, as correias, as roupas e os cabelos de maneira exagerada e quase cinematográfica: era uma hora sem luz, sem sombras; Andréas tinha o rosto encostado no da Doriacci, enfiava seu nariz frio, sua testa no decote quente perfumado de âmbar e angélicas, essa pele coberta de sedas irreais e friáveis

sob seu rosto... Pareceria sempre a Andréas que atingira então uma espécie de visão alegórica da sua vida. Ele, de pé num tombadilho batido pelo vento, ele aterrorizado, enregelado, como homem, como personagem social, mas também cumulado como criança, terna e perversa, agarrado e enfiado nesse refúgio, nesse calor para sempre aconchegante e familiar das mulheres, no refugio de suas exigências e suas ternuras, o único que ainda lhe era possível nessa sociedade e com essa educação.

— Você é um tolo — disse de súbito a Doriacci pronunciando *tolo*, mas com uma doçura que logo reconfortou o tolo em questão. Pouco bastava para desorientar e magoar Andréas, mas também pouco bastava para consolá-lo.

— Você está feliz comigo? — perguntou com gravidade, bastante gravidade em todo caso para que a Doriacci não lhe risse na cara, o que, na verdade, seria seu primeiro reflexo.

A piscina tornara a ficar tranqüila, de repente, tendo Simon Béjard se lembrado justo a tempo de suas obrigações profissionais e se tendo precipitado, torso e pés nus, para a infeliz senhora encarregada da comunicação por telefone no *Narcissus*.

Armand Bautet-Lebrêche tornou a encontrar o silêncio, Edma seu *Vogue* e Julien, Clarisse, pelo menos fisicamente. Porque ela não o olhava, continuava como encurralada no canto da piscina mais próximo de Edma, o que obrigava Julien se não a se calar, pelo menos a sussurrar e com ar desenvolto, embora estivesse entregue a uma raiva desarmada, quase terna, uma tristeza exasperada, um sentimento de incapacidade, de fracasso, que não suportava, que nunca suportara. Até então, Julien tinha podido mudar de objeto de suas paixões muito antes de mudar de tom: só tinha amado mulheres que pudesse fazer felizes ou que, em todo caso, assim acreditavam e que então tentava satisfazer completamente. Sempre fugira de certas mulheres antes que elas fossem obrigadas, elas próprias, a fazê-lo sofrer, e isso fora por vezes difícil para ele, mas sempre o fizera a tempo. Ora, desta vez sabia que Clarisse não o convenceria a fugir porque era ela que se enganava realmente sobre eles dois, como se enganava realmente sobre si mesma. E era de fato a primeira vez que Julien considerava evidente que a outra pessoa estivesse errada.

— Você não pode dizer isso — protestava, tentando sorrir para o lado de Edma, mas sentindo um ricto dos mais horríveis virar o lábio sobre os dentes, um ricto quase tão natural como o do cavalo apalpado por um comprador.

— Eu tenho que lhe dizer. Prometa-me esquecer. — (A voz de Clarisse era ofegante e suplicante, pedia-lhe perdão, tinha medo dele, e Julien não conseguia compreender por que não o mandava para o diabo simplesmente, porque não interrompia ela própria esse idílio em vez de exigir que fosse ele a fazê-lo.)

— Então por que não me diz para dar o fora? Diga-me que sou odioso, que não me suporta, tudo o que você quiser. Por que você quer que eu me comprometa a renunciar? Por que você quer que eu consinta em ser infeliz? E que eu jure que ficarei? É idiota.

— Mas é porque é preciso — falou Clarisse. (Estava pálida, branca mesmo sob o sol; mantinha os olhos baixos, sorria, mas como sorriso tão artificial que era mais revelador do que uma crise de lágrimas, pelo menos aos olhos de Edma, instalada por trás dos seus óculos de sol, e sua revista, e que os observava a ambos com um olho mais do que atento, um olho agora interessado. Desde que conhecera o verdadeiro rosto de Clarisse, seu olhar e seu sorriso, compreendia perfeitamente os sentimentos de Julien: compreendia-os mesmo que isso não lhe desse prazer. Ora!, ela já tinha passado da idade, mas a idade não impedia os sentimentos. Fez de longe a Julien um sorriso terno e cúmplice, que ele só compreendeu mais tarde, e que no momento o fez desviar os olhos, constrangido.)

— Clarisse! Diga-me então que você não gosta de mim, que ontem à noite estava bêbada de morrer, que não lhe agrado e que você está aborrecida consigo mesma pelo erro; diga-me que teve um momento de alienação, ontem, ponto final. Diga-me isso e eu a deixarei em paz.

Ela olhou para ele durante um segundo, sacudiu a cabeça com um sinal de recusa e Julien sentiu-se um pouco envergonhado. Adiantara-se a ela na sua manobra: ela já não podia agora se refugiar no álibi da ebriedade, já não podia utilizar essa escapatória miserável; só podia lhe dizer que ele não lhe agradava.

— Não é isso, mas eu não sou uma pessoa a ser amada, garanto-lhe, você ficaria infeliz. Ninguém me ama e eu não gosto de ninguém e eu quero que seja assim.

— Você nada tem a ver com isso.

Julien voltou-se diretamente para ela e se pôs a falar muito depressa, muito baixo:

— Vamos, Clarisse, você não pode viver ser assim, com alguém que não gosta de você! Precisa de alguém como todo mundo, alguém que seja seu amigo, seu filho, sua mãe, seu amante, seu marido; precisa de alguém que se preocupe com você. . . alguém que pense em você ao mesmo tempo que você, e teria que amá-lo e saber que ficaria desesperado com sua morte... Mas o que poderá ter feito — continuou — para que ele tenha essa raiva a esse ponto? Enganou-o tanto ou o fez sofrer tanto? O que aconteceu entre vocês? De que a acusa?. . . de ser rica? — disse de repente, e se interrompeu bruscamente, estupefato da sua própria intuição, e depois se pôs a rir.

Olhou para ele, e com um ar de triunfo e de compaixão que a fez se desviar dele com um ligeiro gemido de exasperação ou desgosto; Julien deu um passo para ela: olharam-se imóveis por um instante, petrificados de

saudade, uma saudade velha de uma noite, saudade da mão do outro, da respiração do outro, de sua pele; os dois subitamente cortados dessa piscina azul-verde, das silhuetas de Edma, de Armand e dos outros, das gaiotas esvoaçando em tono deles, ambos incapazes de se subtraírem a essa fome que ricocheteava de um para o outro e redobrava de força de cada vez. Era preciso que essa mão inútil ao lado daquele quadril se aproximasse daquele corpo, o puxasse para si, que o osso do quadril tocasse o flanco do outro, que o peso natural de um corpo se apoiasse no outro corpo, que essa coisa aberta e desdobrada na garganta de cada um deles fosse satisfeita, que um e outro fossem conduzidos aos extremos de tudo isso, que cada um deles fosse em socorro do outro e de sua atração insuportável, que sua presença se tornasse elétrica e inatingível, que o seu sangue espessado de tédio se tornasse anêmico como a água, e que sucumbissem afinal à mesma síncope vermelha fatal concreta e lírica, aceita, querida, rejeitada, esperada, sem ordem. Ela estava a um metro dele, como na véspera, perto do bar lá em cima, nesse tombadilho hoje iluminado nítido e frio, e, como ontem, lembrava-se da mão de Julien sobre seu ombro e ele da mão de Clarisse sobre sua nuca e ela desviou os olhos e Julien lançou-se na água e nadou para a outra borda como se tivesse sido atacado por esqualos exatamente antes que Clarisse voltasse o rosto para o muro da piscina e se colasse a ele antes de se deixar mergulhar numa água tão pouco profunda, que se encontrou ajoelhada com a testa apoiada na borda, inerte. E Edma, que da sua cadeira via que não faziam amor, ficou perturbada.

— Você está pensando comer aqui dentro da água?

Eric se agachara na beira da piscina e olhava Clarisse com ar indulgente. Não falara alto, mas todo mundo olhava para eles, observou Eric ao levantar a cabeça. Todo mundo, isto é: Edma, Armand, Ellédocq, a Doriacci, Andréas, que pousavam nele e em Clarisse o mesmo olhar demasiadamente indiferente, um olhar que imaginava carregado de compaixão por Clarisse, já! Então o seu idílio com Olga não passara despercebido. Era preciso agora parecer bom marido que seu adultério parecesse até inevitável, que o lamentassem tanto quanto a Clarisse. Apanhou uma toalha felpuda e passou-a a Clarisse com ar protetor.

— Porque o senhor nos priva de um espetáculo tão encantador, senhor Lethuillier? — gritou a voz aguda de Edma Bautet-Lebrêche.

— Não, não, eu vou sair — falou Clarisse emergindo da água. Virou-se para ele e Eric viu-a pela primeira vez em anos; viu seu corpo seminu no maiô, aliás bastante casto, e sobretudo viu aquele rosto lavado, completamente despido, despojado de todas aquelas pinturas habituais, esse rosto tão bonito quanto indecente, como lhe pareceu, e Eric enrubescceu de

raiva e vergonha, uma vergonha inexplicável.

— Como você teve a coragem? — balbuciou em voz baixa; e pousando-lhe a toalha sobre os ombros, friccionou-a enérgica, rudemente mesmo, até ela tropeçar e murmurar:

— Cuidado, Eric — com voz surpresa, antes de perguntar: — Como tenho coragem de quê? — enquanto ele a largava e recuava com grande dificuldade, com os ouvidos queimando, e zumbindo num ar que se tornara ensurdecedor e gritante de tantas gaivotas sem dúvida esfomeadas.

— Como você tem coragem de tomar banho com este vento — disse entre os dentes, procurando um cigarro com mão rápida no maço, expressão absorvida pela tarefa, mas demasiado consciente da estupidez de sua frase.

Clarisse de qualquer modo não podia compreendê-los, pois acusava-a era de mostrar aos outros e a ele próprio o rosto de uma mulher sensata e desejável, uma mulher invejável, uma mulher que nenhum dos homens presentes podia se abster de olhar, e desta vez com prazer e não mais com compaixão.

Clarisse continuava perplexa diante dele, perplexa e mortificada; os outros, a distância, tinham parado de conversar e olhavam, sem dúvida eles também surpreendidos com a violência dos gestos dele. Eric teve então uma idéia: deixando Clarisse com um gesto fatalista e incompreensível para ela, dirigiu-se para o bar, fez seu pedido em voz clara, voltou, não sem registrar de passagem e sem interpretar, aliás, a expressão atenta e quase mal-educada de Julien Peyrat.

— Tome — disse inclinando-se diante de Clarisse, muito baixo, como para mostrar bem que estava a serviço dela e que seu gesto respondia a uma ordem, oferecendo-lhe um martini duplo que não lhe tinha sido encomendado.

— Mas não lhe pedi nada — disse, surpresa, em voz baixa.

Surpresa, mas bastante tentada para estender logo a mão para o cálice, segurá-lo e no mesmo gesto levá-lo aos lábios depressa, antes que Eric se arrependesse, recuando dessa anulação de suas regras, com uma pressa bastante evidente, de qualquer modo, para chocar os espectadores que voltaram a recomençar sua discussão, como Eric pôde ver, virando para eles um rosto impassível e constrangido.

Quando voltou-se para Clarisse, esta já tinha absorvido o conteúdo do cálice, mas olhava para ele através do seu prisma, com o olhar calmo e inexpressivo. Um olhar, que, por uma vez, levou alguns segundos a desviar do seu antes de partir para as cabinas, embrulhada na toalha.

— Você devia proibir a sua mulher essa maquilagem horrível — disse Edma Bautet-Lebrêche, enquanto Eric se reunia ao grupo deles e instalava-se por sua vez no quadrilátero das cadeiras de bordo.

— Já lhe disse cem vezes — respondeu ele sorrindo.

Um sorriso destinado a esconder seu constrangimento, pensou Julien, que se secara e vestira em três minutos e que não tinha podido deixar de farejar mais uma vez a literatura (e má literatura) no comportamento de Eric: como se, de cada vez, tivesse ilustrado uma história em quadrinhos simplista demais ou representado num filme de *flashback* o papel do bom marido. As atitudes de Lethuillier lhe tinham parecido até então de colegial e bizarras no seu lado aplicado, sua banalidade psicológica. Mas agora que ele conhecia, ou pensava conhecer, os motivos, Julien sentia-se como atingido, contaminado pelo seu lado desagradável, cruel, e de falso bom senso. E debatia-se contra si mesmo, contra essa teoria ultrapassada, essa noção primária de um dinheiro maléfico, de um dinheiro sempre culpado, arquétipo das grandes famílias, inexoráveis até na herança, esse lugar-comum grosseiro de onde nascera o fantasma de Eric, que fora também um pouco o seu. "As pessoas ricas não eram como as outras", dissera Fitzgerald, e era verdade. Ele próprio, Julien, não conseguira nunca amigos entre aquelas pessoas riquíssimas que freqüentara e por vezes enganara até o roubo nestes últimos 20 anos. Mas talvez fosse a recusa de um remorso prematuro que o prevenia de antemão contra suas vítimas e o impedia de ver seus encantos ou virtudes. De qualquer modo, Eric Lethuillier não enganara Clarisse no plano financeiro: de notoriedade pública, seu jornal permitia-lhe proporcionar gordos dividendos à família Baron, permitia-lhe mesmo fazer sua mulher viver no luxo que sempre conhecera. Não, Eric não enganara Clarisse nesse ponto, ele a enganara num outro, e um outro muito mais grave, pensava sobretudo Julien. Prometera-lhe amá-la, torná-la feliz e a tinha desprezado e tornado mais do que infeliz: com vergonha de si mesma. Ai estava o roubo, o prejuízo, o crime, o atentado à pessoa humana, atentado dirigido não contra os seus bens mas contra o "seu bem". O bem que ela pensava dela própria, e que ele lhe arrancara, deixando-a no deserto, a terrível miséria do desprezo a si mesma.

Julien, sem nem mesmo pensar nisso, levantara-se. Precisava ver Clarisse imediatamente, tomá-la nos braços, convencê-la que ela podia se amar a ela própria de novo, que ele...

— Onde você vai, meu querido Julien? — perguntou Edma.

— Eu volto, vou ver...

— ... Quem você deseja — cortou Edma brutalmente, e Julien percebeu que quase pronunciara o nome de Clarisse, e que Edma o sentira.

Inclinou-se bem baixo diante dela e no impulso beijou-lhe a mão, para surpresa geral, antes de se lançar pelo tombadilho com a agilidade e o jeito do perfeito turfista sempre preocupado em chegar a tempo à paisagem, ao campo, aos guichês e preocupado em evitar os outros turfistas. Julien

atravessou os corredores, cruzou com dois camareiros com bandejas, saltou por cima de um marinheiro ajoelhado no tombadilho em plena limpeza, ultrapassou Armand Bautet-Lebrêche que se retirava provavelmente saturado de sol e tagarelice, desviou-se de Olga confusa e entrou sem bater na cabina de Clarisse, que tomou nos braços no momento em que ela se virava para a porta... Porta suficientemente aberta para que Olga, que voltara atrás e imóvel, os ouvisse distintamente.

— Minha querida — dizia Julien — minha querida. . .

— Você está louco — respondia a voz de Clarisse, uma voz espantada, temerosa mas bem mais terna do que indignada, observou Olga com interesse.

Olga ficou dividida entre as alegrias da indiscrição e uma ligeira irritação diante da semi-ausência de vítimas do seu idílio, do lado de Eric pelo menos. Pois é, Simon devia pagar por dois, pensou com lógica. Evidentemente isso comprometia um pouco o lado dramático do relato a fazer, isso suprimia dilaceramentos a Eric e, portanto, valor à sua conquista. Em compensação, isso lhe evitaria as reflexões morais e inevitáveis de Fernande, as queixas que no decorrer das *Aventuras Extraordinárias de Olga Lamouroux* tinham-se tornado agudas, chegando mesmo a pôr em dúvida a própria sensibilidade dela, Olga, e que supunham quase culpada em relação ao rebanho crescente e doloroso das "outras mulheres". Várias vezes Olga sentira o risco de passar aos olhos de Fernande do *status* invejável de mulher fatal ao menos brilhante de prostitutinha, um pouco vulgarizado, este.

A ternura contida na voz de Clarisse lhe dava afinal um bom arranjo.

— Meu Deus, Clarisse — dizia Julien com voz clara e imprudente — eu amo você; você é linda, Clarisse, inteligente, sensível e doce e você não sabe disso? É preciso que você saiba, minha querida, você é maravilhosa. . . Aliás todo mundo pensa assim neste navio, todos os homens estão apaixonados por você. . . Até mesmo esse tolo do Andréas, quando ele desgruda suficientemente a cabeça do seio da Doriacci para vê-la, fica com olhos de peixe frito, ele também. . . E até a cruel Edma dos Cubos de Açúcar e mesmo a Doriacci, que só gosta dos seus bemóis, e acham encantadora...

A voz de Clarisse elevou-se e baixou sem que Olga lhe pudesse distinguir as palavras.

— Ame-se a si mesma, Clarisse, o mundo lhe pertence. Você compreende? Não quero mais vê-la triste, é só isso — concluiu Julien, soltando seu abraço e afastando Clarisse dele para ver melhor o efeito das suas palavras.

E Clarisse aturdida, mas vagamente aquecida pelo calor das palavras de Julien e pelo martini seco, Clarisse em nada convencida, mas enternecida, levantou a cabeça, mas encontrando os olhos castanho-amarelados do seu

cavalheiro, seus olhos despreocupados e fiéis de cão de caça, viu que eles estavam embaciados, cobertos de uma camada líquida que multiplicava e afogava o brilho, do que ele se deu conta ao mesmo tempo que ela, pois que tomou a abraçá-la com um rosnado de raiva e algumas explicações ininteligíveis, resmungadas nos seus cabelos, perfumados e doces, furioso contra ele próprio, pronto a se desculpar desse incidente sem significação real, em que acreditava um pouco, aliás, na sua vaidade masculina. Teria muito bem compreendido naquele momento que Clarisse se pusesse a rir e caçoasse dele por esse sentimentalismo ridículo, teria mesmo achado normal, mais que justificado, pelo seu ridículo confessado.

— Julien — murmurou Clarisse. — Oh! Julien, querido Julien.

E seus lábios formaram o nome de Julien no seu pescoço, cinco ou seis vezes, antes de virem se pousar ao acaso sobre seu rosto, que eles percorreram do queixo às têmporas, que inundaram de beijos ávidos e lentos, uma chuva de beijos esfomeados e silenciosos, um aguaceiro interminável e terno sob o qual Julien sentia seu rosto se abrir, tornar-se terra fértil e abençoada, tomar-se um rosto doce e belo, lavado de tudo, precioso e perecível, um rosto querido para sempre.

No seu corredor, Olga já não ouvia nada nem o eco de uma palavra, nem de um gesto, e foi-se embora despeitada e vagamente enciumada, sem saber exatamente de quê.

Eric tomava café e fumava um cigarro em companhia de Armand Bautet-Lebrêche, refugiado, porém, como de hábito, por trás de uma mesinha desconfortável, seu último refúgio e que acreditara até então inviolável. Sediado e vencido, o imperador do Açúcar lançava olhares hostis a esse belo homem tão visivelmente da sua classe, esse Lethuillier que tinha ainda assim a ousadia de se confessar comunista. Armand Bautet-Lebrêche não tinha a menor distinção, a menor finura nas opiniões políticas, apesar de todas as sutilezas que podia admitir e inventar nos negócios financeiros. De fato, adotara todos os novos métodos de lançamentos de fabricação, de mercado, era mesmo reconhecido, em relação aos poucos industriais com sua potência e idade, como o mais audacioso e, como se dizia, um dos mais abertos do seu tempo. Mas isso não o ajudava a conhecer em políticos outras categorias que não fossem as seguintes: havia os comunistas de um lado e as pessoas de bem do outro.

Bautet-Lebrêche recorria, aliás, a simplificações aberrantes em outros domínios, em todos aqueles, de fato, que tinham resistido aos circuitos simplificados do seu cérebro, a essa IBM portátil e aperfeiçoada, provisoriamente instalada (mas ainda assim há 62 anos e, sem dúvida, ainda por 15 ou 20) sob sua calota craniana. Por exemplo, desde os 16 anos, como para Ellédocq, os seres femininos se tinham dividido em dois ramos: as putas e as mulheres de bem, e da mesma forma que recusava admitir que um desses homens "de bem" pudesse ser socialista ou de centro-esquerda, recusava admitir que uma mulher "de bem" pudesse ser, por seu lado, simplesmente sensual. Essa classificação era aplicada a tudo, em toda a parte, com exceção das mulheres da sua família, naturalmente, em relação às quais Armand Bautet-Lebrêche sentia o dever, a obrigação mais sagrada de se comportar como cego, surdo e mudo. Era, por exemplo, impossível que Armand Bautet-Lebrêche nada tivesse sabido dos desvios adulterinos da sua mulher, mas seria ainda mais impossível que fizesse a menor alusão ou que

deixasse que a fizessem diante dele.

Essa impunidade total tinha de início encantado Edma, depois naturalmente irritado, e por fim mortificado. Atribuíra-lhe razões diversas e extravagantes antes de se contentar com uma só, a única agradável, a ausência de tempo! Esse pobre Armand Bautet-Lebrêche tinha horários tão magistralmente estabelecidos que lhe deixavam tempo para ser indiferente, em abundância, tempo para se sentir feliz, a rigor, mas de modo algum tempo para sentir ciúmes e, portanto, infelicidade. Terminando a classificação de Armand Bautet-Lebrêche, ele bem evidentemente tinha classificado Edma, quando a conhecera, na faixa das mulheres "de bem"; ter-lhe-ia sido preciso uma demonstração inverossímil do contrário para que, por egoísmo, como por orgulho do seu método, pensasse em questioná-la: teria sido preciso que pelo menos Edma, diante dele, tivesse rolado com alguns dos seus subordinados no tapete do seu escritório com gritos de êxtase ou obscenidades (que, aliás, ela sempre evitava por si mesma), para que degradingasse a sua posição de honra para esse refúgio infamante das mulheres ordinárias.

Essa opacidade, essa tolice mesmo de divisões estanques de Armand Bautet-Lebrêche podiam, aliás, ter as consequências mais cruéis: porque não contente de se proteger por trás desses julgamentos primários, Armand Bautet-Lebrêche aplicava-os com todas as suas consequências. Despedira homens honestos, humilhara mulheres encantadoras, quebrara destinos promissores simplesmente porque, não os podendo pôr de saída nas suas classificações superiores, lançava-os deliberadamente nas inferiores, nas suas masmorras. O número de suas vítimas, de suas injustiças aumentava com a idade: e de maneira bastante evidente para assustar a própria Edma, pouco levada contudo a se ocupar do relacionamento humano do seu marido com seus empregados, e já esgotada de ter que lhe extorquir, mesmo que de forma caricata, uma relação com seus amigos mundanos.

Eric Lethuillier só podia, portanto, exasperar esse homem. Dar-se atitudes de grande burguês e se arrastar ao serviço de Moscou, principalmente depois de um casamento com as Aciarias Baron, representavam uma traição à classe, e se essa não fosse a sua classe, então à classe de Armand. De qualquer modo, Eric cuspiu no prato em que comia: tendo lançado seu *Forum*, tendo-o criado graças à burguesia, era da pior inconveniência que atualmente ele a vilipendiasse (isso dito, acontecera mil vezes a Armand Bautet-Lebrêche utilizar armas ou finanças de um grupo adverso para arruiná-lo deliberadamente, e a meio caminho tornar a comprar por um nada essas armas que de outra maneira lhe teriam custado mais caro. Mas nada tinha a ver, eram negócios). Achava extremamente inconveniente que esse comunista vestido de *cashmere*, mesmo e principalmente em *cashmere*, viajasse no mesmo navio

que ele, escutasse, mesmo que fosse de um só ouvido, a mesma música que ele e olhasse, nem que fosse por um segundo, a mesma paisagem que ele, respirando voluntária ou forçadamente as mesmas mimosas. E ainda por cima a intrusão de Eric em todos esses domínios parecia pouco grave ao imperador do açúcar: ele não podia se interessar por nenhum panorama, nem por uma música nem por um perfume nem por uma atmosfera, já que tudo isso não era comparável. Armand Bautet-Lebrêche só podia avaliar no sentido moral o que ele podia avaliar no sentido material. A estima só chegava a ele depois da estimativa.

Em compensação, tudo no *Narcissus* podia ser traduzido em algarismos, desde suas passagens até seu conforto, seu luxo. As coisas materiais e reais, afinal, não eram aos olhos de Armand compartilháveis com um comunista, e de qualquer modo deviam permanecer demasiado caras aos seus olhos ou à sua bolsa: o contrário não seria normal. E Armand Bautet-Lebrêche, tão finório e esperto em negócios que se tornara célebre nos cinco continentes, podia defender até o fim esse raciocínio primário (e tão repisado por pessoas honestas em todos os países do mundo), raciocínio segundo o qual não se podia ter o coração à esquerda e a carteira à direita, e que havia nisso uma hipocrisia mal colocada; raciocínio segundo o qual seria mais estimável ter a carteira à direita e o coração duro; e que, finalmente, ter muito dinheiro só era incômodo quando se fazia questão que os outros também tivessem. E era exatamente, afinal, só o que separava as pessoas de esquerda das pessoas de direita e a razão pela qual os segundos acusavam os primeiros desde o primeiro século depois de Cristo.

De todo modo, o esquerdismo de Eric Lethuillier corrompera-se aos poucos: já não desejava que os pobres tivessem um carro, desejava simplesmente que as pessoas ricas já não o tivessem: e para isso pouco lhe importava a situação dos pobres. Era o que Julien já farejara e que começaria a transpirar de todas as páginas desse *Forum*, que o tornava suspeito pouco a pouco. Armand Bautet-Lebrêche hesitara durante muito tempo em lhe falar desse *Forum*, dessa traição de que o acusava, mas pouco a pouco, de tanto morrer de tédio nesse navio, privado da sua equipe, das suas três secretárias, das linhas diretas para Nova York e Cingapura, privado do telefone no carro, das máquinas de ditar e do seu jato pessoal... privado de toda essa ofuscaante panóplia da eficiência que, mais do que essa própria eficiência, fazia a felicidade dos homens de negócio, graças à proliferação e aos progressos incessantes da eletrônica; privado, em suma, dos brinquedos de metal negro e cinza cor do aço, com suas fitas falantes, seus pequenos vídeos luminosos e todos os seus poderes singulares, Armand estava tão entediado no *Narcissus*

há três dias que, deliberada e visivelmente, tornara-se maldoso, em vez de ficar simplesmente eficiente. Balançava então, abaixo do vinco impecável da sua calça de flanela cinza, um mocassim de couro maleável comprado por uma das suas secretárias na Itália (no fabricante, porque como todas as grandes fortunas, Armand tinha a mania ou a paixão de fazer pechinchas até mesmo nos domínios mais mesquinhos), e ele balançava esse pé cada vez com maior nervosismo. Eric Lethuillier, diante dele, dava ao contrário a impressão de calma e mansuetude infinitas: sendo Armand Bautet-Lebrêche e seus trustes e seu império tudo o que Eric detestava no mundo, sendo essa raiva, pelo menos, o que proclamava mais vivamente e mais amiúde na sua gazeta, ele sentia, mais do que de hábito, ao iniciar uma conversa com esse homem, objeto típico do seu ódio, sua profunda tolerância e também sua imensa inteligência, ilimitada, pois era capaz de vencer suas paixões; e também sua curiosidade pelos seres humanos, generosa o bastante para dar algum crédito a esse anão ditatorial.

Eric jogou a cabeça para trás com seus belos cabelos louros cuidadosamente alisados, um delicioso charuto bastante caro entre dois dedos, que levava à boca de tempos em tempos com gesto negligente, com ar farto e apreciador como se tivesse nascido com ele, do mesmo modo que seu interlocutor. De fato, agradava-lhe mostrar a um dos maiores burgueses da sua época que um revoltado, nascido e criado na miséria material, um homem que se fizera por si mesmo, a partir do nada, podia cortar um bife e fumar um charuto com a mesma desenvoltura de um capitalista de velha cepa. E assim Armand e Eric encontravam-se com armas iguais num mesmo conflito, pois era o charuto Monte-Cristo a 45 francos a unidade o que Armand censurava em Eric, e era justamente desse charuto que Eric se orgulhava naquele momento.

E a discussão, portanto, sem parecer, entrou precisamente no cerne do assunto:

— O senhor prefere os número um ou os número dois? — perguntou Eric franzindo um pouco as sobrancelhas com esse ar compassado quase piedoso, mas arrogante, que arvoram geralmente os fumantes de havanas quando falam deles.

— Os número um — disse Armand com voz decidida — nunca os outros. . . Os outros são grandes demais para mim — acrescentou suavemente, como para deixar compreender bem a Eric que, se ele próprio, Armand Bautet-Lebrêche, proprietário das maiores refinarias do Pas-de-Calais, achava grande demais um charuto cujas plantações inteiras ele poderia comprar dez vezes, seria indecente e ridículo, até grotesco, que Eric

Lethuillier, vindo do submundo da mesma pátria, os declarasse outra coisa que abafantes. Por felicidade, Eric, perfeitamente inconsciente desses pensamentos por trás das palavras, sempre achara um pouco grosseiro o tamanho número dois.

— Também sou da sua opinião — disse distraidamente.

A expressão "ainda bem" refletiu-se por um instante nos óculos de Armand Bautet-Lebrêche antes que ele encaixasse:

— Aliás, acho tudo excessivo neste navio: o caviar, os vinhos de safras especiais, os vasos de flores, águas-de-colônia em todos os vestiários, tudo isso parece-me de muito mau gosto, não acha?

— Acho. . . — admitiu Eric com uma indulgência toda nova nele, mas que tinha seu lugar nesse contexto de tolerância, em que tudo era possível, inclusive a conversa dele, Eric, com esse capitalista simbolicamente coberto do sangue dos seus operários.

— Isso não o constrange?. . . Naturalmente! — disse de repente Armand Bautet-Lebrêche, desencadeando a hostilidade num momento estranho, e invertendo assim completamente os papéis: era o capitalista que pedia contas ao homem de esquerda, era o justiceiro que se tornava culpado.

Um e outro devem ter sentido a estranheza da coisa, pois se interromperam juntos e mastigaram seus charutos e sua perplexidade sem convicção.

— Aliás, eu acho toda essa gente insuportável — cedeu bruscamente Bautet-Lebrêche com uma voz aguda, esganiçada até, uma voz de menininho lamuriendo, triste mesmo, que acabou de desorientar o diretor do *Forum*.

— De quem o senhor fala, precisamente?

— Eu falo de. . . falo de qualquer um, não da minha mulher, naturalmente — balbuciou Armand com incoerência. — Eu falava de. . . sei lá, eu... esse tipo, esse tipo do cinema, esse vendedor de filmes — terminou com tom enojado, como se tivesse dito "mercador de tapetes".

Mas a alusão a Simon, graças ao desprezo que ele suscitava igualmente num e noutro, tirou-os do problema; num instante reencontraram-se aliados contra os vendedores de tapetes, os vendedores de cinema, os matreiros, os gringos:

— Estou perfeitamente de acordo com o senhor. — A voz de Eric era convencida e o furor temeroso de Armand enfraqueceu, dando lugar a uma camaradagem de classe. De repente era como se um e outro fossem adolescentes de Eaton, enquanto Simon era de uma escola de outra classe. Confiante, Armand, renunciando provisoriamente a toda belicosidade, procurou antipatias dali por diante compartilhadas com o "seu comunista".

— A putinha que o acompanha é de uma vulgaridade espantosa — continuou ele animado...

E terminou a frase com um riso seco, inquietante, o mesmo tipo de riso que se esperava de homens de negócio ferozes, nos filmes policiais de segunda; Eric, que estremeecera ao termo "putinha", bem fora de moda, afinal, ficou reconfortado pelo riso feroz. E reforçou:

— Sim. . . no estilo *starlet* intelectual... afinal... com pretensões intelectuais, é uma das putinhas mais aborrecidas que encontrei até agora! Ela me dá até pena desse infeliz cineasta enriquecido. . . Em pouco tempo o terá arruinado! Pobre Béjard!

E os dois homens, numa súbita e viril compaixão, sacudiram a cabeça entristecidos com as desgraças de Simon Béjard.

Nem um nem outro tinham ouvido a chegada de Olga por trás deles. Ela lhes trazia na sua mão branca uma pedra negra e translúcida que um *barman* lhe confiara, e sobre a qual se aprontava a perguntar, a esses dois espíritos fortes, a opinião: se era de fato um meteorito, uma estrela vitrificada caída por milagre naquele navio, uma estrela caída de um outro planeta e talvez jogada no vazio por um outro ser vivo, ele próprio, talvez só, ou acreditando-se só no mundo...etc. etc.

Em suma, Olga viera encontrá-los como uma adolescente ingênua e entusiasmada, na ponta dos pés, com a mão para a frente e a expressão extasiada. Retirou-se ainda na ponta dos pés, mas como o punho cerrado e o ar de uma mulher madura, de uma mulher feroz, ébria de ódio e de humilhação, papel que, por sua vez, não tinha a menor dificuldade em representar. Apoiada na amurada do navio fora das vistas, Olga Lamouroux chorou pela primeira vez em muito tempo, pelo menos pela primeira vez sem testemunhas em muito tempo.

Um pouco mais tarde ela se acalmou, afugentou da cabeça aquela frasezinha lancinante e fulminante, aquela frase que ziguezagueava de um canto para o outro do seu cérebro e se debatia para sair como uma mosca sob um vidro, essa frasezinha pronunciada por Eric: "com pretensões intelectuais, é uma das putinhas mais aborrecidas. . .", etc. Não era o termo puta que mais a ofendia, longe disso, eram antes de tudo as duas outras palavras, e que tivessem sido ditas por Eric Lethuillier em pessoa, o diretor do *Forum*. Essas duas palavras, fora de qualquer consideração sentimental (que nem a atingia aliás), jogavam-na num desespero humilhado, um desses desesperos que, segundo Stendahl, Dostoievski, Proust e muitos outros, podem ser os mais dolorosos. Aliás, Olga Lamouroux nunca lera Stendhal, nem Dostoievski, nem Proust nem muita gente mais, por mais que o dissesse: só lera o que se dizia deles, provavelmente no *Paris-Match* ou no *Jours de France* por ocasião do cinquentenário, e não nas *Nouvelles*

Littéraires. A essas informações preciosas, acrescentava uma pequena nota pessoal fornecida por Micheline, sua amiga intelectual, mas, de fato, nada lera. Foi assim que, sem o apoio de qualquer referência, Olga Lamouroux, mais exatamente Marceline Favrot, nascida em Salon-de-Provence (de uma mãe terna e vendeira, o segundo termo tendo-a impedido de apreciar o primeiro), que Olga, portanto, torceu as mãos realmente, mas em vão, durante mais de uma hora para escapar aos delírios e aos gritos do seu orgulho ferido. Olga não sabia tomar distância de si mesma para se ver; só tinha uma visão estilizada e falsa, mas era uma versão triunfante que conseguira construir com certa coragem contra todas as provas em contrário que a vida lhe atirava. Também, ao mesmo tempo que sua vaidade, talvez fosse o que de melhor havia nela: essa coragem, e portanto essa teimosia, essa ingenuidade da infância maravilhada pelos engodos, essa recusa de uma existência insossa (ou pelo menos assim lhe parecia). Talvez fossem também seus esforços, suas noites de vigília para conquistar nem que fossem as aparências de uma cultura mais extensa do que a do liceu de Salon, era sua confiança na vida da juventude na beleza e na sua sorte que Eric acabava de fulminar ou pôr em risco. E assim essa decisão implacável, esse desejo de recorrer à vingança, correspondia tanto às suas qualidades quanto às suas falhas. A rapidez que empregou, deixando seu sofrimento, para procurar armas, um meio de fazer Eric pagar, era de certo modo perfeitamente estimável. Já estava, aliás, traduzida numa versão deliberadamente mentirosa na intenção das suas duas confidentes, Micheline ou Fernande, pela seguinte fórmula: "Decidi imediatamente que isso ia custar caro a Eric Lethuillier. Ele ia ver o que representava atacar, diante de Olga Lamouroux, a futura estrela, uma jovem mulher desarmada, fosse ela a sua, a jovem e rica Clarisse Baron das Aciarias."

Enquanto esperava pela vingança, reprimia as lágrimas, apanhava-as na beira do rosto e espantava-se vagamente da ausência de sal. Permitia-se ainda assim sacudir os ombros com soluços, contudo mais por abandono do que por docilidade a seu grande desgosto (uma docilidade tinta de admiração, pois há dez anos ela já não se acreditava mais, à força de simulá-las capaz de lágrimas reais). Naquele instante, no entanto, eram lágrimas verdadeiras que se amontoavam, saltavam de suas pálpebras enquanto seus ombros curvavam-se sob espasmos incontrolados: era uma mulher, ou antes uma criança em desespero — que ela não conhecia, ou já não conhecia — que chorava por ela, uma "outra". Espantada portanto, mas bastante surpresa com essa capacidade da outra para o sofrimento, Olga maquinalmente tentava realçar as causas. Pouco a pouco pôs-se a chorar sobre a mediocridade dos seres humanos, sobre a dureza de certos homens que

deveriam ser o contrário, esses homens com quem o povo generoso e confiante, o povo de grande coração, contava naquele momento para sair da rotina. Chorava sobre a ingenuidade dos pobres leitores do *Forum*. Esquecia que eram os intelectuais de esquerda (ou de direita) que eram grandes e pequenos-burgueses, em todo caso os bem abastados que podiam comprá-lo e se inclinar com ele sobre esse famoso povo: esse povo em quem ninguém, fora seus charlatães oficiais, acreditava, de quem não queria fazer parte; finalmente, "esse povo" cuja única marca distintiva era talvez nunca usar esse vocábulo.

De qualquer forma, quando Julien, que dava a volta do tombadilho a grandes passos, os grandes passos, as pernadas, as escaladas quatro a quatro, as guinadas da felicidade em amor, quando Julien esbarrara com ela, eram lágrimas altruístas que derramava nas ondas azuis e que, agarrando-se a ele, Olga derramara sobre seu casaco. "Por que não lançara sua preferência por aquele?", perguntava-se ela. Naturalmente não aparentava seriedade, naturalmente não representava nada, naturalmente, até ali, não se tinha interessado pela única coisa interessante que havia naquele navio, isto é, ela mesma, Olga. . . Mas ele, pelo menos, lhe sussurrava Marceline Favrot, no seu ingênuo desespero, "pelo menos tinha uma boa cabeça! Naturalmente. . . estava apaixonado por Clarisse... a bela Clarisse, a ex-grotesca Clarisse... e essa rivalidade inesperada não melhorava nada a solução dos seus pequenos problemas", pensava ela ao mesmo tempo em que se dava conta de que, graças a Julien, seu desespero e seu destino se reduziam na sua própria cabeça ao termo "pequenos problemas". Talvez fosse o rosto desse homem que provocava isso, com suas sobrancelhas arpegiadas, dentes brancos, boca cheia sob os olhos castanhos e seu grande nariz oblíquo. Tinha cílios longos como os de uma mulher, observava pela primeira vez, cílios inesperados num homem tão masculino e tão evidentemente encantado de sê-lo. . . Podia-se ficar com ciúmes desse Julien Peyrat, afinal. . . e o belo Eric deveria bem ser o primeiro a pensar em ciúmes, se ela evocasse a cena surpreendida naquela mesma tarde. . . Pois agora que ela já não gostava mais de Eric, ou antes, que já não se dizia que o amava, o que, aliás, era bem possível, ele lhe parecia muito menos sedutor. E, pensando bem, aquela escapada a Capri fora singularmente desprovida de interesse num certo plano, plano em que Julien Peyrat, pelo contrário, ter-lhe-ia sem dúvida deixado melhores recordações...

Olga era frígida e mudava esse triste adjetivo num outro mais sedutor: ela se dizia "fria" para que não a acusassem de sê-lo e que esperassem assim

mudá-la. Eric com ciúmes de Peyrat... Mas por que não? Suas lágrimas, cujo fluxo secava, segundo acreditava Julien, redobram, mas desta vez por injeção sua. As lágrimas funcionavam em qualquer estratégia junto desses homens, era o que sua experiência lhe recordava.

Julien ficara de início desagradavelmente impressionado por essas lágrimas. Parecia-lhe que nesse barco ele fosse destinado ao papel de consolador, que não era do seu hábito. Imediatamente esse pensamento lhe pareceu blasfematório. Ele sabia afinal que as lágrimas de Clarisse não se comparavam com as de Olga! Nem pelo motivo, nem pelos olhos de onde escoavam; nem, mais prosaicamente, pela sua fluidez. Olga fungava muito chorando e a manga de Julien brilhava de reflexos inquietantes... Julien passou um braço protetor sobre os ombros de Olga e, com um gesto envolvente, apertou-a contra si por um instante. Quando ele a largou e ela recuou, ficou encantado de ver que lhe devolvera aquele feio presente. Satisfeito, Julien voltou sua atenção para as exaltadas palavras da moça aflita.

— Eu ouvi uma conversa — dizia em voz baixa — que me indignou. . Indignou até me pôr neste estado! Eu sou muito ingênua, sem dúvida...

Fez um gestinho desesperado e fútil com a mão, que significava muita coisa sobre as loucas consequências da sua ingênua juventude.

— E o que foi que pôde chocar essa ingenuidade? — perguntou Julien sem pestanejar, com expressão grave.

Pensava no relato que faria a Clarisse, em como ririam juntos, e se deu conta com terror que não lhe acontecia nada que não pensasse em contar-lhe imediatamente. No seu caso, seria isso amor?, pensou: a vontade de dizer tudo à mesma pessoa e que tudo que lhe acontecia lhe parecesse assim engraçado e apaixonante? Ao mesmo tempo que apaixonado, tomara-se cruel, observou ele também: afinal essa jovem Olga, apesar de todos os seus ridículos, podia muito bem estar infeliz. . . Eric Lethuillier era perfeitamente capaz na sua arrogância de ofender profundamente duas mulheres.

— O que foi que aconteceu? — repetiu com calor na voz de repente, e por um segundo Olga quase lhe disse.

Não Olga, aliás, mas essa Marceline Favrot sempre provinciana, para sempre confiante e também para sempre sentimental que, graças a Deus, Olga Lamouroux controlava. E foi Olga que respondeu:

— Nada, nada de particular, mas as conversas desse senhor Bautet-Lebrêche aniquilaram-me. Deveria haver limites para o ignóbil, não acha? — perguntou num impulso.

— Deveria haver, sim — resmungou vagamente Julien que, tendo feito um esforço sincero, suspirava agora para recomençar seu passeio ao vento. Se

você um dia precisar de mim. . . — disse polidamente (esperando marcar com isso que essa necessidade, para ele, era prevista no futuro).

Olga tendo sorrido, abanando a cabeça com gratidão, ele já disparara a galope. Olga o viu desaparecer por trás de um extintor; e por um instante se perguntou por que nunca pudera se apaixonar por esse gênero de homens que ela teria tornado tão felizes (ignorando que "esse gênero de homem" um pouco mais adiante também se perguntava por que nunca pudera amar esse gênero de mulher). Ela voltou rápido ao seu propósito: como punir Eric? Pela mulher, pela bela Clarisse, naturalmente. . . Era a única falha que ela lhe via. Embora não conhecesse sua origem nem sua importância.

Clarisse, cuja vida voltava à medida que ela cometia imprudências, cuja felicidade redobrava com os remorsos, chegara ao bar antes de Eric, com ar distraído, mas sorrateiro. Aproveitara o banho de Eric para se vestir às pressas enquanto ele assobiava ao lado, e se eclipsar sem barulho e sem fechar a porta. Ele ia se exasperar com essa fuga e chegar muito depressa, mas dez minutos, cinco minutos ou três minutos, com Julien, com o homem que lhe restituía o gosto por si mesma, pela aparência e vida profunda de corpo (senão o gosto, pelo menos a aceitação), esses dez minutos valiam muitas cenas. Tinha mil coisas a lhe dizer, que encontrara, e ele, do seu lado, tinha para ela mil respostas e mil perguntas, mas isso não impediu que de início ficassem imóveis e mudos nos seus banquinhos de couro antes de começar a falar ao mesmo tempo e de se interromperem juntos, com as mesmas desculpas como nas piores comédias americanas. Perderam trinta segundos mais a se oferecerem a palavra, e finalmente foi Julien que se lançou de rédeas soltas num monólogo exaltado:

— Que vamos fazer, Clarisse? . . . Você não vai partir com esse homem quando chegarmos a Cannes? Não vai me deixar? É ridículo... Seria melhor dizer-lhe logo... Quer que eu próprio lhe diga? Eu me encarrego de lhe dizer, eu, se você não pode. . . Se você não pode. . . — recomeçou com aquele olhar terno cujo poder ela já sentia demasiado.

De fato Julien tinha o sorriso de um homem realmente terno, de um homem realmente bom; era a primeira vez que Clarisse sofria a sedução dessa virtude comum chamada "bondade" e que lhe dava exatamente o que o olhar de Eric lhe recusava: a segurança em primeiro lugar, graças a esse semi-estranho, seu amante, de ser incondicionalmente aceita, amada, e não julgada por um ser superior. Afinal, talvez Eric simplesmente já não gostasse mais dela, talvez tivesse raiva dela por nada fazer que lhe permitisse pedir o divórcio... Talvez ficasse encantado, pelo contrário, que Julien lhe pedisse a mão, por mais extravagante que a coisa fosse? . . . Mas Clarisse sabia bem

que não era simples e quanto mais o olhar de Julien e o seu desejo a persuadiam da sua beleza (uma beleza sem insipidez) e do seu direito à liberdade como à felicidade mais se dava conta do que havia de incompreensível no comportamento de Eric. Compreendia, sem cólera, que fora literalmente enclausurada e fechada numa visão negativa de si mesma, no seu olhar não só sem indulgência mas sem dúvida até mesmo agressivo. E que teria ela podido fazer, senão ser rica? como dizia Julien. Mas aí não continuava com sua pesquisa, parava à beira das histórias de dinheiro como diante dos pântanos infectados onde atolaria, se ali procurasse os vestígios dos passos de Eric. Sabia, estava certa, que se Julien falasse com Eric, ou Eric soubesse por outro o que lhes acontecia, as conseqüências seriam terríveis... tanto para Julien como para ela. E quanto mais o olhar de Julien lhe inspirava confiança, satisfazia sua fome sentimental, tanto mais a inquietava quando imaginava as manobras sutis e geladas que Eric oporia a Julien e que ela conhecia demais.

— Não diga nada. Eu lhe suplico, não diga nada agora. Espere... espere o fim do cruzeiro. . . Neste navio todos juntos e todos informados seria horrível, fatigante. . . Eu não poderia fugir de Eric. Eu só poderia fugir em terra firme, e ainda assim não sei se ele não me recuperaria pela força, de uma maneira ou de outra... — continuou com um sorriso muito alegre, e mesmo um ligeiro riso que deixaram Julien um instante perplexo, antes que a mão de Edma Bautet-Lebrêche, passando por trás dele para apanhar uma avelã no bar, o informasse das razões desse riso inoportuno.

— Minha querida Clarisse — disse Edma — posso substituí-la junto ao senhor Peyrat? O seu marido nos chega a grandes passos, como Otelo... Ele já teria chegado até, se Charley não o tivesse detido na passagem com uma história de telex.

E deixando Clarisse no seu banquinho à direita de Julien, Edma pegou o tamborete à esquerda e se pôs a falar com animação, fazendo-o assim virar as costas para Clarisse, que se encontrou diante da Doriacci sorridente e cúmplice.

— O senhor sabe, senhor Peyrat — disse Edma "com um sorriso encantador, por sua vez", pensou ele. — O senhor sabe que desde a partida deste cruzeiro eu me empenho em agradar-lhe? . . . Pisco-lhe o olho, falo na sua intenção, rio com o senhor, que sei eu... fico ridícula e sem o menor eco... Estou muito humilhada e muito triste, senhor Peyrat...

Julien, com o espírito confuso pelas últimas palavras de Clarisse, fez um esforço sobre-humano para compreender o que lhe diziam e, quando o conseguiu, esse esforço só pôde dobrar seu constrangimento. Observara as manobras de que Edma falava e achou preferível, tanto para ela como para ele, não mostrá-lo. Que ela lhe falasse tão abertamente parecia-lhe aterrador (ele tinha pavor, e de fato sempre tivera, à idéia de humilhar quem quer que

fosse e, muito mais, uma mulher).

— Mas — disse ele — eu não pensava. . . não pensava que fosse para mim... Enfim, que a senhora, que a senhora pensasse...

— Não se atrapalhe — disse Edma sempre sorridente — não se atrapalhe e não minta. De fato eu lhe fiz a corte, senhor Peyrat, mas eu a fiz no imperfeito. Eu queria simplesmente que o senhor compreendesse que, se eu estivesse nesse navio com o senhor há 20 anos, ou dez, aliás, seria o senhor que eu escolheria, com o seu acordo, para enganar o senhor Bautet-Lebrêche. Talvez isso lhe pareça duvidoso, mas mesmo no meio dele encontrei homens bastante encantadores para amá-los. . . E guardei pela sua espécie masculina uma amizade que não se desmentiu e que não se desmentirá mais agora, aliás, por falta de ocasião de se desmentir. É uma admiração totalmente platônica, acredite-me, uma afeição cheia de saudades, mas feita de recordações felizes que eu lhe proponha...

Tinha uma voz um pouco triste, subitamente, e Julien teve vergonha dele, vergonha dos seus pensamentos não verbalizados e de suas reticências. Pegou a mão de Edma, beijou-a. E levantando os olhos e se virando caiu sobre o olhar irônico de desprezo, quase abertamente insultuoso, de Eric Lethuillier, sentado do outro lado de Clarisse. Eles se entreolharam fixamente e Julien inclinou-se para Eric, roçando Clarisse que olhava à frente.

— Você falou comigo? — disse ele a Eric.

— Mas de modo algum! — respondeu Eric Lethuillier com ar espantado, como se essa eventualidade lhe fosse desonrosa.

— Pensei — disse Julien com voz neutra.

Houve entre eles como uma espécie de vazio pesado entre dois cães bravos. Uma parada do tempo, uma imobilidade sibilina, que era a do ódio. Charley salvou a situação, como de hábito, batendo palmas e gritando "*Hello people*" com sua voz anasalada. Todo mundo virou-se para ele, os dois homens continuaram presos pelo olhar até que Edma praticamente pôs a mão nos olhos de Julien dizendo "psiu", como se ele estivesse falando, para que ele voltasse o rosto para Charley.

— Será que todo mundo está aqui? — gritou Charley. — Ah! faltam Simon Béjard e a senhorita Lamouroux. . . E também o senhor Bautet-Lebrêche. Enfim, vocês lhes transmitirão, por favor, a nova ordem de bordo. Gostariam que parássemos amanhã, antes de Cartago, nas ilhas Zembra para tomar o último banho antes do inverno?. . . Nós podemos ancorar perto de uma ilhota onde há mar profundo e grandes praias. Pensei que isso agradaria a todo mundo...

Houve algumas exclamações aprovadoras, mas em menor número que

os silêncios, pois os passageiros *do Narcissus* não tinham em geral interesse em se desnudar devido à idade. Só Andréas, que esse mar azul embriagava, e Julien, que não gostava muito de natação, nem de tênis ou qualquer esporte que não fossem as corridas de cavalo, mas que toda escapatória desse navio, toda ocasião de rever Clarisse entusiasmava, aplaudiram barulhentemente, enquanto Eric fazia um sinal aprovador de cabeça. A Doriacci, Edma e Clarisse não se manifestaram, mas por motivos diferentes. As duas primeiras por preocupações estéticas; Clarisse porque, desde que Eric se sentara perto dela, estava novamente com medo de tudo: de um banho no Mediterrâneo como de um cálice no bar com Julien, como de provocar sorrisos cúmplices dos outros passageiros. Clarisse tornava a ter medo de amar Julien ou quem quer que fosse. Descobriu uma enxaqueca instantânea e foi-se refugiar na cabina.

Ali tudo denunciava a presença de Eric; seus paletós, papéis, jornais, agenda, sapatos. . . e nada lhe lembrava Julien, cujas camisas amassadas e sapatos mal engraxados ela já conhecia, sentindo nesse momento uma nostalgia tão violenta dessas roupas masculinas amassadas como do seu corpo. Ela devia ter descido em Siracusa, interrompendo ali o cruzeiro para esquecer Julien. Mas se era capaz dos dois primeiros projetos, não estava certa de sê-lo, do terceiro. Sabia bem que, renunciando a essa fuga no instante em que a imaginava, não era a cólera ou as acusações de Eric sobre sua versatilidade o que ela mais temia. Não saiu para o jantar nem para o concerto, e passou a noite entre duas hipóteses: descer em Siracusa ou amar Julien, optando por uma ou pela outra a cada hora, para acabar adormecendo às 7h da manhã, esgotada mas feliz de pensar que esse esgotamento, em todo caso, evitar-lhe-ia fazer essa escolha e por conseguinte suas malas.

Julien não se enganara sobre a agressividade de Eric Lethuillier: odiava-o de fato, já, com uma raiva instintiva superior à que ele dirigia a Andréas e principalmente a Simon Béjard. Não há dúvida que Eric tinha sobre as mulheres algumas idéias completamente fora de moda e primárias, em comparação com a liberdade que o *Forum* reclamava para essas mesmas mulheres. O mau gosto ou o bom gosto não eram talvez critérios quando se tratava dos gostos sexuais de uma mulher (embora ele acreditasse, à força, que Clarisse se tivesse tornado completamente fria no amor, quase frígida, embora ele a tivesse conhecido muito diferente). Mas não lhe parecia ainda assim possível que fosse a Simon Béjard que Olga tivesse feito alusão naquela mesma tarde.

Ela marcara encontro com ele no bar da primeira classe, onde a chegada deles fora acolhida de má vontade, como se uma diferença de 30.000 francos pudesse criar uma espécie de Harlem e transformá-los, Olga e ele, em brancos indesejáveis. Mas Olga não parecia em nada preocupada com os outros passageiros. Ela o acolhera com demonstrações tão evidentes de sua paixão que ele se tinha regozijado afinal de se ter refugiado ali: a mimica de Olga teria certamente parecido forçada aos olhos perspicazes de Charley ou dos outros, tão forçada quanto a aceitação dele, Eric Lethuillier. Deixou-a armar suas baterias e utilizar todos os seus encantos com uma indiferença além do desprezo e tendendo à exasperação, quando ela lhe passou, sorrindo como por acaso, a frasezinha que devia estragar-lhe o dia. Essa frasezinha apareceu numa volta de um monólogo de Olga em que ela se inquietava de repente pelos sentimentos de Clarisse. Pretendia mesmo não querer ser a causa do desgosto dela ("um pouco tarde", pareceu a Eric) e insistia tanto sobre isso que, ao perguntar a Eric se Clarisse não tinha ciúmes dele e das suas escapadas amorosas, ele lhe respondeu imediatamente, para eliminar esse assunto, "que Clarisse e ele já não se amavam havia muito

tempo, que sem dúvida nunca o tinha amado; contrariamente a ele, Clarisse era indiferente a outras pessoas, ele inclusive, quase até o limite da esquizofrenia". Depois de algumas palavras de consolo muito esclarecidas, Olga lhe disse então com um risinho ligeiramente tímido:

— Então felizmente, meu caro Eric... Fico bem aliviada por você e por ela. . .

— Por que por mim? — perguntou Eric maquinalmente, esperando que ela evocasse seus eventuais remorsos.

Mas Olga recusou explicar-se com ares de nobreza que completaram a exasperação e até mesmo o rancor de Eric para com ela.

— Minha querida Olga — disse depois de dez minutos de discussão sobre os direitos que tinha de saber o que ela sabia — minha querida Olga, eu pensava que lhe tinha feito compreender que sou uma pessoa de idéias claras. Como eu também não lhe esconderia os possíveis desvios de Simon Bédard, você não tem que me esconder alguma coisa que me toca, mesmo indiretamente. Se você pensa o contrário, é melhor ficarmos por aqui.

E grandes lágrimas subiram imediatamente aos olhos de Olga, enquanto seu rosto se contraía, seu tormento se manifestava por mil batimentos dos cílios, e finalmente ela contou a causa a seu namorado cada vez menos perplexo.

— Foi porque eu a vi flertando um pouco ainda agora — falou sorrindo. — E não lhe direi nos braços de quem, porque não me lembro. E mesmo que soubesse não diria.

— O que você chama de flerte? — perguntou Eric com voz cortante, mas subitamente pálido sob seu bronzeado (o que fez pular de alegria o coraçãozinho de Olga Lamouroux: ela tinha encontrado a arma...).

— Flertar... Flertar... como definiria você mesmo, Eric?

— Eu não o defino — falou secamente, rejeitando com um gesto do braço qualquer definição dessa atividade fútil — eu não flerto nunca: eu faço amor com alguém ou eu não o faço de todo. Detesto as excitadoras.

— Aí está um defeito de que você não pode me acusar — disse Olga como uma gatinha, agarrando-se ao braço dele. — Eu realmente não lhe resisti muito tempo. Talvez não tenha sido bastante...

Eric teve de se conter para não bater-lhe. Tinha vergonha da idéia de se ter deitado na mesma cama com essa miserável *starlet* transbordando de fofocas e de tolices. E na sua raiva chegara a esquecer o que queria saber dela. Olga percebeu e murmurou:

— Então, digamos que eles se beijavam na boca e apaixonadamente. Tive que esperar três minutos no meu relógio para poder entrar na minha cabina, que fica adiante da sua... Quando eles se separaram estava prestes a voltar ao bar já que as suas manifestações pareciam dever durar muito

tempo...

— E quem era?

— Note. . . — disse Olga sem parecer ter ouvido a pergunta — note quando você fala das excitadoras estou perfeitamente de acordo com você. E aliás ficaria mais orgulhosa de ter dito sim logo a você, Eric, meu grande homem. . . — acrescentou ela com ingenuidade. — Mas nada me diz que sua mulher seja uma excitadora, e é bem possível que ela própria tenha apagado o fogo que desencadeou...

— O que é que você quer dizer? — perguntou Eric, sempre com aquele ar de cego por trás do qual ele se debatia horivelmente (como Olga podia adivinhar, rejubilando-se pela primeira vez nas últimas 24 horas).

— Eu quero dizer que Clarisse, como você, talvez tenha amantes, e que ela se comporta como uma mulher honesta. Em todo caso, esse, ela não se limitará a excitá-lo. . . Se não fossem 4h da tarde e o fato de que você pudesse voltar à cabina por acaso, eles se teriam fechado ali de bom grado um e outro... Eu os via tremer do meu lugar a dez metros.

— Mas quem? — repetiu Eric com força (e as pessoas em torno dele olharam).

— Vamos pagar e sair daqui — disse Olga imediatamente. — Eu lhe direi tudo quando sairmos daqui.

Mas quando Eric, depois de pagar, quis se reunir a ela, já não a encontrou, e refugiara-se na cabina da qual não saíra até aquele momento, da hora do bar. E por essa razão Eric não sabia qual desses três homens tinha beijado sua mulher, Clarisse, e a quem ela retribuía os beijos. Andréas parecia ocupado. Julien Peyrat era um trapaceiro, um aventureiro, portanto incapaz desse absoluto no amor que era a única exigência de Clarisse; quanto a Simon Béjard, Olga não resistiria a lhe dizer o nome. Talvez fosse esse Andréas, afinal, a quem a Doriacci dava liberdade completa... "Mas seria preciso que ele fosse muito forte em amor", repetia-se Eric fitando Julien, para descobrir talvez ali o homem atraente visto por Clarisse. Foi nesse momento que Julien levantou os olhos e que eles se defrontaram como dois rivais e que Eric soube o nome do inimigo. Sentado ao lado de Clarisse assim que chegara, sentia-se ferver de furor e de alguma coisa mais que se recusava totalmente a chamar desespero. Conservou bastante sangue-frio para passar a noite sem quebrar tudo e dizer tudo. Mais que tudo, humilhava-o a idéia dos seus namoros com Olga e de suas manobras tão inteligentes e tão finas de psicologia, enquanto Clarisse, do seu lado, fizera embarcar o amante nesse navio, a menos que ele se tivesse tornado amante nesses três dias, o que Eric não podia nem queria acreditar porque isso lhe teria provado que Clarisse ainda era capaz dessas paixões agudas, dessas crises passionais

das quais ele se beneficiara uma vez e que tudo fizera para não ver reaparecer no rosto da sua mulher.

O jantar, apesar desse início promissor, passou-se em boa inteligência, embora esse termo fosse pelo menos um pouco otimista, levando em conta o riso vindo da garganta de Edma e o olhar de Eric.

O jantar em todo caso permitiu a Julien Peyrat — que já começava a construir castelos em Espanha, isto é, sua vida de homem casado com Clarisse ex-Lethuillier que voltara a ser Clarisse Baron, ou antes: Clarisse ex-Baron, senhora Peyrat; Julien, desde já, recusando todos os centimos e todos os milhões de sua rica família, recusando qualquer equívoco suscetível de fazer Clarisse, "sua mulher", duvidar do seu amor louco — Julien Peyrat que, por motivo dessa recusa, se relançava mentalmente em combinações e maquinações extenuantes, graças a esse jantar calmo e curto, pôde confiar seu Marquet aos cuidados de Charley Bollinger, empresário ideal para esse gênero de negociações. Julien sussurrava-lhe o preço incrivelmente baixo do quadro, as razões desse preço e as circunstâncias da sua compra, excepcionalmente complicadas e nas quais acabava ele próprio por se perder, ao mesmo tempo em que deixava perceber sua paixão por aquele quadro e ainda assim a dolorosa mas possível eventualidade de se separar dele, com tanta convicção que, à sobremesa, já se deixava levar por Charley, o empresário perfeito, quase à força até a cabina: ali abrindo sua valise tirara o quadro enrolado em papel de jornal entre duas camisas, bloqueado por dois pares de meias como só se podem permitir os grandes, os verdadeiros quadros: e assim convencera irreversivelmente Charley de que um dos mais belos Marquet do mundo encontrava-se a bordo do *Narcissus* e que não importa qual dos passageiros, bastando que dispusesse de 25 miseráveis milhões de francos antigos, podia trocá-los por esse quadro que valia mil em si, mas 200.000 à venda. . . como atestava meia dúzia de papéis assinados de grandes peritos de nomes ao mesmo tempo desconhecidos, mas familiares ao ouvido. Ao deixá-lo, Julien estava perfeitamente seguro da propagação dessa

convicção entre os felizes e ricos patos encontrados nesse navio, principalmente porque ele havia quase feito Charlie jurar nada dizer a ninguém.

Foi só por volta das duas horas da madrugada que Eric, esticado no seu beliche, começou a construir seu plano de sabotagem.

Finalmente não foi ele que sofreu mais com essa revelação, pelo menos naquela noite; foi Simon Béjard, que nada tinha a ver.

Ao voltar à cabina, Olga, depois de secas as lágrimas havia horas, tinha contudo hesitado um instante depois de abrir a porta. Deparara-se com Simon Béjard na sua cama com os lençóis bem esticados, os cabelos bem penteados, mais bronzeado que vermelho agora, num pijama de seda azul, que a esperava com uma garrafa de champanha não desarrolhada entre os dois beliches e que levantara para ela seus feios olhos maliciosos, mas ingênuos, brilhantes de prazer ao vê-la; Simon Béjard, por quem tivera, pela primeira vez, uma espécie de gratidão: ele ao menos não a tomava por "uma puta falsamente intelectual". E, por um instante, quase lhe contou toda sua humilhação; quase lhe confiou suas mágoas a cuidar, seu orgulho a vingar, como lhe suplicava sua gêmea Marceline Favrot, aniquilada. E sem dúvida, se esta tivesse ganho, as relações de Olga e Simon poderiam ter sido outras, diferentes das que eram desde a partida. Mas ganhou Olga, e sua humilhação a sufocava menos do que seu desejo de vingança. Endireitava a espinha sob o golpe, ardia por bater, por sua vez, e talvez fosse o melhor dela que a levou a contar em detalhe e com ferocidade não o desenrolar daquele dia, mas o desenrolar da noite em Capri, da qual nada lhe escondeu, exceto, naturalmente, o tédio e a ausência de romanesco. Simon Béjard ficou muito tempo silencioso depois dessa avalanche de horrores, como lhe pareceu, e incapaz de olhá-la enquanto ela se despia com gestos brutais, talvez confusamente constrangida pelo que acabava de fazer e pela inutilidade dessa confidência. E, de fato, Simon Béjard estava menos ofendido por Olga ter dormido com esse sujo de Lethuillier do que por ter contado sem necessidade, por ela lhe ter infligido uma verdade que ele não pedia e que ela sabia lhe ser dolorosa. Não era a infidelidade de Olga, mas sua indiferença por ele, pela sua felicidade ou sua infelicidade eventual, indiferença provada por esse relato cruel; era o que achava mais atroz nisso tudo. E quando Olga lhe disse sem se virar, e para romper o silêncio que ele conservava desde o fim do relato: — Eu o respeito demais para mentir, Simon — com voz piedosa, ele não pôde se conter, e retrucou: — Mas não

me ama o bastante para evitar me fazer sofrer — com uma voz amarga e acerba sob a qual Olga reagiu transformando-se de humilde pecadora em orgulhosa e suscetível Olga Lamouroux, nascida na Touraine de uma família de grandes burgueses, que, apesar dos seus vícios, cuidavam da sua honra, ao que parecia.

— Talvez você preferisse nada saber? Ser enganado e que os outros se rissem nas suas costas; ou então saber disso por aquele fofoqueiro do Charley?. . . E, nesse caso, você teria fechado os olhos, não é? A complacência é uma coisa corrente, eu creio, nos meios cinematográficos...

— Eu lhe assinalo que você já está há oito anos nesse meio — falou Simon Bégard involuntariamente porque tinha vontade de tudo naquele momento, menos de uma cena.

— Sete anos — retificou Olga. — Sete anos que, você pode imaginar, não diminuíram o meu horror aos amores a três, à hipocrisia e às orgias. Se você gosta disso faça-o sem mim, se quiser. . . — Mas Simon levantara-se involuntariamente, branco de raiva, e Olga recuou de um passo diante desse rosto desconhecido e furioso.

— Se nós dormíssemos a três — disse Simon — não seria por minha culpa, não é verdade? Não seria eu que traria o terceiro, não é? Você não acredita que. . .

Gaguejava de raiva e Olga, encurralada, liberou-se com gritos que logo acalmaram Simon, que sempre fora alérgico a escândalos. Ela atirou-lhe a pergunta, sem se dignar responder à dele.

— Você não respondeu, Simon: você é um homem complacente ou não?

— Certamente não. Ou você acaba com essa história ou eu a desembarco em Siracusa.

E naquele instante ele o teria feito, tão humilhado estava por sofrer por causa dessa mulherzinha mentirosa e mesquinha; Olga compreendeu, e de repente se viu sozinha num aeroporto siciliano com sua valise na mão; antes de levar mais longe sua imaginação e de ver preferida uma outra atriz jovem na próxima produção de Simon Bégard, pensou: "Mas eu estou louca.... tenho dois contratos com ele nem mesmo assinados e me divirto com um salafrário infecto e lhe conto. . . Vamos nos controlar. . ." E controlou-se de fato, atirando-se nos braços de Simon, derramando lágrimas desta vez límpidas sobre ele e sacudindo os ombros com soluços, mas com bastante veracidade para que Simon, mais que feliz com essa conclusão, a tomasse nos braços e a consolasse, com o coração apertado com as mentiras melodramáticas que ela gaguejava contra seu rosto, não por muito tempo, porque depressa foram os seus lábios que ele escutou, e seu corpo que ele questionou com o próprio corpo, só retirando dele aqueles mesmos gritos

extasiados que nada lhe diziam.

Mas enquanto fumava lentamente, depois, estirado de costas, com os olhos fixos na vigia mais clara no escuro, Olga adormecida mexeu-se, pôs a mão sobre o quadril de Simon com um resmungo de satisfação que ele tomou por felicidade e que o fez se curvar como cego sobre o rosto dessa criança dócil da qual tinha, acima de tudo, desejo de ser amado. Tentou adormecer, não conseguiu, tornou a acender a lâmpada, pegou um livro, tornou a fechá-lo, apagou. Nada adiantava. Duas horas depois teve que se render à evidência. Simon Béjard, deitado no seu beliche, os joelhos dobrados e a cabeça inclinada na posição dita fetal, Simon Béjard, nesse momento o produtor mais invejado da França, e talvez da Europa, entregava-se a um desgosto de amor. E em vez de aproveitar da sua chance, ele se escondia numa cama alugada por nove dias, por uma fortuna, na Companhia Pottin, uma cama que não era a sua e jamais seria, uma cama talvez diferente das suas predecessoras pelo luxo mas não pela sua solidão que ainda lhe parecia ali mais vistosa; uma cama semelhante a todas em que vivera durante 30 anos, das quais sabia quando as deixava, pela manhã, que jamais as veria. E Simon Béjard, que não tinha portanto jamais tido uma cama dele só e cujo único teto era naquele momento o do Plaza na Avenida Montaigne, Simon sentiu-se de repente desesperadamente atraído por tudo que fugira e desprezara durante toda a sua vida: Simon desejava ter seu teto, sua cama e poder ali morrer, com a condição que essa cama e essa vida fossem compartilhadas com Olga Lamouroux. Bastara para ele chegar a isso depois de 30 anos de miséria e solidão para que fosse bruscamente entregue à ociosidade, ao luxo e à companhia durável de uma mulher. Esses três meses tinham bastado para que se apaixonasse por uma *starlet* e que ele choramingasse no seu beliche quando ela o enganava, em vez de a jogar fora e de esquecê-la em três dias, como teria feito em Paris. Através desses pensamentos, como fundo sonoro, ouvia um ruído caridoso e fugitivo, o do navio que fendia as águas plácidas e sombrias com um suave ruído de água livre, de água salgada, de água do mar, muito distinta do ruído dos rios, observou ele, sonhador, de repente, longe de Olga, retornando aos anos da infância nessa província plana de tons tão verdes e tão amarelos onde deslizam refletindo os céus os rios transparentes; enquanto uma criança, com os olhos fixos numa rolha vermelha na ponta de uma linha, uma criança apaixonada e desastrada já naquela época, ele mesmo, transpirava ao sol. Mas o que vinham essas recordações fazer na sua cabeça e nessas circunstâncias inoportunas?. ... Não se lembrava nunca da infância, esquecera-a havia muito tempo, pelo menos assim acreditava. Sua infância era relegada, como alguns roteiros lamurientos ou demasiado sem graça, ao desvão dos arquivos de onde não deviam mais sair nem uns nem outros.

Simon levantou-se na escuridão, foi até o banheiro e engoliu dois copos d'água um por cima do outro, com uma ênfase e gestos de tragédia, depois acendeu a luz, lançou um olhar de viés ao espelho. Aproximou o rosto lúgubre e mais para feio, com seus traços moles e seus olhos azuis à flor do rosto, esse tom cadavérico que ele conservava mesmo sob o bronzeado e essa boca cuja sensualidade fora por vezes apreciada; mas 20 anos antes, quando a sensualidade mal lhe interessava, talvez menos que o futebol, e em todo caso menos do que o cinema! Esse rosto a que, numa de suas produções, só confiaria um terceiro papel (e ainda um papel de homem enganado pela mulher, desprezado pelo patrão, um papel de desastrado ou de pulha). Por que loucura, que inconsciência queria ele que Olga amasse esse rosto? Como podia suportar até que ele apoiasse seu rosto no dela? Como poderia ela passar as mãos nos seus raríssimos cabelos? Como poderia suportar contra o seu corpo elegante, maleável e musculoso de mulher jovem, na moda, o corpo dele, Simon, inchado de álcool e de sanduíches engolidos às pressas, seu corpo onde os músculos relaxavam sem jamais terem sofrido tensão e cujo estômago tomava amplitude de tanto andar de carro? (O fato de uma Mercedes ter substituído o seu velho Simca nada mudava à situação, como contudo acreditara.) Ah! ele não era tão bonito como os outros homens deste navio: o encantador Julien e o soberbo Andréas e o belo Eric. . . Esse lixo, esse safado, esse belo Eric. Simon apanhou um tubo de soníferos, tomou um, engoliu-o, fez saltar outros na sua mão fingindo hesitar, para se ofuscar a si mesmo. Mas sabia muito bem que era incapaz dessa solução. E afinal de contas não sentia qualquer vergonha dessa certeza: pelo contrário.

Chegariam à noite a Cartago, mas de madrugada chovia. O *Narcissus* saiu da noite projetando-se contra um céu cinza-ferroso, muito inclinado sobre um mar do mesmo tom e cuja água parecia pegajosa, pesada. Parecia que o mundo acabava ali nesse cinza e que o *Narcissus* nunca sairia dali. Os passageiros ficariam lúgubres hoje, pensou Charley, passando pela primeira vez de dia pelos corredores de luxo, ajeitando a gravata no seu *blazer* castanho com reflexos vermelhos, encantador sem dúvida, mas severo, quando pensava no conjunto de xantungue bege que previra na véspera. Assim, ficou estupefato quando ouviu o riso gigantesco e sonoro da Doriacci um pouco rouca pela insônia, riso poderoso que certamente teria acordado os passageiros daquele tombadilho sem a proteção involuntária que representavam Hans-Helmut Kreuze e sua grande cabina. "Como é que esse infeliz podia dormir?" — perguntava-se Charley, diminuindo o passo. E aliás, será que estava dormindo? . . . Talvez passasse noites em claro e extenuantes, e só o terror o impedisse de se queixar. Desde o incidente do primeiro dia, Hans-Helmut, o maestro, comportava-se docilmente diante da Doriacci. Quanto a *Fuschia*, o veterinário consultado em Porto-Vecchio devia ter compreendido o seu caso, pois graças às suas pílulas o cão dormia sem interrupção há dois dias. Uma nova gargalhada freou Charley definitivamente, e ele lançou em tomo de si um olhar furtivo: Ellédock estava no posto de comando há uma hora, vigiando uma trajetória imutável e evitando os obstáculos inexistentes; ele tinha portanto o tempo e a possibilidade. . . Encontrou-se inclinado, o ouvido na porta do apartamento da Doriacci, envergonhado e excitado ao mesmo tempo.

— Então? Então? . . . A moleira não quis pagar o hotel, finalmente. . . É incrível! — dizia a Doriacci.

O ruído de um sopapo sonoro deu um sobressalto a Charley, que não compreendeu imediatamente, e desejou que fosse a coxa da Diva e não o rosto do pobre Andréas que o tivesse sofrido.

— Não foi exatamente assim — disse a voz de Andréas ("uma voz jovem, tão jovem! Que pena. . ." — pensou Charley com febre e desespero). — Ela afirmava que lhe tinham dado um apartamento por hábito, quando pedira apenas um quarto, etc. O patrão dizia que sim. Ela me tomou por testemunha. . . Todo mundo estava ali, todo o hotel: os clientes, o pessoal... Eu estava vermelho como um camarão...

— Meu Deus, mas onde você vai pescar essas mulheres? — disse a Doriacci com uma voz de trovão, encantada.

Ela se habituara, havia muitos anos, a ouvir contar nos braços dos seus jovens amantes histórias das mesmas rivais. Eram as mesmas mulheres de 60 anos ou mais que compartilhavam do mercado dos jovens dourados em Paris, Roma, Nova York e alhures. E ainda assim esse mercado era restrito pela concorrência crescente dos pederastas, menos fatigantes e mais generosos, geralmente, que as viscondessas e as *ladies* ainda caçadoras. Era sempre a condessa Pignoli, Mrs. Galliver, senhora de Brás, de quem a Doriacci recebia os restos ou a quem ela os deixava. E eis que esse jovem, tão polido e sem dúvida o mais belo que ela tinha visto havia muito tempo, esse jovem que iria fazer furor no mercado logo que ela lá o tivesse introduzido, falava-lhe de Nevers como da Super-Babilônia, do trem Paris-St.-Étienne como de um jato particular e da senhora, Farigueux e da senhora Bonson, respectivamente mulher do moleiro e viúva do tabelião, como de Barbara Hutton. . . E eis que lhe contava suas aventuras de gigolô não somente sem esconder o papel preciso que ali ocupava mas, além disso, com anedotas das quais saía muitas vezes ridículo ou ludibriado. Era realmente um jovem estranho, esse Andréas de Nevers. . . E a Doriacci confessava-se que se ela tivesse 30 anos menos, 20 mesmo, ela se prenderia a ele de bom grado por mais tempo do que de hábito, isto é, um pouco mais de três meses. O que ele, aliás, já reclamava com insistência que teria sido odiosa em quase todos os rapazes do seu gênero, mas que nele parecia apenas infantil. Andréas tinha além disso reflexos inesperados num profissional, porque ele não ocultava viver do seu corpo há cinco anos, e unicamente do seu corpo, e corava quando ela passava uma gorjeta ao camareiro, a ponto de se pensar como ele fazia em terra firme, em que o número de gorjetas multiplicava-se por cem.

— Então o que foi que você fez?

E ela avançava a mão para Andréas, um Andréas em pijama branco de madapolão como ela já não via desde 1950. Era louro e despenteado, tinha expressão feliz, ria com a boca e os olhos, era encantador. Ela o despenteou e penteou várias vezes com um prazer sem mistura. Parou quando os olhos de Andréas, esquecendo de sorrir, se fizeram implorantes, ternos, demasiado ternos, e ela interrompeu bruscamente por uma pergunta brutal.

— Por que é que ela não queria pagar, a sua moleira. . . sua moageira, perdão? O serviço não fora perfeito?... O seu, quero dizer.

Ele sacudiu a cabeça de rosto fechado, como de cada vez que ela abordava essas questões contudo simples, e continuou:

— Ela me tomou como testemunha e quando eu disse que não me lembrava respondeu que isso não a surpreendia que "O senhor estava acima dessas coisas. . ." O senhor era eu, "que o senhor planava no ar", etc. etc. Então a mulher do hoteleiro se pôs a rir de uma maneira horrível, e ela disse...

Andréas interrompeu-se e mostrou um ar preocupado.

— O que foi que ela disse? — perguntou a Doriacci rindo de antemão.
— O que foi que ela disse. . . conte-me tudo, Andréas. A gente se diverte muito mais em Nevers do que em Acapulco, decididamente. . . E por que não há uma ópera cômica em Moulins ou em Bourges?

— Existe sim, mas você receberia três vinténs de pagamento — disse Andréas tristemente. — Então ela disse que Huguette. . . enfim, a moageira não tinha de se queixar, pois ela a ouvira berrar, foi o termo que ela usou, uma parte da noite...

Ele estava com um ar tão embaraçado que a Doriacci teve um riso louco o que, aliás, acontecia facilmente com ela.

— E você, o que foi que você fez?

— Fui buscar o carro, guardei as malas, e a mulher do hoteleiro me pediu que pagasse a conta, e eu não tinha um tostão, enquanto o hoteleiro pedia a ela e os garçons do restaurante se torciam de rir. Ah! eu sofri.. . Como eu sofri!... E você sabe como se chamava esse motel?

— O Motel das Delícias. Das Delícias do Bourbonnais. . . Eu a deixei na primeira estação e voltei a Nevers. Tia Jeanne ficou muito decepcionada mas fora ela quem me tinha posto no lance da moageira.

— Meu Deus. . . Meu Deus. . . — soluçava a Doriacci nos travesseiros que apertava contra si com entusiasmo. — Meu Deus, pare com suas histórias estúpidas e abra a porta: há alguém que está nos escutando — continuou ela no mesmo tom.

Foi assim que Charley quase caiu quando o soberbo Andréas abriu a porta (Andréas vestido de probidade cândida e de linho branco), e penetrou de cabeça no quarto. Na sua cama, os ombros nus, o rosto vermelho de tanto rir e os olhos faiscantes de autoridade, a Doriacci fitava-o sem raiva e sem indulgência.

— Senhor Bollinger — disse ela — já de pé a esta hora? O senhor quer tomar o café da manhã conosco?... Se esta desordem não o assusta.

E com seu belo braço ainda liso ela apontava para o quarto. "Um

quarto de amantes", observou Charley tristemente, com as roupas, os cigarros e os livros, o copo d'água e os travesseiros espalhados na desordem inimitável do prazer. Balbuciando, sentou-se na ponta da cama cabisbaixo e mãos nos joelhos como um primeiro comungante. Sem comentar de outra maneira seu comportamento infamante, a Doriacci encomendou chá para três pessoas, torradas, geléias e suco de frutas. Esse café da manhã seguia de perto um champanhe noturno, a julgar pela garrafa ainda fresca e o rosto do camareiro, completamente exausto:

— O pobre Emilio não dormiu por minha causa — disse a Diva designando-o a Charley. — Eu o recomendo à sua indulgência — concluiu, tirando de uma das bolsas uma dezena de notas que pousou sem pudor e sem ostentação sobre a bandeja do infeliz Emilio, que voltou a se colorir a essa visão. — Então, Charley, esta visita em honra de quê? Novos dramas hoje, já? Todo dia acontece alguma coisa neste navio, e não das mais simples.

— O que a senhora quer dizer? — perguntou Charley (a curiosidade fazendo-o sentar mais firmemente na cama de onde já quase escorregara três vezes, a vergonha tendo-o levado a se colocar na borda extrema).

Andréas também viera sentar na cama, mas com os pés no chão, um pouco enviesado, "com uma discrição tão inútil quanto enternecedora" aos olhos de Charley.

— Certamente que acontecem coisas. . . — disse a Doriacci. — Uma: a sua Clarisse nacional ficou linda; dois: o belo Julien a ama; três: ela quase lhe corresponde; quatro: Olga e o senhor Lethuillier, depois dos seus amores contrariados, já se aborrecem juntos. O produtor ruivo e a altiva Edma vão namorar muito brevemente. Quanto a Andréas... — disse, dando tapinhas no nariz do rapaz como se ele fosse um cachorrinho — ele está loucamente apaixonado por mim. Não é, Andréas? — disse, com crueldade.

— Isso lhe parece impertinente da minha parte, não é? — disse Andréas a Charley. — Meus sentimentos lhe parecem falsos ou interesseiros?

Ele não se divertia de todo visivelmente e Charley se perguntou mais uma vez por que ele próprio cedia sempre à sua curiosidade, já que era sempre punido, num prazo mais ou menos longo. Desta vez fora rápido, e mudou de assunto para fugir à punição dessa cena que, por outro lado, comentaria alegremente mas que sofria ao vê-la explodir diante dele.

— Você sabe que nós temos neste navio um tesouro artístico? — disse com sua voz misteriosa.

E a Doriacci já se erguia sobre seus travesseiros, já apaixonada, mas Andréas conservou os olhos baixos.

— O que é? — perguntou. — E primeiro, como é que você sabe? Eu desconfio dos seus indicadores, meu belo Charley, eu desconfio das suas

fontes: e no entanto você sabe de tudo neste navio, mesmo que não se saiba como — disse ela, pérfida.

Mas Charley não estava em condições de protestar e continuou:

— Julien Peyrat comprou em Sydney, há dois meses, por uma ninharia, a vista de Paris sob a neve assinada por Marquet, um pintor admirável próximo aos impressionistas, e que tem alguns quadros que são um esplendor...

— Eu conheço e adoro Marquet — disse a Doriacci. — Obrigada!

— E ele está pronto a revendê-lo por 50.000 dólares — disse Charley lentamente (não teria um ar mais trágico se tivesse jogado uma bomba sobre a coberta da cama). — Isto é, 25 milhões de francos antigos! Por nada, veja só!

— Eu compro — disse a Doriacci, batendo com a mão na coberta como se Charley fosse um avaliador público. — Não — voltou ela atrás — não compro. Onde é que poria esse Marquet? Eu não paro de viajar. . . Um quadro deve ser visto, olhado todo o tempo com olhos amorosos, e este ano não paro de viajar. O senhor sabe, senhor Bollinger, que descendo deste navio tomo logo o avião para os Estados Unidos onde canto no dia seguinte de noite, no Lincoln Center de Nova York, aonde este senhor quer que eu o leve — continuou, estendendo sem olhar para ele uma mão carinhosa, para Andréas, que recuou, e que ela não tocou, portanto, mas que procurou vagamente no ar, mas só com a mão, e a que renunciou com a mesma expressão bonachona, "sempre com aquele ar de estar se dirigindo a um cachorrinho", pensou Charley.

E ele se levantou involuntariamente. Sofria por Andréas e se espantava, sendo seu interesse evidente, que a Doriacci lho restituísse, ou pelo menos lhe desse uma oportunidade de capturá-lo. "Decididamente ele tinha muito bom coração", disse para consigo voltando à porta e lhes dirigindo com a mão um adeusinho dengoso. Um rosnar feroz vindo da cabina adjacente fê-lo descer o corredor a galope, só parando aos pés de Ellédocq, com seu colar de barba tranquilizador.

Atrás dele no quarto em desordem, a Doriacci já não ria. Olhava Andréas e os belos cabelos cortados muito curtos na nuca.

— Não gosto que você me faça cara amarrada, mesmo diante de Charley.

— Por que, mesmo diante de Charley? — perguntou Andréas com ar perfeitamente inocente e intrigado, o que ainda espantava a Diva, essa arte de mentir num rapaz tão límpido.

— Porque isso só lhe pode dar prazer — falou sorrindo, para que não pensasse que ela tinha caído.

— Por quê?

Esse ar de incompreensão exasperou de súbito a Doriacci. A insônia já começava a lhe atacar os nervos e ela o sentia, mas não podia se privar de suas noites em claro, os únicos momentos em que se divertia um pouco, por vezes muito, mas com uma alegria que não dependia de todo dos seus companheiros, pois que era aos seus acessos de riso frouxo, às suas próprias palhaçadas que ela se entregava de bom humor ou sarcástica nos seus próprios delírios, seus próprios projetos ou suas próprias lembranças todas derrisórias, extravagantes e que deixavam esses jovens coitados mais aterrorizados do que divertidos! Andréas pelo menos tinha a seu favor a vantagem de rir dos seus risos e também de fazer rir com suas anedotas, sem que para isso negligenciasse seus deveres de amante, que realizava com um fervor difícil de encontrar nestes tempos, tanto entre os jovens como em adultos dessa época que só falavam de sexo com crueza, avidez e impolidez, tudo batizado de liberdade. Era bom que Andréas, aliás, perfeitamente franco sobre seus meios de vida, não fosse hipócrita sobre seus costumes.

— Porque Charley está apaixonado por você, caso você o ignore realmente. E que eu sou o obstáculo entre ele e você neste navio. Se nós nos separarmos ele poderá consolá-lo.

— Como?. . . — disse Andréas corando — você pensa que eu me faria consolar por Charley?

— E por que não?

E ela se pôs a rir, porque, bizarramente, por uma vez, não a divertia levar Andréas a mentir como tinha feito mentir os outros, seus brilhantes predecessores, que essa questão embarçava por vezes até a mentira.

— Em todo caso não me faça mais trombas, está bem? Diante de ninguém. Talvez eu o leve a Nova York, mas em caso algum se você ficar emburrado.

Andréas não respondeu. Fechava os olhos estendido na cama. Ela poderia pensar que dormia, não fosse o franzido das sobrancelhas e a melancolia da boca, que denunciavam um homem acordado e triste de estar. A Doriacci assobiou imediatamente, já era tempo de pôr as coisas em pratos limpos com esse falso tolo vindo de Nevers, sem o que ela se encontraria nos piores embarços. . . Embora essa lembrança não a chocasse, embora ela nunca pensasse nisso sem pretexto, o suicídio de um jovem regente de Roma, por sua causa, dez anos antes, não a tinha abandonado completamente.

O Capitão Ellédocq, no posto de pilotagem, fixava o mar estendido diante dele, um mar plano como a mão, o que não o impedira de pousar sobre ele um olhar desconfiado e agressivo. Ellédocq, pensou Charley, parecia prestes a esfregar as mãos e dizer "A nós dois, meu velho", como se partisse num rápido veleiro para os *Roaring 40s*. O heroísmo reprimido ou, em todo caso, não utilizado por Ellédocq, explicava aos olhos do compreensivo Charley seu mau humor perpétuo e sua solidão, que não pareciam sombrear a vida da mulher que Charley vira com Ellédocq em Saint-Malo, muito alegre, havia quase dois anos. Eles não tinham filhos, graças a Deus, pensou Charley, que via diante dele lactentes barbudos. Charley levantou a cabeça e gritou:

— Capitão! Olá! Capitão! — com voz ligeiramente rouca.

O senhor de bordo inclinou um rosto imperioso e grave para Charley; olhou-o de alto a baixo, observou com tristeza o *blazer* de veludo marrom antes de resmungar:

— O quê? O que é que houve?

— Bom-dia, Capitão — falou Charley, vivo e alegre por natureza e que, apesar de toda sua experiência, tentava ainda agradar ao seu superior. — O cão do mestre Kreuze acordou. . . Ouvi-o rosnar ao passar, e não era nada tranquilizador! Emilio, o primeiro camareiro, ameaçou descer em Siracusa se não prendessem aquele cão. E já não temos soníferos para ele. . .

E Ellédocq, entregue às suas tempestades imaginárias, e levado portanto a desafiar o Mediterrâneo, deixou cair um olhar de desprezo sobre Charley e suas preocupações domésticas.

— Chateia... História de cão.. . Jogá-lo n'água. . . não é meu ofício. . . arranje-se. . .

— Já está feito — objetou Charley, mostrando sua tibia. — Se esse animal morde a senhora Bautet-Lebrêche, por exemplo, ou o imperador do açúcar, teremos processo em cima de processo!. . . Lembro-lhe, meu capitão,

que o senhor é o único responsável por este navio e por tudo que aqui acontece! . . . — E para acentuar essa responsabilidade, Charley bateu com os saltos chegando mesmo a pôr uma certa graça nesse movimento militar.

— Você. . . medo? - perguntou Ellédocq escarnekedor. — Ah, ah, ah!

Calou-se, e Charley, virando-se, viu o terrível espetáculo: lançado sobre suas quatro patas quase mecânicas, a uma velocidade crescente, o cão em questão chegava a eles. "Parecia maior do que tamanho natural", pensou Charley, suas pernas levando-o a uma velocidade desconhecida até então e escondendo-o atrás de uma mesa, enquanto o animal louco furioso subia os degraus reais, no alto dos quais Ellédocq sediava.

— Onde está esse cão, Charley?. . . Onde está ele, esse maldito? — clamava Ellédocq com voz interrogativa e imperiosa, já furioso de esperar uma resposta que, infelizmente, chegou logo.

Alguma coisa o agarrou na barriga da perna, atravessou sua sólida roupa de marinheiro, suas meias de lã e, tendo atingido a pele, firmou-se. A voz trovejante foi substituída por um grito agudo de lebre, um grito de desespero que espantou o homem do leme e o fez levantar os olhos mais uma vez para as gavotas inocentes.

— Arranquem isto, meu Deus! — ordenava Ellédocq a ninguém, tentando dar pontapés com o seu pé livre no cão desatinado, pontapés falhos que o fizeram tropeçar e cair de quatro diante do seu algoz. Ellédocq tentou ainda recuperar sua voz de macho e sua coragem, mas gritou: "Charley! . . . Charley! . . .", com uma voz de virgem entregue às feras.

Charley, tendo subido as escadas mais do que lentamente, levantou a cabeça à altura do chão sem ousar subir e considerou o que se passava com um rosto que respirava compreensão de um mordido por outro mordido, mas também covardia de um homem de experiência.

— E então? Você não pode fazer nada? — gritou Ellédocq com tanta raiva quanto desespero. — Eu o farei desembarcar, despedir em Cannes, senhor Bollinger! — disse reencontrando, como sempre, quando tinha uma emoção, a prática do sujeito, do verbo e do objeto. — Chame o senhor Peyrat, pelo menos, então. . . — gemia ele (porque a coragem deste lhe fora elogiada dez vezes e em dez versões diferentes mas concordantes).

Enquanto continuava a ganir e gemer com sua voz de eunuco, Charley desceu escada abaixo, tentando esconder no seu rosto sua profunda satisfação. O Capitão Ellédocq aterrorizado por um buldogue. Não parava de rir. Mas não fez rir a Julien, que tinha dormido no máximo três horas naquela noite e que chegou de roupão, rosto cansado e ar perplexo ao local do suplicio.

— Mas por que eu? — resmungara com tristeza durante o trajeto relativamente longo de sua cabina ao tombadilho de comando. — Por que é

sempre em cima de mim que tudo isso cai? Eu já o arranquei a esse cão e com prazer meu caro Charley, mas não sinto o mesmo heroísmo por Ellédocq. Você me compreenderá...

— Ele vai ficar com uma raiva mortal de mim — retorquiu Charley — se não o livrar imediatamente. Vai ficar furioso e humilhado e isso pesará sobre todo o cruzeiro. . . E depois, aliás, quem mais lhe caiu em cima, como você disse?

— Desde a partida — disse Julien com vigor — é em cima de mim que caem as mulheres em lágrimas e os cães furiosos! Eu vim aqui para descansar, você sabe, senhor Bollinger — dizia, quando chegaram à porta para ver o leão abatido pelo rato.

Os dois se misturavam no chão; Julien se lançou, agarrou o animal pela pele do pescoço e do traseiro, mas não bastante depressa para evitar ser mordido, por sua vez, cruelmente. Acabou lançando o cão para fora e fechando a porta, mas seu pulso e a panturrilha de Ellédocq escorriam sangue, púrpura em Julien e mais violáceo em Ellédocq, observou Charley, que punha estética em tudo. Enquanto se trocavam lenços, a porta vibrava com os golpes das unhas e dos latidos do cão privado de sua presa. Viram afinal aparecer no tombadilho, sem dúvida acordado pela voz do sangue, Hans-Helmut Kreuze em roupão de lã marrom e negro, com alamares grenás e brandemburgos beges do pior efeito, pensaram, por uma vez juntos, os três prisioneiros. Hans-Helmut apanhou o cão como pôde e tudo acabou na enfermaria.

Julien foi, portanto, parar na enfermaria. E após uma boa meia hora de costura horrível no seu punho, adormeceu ali, desistindo da escala e do concerto. E foi ali então que, de noite, viu Clarisse chegar. Fora precedida de tarde por Olga, Charley, Edma e Simon Béjard, este por amizade, as duas mulheres para bem ressaltar sua feminilidade e sua compaixão natural. Julien, em relação a Clarisse, estava bem decidido a aproveitar essa feminilidade, mas sem para isso procurar sua compaixão e apesar da inimitável monotonia do ambiente em torno deles.

A enfermaria era uma grande peça, maior do que as suítes dos intérpretes reais, uma grande peça branca onde se podia muito bem operar uma pessoa e onde estavam armados ao todo dois leitos vazios, além do de Julien, e uma mesa com rodas cobertas de material médico, que Julien suplicou de início a Clarisse que tirasse da sua vista.

— Foi com essas tesouras que me torturaram toda a manhã.

— Está doendo? — perguntou Clarisse, que estava vestida de cores vivas sob seu novo rosto que se tornara pálido, o que fazia dela o negativo da mulher que subira a bordo, cinco dias antes, com o rosto rebocado, escarlate e seu rígido costume cinza-negro.

Julien ficou mais uma vez impressionado com sua beleza: com ele Clarisse se vestiria sempre assim, dessa maneira vistosa, já que era linda de se ver e que, em vez de temer que olhassem para ela, faria dali por diante tudo para isso.

— Esse vestido é muito, muito bonito — disse com convicção, lançando-lhe um olhar apreciador de mestre, que, por um segundo, desagradou a Clarisse antes de diverti-la. — Pensou em você, em mim, em nós, enfim? — continuou Julien, que assim esquecia a dor aguda do braço por causa dos batimentos hesitantes do seu próprio coração, que por vezes martelavam as costelas e por vezes desapareciam completamente, quase em

síncope.

— O que é que você quer que eu pense? — falou Clarisse com ar resignado. — Que você tem um fraco por mim é possível, Julien, embora isso me pareça aberrante. E mesmo que eu sinta o mesmo por você — acrescentou com aquela franqueza que desconcertava Julien todas as vezes — isso não muda nada. Não tenho nenhuma razão para deixar Eric, que nada me fez. E que pretexto eu poderia inventar? . . . Seu flerte com a atrizinha? Ele sabe muito bem que eu não me importo. . . Ou pelo menos deve sabê-lo.

— E então — disse Julien erguendo-se no leito — se a fidelidade não é exigível no seu "casal" — (e acentuou o termo "casal" por zombaria) — tome-me como amante, como flerte, como você diz. . . Eu conseguirei certamente um dia legalizar tudo isso. O que a impede neste momento preciso, nesta peça onde estamos sós, de me beijar, por exemplo?

— Nada — disse Clarisse num tom de voz distraído e estranho. Depois, como cedendo a alguma coisa em que sua vontade e sua decisão não intervinham, inclinou-se para Julien, beijou-o longamente e, quando se reergueu, foi fechar a porta a chave e, tendo apagado a luz, veio se despir perto dele no escuro.

Uma hora mais tarde encontrava-se no bar com a mão enfaixada, em companhia de Edma e da Doriacci, que se enterneceram com sua sorte, com uma compaixão bem feminina que ele suportava com prazer bem masculino. Clarisse, perto dele, nada dizia.

— Ainda assim foi muita pena que não visse Cartago! — disse Edma Bautet-Lebrêche. — Mas, afinal, você verá Alicante.

— Acho que para mim não haverá cidade mais bonita do que Cartago — disse Julien sorrindo e com aquela voz de convalescente um pouco lamentosa que tomara vendo seu prestígio crescer com sua bandagem.

Clarisse, com a cabeça inclinada e os cabelos brilhantes sob a lâmpada, parecia sentir saudades da sua máscara, aquela maquilagem horrível que, em todo caso, impediria seu enrubescimento. A Doriacci olhava esse enrubescimento com um interesse que o redobrou.

— *Va bene, va bene.* . . — disse a Doriacci sorrindo.

Estendendo suas mãozinhas gordas e carnudas por cima da cadeira de tombadilho, deu uns tapinhas nas de Clarisse, subjugada. A Diva lhe fazia medo ou pelo menos a impressionava tão visivelmente que Julien teve vontade de apertá-la no seu coração por essa admiração ingênua e manifesta. Mais uma vez, talvez a décima naquela noite, só pôde reprimir esse desejo e renunciar. "Tinham feito uma loucura, a de se deitarem juntos", pensava ele. E tão destruído quanto infeliz, queixou-se a Clarisse com a qual se encontrava afinal, após duas horas de tédio e lembranças deliciosas.

— Quando eu só podia imaginar o seu corpo e você — murmurou ele

censurando — só havia minha imaginação que funcionava, e que urrava para a lua de noite na cabina. Agora existe a memória que participa, e isso é realmente atroz!

Clarisse, pálida, olhava-o sem responder, com os olhos úmidos e brilhantes, e Julien ficou com raiva de si mesmo até a morte, por sua brutalidade.

— Perdão — disse. — Eu lhe peço perdão. Você me faz uma falta enorme . . . Vou passar o tempo todo a segui-la neste navio, a vê-la e não poder tocá-la. . . Sinto sua falta, Clarisse, há duas horas como se fossem dois meses.

— Eu também — disse ela — mas será difícil encontrar-me com você.

Julien lamentava agora ter deixado a venda do seu Marquet nas mãos de Charley Bollinger; temia que este, à força de hábeis afetações, ainda estivesse no mesmo ponto ao chegar a Cannes. Ora, era em Cannes que ele, Julien, se deveria precipitar ao banco mais próximo e depositar os 25 milhões do quadro dos quais, infelizmente, a metade seria para mandar ao seu texano, mas a outra, graças a Deus, seria para a sua conta de modo a poder fugir com Clarisse para céus mais clementes. "Mas nunca lhe restaria bastante tempo nem bastantes escalas", pensava ele, "para persuadir Clarisse a segui-lo, tarefa tão árdua como encontrar o meio de fazê-lo."

Entretanto, sabia por experiência, o golpe do Marquet devia superexcitar *a priori* os passageiros do *Narcissus*. Entre pessoas ricas, essa paixão por um bom negócio era tão viva quanto inútil. Mas isso tornava infinito o campo de suas operações, pois um abatimento num par de luvas ou numa mercearia interessava-lhes tanto quanto uma redução em zibelinas na rue de La Paix, a situação financeira da mercearia não lhe dando mais inquietação do que a do grande peleteiro.

A compra do quadro era portanto uma das pechinchas mais apaixonantes nesse pequeno círculo, dourado por fora, levando-se em conta as enormes diferenças que podiam ali ocorrer e às quais atingiam, aterrorizando o pintor ou esnobando as galerias. Era, sem dúvida, a elegante, aproveitando a ignorância ou a pressa de um infeliz vendedor encurralado, pagar-lhe a metade o preço pela tela, e também era muito elegante pagar dez vezes o preço por essa mesma tela na Sotheby's, por exemplo, no momento em que um amador ou um museu também a desejava. Nos dois casos, era a vaidade ou a rapacidade que se satisfazia; mas só no primeiro caso o negócio era bom para esse Midas. Porque se tivessem refletido ter-se-iam dado conta que esse negócio não seria bom, pois provavelmente não revenderiam nunca esse quadro (nem pelo dobro, nem pelo triplo do seu preço de compra), já que não teriam necessidade disso. Não percebiam, portanto, que estavam apenas

finalmente bloqueando o seu belo dinheiro em telas de que não gostavam ou não compreendiam. Era graças à existência de assaltantes, graças a Deus, que podiam esquecê-los nos cofres-fortes, de onde só as tiravam para confiá-las a algum museu. . . Naturalmente, os amadores de pintura, consultando o catálogo, veriam escritas em letrinhas negras: "Coleção particular de Sr. e Sra. Bautet-Lebrêche", por exemplo (ainda que coleção particular, apenas, fosse também chique). Mas o que o público admiraria então, olhando para esse quadro que eles próprios não contemplavam nunca, seria o faro artístico dos proprietários de que, de imediato, não estavam tão convencidos, em vez de admirar esse sentido dos bons negócios, que estavam certos de existir.

Essa era pelo menos a teoria que Julien pensava ter, naquela manhã, apoiado à amurada e olhando para um mar cinza-azul, em cujo final os esperaria o porto de Bejaia. Espalhados ao acaso num ambiente muito cinematográfico, os outros passageiros mostravam de cadeira a cadeira atitudes enlanguescidas, olhos cercados por olheiras por alguma insônia, mais ou menos agradável ao que parecia, porque os olhos vermelhos de Simon Béjard, os traços puxados de Clarisse e as faces cavadas do próprio Julien não evocavam essa serenidade prometida pelos irmãos Pottin. Só Olga, um pouco mais adiante e que fingia ler, com ar grave, as memórias póstumas de um político (que já em vida fora muito aborrecido), mostrava bom aspecto, faces rosadas de mocinha. Sentado perto dela, Andréas, com expressão sombria e romanticamente belo no seu casaco negro, parecia mais do que nunca filho do século (do século XIX, naturalmente). Quanto a Doriacci, com a cabeça atirada para trás, emitindo por vezes resmungos roucos e inesperados — que evocavam antes o horrível *Fuschia* do que os tririados de uma *coloratura* — fumava cigarro após cigarro antes de jogá-los tanto sem maldade como sem complexo aos pés de Armand Bautet-Lebrêche; este tinha então, cada vez, que erguer-se da sua espreguiçadeira, esticar a perna para longe da cadeira e apagá-los com seu sapato de verniz. . . Uma ameaça pairava em alguma parte naquele navio, entre os seus passageiros civilizados; e no entanto o dia estava bonito e o ar perfumado desse cheiro de uva passa, de terra esquentada ao máximo, de café morno e de sal que anunciava a África.

A própria Edma, embora rindo da conversa de Julien, e lançando por vezes na direção de Clarisse olhares afetuosos de sogra, a própria Edma sentia estremecer sob sua pele, sem seu consentimento, pequenos músculos do pescoço e do maxilar, sinais que sabia serem prenúncios de algum terremoto. De tempos em tempos, levava ali a mão, como para domá-los com o dedo.

Armand Bautet-Lebrêche, embora de espírito perfeitamente científico,

fora demasiado submetido ao empirismo dominante da sua época para não se lembrar e temer, ele também, o futuro próximo anunciado por esses tremores no pescoço de Edma. Era sem dúvida essa apreensão que lhe fazia apagar distraidamente e sem reclamar umas após outras as pontas de cigarros da Diva. Quanto a Lethuillier, que representava como todos os dias seu número mudo de jornalismo poliglota, levantava por vezes a cabeça das suas gazetas espanholas, italianas, inglesas e búlgaras para lançar ao mar perfeitamente azul e perfeitamente plano um olhar suspeito, como se esperasse ver surgir, como no relato de Terameno, o horrível animal fatal Hipólito. Simon Béjard, do seu lado, não chegava a se distrair num 421, em que jogava contra si mesmo, de uma melancolia que parecia ricochetear ao mesmo tempo que os dados na pista verde, com um ruído monótono e exasperante. A chegada de Charley deu alguma esperança ao grupo, mas ele não estava animado e mergulhou muito depressa na morosidade geral.

Essa atmosfera chegara a tal ponto que, vendo o capitão Ellédocq acompanhado de Kreuze na outra ponta do navio, na direção deles, martelando o tombadilho com passos pesados, os passageiros do *Narcissus* tiveram um momento de esperança, ou até mesmo de prazer. Mas infelizmente os dois homens também não conseguiram, mais do que os outros, levantar o ânimo, e a esperança de dias melhores se desfez em pensamentos dirigidos para barcos mais alegres. Num último esforço, Charley fez vir o *barman*, mas este último, só recebendo encomendas de suco de frutas e água mineral, teve a bandeja a tal ponto deprimente que até mesmo o duplo seco de Simon passou despercebido. Agora já não era um anjo que passava no silêncio, era uma coorte, uma legião vibrando com todas as suas harpas.

Foi então que a Doriacci fechou a bolsa com um estalo sonoro, tão sonoro que atraiu logo a atenção dos mais distraídos: a Doriacci, tirando os óculos escuros com hastes incrustadas de *strass*, mostrou a todos olhos faiscantes e uma boca fina, mordida sem cuidado pelos próprios dentes brancos (daquela brancura nacarada que só se obtinha com o doutor Thompson em Beverly Hills, na Califórnia).

— Este navio é realmente confortável, é verdade, mas o público é lamentável — disse com voz firme. — Mestre Hans-Helmut Kreuze e eu vivemos há seis dias cercados por surdos e por surdos ignorantes e pretensiosos! Talvez o mestre Kreuze tenha sido apelidado de "grande rústico", mas é melhor ser um grande rústico" que um desses pobres pequenos rústicos que pululam aqui e ali neste tombadilho ou no outro.

O silêncio em torno dela era completo: ouviam-se as gaiotas.

— Eu desço em Bejaia — recomeçou ela. — Senhor Bollinger, faria o senhor o favor de me alugar um avião lá, particular ou não, que me leve a Nova York. . . enfim, primeiro a Cannes.

Simon Béjard, golpeado pelo espanto, deixou rolar seus dados no chão do convés, e o ruído fez o efeito de uma blasfêmia.

— Mas calma — disse Edma Bautet-Lebrêche corajosamente, porque os olhos da Doriacci a fulminaram à primeira palavra. — Mas por que, minha querida amiga? . . . Por quê? . . .

— Por quê? Ah, ah, ah!

A Doriacci era mais do que sarcástica e recomeçou com os seus ah, ah desprezíveis duas ou três vezes enquanto começava, de pé, a enfiar na cesta, com uma raiva metódica, toda a confusão acumulada sobre a mesa ao seu lado: batom, pente, tabaqueira, caixa de pílulas, pó-de-arroz, isqueiro de ouro, cartas, leque, livro, etc. Todos esses objetos, tendo apanhado ar do mar alto, voltaram para sua jaula habitual. Virou-se para Edma:

— Saberá a senhora o que se tocou ontem à noite? — lançou ela, fechando a cesta tão violentamente que a fechadura quase saltou. — A senhora sabe o que tocamos ontem à noite?

— Mas. . . mas certamente — disse Edma com voz fraca, um vislumbre de pânico nascente no seu olhar de hábito tão seguro. — Certamente. . . Vocês tocaram Bach, enfim o mestre Kreuze tocou Bach e a senhora cantou os *lieds* de Schubert, não foi? . . . Não? — perguntou, virando-se para os outros, com o olhar cada vez mais ansioso à medida que esses covardes desviavam os olhos dela. — Não foi, Armand? . . . — acabou recorrendo ao marido, esperando nem tanto plena confirmação, mas pelo menos uma concordância muda da cabeça.

Mas, por uma vez, Armand, com os olhos fixos por trás dos óculos, mas com uma fixidez alienada, não respondeu, nem mesmo olhou para ela.

— Pois bem, eu vou lhes dizer o que tocamos ontem!

E a Doriacci, pondo a sua cesta debaixo do braço e fechando o braço por cima como se temesse que lha arrancassem, retomou:

— Nós tocamos *Au clair de la lune*, Hans-Helmut e eu mesma: ele no piano com acompanhamentos variados e eu em todas as línguas da terra. *A Claro di Luna* - cantarolou ela depressa. — E ninguém se mexeu! Ninguém percebeu, não é? . . . Se há alguém, que diga então — acrescentou, desafiando com o olhar e com a voz (e todos se encolheram nas suas poltronas e ficaram olhando para os pés). — Só houve um infeliz tabelião de Chermont-Ferrand, que me disse alguma coisa vaga, e ainda assim timidamente.

— Mas é um absurdo!. . . — disse Edma com voz de falsete, cuja

tonalidade a surpreendeu a ponto de fazê-la interromper a frase.

— Ah, isso é um absurdo. . . — disse Olga, heróica também. — É incrível. .. A senhora está certa? — perguntou tolamente, e o olhar de Doriacci a fez se encolher no seu casaco como se desaparecesse fisicamente do tombadilho.

Um silêncio espesso estagnava no convés, um silêncio que raros borborigmos não puderam quebrar, e que parecia se tornar definitivo quando Ellédocq, de pé, tossiu duas vezes para clarear a voz, seu rosto expressando a gravidade e a firmeza do embaixador plenipotenciário; essa atitude, vinda dele, provocou na assistência, com esse simples raspar de garganta, uma espécie de terror premonitório.

— Eu peço muitas desculpas — disse (marcando pela adição do "eu" e do adjetivo "muito" a gravidade das circunstâncias) — ... Eu peço muitas desculpas, mas o programa é formal.

— Perdão? . . .

A Doriacci procurava visivelmente com os olhos um animal viscoso, uma serpente ou um boi na sua direção, e não achava nada que ela pudesse escutar, mas isso não interrompeu Ellédocq. Jogou a cabeça para trás, mostrando assim sob sua garganta uma faixa de pele desprovida de pêlos, situada entre a glote e o colarinho, uma faixa de pele virgem que, apenas percebida, causou em todo mundo o efeito de uma obscenidade; e começou a recitar com sua bela voz grave os capítulos de sua enumeração, marcados sobre os dedos espessos e arqueados, no papel de provas:

— Portofino: Taça de frutos do mar, osso buco, sorvete; Scarlatti, Verdi. Capri: suflê de Brandemburgo, turnedôs Rossini; peça montada, Strauss, Schumann. — (Depois de cada músico citado estendia na direção dos virtuosos respectivos um indicador inquisidor) — Cartago: caviar cinza, escalopes...

— Ah! cale-se, meu Deus! — gritou Edma, fora de si. — Mas cale-se, comandante! Não se pode pensar em ser tão tolo, nem também. . . nem também. . .

Batia as asas, as pálpebras, os ombros, as mãos, batia no ar e estava pronta a bater no capitão quando este pousou uma mão peremptória sobre seu ombro magro, sob a pressão da qual literalmente desmoronou na poltrona, com um grito de revolta. Os homens do grupo levantaram-se, sendo Simon Béjard o mais furioso, Armand Bautet-Lebrêche, o menos. Mas isso não interrompeu nem pela sombra de um instante a memória admirável do capitão.

— ... Cartago: caviar, escalopes à italiana, bomba gelada. Bach e Schubert — concluiu, triunfalmente.

Sempre indiferente aos olhos furiosos dos machos e aos olhos estatelado das mulheres, continuou, de novo:

— Respeito do regulamento obrigatório. *Au clair de la lune* não inscrito na ficha técnica de Cartago, devia haver Bach e Schubert, ponto — concluiu. — Não execução do contrato igual...

E interrompeu-se bruscamente, porque o próprio *Fuschia*, fechado no entanto no paiol com seu leito de palha, seus ossos de borracha e suas triplas rações diárias, acabara de escapar por um desses milagres que fazem duvidar de Deus e, tendo atravessado do tombadilho sem que, graças ao clamor dos participantes, se ouvisse seu sinistro ofegar, acabara de atravessar a barreira de três ou quatro pares de pernas negligentemente estendidas no convés, passeando o olhar dos seus olhos cegos sobre cada um dos passageiros aterrorizados, como no Juízo Final, antes de tomar a partir inexplicavelmente num pequeno galope para a porta do bar, por onde desapareceu. Uma onda de alívio passou pelos infelizes sobreviventes, mas esse alívio não chegava aos pés da sua vergonha; a Doriacci, de pé e embora menor do que esses quatro homens, lembrou-lhes:

— Quando não se é capaz de fazer amor e escutar música ao mesmo tempo, não se embarca num cruzeiro musical deste gênero — disse. — Ou se sobe a dois num navio comum e mais barato, ou então parte-se só e levam-se soníferos! Quando se é incapaz de fazer os dois, naturalmente — concluiu com ar de triunfo e desprezo.

E, seguindo as pegadas de *Fuschia*, saiu na sua atitude majestosa e ofendida, que Andréas nem tentou seguir.

— Absurdo! Decisão absurda! Inútil se inquietar. Queixa sobre artistas encenqueiros. A Companhia Pottin é muito firme. Vinte e sete anos de cruzeiro. Dez cruzeiros musicais. Nunca vi isso — etc.

O Capitão Ellédocq, fora de si, ziguezagueava de um passageiro a outro.

— Parece uma locomotiva superaquecida que deixa escapar vapores de tolice — disse Julien a Clarisse.

— De fato parece um trem — respondeu Clarisse rindo, porque Ellédocq, cessando de repente de tranquilizar suas ovelhas, parara diante de Edma, que lhe ofereceu o maço de cigarros, com olhos aliciadores.

— Vamos. . . Vamos, caro comandante, é a única maneira do senhor relaxar. . .

E virando-se para Clarisse com um piscar de olhos, acrescentou:

— É o único vício do comandante, como você sabe: não bebe, não persegue as mulheres; ele fuma, é só. . . É o único defeito que tem e isso o levará direto à morte. Há cinco anos que lhe digo e redigo. . . e eu me mato a repetir-lhe que preste atenção.

— Meu Deus, meu Deus, meu Deus. Eu não fumo há três anos! — urrou Ellédocq rubro. — Perguntem a Charley, às camareiras e aos *mâitres-d'hotel*, aos cozinheiros deste navio... não fumo mais.

— Nunca interrogo o pessoal sobre os hábitos dos meus amigos — disse Edma com altivez, antes de virar as costas e se reunir ao outro grupo, que falava de música com animação.

— É uma história de loucos — dizia Olga — realmente incompreensível.

— Você ficou ofendida? — perguntou Edma.

— Não precisava ficar, eu acho — disse Olga toda satisfeita, de antemão com o seu fel. — Afinal de contas, só há muito poucos anos que estou em condições de me interessar pela música.

— Em condição de ter memória musical, é o que você quer dizer. É outra coisa — respondeu Edma.

— Mas o que é que a senhora quer dizer? — perguntou Olga.

— Que se pode ter 80 ou 100 anos e ainda não estar em condição de compreender a música. Não digo escutar, digo "compreender".

— Acho que é mais uma história de surdos que de loucos — interveio Charley demasiado sorridente. — Agora, penso que foi de fato *Au Clair de la lune* que ela nos cantou ontem em alemão.

— Eu sabia que isso me lembrava alguma coisa — falou Simon ingenuamente.

— *Au clair de la lune*, naturalmente! O senhor conheceu! O senhor deve ter ficado muito contente. . . — disse Eric Lethuillier de repente. — Que pena que eles o tivessem prevenido!

Tal excesso de selvageria provocou um silêncio consternado e Simon, de boca aberta, levou tempo a se levantar com ar sem graça, tão hesitante que Edma, decepcionada mas penalizada, ofereceu-lhe um cigarro de consolo, já aceso, mas em vão.

— Diga-me, seu insensível chato, você está me provocando ou o quê? — rebateu Simon em voz baixa mas "bem audível", observou Edma que, encantada, já sentia o cheiro de pólvora.

Mas em torno foi grande a surpresa. Como no tênis, os melômanos erguiam-se nessas mesmas cadeiras dobráveis onde estavam tão pacificamente sonolentos meia hora antes e, fascinados, começavam a seguir a briga com a cabeça, como metrônomo. Quando, para grande prejuízo deles, Olga interveio:

— Não, não. . . Não briguem! Não suportarei, é tolo demais... — gritou, já com voz de jovem viúva.

E com os braços em cruz, precipitou-se entre os dois homens (sem dificuldade, pois eles se olhavam a dois bons metros de distância, envenenados pelos próprios insultos e incapazes de tocarem um no outro, de se pegarem com esse mínimo de convicção necessária a uma briga). Recuaram desafiando-se com o olhar e rosnando como o querido *Fuschia*, mas sem um milésimo de sua agressividade. Charley e Julien puseram-lhes a mão no ombro e fingiram retê-los segundo todas as regras da polidez. A cena, apesar das conclusões miseráveis, tinha ainda assim reanimado a atmosfera. Todos estenderam-se nas cadeiras com um sentimento, conforme o caso, de decepção, orgulho ou excitação.

Sozinho, meia hora mais tarde, Andréas de Nevers, em vez de estar estendido, estava de pé, com a testa apoiada contra uma porta, a porta do apartamento número 102 reservado a Doriacci. Esperava, e de tempos em tempos batia tranqüilamente com o punho sobre a madeira dura e fria. Batia sem fraqueza e sem humor, batia como se estivesse chegando naquele momento àquela porta e como se esperasse que lha abrissem de braços abertos, quando fazia já uma hora que lha tinham fechado na cara. A Doriacci, que durante todo esse tempo nem mesmo respondera aos seus apelos, fez um esforço e gritou-lhe com sua grande voz:

— Quero ficar só, meu querido Andréas!

— Mas eu quero ficar com você — declarou ele da porta.

E, de pé, a Doriacci, virada para a voz dele, recuou como se a pudesse ver através da folha de madeira.

— Mas se a minha felicidade é ficar sozinha! — gritou. — Você não prefere a minha felicidade à sua?

A sereia uivava, as portas batiam e a Diva tinha a impressão de ensaiar uma ópera de Alban Berg, tirada de um libreto de Henry Bordeaux.

— Não — gritou ele por sua vez — não! Porque a minha presença só lhe dará um pequeno desagrado e talvez nem isso, enquanto que eu. . . ficarei muito infeliz sem você. Não há medida comum. Eu a amo mais do que a aborreço, então!...

Rira quando ele batera na porta mais uma vez, encolerizara-se artificialmente. Ela não lhe diria mais palavra. Fingiria estar dormindo e até se deitaria, fecharia os olhos, como se ele a pudesse ver. E percebendo a tolice, abriu um livro. Tentava ler, mas ouvia de tempos em tempos essas batidinhas na porta que a impediam de se interessar pela leitura.

Ouviu então uma voz de homem no corredor, que era a de Eric Lethuillier, e ergueu-se nos travesseiros. A Doriacci sentiu por um instante a tentação de abrir a porta e saltar ao pescoço desse moleque da província,

esse rapaz tão pouco orgulhoso, ou talvez, pelo contrário, orgulhoso a ponto de caçoar do ridículo e das zombarias dos outros... Já estava de pé quando ouviu por trás da sua porta a voz pausada de Eric.

— Chega, meu amigo. O que é que você está fazendo atrás dessa porta há duas horas?

"Em primeiro lugar há menos de uma hora" — corrigiu para si a Doriacci imediatamente. Mas Andréas não se afobava.

— Eu espero a Doriacci — disse tranqüilamente.

— Você espera que lhe abram? — começou Eric. — Mas se é de fato a porta da nossa Diva, certamente ela saiu. . . Quer que eu pergunte a Charley onde ela está?

— Não, obrigado, não — disse a voz calma de Andréas. (E a Doriacci tornou a sentar-se, decepcionada, mas contente com a fleugma do seu amante.) — Não, ela está aqui — repetiu Andréas — não quer abrir neste momento, é só isso.

Houve um instante de silêncio.

— Ah, bom! — disse Eric depois de um instante de espanto ostentatório. — Se você leva isso a bem, afinal.

Seu riso estava contrariado. Soava falso aos ouvidos experimentados da Doriacci. Estava aborrecida consigo mesma: por que não fazia entrar aquele jovem bobo que tinha vontade de felicitar e que, além do mais, era seu amante? Seria tão mais simples!

— Então, boa sorte — dizia Eric. — A propósito, Andréas, vai para Nova York finalmente, ou não? Acautele-se: lá, num corredor de hotel, todo mundo já o teria sacudido dez vezes. . . Não se pode demorar nos States; a displicência é muito malvista lá.

"Esse grande safado vai-me pagar" — disse a Doriacci consigo. Ou, mais exatamente, disse ao seu reflexo no espelho, que logo lhe fez medo e ela se acalmou: quando alguém a levava a esse ponto de cólera, uma espécie de clique fazia-se na sua cabeça e ela sabia que a ficha fora registrada na caixa rotulada "ajuste de contas". Essa ficha sairia sozinha quando a caixa fosse aberta um dia ou outro pelo destino, se ela mesma já não se lembrasse mais. Fossem quais fossem as razões da sua cólera contra eles, a Doriacci sabia que seus adversários estavam punidos de antemão, ela se felicitava. Enquanto esperava, o que faria Andréas? Surpreendeu-se a apreciar que ele não fosse covarde, defeito que era quase rescisório, aos olhos da Diva (a menos que houvesse uma muito grande virilidade num outro plano).

— Então, você não me respondeu? — começou a voz de Eric na porta (uma voz irritada, como se o silêncio de Andréas tivesse sido acompanhado de um gesto desenvolto).

Mas não era seu estilo, como sabia muito bem a Doriacci. Andréas deve ter tomado uma atitude distraída e sorridente. Aproximou-se da porta na ponta dos pés, maldizendo o fraco campo que oferecia à sua visão, por ser muito alta: nada via, piscava o olho ruim e blasfemava em voz baixa.

— Mas você é então seu cavalheiro às ordens? — disse Eric a Andréas.
— Deveria poder entrar. Não é agradável ficar sozinho nesse corredor, como uma criança...

— É. — (A voz de Andréas parecia abafada e de tonalidade um pouco mais aguda.) — Este corredor é muito agradável quando se está sozinho nele.

— Bem, então, eu o deixo. Aliás você tem razão de ficar de guarda nessa porta: a Doriacci deve estar telefonando para o seu substituto.

A voz de Andréas, de novo rouca, deixou escapar um som incompreensível e a Doriacci não ouviu senão um deslizar de tecido, o ruído de um pontapé na porta, o ruído de bagagem arrastada, o ruído de duas respirações ofegantes conjugadas. Bateu com o pé e pegou uma cadeira para tentar ver melhor a briga.

"Não se via nada, *per Dio*." Mas mal tivera tempo de subir à cadeira já um passo se afastava da sua porta, arrastando, manco, mas os passos de uma só pessoa, e a Doriacci, que durante três meses cantara Verdi, pensou que Andréas estivesse morto.

— Andréas... — sussurrou, através da porta.

— Sim — disse a voz tão próxima, que ela recuou.

Parecia-lhe sentir a respiração quente do rapaz nos ombros, no pescoço, sentia a testa dele banhada de suor da briga, não o mesmo do amor, aquele suor quase frio e salgado. Esperava que ele lhe pedisse para abrir, mas ele não o fazia, esse imbecil, e continuava a respirar, tomando fôlego de vez em quando. Adivinhava aquela linda boca levantada sobre os dentes brancos. Adivinhava as gotinhas no seu lábio superior e reviu o buraquinho branco deixado na fronte de Andréas por uma queda de bicicleta aos 12 anos, e fazia 12 anos disso, e chamou, involuntariamente, em primeiro lugar.

— Andréas — sussurrou.

E subitamente acreditou ver a si mesma como a veria um estranho, ela seminua no roupão, comprimida contra a porta, do outro lado da qual se comprimia um rapaz belo demais, ensangüentado. Um rapaz que não era absolutamente como os outros, pensou resignada, enquanto a sua outra mão virava a chave na porta, e que essa porta deixava enfim entrar Andréas, que se abateu sobre seu ombro com um olho já roxo-negro, falanges esfoladas e que, para cúmulo de tudo, sangrava sobre seu carpete. . . Um jovem cujo ombro a abraçava sem querer, um jovem que ronronava e abalava seu quarto, sua solidão, esperando um dia abalar sua vida.

Havia apenas seis dias, Andréas tinha por vezes a impressão de ser um fardo pesado, uma pedra numa comédia ligeira e espirituosa e volátil. E por vezes, pelo contrário, tinha a impressão de ser o único a sobrevoar a matéria, o único livre de julgar como um poeta romântico, de poder julgar esses robôs poderosos, dourados por fora, cuja única liberdade afinal era fazer com o seu dinheiro um pouco mais de dinheiro. Em suma, sentia-se às vezes um provinciano entre parisienses, às vezes um francês entre suíços. A Doriacci e Julien Peyrat eram os únicos a escapar desse contágio: a Doriacci era livre por natureza e assim seria toda a vida, sendo único lugar em que ela era realmente livre esses palcos negros, onde diante de gente sem rosto cantava, cega pelos refletores. Andréas sonhava vê-la cantar. Sonhava estar num camarote, sozinho, de *smoking*, cercado por homens de uniforme e mulheres decotadas; ouvindo as pessoas do camarote vizinho dizer "Ela é encantadora... Que talento, que maravilhosa interpretação do texto" etc, e ele se deliciaria silenciosamente. A menos que um chato ao lado deles dissesse não compreender o que achavam naquela Doriacci, falasse mal dela. Mas Andréas não se mexia porque a cortina levantava-se e a Doriacci entrava em cena sob os "bravo" "bravo", entre os quais ela reconhecia os de Andréas. E ela se punha a cantar. E no intervalo, um pouco mais tarde, o camarada tão crítico, voltado para os seus amigos, com os olhos cheios d'água diria: "Que beleza! Que rosto maravilhoso, que corpo soberbo!" e nesta última frase Andréas passava um pouco depressa, um pouco culpado, mas de quê? E o outro imbecil perguntava como poderia se encontrar com a Doriacci e se podia dormir com ela, etc, falava a torto e a direito até que seu vizinho lhe apontasse Andréas sussurrando, o que levava o chato a ficar vermelho-vivo, fazendo cumprimentos acentuados para Andréas, que lhe sorria com toda a indulgência da felicidade.

E uma felicidade, mas isso ele ainda não sabia, uma felicidade que fosse sem mistura. Porque não contente de responder aos mitos de Andréas, a Doriacci correspondia à sua natureza, e bizarramente, à sua idade.

O ofício de produtor ensinara pelo menos alguma coisa a Simon Béjard: a coragem. Aprendera a perder toda a esperança num filme ao meio-dia e já às 13h no bar do *Fouquet* mostrar às velhas corujas ali empoleiradas (e prestes a rir da infelicidade alheia) um rosto sorridente e uma anedota, senão divertida, pelo menos alegre. Em suma, Simon aprendera a se conduzir corretamente em caso de fracasso, e em Paris era um comportamento que se tornara bastante raro, o que fazia com que três mulheres nesse navio o apreciassem. Era divertido pensar, aliás, que era graças ao seu ofício, tão malfalado e tão vulgar de reputação, que Simon Béjard conduzia-se como um *gentleman* aos olhos de Edma e da Doriacci. Quando Simon calava-se um pouco mais de três minutos, seu limite de silêncio, elas alarmavam-se, alternavam-se e depois de o terem paparicado e feito rir, depois que cada uma delas lhe tivesse feito compreender que só ela compreendia, deixavam Simon vagamente reconfortado. Só Clarisse não lhe dizia nada. Sorria-lhe às vezes com a ponta dos cílios, servia-lhe uma limonada ou um uísque, jogava com ele palavras cruzadas que simbolizavam tão bem, aos olhos de Simon, suas existências sentimentais; mas essas alusões esbarravam sempre numa Clarisse incompreensiva e ligeira, com ar tão infeliz que irritava Simon; desagradava-lhe, sobretudo no plano do estoicismo, ser batido por uma mulher.

Chegando a Bejaia e aproveitando o fato de Olga e Eric terem descido ao cais para pôr cartas no correio, ele atacou Clarisse. O sentimento de ter pouco tempo para lhe falar inspirou-lhe naturalmente frases laboriosas, tempos mortos entre essas frases, silêncios. E como atolava-se cada vez mais, após alguns minutos, afobado de repente com a idéia que ela pudesse não saber a verdade (e aí Simon morreria de vergonha de lha ter revelado), Clarice teve que abordar o assunto, contra sua vontade, para tranquilizá-lo.

— Não, meu caro Simon, nós já não nos amamos, meu marido e eu. Do meu lado, isso não tem a menor importância.

— Você tem sorte — falou Simon sentado à sua mesinha no tombadilho (uma mesa onde, naturalmente, reinava uma garrafa de uísque, menos vazia porém que de hábito, e que parecia menos primordial que de hábito aos olhos de Clarisse). — Posso ficar aqui? — perguntou — Não a incomodo demais?

— Mas absolutamente não. . . — começou Clarisse, mas seus protestos foram interrompidos pelo riso tosco de Simon:

— Seria uma bobagem se nós não nos falássemos mais. . . E que incomodássemos um ao outro só por causa de uma outra pessoa. Temos um ponto em comum muito estranho, você e eu, ainda assim, neste navio. Somos os dois grandes cor...

— Psiu, Simon, psiu! Você não vai se magoar por causa dessa história ridícula, uma história de dois dias. Vai ficar nisso para Olga e para Eric. Não significa muita coisa uma paixão física; se eles não tivessem contado, ninguém teria sabido.

— Mas é justamente isso que me entristece em Olga — comentou Simon baixando os olhos. — O fato de ela não ter procurado me poupar; contou-me tudo, não se preocupando a mínima com o desgosto que me dava. Aliás, o seu encantador marido também lhe disse, não é verdade?

— Dizer não, nem uma vez!. . . mas "fazer-me compreender", sim, mais de 15...

— É um bom lixo, o seu marido também... Falo objetivamente, minha pequena Clarisse, eu lhe juro.

— Eu não me atribuo o mesmo direito à objetividade — falou Clarisse. — Eric é meu marido, e afinal existe um contrato de respeito mútuo entre nós...

A voz de Clarisse era firme, o que exasperou Simon:

— Mas justamente, já que ele não respeita esse contrato...

— Sempre tive dificuldade em desprezar alguém. . . — começou Clarisse, mas foi interrompida por Charley que batia com os pés literalmente diante deles e girava os olhos de modo misterioso.

— Eu vou lhes mostrar alguma coisa. . . — disse, pondo um dedo na boca. — Alguma coisa soberba...

Levou-os à cabina de Julien, que jogava tênis com Andréas, e lhes mostrou o Marquet com mil comentários ditirâmbicos e pedagógicos fatigantes, mas nem um nem outro pensava em ir embora: Simon porque olhava aquele quadro e o via, apreciava-o com os olhos novos que a música lhe dera, que o olhava até mesmo com prazer; e Clarisse porque olhava a desordem em torno dela, a camisa azul, as sandálias, os jornais amassados, os cigarros esmigalhados no cinzeiro, abotoaduras no chão, uma desordem

mais de colegial do que de homem maduro, que lhe parecia o próprio reflexo de Julien, que a perturbava de forma excessiva, pensava ela, mas deliciosa. Pela primeira vez tinha um sentimento de proteção em relação a Julien, em vez do contrário. E isso porque sabia dobrar melhor as camisas do que ele, e pôr ordem no quarto. Teve um pensamento de gratidão e cumplicidade pelas três garrafas de uísque guardadas no banheiro, admirou o Marquet com Simon e de boa fê, porque era bonito, mas praticamente sem vê-lo, sem mesmo fazer a sombra de uma estimativa, como lhe pedia Charley. Só reteve uma coisa desse quadro: era aquela mulher que virava a esquina da rua e, por uma semelhança de espírito que eles jamais saberiam, talvez nem ela nem Julien, sentiu-se vagamente enciumada por um instante. Ao sair da cabina, Simon pensava melancolicamente que três dias antes teria vontade de comprar esse quadro para Olga, que não gostava dele, sem se confessar que no mesmo instante ele se perguntava se esse presente não lhe recuperaria seu amor.

Reinstalaram-se no tombadilho na companhia de Edma. A tarde terminava. A conversa versou sobre Proust, e Edma demonstrou em voz alta o mecanismo do cruzeiro.

— É engraçado como todo mundo fala agora de assuntos gerais. . . É como se todo o mundo quisesse saber uns dos outros na partida, quando cada um falou da sua vida particular e, tendo tomado conhecimento, cada um quisesse esquecer isso o mais depressa possível, dar as costas afinal e se refugiar no impessoal...

— Talvez essas verdades se tenham revelado explosivas — comentou Clarisse sem malícia, como se também estivesse ao abrigo dessas indiscrições passadas.

Simon encorajou-se.

— Por que você não se sente visada por todas essas intuições loucas? Perdoe-me a expressão, minha querida Clarisse, mas se você é a Virgem Maria, seu esposo José, ao que me parece, não é muito conciliador nem compreensivo. . .

Clarisse desatou a rir de um riso encantado que deixou Simon contente de o ter provocado, mas furioso por não poder compartilhá-lo. limitou-se pois a deixá-la rir, mas pouco a pouco cedeu ao contágio e sua voz rouca, ofegante, de grande executivo menos do que de representante do comércio, juntou-se ao riso de Clarisse.

— Meu Deus — disse ela enxugando os olhos (e desta vez, graças à sobriedade da sua maquilagem, sem ficar marcada por rastros escurecidos). — Meu Deus, Simon, que idéia: José.. . Eric... é tão pouco. . . Ah, ah, ah — recomeçou a rir.

Esse riso fazia-a corar e brilharem-lhe os olhos, dava-lhe sete anos menos, restituía-lhe aquela juventude alegre e deliciosa que, no caso de Clarisse, pulara duas gerações, portanto duas concepções do amor: as moças tinham passado da idade dos risos loucos com os rapazes do seu colégio aos amores proibidos, à idade dos amores com esses mesmos rapazes no escuro dos carros, do amor obrigatório. Moças beijadas por um amante que naquela mesma tarde lhes roubara um caramelo durante a aula de matemática.

— Você me lembra minha juventude — falou Simon com expressão terna. — É o cúmulo, aliás, eu tenho 20 anos mais do que você...

— Você está brincando — comentou Clarisse — eu tenho 32 anos.

— E eu quase 50. Você vê? . . . — falou Simon, cuja interrogação "você vê?" queria dizer menos "eu tinha razão, eu podia ser seu pai" do que "não se poderia imaginar, não é verdade?".

— Você deveria ter freqüentado a mesma escola que Julien — acrescentou ele.

Olhava Clarisse com seu olhar pensativo e tão límpido, na medida em que esse olhar era límpido quando a situação o era, turvo quando se tornava turva e calculador quando o exigia.

— Não o estou acompanhando bem — falou Clarisse, cujo olhar estava francamente perturbado.

— É que vocês são da mesma espécie — explicou Simon. E, reclinando-se na cadeira com a cabeça levantada para o céu, o que fazia em geral quando se dizia em plena reflexão: — Vocês são feitos para o divertimento.

Clarisse fez uma expressão tão espantada que Charley encadeou:

— Ele tem razão. Não parece evidente, mas é verdade. Vocês dois estão prontos a ir de braços dados com a vida. Nem você nem Julien têm uma idéia de vocês mesmos em relação aos outros, então... E na minha opinião, foi preciso que o seu Eric fosse bem forte para chegar a lhe dar uma... E ainda mais para que ela seja a esse ponto desastrosa! Julien é a mesma coisa: não representa nem o tipo mulherengo, nem o jogador, nem o grande conhecedor de pintura, nem o imprudente nos negócios, e no entanto ele é tudo isso.

— Mas em que Olga e Eric, por exemplo, seriam diferentes?

— Seria, porque eles procuram parecer o que não são — disse Charley um pouco embriagado pelo interesse que provocava o fruto de suas meditações. — Os outros tentam fazer crer no que eles queriam ser, mas não pode ser mais falso: Edma quer ser a elegante que ela é, aliás; você, Simon, o produtor atilado que você queria ser, e que se tornou, aliás, também; Armand Bautet-Lebrêche representa os grandes executivos que ele gosta de ser. Andréas, o sentimental que ele permanece sendo, e até mesmo Ellédócq

representa o comandante rabugento que ele quer ser, apesar da tolice desse papel. Eu mesmo represento o Charley gentil que tenho vontade de ser. Mas do lado de Eric e de Olga é outra coisa: Olga quer nos fazer crer no seu desinteresse, seu gosto artístico e sua classe, que não tem, perdão Simon!, ainda que a quisesse ter. Eric quer fazer crer na sua estatura moral, seu senso do humano, tolerância, qualidades que ele não tem e não faz questão de ter, simula. O único personagem cínico neste navio é Eric Lethuillier, seu marido, cara senhora... — disse Charley chegando triunfalmente ao fim do seu discurso.

Erguendo-se rápido na sua cadeira, fixou por trás de Clarisse e Simon alguma coisa para a qual eles se viraram. Era Eric que voltava depois de uma hora de uma expedição que requeria três horas. Eric chegava a passos largos, arrastando Olga ofegante, olhos brilhantes, mal dissimulando um júbilo misterioso.

— Mas o que aconteceu? — perguntou Simon de pé (porque a expressão de Eric, branco de raiva, podia significar qualquer coisa). Simon deu um passo na direção de Olga, "sempre cavalheiresco", observou Clarisse, em voz baixa a Charley.

— Simon é um bom sujeito, tomou Olga sob sua proteção, que ali ficará faça o que fizer. E Eric teria que se haver com ele se a maltratasse... Simon, finalmente, mesmo sofrendo, gosta bastante de Olga para lhe desejar o bem.

— O que aconteceu? — repetiu Simon, e Eric o fixou com o olhar.

— Pergunte a Olga — disse ele. E afastou-se a grandes passos para a cabina.

Olga demorou para sentar-se, desfazer o lenço de cabeça de seda cor de areia, estender as pernas e apanhar o copo de Simon, uma pretensa limonada cheia de gim, que bebeu pela metade sem respirar. Clarisse a contemplava com uma espécie de simpatia penalizada, observou Charley, e embora fosse pouco sensível às mulheres não pôde deixar de admirar as incríveis melhoras estéticas que lhe trazia o fato de se saber amada ou desejada, mesmo que fosse por um trapaceiro profissional. Porque Charley, que tinha aliás esse ofício no navio, o ofício e o gosto também, tinha telegrafado a um velho amante australiano cuja resposta não corroborava as afirmações de Julien. Em compensação, esse mesmo amigo conhecia um certo Peyrat, grande ganhador nos diversos jogos de cartas da Europa e da América.

Essa era uma das principais razões pela quais Charley, nada enfatuado dos seus conhecimentos pictóricos e ainda menos preocupado em prestar serviços a passageiros que desprezava pelo seu esnobismo tanto quanto os outros o desprezavam a ele, mas menos discretamente, pelos seus costumes,

encarregara-se de vender o quadro de Julien; Charley só aceitara essa missão para se divertir em ludibriar indiretamente um desses melômanos tão indiferentes a outra coisa que não seu conforto. Além do mais, se jamais alguma coisa viesse à tona sobre Julien, a quem desde a sua conversa a dois se afeiçoara, Charley poderia interceptar e desviar certas informações eventuais.

Enquanto esperava, esse olhar de pena de Clarisse, que, mesmo infeliz, nenhuma mulher enganada teria pela amante do marido, essa pena queria dizer que Eric Lethuillier não era de fato presente que uma mulher pudesse dar, mesmo involuntariamente, a uma outra.

Voltou ao chão para ouvir a explicação sabiamente procrastinada da bela Olga.

— Aconteceu uma coisa espantosa. .. Tão extravagante quando se pensa em Bejaia, na estação em que estamos; não havia realmente nada na cidade que justificasse esses fotografos.

— Que fotografos? — perguntou Simon com uma voz melosa, porque o olhar espantado de Olga inspirava-lhe uma viva desconfiança.

Ela continuou sem responder:

— Por mais que eu seja famosa. . . — disse rindo um pouco demais, como se sua ausência de megalomania fosse bastante flagrante para que sua evocação fizesse rir as pessoas presentes (mas que aparentemente não era, pois ninguém pestanejou) — por mais que eu seja famosa — recomeçou ela rindo mais alto, decidida a conquistar a adesão — não podia ainda assim pensar que mandariam um fotógrafo de Paris me fotografar em Bejaia de braço com o senhor Lethuillier. . . ou então era para ele. O que você acha, Clarisse? — disse virando-se para esta, que a olhou por um instante nos olhos e sorriu lentamente como ainda agora (e Simon e Charley perguntaram-se um instante por que, antes que a última novidade de Olga caísse no convés).

— Jornalistas de *Jours de France* e de *Minute* — acrescentou Olga apoiando as duas mãos nos braços da cadeira de madeira, acariciando-os com deleite, como se fosse do mais liso marfim.

Simon, de início perplexo, cenho franzido como se procurasse resolver um problema puramente matemático, rompeu numa risada um segundo antes que Charley rebentasse na gargalhada, a bandeiras despregadas, embora não querendo de modo algum mostrar-se abertamente sensível ao ridículo deles ou ao dos seus fracassos. Os olhos de Edma brilharam. Olga tentou sem dúvida tomar ares ingênuos e surpresos, mas a doçura da sua vingança estava muito próxima para que pudesse não aproveitar do seu triunfo.

— Mas onde eles os encontraram? — perguntou Simon quando ficou

mais calmo.

Falava com entusiasmo e admiração. Ele estava no máximo da felicidade porque sua amante tinha humilhado o homem que o enganara, a ele Simon, com ela, e se rejubilava porque essa maldade de Olga significava que Eric já não representava nada para ela, e que, portanto, lhe pertencia. E como se fosse um relato de sua reconciliação, um relato lírico e cheio de bons sentimentos, fê-la repetir três vezes a história de sua pequena vingança pífida e particular da qual não fora no entanto, de modo algum, o motivo.

— Então — disse Olga — nós estávamos um pouco separados do grupo, Eric e eu, porque ele queria, acho, trazer sapatos para Clarisse. . . essas sandálias abertas — resmungou vagamente, assumindo um ar mais constrangido do que necessário pela fraqueza desse argumento para explicar sua fuga do grupo. — Tínhamos entrado numa espécie de mercado, havia uma pracinha encantadora vazia onde eu quis experimentar os sapatos. . . os que comprei para mim. . . Sapatos encantadores mesmo, você vai ver, Clarisse... A menos que Eric tenha esquecido no seu furor. . . — disse de súbito preocupado. — É idiota isso... Eu deveria ter pensado...

— Deixa, deixa — interveio Simon — Clarisse preocupa-se com suas sandálias como eu das minhas próprias sapatancas.

— Então, em suma, eu me abaixava para enfiá-los e me agarrava ao braço de Eric para não cair, com um pé no ar e pronto: *plof, plof*. . . cheio de *flashes* como numa estréia de ópera. . . Fiquei com medo de repente: todos esses *flashes* elétricos depois dessa luz toda tão pura do mar, do céu. . . era horrível como um retorno ao inverno. . . melancólico, me fez medo. . . Não sei, eu me agarrei a Eric que, muito mais vivo do que eu, muito mais inteligente do que eu, certamente compreendera logo os pensamentos daqueles caras, daqueles fotógrafos. . . E ainda mais: nem mesmo sabia para quem trabalhavam. . . Isso o teria acabrunhado. . . Enquanto Eric tentava se libertar do meu abraço forçado. . . — acrescentou rindo a essa simples idéia, do "abraço" — os fotógrafos fugiram, mas eu os reconheci, e Eric está furioso de raiva. . . E tem motivo. Acho que se os seus camaradinhas virem sua foto abraçada com uma *starlet* experimentando sapatos num pequeno porto romântico, isso vai-lhe custar uma publicidade desagradável. . . E está furioso, completamente, absolutamente furioso. . . Você teria rido, se o visse, Clarisse! — continuou, introduzindo na voz uma cumplicidade deliberada que pareceu despertar Clarisse de repente, e lhe tirou aquele sorriso longínquo e vagamente divertido que arvorara até ali. E levantando-se, disse na intenção de Simon e de Charley, manifestamente mais do que a Olga:

— Desculpem-me, vou ver o que o meu marido está fazendo.

Sua partida foi apreciada pelos dois homens e por Edma (senão por

Olga) como um belo exemplo de dignidade conjugal; mas evidentemente ficaram aliviados de se encontrarem os quatro e tagarelaram e se rejubilaram mais de uma hora, durante a qual Olga teve oportunidade de fazer um relato mais exato e mais comentado. Festejaram isso com champanha. Só no sexto copo Olga Lamouroux confessou aos seus dois companheiros que fora ela quem enviara na véspera um telegrama a dois camaradas jornalistas, confissão que poderia ter dispensado, pois visivelmente a surpresa produzida foi mais do que reduzida.

Mas em Bejaia, a Doriacci não executou sua ameaça e ficou no *Narcissus*. Eis como.

Hans-Helmut Kreuze, longe de compartilhar da raiva da Diva, dizia-se revoltado e após algumas reflexões pedira entrevista ao Capitão Ellédócq no seu gabinete. Era ali que Ellédócq mantinha seu registro de bordo, que tomado ao acaso dava, em geral:

- Comprados 50kg de tomates.
- Consertadas braçadeiras das cortinas do grande salão.
- Intervenção na discussão dos convivas.
- Jogados fora 40kg de turnedôs avariados.
- Embarcadas 100 toneladas de óleo combustível.
- Mandado consertar o aquecimento.
- Encontrado cardume de delfins.

O que, pondo de lado a última frase, era o cotidiano de um hoteleiro. Não importa, Ellédócq encontrava nisso uma majestade olímpica.

Seu boné, por uma vez fora do crânio, pendia de um cabide.

Por trás dele as prateleiras sustentavam livros de títulos assustadores. *Como Sobreviver no Oceano Glacial*, *Direito do Passageiro de Recusar a Amputação em Caso de Acidente*, *Transporte de Cadáveres de um Porto Internacional a um Porto Nacional*, *Como Evitar a Propagação do Tifo*, etc, obras sinistras que os irmãos Pottin tinham proibido de andar pelos salões ou

pelos quartos dos passageiros. Tinham até retirado da parede de Ellédocq uma ilustração cheia de veracidade em que um infeliz passageiro, nu e azul-marinho, punha para fora uma língua violácea, enquanto um robusto marinheiro o espezinhava com um bom sorriso (ou que não se podia esperar outra coisa). Esse cartaz também fora julgado desmoralizante pelos irmãos Pottin & Pottin, e o Capitão Ellédocq só tinha portanto para recordar a gravidade da sua tarefa os livros interditados de dia, mas que podia consultar à noite na sua biblioteca. E foi igualmente para melhor mostrar sua autoridade e a gravidade própria do seu posto, que mostrou com um gesto imperial uma poltrona diante da sua ao maestro, sem levantar os olhos dos papéis pousados na escrivaninha (que elogiavam a superioridade dos anzóis X sobre os anzóis Y). Um soco nessa mesma escrivaninha o fez levantar a cabeça. Hans-Helmut Kreuze tornara-se violáceo, porque tanto era sensível à sua hierarquia como considerava falsa a de Ellédocq: o capitão de um calhambeque sentado diante do mestre do teclado, Kreuze, de pé. Ellédocq levantou-se maquinalmente. Olharam-se nos olhos injetados de sangue e de colesterol, olhar que também podia preceder um infarto, mas que a ausência de diálogo tornava inegavelmente cômico.

— O senhor quer o quê? — latiu Ellédocq, que esse soco exasperara.

— Eu queria indicar-lhe uma saída para o impasse da Doriacci — falou Kreuze.

E diante do ar de incompreensão, da maior debilidade mesmo, na opinião dele, do seu interlocutor, Kreuze deu detalhes:

— Eu conheço duas pessoas admiráveis de se ouvir, dois alunos suíços da minha escola em Dortmund e que passam férias em Bejaia. Duas pessoas que podem substituir a Doriacci de um momento para o outro, se ela for embora.

— Cantando o quê? — disse o capitão perdido, consultando seu livro da lei, sua Bíblia; o programa musical já ridicularizado pela Diva que parava ali, no final daquele programa.

— Mas essas pessoas não cantam nada, são flauta e contrabaixo e violino em duas pessoas. Tocaremos trios, Beethoven — disse Kreuze (exaltado com a idéia de vingança que cozinhava há seis dias contra a Doriacci: imaginava-a substituída por ele e dois desconhecidos naquela mesma noite). — Vai ser muito "gozável" — disse a Ellédocq, inclinado sobre seu programa com as sobranceiras franzidas, como diante de um quebra-cabeça (mas que ouvindo a palavra "gozável" recuperou sua desconfiança). — Uf! enfim música de câmara — disse Kreuze, confirmando os receios de Ellédocq embora começasse a se regozijar por se ver livre da Diva.

Entretanto ela lhe fora confiada... Podia lhe acontecer qualquer coisa

nesse país perdido e talvez deixá-la partir correspondesse a uma demissão e a uma desonra...

— Bem aborrecido — disse. — Contrato da Diva pago muito, muito caro. Eu sei, irmãos Pottin furiosos, passageiros furiosos, passageiros não aproveitaram das suas cançonetas.

— Se vocês aproveitavam escutando-a cantar *Au clair de la lune*, então que diferença faz?.. — disse Kreuze altivo. — *Au clair de la lune*.. — cantarolou, levantando os ombros.

— O quê? O quê? — disse Ellédocq — o que é que ele tem, esse refrão? *Clair de lune* é conhecido em toda parte, a prova. . . Bela música, belas palavras, canção francesa...

— Nós vamos tocá-lo — disse Kreuze com seu riso espesso. — Pronto, estou encantado de ter arranjado as coisas no navio, capitão.

Apertaram-se as mãos e Ellédocq, que tinha o hábito de quebrar as falanges das suas relações, observou que a mão de Kreuze resistia à sua sem qualquer esforço, graças sem dúvida aos exercícios de dedilhado; e mesmo arrancou-lhe um gemido. Kreuze saiu e o capitão ficou só com o registro no seu programa: "Sopa à George Sand — croquetes de frango à Prokofiev — e sorvete à Rachmaninov", tendo a mais um *foie gras* incomum do Lot, depois do qual a Doriacci devia cantar o ato nº 1 do *Trovador* — linha que Ellédocq riscou do programa, substituindo pelo trio de Beethoven tocado por Kreuze e X e Y...

Enquanto isso a Doriacci fazia as malas. A Doriacci iria cantar em outra parte para outros beócios, talvez piores que estes beócios, tão ricos e tão incultos. Mas antes iria se permitir oito dias de férias. A excelência de todas essas razões lhe faziam esquecer a única, a verdadeira: a Doriacci fugia de Andréas de Nevers.

Nesse mesmo momento ele estava sentado nos pés da cama e olhava os lençóis daquela cama e o rosto fechado da sua amante que arrumava, com a ajuda da camareira, seus vestidos longos nas valises. Andréas pousava às vezes a mão no lençol aberto como se toca a areia da praia que se vai deixar e que não se verá mais, sem dúvida, como se respira no campo ao pôr-do-sol rápido de novembro, o odor desesperante e morno, de uma doçura sem recurso, das vindimas no final.

Andréas estava abandonado e sofria sem nada dizer, sem que a Diva parecesse crer nesse desespero que o invadia por inteiro.

Quanto a Clarisse, tremia sem poder parar um instante, apesar dos seus esforços, desde que Eric saíra do banheiro de roupão, impecável e

perfumado e lhe dissera com voz tranqüila:

— Você está muito bonita hoje. Que vestido bonito! — Porque esse tipo de conversa anunciava a execução do dever conjugal para aquela noite. Dever que o corpo de Clarisse aceitara e recebera bem depois que sua alma se desligara de Eric, antes de chegar a esse estado de indiferença irritada e de frieza só à idéia do amor. Mas agora havia Julien, e Julien ela não queria enganar, não podia, mesmo que tivessem feito mal o amor juntos nessa primeira vez: porque sabia que eles se reencontrariam um dia e que Julien também o sabia. A idéia da noite próxima já se tornava um suplício. Seu medo de Eric ainda era grande demais para que pudesse lhe recusar esse corpo que ele dizia tão frio, esse rosto que ele dizia sem vida. E, de fato, havia alguns anos, cada vez que ele a procurava na cama parecia como se fosse um presente que lhe fazia Eric, presente provocado pela compaixão e não pelo desejo.

Mas ao mesmo tempo que o amor de Julien e a confissão que lhe fazia do seu desejo por ela, o olhar dos outros homens nesse navio, o desejo mudo deles, tudo isso tinha voltado a dar a Clarisse, ao mesmo tempo que a confiança nos seus encantos, a consciência do seu próprio corpo (mas como uma propriedade bem dela, cujos desejos e recusas, até então considerados pretensiosos, pareciam-lhe agora perfeitamente lícitos). Tinha podido entregar a Eric, durante anos, um objeto mal-amado, que era seu corpo, mas não lhe podia confiar o objeto da posse viva e insubstituível de Julien. Dormindo com Eric enganava Julien, prostituía o corpo, renegava-se a si mesma. Julien era seu marido, seu amante e seu protetor, ela se dava conta de repente graças à repulsa que lhe inspirava, naquela mesma noite, a beleza loura de Eric.

Chegou assim pálida à sala de jantar em vestido de noite, com Eric de *smoking*. Fez, apesar da sua palidez, uma entrada notável, e Julien, que tivera de pedir emprestado sua gravata-borboleta a um *barman*, que se sentia pouco à vontade e mal vestido e triste por não ter podido ver Clarisse a sós, Julien que por uma vez não estava contente consigo mesmo, ou antes, por uma vez pensava nele mesmo e no seu aspecto exterior, Julien ficou maravilhado e estupefato por aquela mulher ser sua, e que amasse a ele, Julien Peyrat, o trapaceiro nas cartas, o falsário, o miserável que dez pessoas poderiam reconhecer e botar na cadeia, ele, que jamais fizera alguma coisa dos seus dez dedos senão pousá-los em mulheres, cartas ou notas de dinheiro para rejeitá-los todos, afinal. Era amado por essa mulher linda, leal, inteligente e que fora tão infeliz sem que por isso se tornasse má ou cínica, essa mulher que tinha qualidades e era de qualidade. E a vaidade, a loucura de querer levá-la com ele para onde fosse pareceram-lhe tão evidentes, que saiu num instante do bar em que todo mundo se reagrupara e foi até a

amurada, onde se apoiou, o vento batendo-lhe no rosto e despenteando-o, desfazendo-lhe o nó da gravata mal-amarrada, e dando-lhe aquele ar de patife, de mafioso, de vagabundo, que acabaria sendo. Julien detestou-se por um longo momento sobre esse mar azul-marinho, quase negro diante das luzes de Bejaia. E havia bem mais de 20 anos que já não pensava em si mesmo dessa maneira, exceto quando ficava feliz e se felicitava por sua sorte. Era preciso que interrompesse os custos dessa história impossível, era preciso que ele vendesse, ou mesmo não, o Marquet; isso era sem importância agora. Era preciso que descesse em Bejaia ao mesmo tempo que a Doriacci e esquecesse tudo.

O capitão refletia: tendo Charley partido para cuidar das compras da bela Edma, não o poderia substituir, e ele teria que exercer aquele ofício penoso. Ellédocq tentara dez vezes pôr-se em contato com um dos irmãos Pottin, mas todos estavam de férias. Naturalmente não estavam lá com o coração batendo, diante das suas mesas, esperando que o *Narcissus* voltasse intacto do seu décimo sétimo cruzeiro. Só conseguira falar com o vice-presidente, um chamado Magnard, que Ellédocq considerava pouco franco sem saber por quê. E sacudiu cada vez a cabeça ao evocá-lo, com uma expressão que dizia muita coisa, embora não pensasse nada.

— Aqui Ellédocq — urrara (porque sempre urrava no telefone) — Ellédocq do *Narcissus*!

— *Yes, yes* — respondeu a voz de Magnard (ele adotava o gênero inglês, esse imbecil) — tudo bem, vocês têm tido bom tempo?

— Não! — urrava Ellédocq exasperado. (Como se ele o tivesse chamado ao telefone para falar do tempo. Esses burocratas, realmente!)

— Porque o tempo aqui está maravilhoso — continuava Magnard (que devia se aborrecer terrivelmente sozinho, no escritório). — É pena para os seus passageiros...

— Tudo vai bem — urrou Ellédocq. — Tempo soberbo, mas problema principal: a Doriacci quer dar o fora! Prussiano propõe dois camaradas para substituí-la. O que acha, Magnard?

— O quê? O quê? — perguntava Magnard aparentemente apavorado com essa notícia. — O quê? . . . Mas quando? . . . Como é que aconteceu isso?... A Doriacci ainda está a bordo?

— Está, mas não por muito tempo...

— O que foi que aconteceu, Capitão Ellédocq? — Magnard lembrava-lhe o seu posto, sinal que a situação era mais grave do que Ellédocq imaginara, todo contente de se livrar dos *lazzi* e dos *pizzicatti* da Diva. — Capitão Ellédocq, o senhor é responsável por essa mulher admirável... O que

foi que aconteceu?... — Um grande suspiro levantou o torso bombeado de Ellédocq, que se resignou:

— Ela cantou *Au clair de la lune*... — disse com voz lúgubre.

— Que *Au clair de la lune*? A sonata? Mas é para piano. De que lua o senhor esta falando? E o público não gostou, ou o que foi?

— *Au clair de la lune*. . . canção — disse Ellédocq, para quem as pretensões musicais de Magnard enchiam de desprezo. "*Au clair de la lune* que se canta, ora essa, na escola."

Houve um silêncio incrédulo.

— Não é verdade, hem? — começou Magnard. — Ellédocq, seja gentil, conte-me essa história de que você está falando. . . para que eu ao menos compreenda alguma coisa. . . Depois telefonarei a Doriacci, mas é preciso que eu saiba de que se trata... Então, estou escutando...

— Mas. . . mas. . . eu não posso. . . balbuciou Ellédocq. — Impossível, aliás, eu canto desafinado!... Eu tenho mais o que fazer.

Magnard adotara sua voz de diretor-adjunto:

— Cante — urrou. — Cante, Ellédocq, eu ordeno!

O capitão estava de pé na cabina, com o aparelho na mão, e lançava para a porta que ficara aberta olhares quase virginais, tão angustiado se sentia... Esboçou então:

— *Au clair de la lune*

Mon ami Pierrot

— Não ouço nada! — urrou Magnard. — Mais alto!

Após uma tosse, Ellédocq continuou com voz suplicante e rouca:

— *Prête-moi ta plume...*

Não conseguiria fechar aquela porta sem largar o telefone, era impossível. . . Enxugou a testa com a mão.

— Não ouço nada! — dizia Magnard em tom jovial. — Mais alto!

O capitão tomou fôlego e abriu o peito. Tinha voz rouca e desafinada, mas que julgava certa e harmoniosa; bruscamente teve até certo prazer em berrar pela janela, chegando mesmo a afastar um pouco o receptor do queixo:

— *Prête-moi ta plume*

Pour écrire un mot...

Interrompeu-se de súbito: a voz de Edma ressoava às suas costas, e ele desligou no nariz do vice-presidente dos Cruzeiros Pottin & Pottin.

— Meu Deus, o que está acontecendo aqui? Matam-se porcos no outono também, na Argélia?. . . Meu Deus, comandante, meu bom amigo, o senhor está aí?. . . Espero que não se tenha machucado. O senhor também ouviu esses gritos? Era horrível. . . Charley! Onde você está, Charley?. . . Não, agora deixemos de brincadeira. O senhor sabe que tem um belo timbre,

comandante — disse Edma Bautet-Lebrêche. — Não é, Charley?. . . — acrescentou "para aquele cretino", pensou Ellédocq, "que justamente retornava metido no seu *blazer* que pretendia ser borra de vinho mas era cor-de-rosa bombom".

Por uma vez, Ellédocq estava esgotado: no mesmo dia tivera que refazer os programas, *menus* e concertos, cantar *Au clair de la lune* para o diretor-adjunto da companhia e, agora, eis que achavam que tinha um belo timbre de voz...

— Ah! Mas é certo que acabarei maluco — resmungou. E virando-se para Charley acrescentou: — Tive um dia terrivelmente fatigante, meu velho. . . — Esquecia-se do seu morse, decididamente, sinal, nele, de um grave descabro nesse pacotinho cinza, certamente não muito rico de circunvoluções, que constituía seu cérebro.

E seguido pelo olhar de Charley e Edma, dirigiu-se à porta, com as costas curvas, mas virou-se lívido:

— Meu Deus! E os *demônios* do prussiano!...

— Que demônios? — perguntou Charley que começava maquinalmente a pousar suas compras um pouco pesadas sobre a mesa sacrossanta do capitão.

Ellédocq, cansado demais para reagir, pousou sobre esses embrulhos sacrílegos um olhar pesado, em que uma memória abobalhada se perguntava a si mesma o que havia de errado nesse espetáculo: uma camiseta bordada de *strass*, uma enorme garrafa reclame de material gorduroso para retirar a maquilagem para o corpo, e sapatos com solas grossas, tudo em cima do mata-borrão, o tinteiro e as fichas de bordo do capitão. Charley e Ellédocq entreolharam-se. Charley de repente horrorizado, mas Ellédocq amorfo. E foi mais por sentir obrigação do que por ter vontade, que Ellédocq, com seu braço direito, fez saltar tudo sobre o carpete onde naturalmente um saco de rolos se abriu, deixando escapar umas coisinhas rosa e verde que rolaram alegremente no chão sob o olhar apagado de Ellédocq. Então levantou os olhos:

— Charley — disse - vá dizer a Göring que traga os seus dois pederastas com sua flautinha e a sua cabaça daqui a meia hora. Nós os ouviremos com a senhora Bautet-Lebrêche, mas que não façam gatimomas entre eles, por Deus! — acrescentou.

E saiu batendo com a porta, deixando os dois espectadores tão surpresos quanto era possível ainda estar, após 40 ou 50 anos de descobertas psicológicas, variadas no entanto.

Edma Bautet-Lebrêche, sua surpresa passada, viu-se requisitada a escutar os dois nativos de Montreux, encontrados por Kreuze, e dar sua opinião sobre o assunto. Muito divertida com a solicitação de Ellédocq e a solenidade que ele atribuía, à cena mais divertida ainda por tê-lo ouvido cantar *Ma chandelle est morte* (Minha vela se apagou) um quarto de hora antes, acompanhou-o até o grande salão onde, no estrado do centro, os esperavam os dois protegidos e seu protetor: dois quinquagenários, ou quase, "horríveis de ver", julgou Edma à primeira vista com seus *shorts* muito longos, pernas cabeludas, terminadas por soquetes de lã sob as tiras das sandálias. Mas prometeram trazer *smokings*. Kreuze e Ellédocq já estavam sentados na banquetta quando Edma chegou e quis-se insinuar perto de um ou do outro sem incomodá-los, mas Ellédocq, de um salto, levantou-se e com uma mão de ferro a fez sentar entre ele e Kreuze. Antes de qualquer julgamento de ordem musical, Edma inclinou-se para Ellédocq:

— São muito feios, o senhor não acha, comandante?

— É problema dele — disse Ellédocq, designando Kreuze com o queixo e uma expressão de escárnio, pouco claro para Edma...

— Por quê? — perguntou (mas com a ponta dos lábios, porque os dois alunos, a uma ordem latida por Kreuze, começaram a tocar). — Por quê? — repetiu em voz baixa virando-se para Ellédocq.

— A senhora lhe perguntará.

Ela escutou portanto um trio de Haydn fortemente, tecnicamente impecável e felicitou o mestre triunfante, com graça, embora ficasse de novo surpresa com o tom que Ellédocq tomou para felicitá-lo.

— A senhora acha que eles substituem a Diva? — perguntou quando saíram juntos, quase de braços dados para o tombadilho.

— O senhor está sonhando! — disse Edma. — É por causa dela que todo mundo veio. Por mim, pessoalmente, confesso que a rigor passaria sem ela este ano, embora seja divina. . . Tenho outras lembranças do *Narcissus*,

mas os outros. . . O senhor deveria falar com ela, comandante. Ou antes, o senhor deveria lhe dizer que já foi substituída, que não se preocupe, sobretudo não tenha remorsos: a Doriacci partirá de bom grado se isso causar uma catástrofe, mas não se sua partida for um simples incidente.

— A senhora acha?... — perguntou Ellédocq, que sentia, com o tempo, uma confiança por vezes perigosa mas instintiva pelas decisões psicológicas arbitrárias de Edma Bautet-Lebrêche.

— Eu não acredito, eu sei — disse Edma em tom imperioso. — E sei porque sou igual a ela: se não faço falta não parto.

Ellédocq hesitava um pouco, ainda assim, a mergulhar de novo depois desse dia estafante numa discussão espinhosa com a Doriacci. Edma tomou-lhe o braço gentilmente.

— Vá lá, vamos lá. Eu vou com o senhor, é mais seguro. Depois o senhor irá fumar uma boa cachimbada — acrescentou quase sem querer, vendo como Ellédocq estava perturbado, a tal ponto que nem pestanejou.

Mas quando chegaram à cabina de Doriacci, sua tática revelou-se supérflua. Não obtendo resposta, e tendo Ellédocq com ele a sua chave geral, como sempre, eles empurraram a porta pensando encontrar o quarto vazio, sem nenhuma bagagem, mas dando um passo viram na penumbra a Doriacci adormecida toda vestida e, perto dela, um jovem seminu, o busto dourado e soberbo com suas mechas curtas de cabelo cobreado estendido através da cama, mas o corpo perpendicular e a cabeça apoiada nas pernas da sua amante. Suas longas pernas, ultrapassando o lençol, repousavam no chão.

Ellédocq corou com aquele rosado do pudor ofendido e, quando Edma lhe disse: — Que beleza não é? — com voz cheia de respeito, indignou-se confusamente e deixou escapar um risinho, enquanto lamentava imediatamente não inspirar o mesmo respeito a Edma. Esse risinho de desprezo provocou de pronto o pedido suplicante de um cigarro. Sacudiu a cabeça em negativa, sem se zangar, para grande prejuízo de Edma.

— Isso vai-lhe somar três músicos e uma *coloratura*... — vingou-se ela, passando diante dele, ultrapassando-o e deixando-o para trás sem que reagisse. — A companhia Pottin vai ficar encantada com essas atrações complementares... Vamos ver como se toca *Au clair de la lune* na flauta e no violoncelo.

Andréas acordou um pouco mais tarde banhado num suor magro, o coração batendo violentamente antes de perceber a causa: a Doriacci o deixava, ela o tinha deixado, estava perdido. Já estava escuro na cabina, e imaginou-a no cais de uma estação naquele mesmo instante, esperando por ele; e depois de um momento faltou-lhe a respiração, alguma coisa se fechou sobre seu coração, provocou-lhe uma ligeira vertigem antes que se precipitasse para aquele cais e fora da cama, aquela cama negra e bem-amada, aquela cama perdida — mas batera com o braço, ao se levantar no flanco gordinho da Doriacci. Hesitou um instante em admitir aquela presença. Pela primeira vez da sua vida, o jovem Andréas hesitava diante de uma felicidade tão depressa devolvida. Tivera medo de morrer cardíaco, tivera medo de morrer, em suma, pela primeira vez. E no entanto que risco corria morrendo naquele instante, já que não estaria mais ali? Desde o momento em que a Doriacci deixasse a sua vida, esta se tornaria vazia e sem interesse e a morte seguia o mesmo exemplo: a morte ficava vazia também e aborrecida e tediosa para Andréas de Nevers. Mas agora, agora, tinha a Doriacci, que seus beijos tentavam atingir através dos lençóis que ela puxara para cima da cabeça como proteção, recusando-lhe a menor superfície de pele nua onde pousar os lábios. E ela ria e ele se irritava não tocando-a com as duas mãos, mas apanhando o lençol com os dentes e sacudindo-o como um cãozinho, puxando-o da cama, enquanto a Doriacci redobrava os risos e chegava mesmo a latir com sua bela voz grave.

— O que é que eu vou encontrar atrás deste lençol, um buldogue, ou um *dobermann*? . . . uau, uau — disse com voz profunda — ou u-u-u? O que você é esta noite?

— Não tenho vontade de brincar — disse Andréas, que se lembrou de repente o que fora todo o dia, que se lembrou do jovem desesperado, andando naqueles corredores intermináveis de solidão, o jovem pálido afobado cujo sofrimento revivia com tanta precisão, que se lançara ao ombro compadecido dessa mulher que lhe tinha infligido o sofrimento.

— Afaste-se — disse ela displicentemente. — Tenho que me vestir para o concerto.

Foi assim que ele soube, antes de todo mundo, que ela não partia mais.

Foi nessas circunstâncias que Julien e Clarisse receberam, cada um do seu lado, a música tocada pelos dois alpinistas suíços, que, libertos de seus casulos de lã e seu conjunto de couro, tocavam como músicos inspirados dirigidos por Kreuze ao piano, prodigioso de sensibilidade e de tato.

O *Trio Nº 6* de Beethoven para piano, violoncelo e violino, depois de uma entrada barulhenta mas muito rápida, parte logo numa pequena frase que ele lança e desenha no violoncelo. Pequena frase de sete notas que lhe arrebataram um após outro, que lhe restituirão também o piano e o violino. Pequena frase que parte com arrogância como uma afirmação de felicidade, uma espécie de desafio que pouco a pouco os obceca, os ultrapassa e os desespera, embora eles tenham o tempo todo esquecê-la, embora cada um deles voe em socorro dos dois outros, quando um parece ceder-lhe à lei e ao charme, embora cada um deles corra por vezes adiante desta mesma frase ou, para fugir, adiante do instrumento que a executa como se fosse contagioso, embora esses três instrumentos angustiados tremam sem cessar por serem atingidos por aquela pequena frase tão cruel, reúnam-se por vezes entre eles e têm ruidosamente falar de outra coisa, como três homens enamorados pela mesma mulher, morta ou seqüestrada por um quarto e que, de qualquer forma, os teria feito sofrer igualmente. Esses esforços de nada servem. Porque mal começam a se sustentar uns aos outros, a dar prova de vigor, de alegria, de esquecimento, um esquecimento ruidoso, mal tentam compartilhar esse esquecimento entre eles, e um deles, como se não prestasse atenção, cantarola entre os dentes, de novo, essa frase interdita, para grande desespero dos dois outros, que se vêem constrangidos a voltar a ela pela fraqueza do primeiro. Todo o tempo, todos esses esforços para falar de outra coisa e todo o tempo essas sete notas ferozes na sua graça e na própria doçura.

E Julien, que não gostava muito de música e cuja cultura a esse respeito parara em Tchaikovski ou na Abertura do *Tannhäuser*, como Simon, enfim um pouco melhor, mas apenas isso. Julien teve a impressão que era a história deles que alguém lhe contava: sua história, dele e de Clarisse, essa história que iria falhar como parecia ressaltar toda essa música, como se fosse ao mesmo tempo a das lembranças que ele não tivera, a do fracasso, a do desgosto premonitório. E quando ela voltou pela décima vez, soprada pelo violino até o piano interdito e encantado e cansado de

acolhê-la, quando essas longas notas voltaram para Julien, ele teve que virar a cabeça para o mar sob a pressão ardente e louca, esquecida há muito tempo, das lágrimas sob as pálpebras. Do mesmo modo que sonhara de forma poética e irreal seu futuro com Clarisse, sua vida amorosa e sentimental com Clarisse, sua vida de amante, em suma, que sonhara com todos os seus encantos, do mesmo modo parecia-lhe agora receber de antemão todos os golpes e todos os arranhões: mas isso dentro da própria carne, na realidade concreta, tão terrivelmente concreta, que o desgosto adota nas coisas de amor, tornando tudo tão nítido, tão desértico, tão terra a terra, e tão definitivo.

E o resto do concerto passou-se para Julien, rosto virado para o mar como se estivesse absolutamente insensível justamente a essa música que o desesperava. E já tão confiante na natureza de Clarisse quanto pouco confiante nos seus destinos, Julien sabia que, do seu lado, sentada perto de Eric, e não olhando para ele, Clarisse também assimilava aquele tema ao encontro e à separação deles.

O terceiro movimento do *Trio* depois desse andante insuportável recolhe os pedaços num *scherzo* falsamente alegre, uma espécie de paródia mundana semelhante à que depois dos aplausos intermináveis sucedeu ao concerto. Os dois novos artistas foram calorosamente felicitados, mais ainda por serem novos nesse navio, por parecerem como enviados a socorrer esse barco espacial, chamado *Narcissus*, pelo nosso velho planeta Terra. A tal ponto que apertando-lhe a mão davam-lhes tapinhas no ombro, tomavam-lhes o braço para se convencerem da sua realidade e portanto da certeza dedutível de terra firme. Julien e Clarisse, sem mesmo se verem, tinham ficado sentados alguns minutos nas suas cadeiras depois que todo mundo se levantara numa algazarra que não entendiam nem um nem outro. E foi só nesse momento que se olharam realmente, não se dando conta dos olhares de Eric e de Edma sobre eles. Ou antes: nem mesmo pensando nisso, a tal ponto Eric se tornara um terceiro e um importuno, mais do que um obstáculo. Não o viram empalidecer e dar três passos na direção de Julien, que vinha na direção de Clarisse, sentava-se perto dela no mesmo instante em que, tendo afastado o piano, os marinheiros apagavam as luzes da pista. Foi portanto na semi-escuridão e tropeçando um pouco que Julien se sentara ao lado dela. E de início só viram um do outro o branco dos olhos assustados e dilatados nesse pânico.

— Clarisse. . . — falou Julien em voz baixa, inclinando-se para ela, que respondeu:

— Julien — pondo a mão sobre a dele e apertando-lhe os dedos nos seus "como fazem as crianças", pensou muito depressa, quando têm medo dos caminhos fundos, de noite. Mas Clarisse, não sendo mais uma criança

para ele, era uma mulher que desejava e que ele amava já o bastante para sofrer por não poder abraçá-la imediatamente, com um sofrimento agudo e no entanto distante, segundo acreditava, do desejo apenas físico.

— Que vamos fazer? — perguntou Clarisse com uma voz sem timbre, baixa, uma voz sedutora que fez Julien pestanejar.

— Vamos partir — disse ele, forçando-se a mostrar segurança, mas baixando os olhos antes dela, pronto a ouvir aquele "não" e todos os argumentos para esse "não" caírem da boca de Clarisse, caírem como uma chuva torrencial, uma chuva odiosa e não como o raio que caiu aos seus pés quando ela respondeu:

— Certamente, vamos partir, juntos; mas esta noite. . . esta noite o que vou fazer?...

E aí Clarisse parou porque Julien compreendera e recuara o busto para trás, procurando uma escuridão mais escura, um afastamento maior ainda da imagem que acabara de passar sob seus olhos e que era a de Eric estendido em cima de Clarisse. E em nenhum instante pensou mesmo em lhe perguntar "Por que esta noite?" "Por que agora?" "Por que subitamente é diferente das outras vezes?" "Como sabia ela e como conhecia as pretensões de Eric?" Estava farto de saber que Clarisse jamais faria alguma coisa que o fizesse sofrer. Clarisse não dizia aquelas verdades penosas de ouvir que os melhores amigos em geral, ou os seres que nos são mais caros, distribuem. Clarisse desde já e para sempre o tomara sob a alta proteção do seu amor por ele. E o primeiro reflexo de Julien foi de resmungar entre dentes mas bastante alto para que ela o ouvisse: "Eu vou matá-lo, eu vou matá-lo. É a única solução!" — procurando Eric com os olhos, encontrando-o e olhando-o como um estranho total, nunca visto antes, mas a ser abatido. A mão de Clarisse no seu braço arrebatou-o desse movimento de ódio e virou para ela um rosto desorientado e vagamente rancoroso. Tomou fôlego, lançou um olhar para Eric, agora sentado lá longe, como um cão lança a outro cão quando se ameaçaram de briga e são separados à força,

— Acalme-se — falou Clarisse ternamente.

— Passo a vida a me acalmar.

E imediatamente Julien se repetia: "Acalme-se, acalme-se" com esse tom ligeiramente irritado que tomava para se dirigir a palavra no jogo, com mulheres, ou diante de um quadro. "Acalme-se, acalme-se", um tom superior mas firme, aliás, como um cavalo embalado. "Acalme-se... Esta carta não é a boa carta. . . Esta mulher não o ama. Este quadro é falso." E, subitamente, invejava todas essas pessoas, esses 99 por cento de amigos ou de relações que tivera ou ainda tinha que, pelo contrário, pareciam sempre exortarem-se ao perigo, ao desejo ou à confusão como cavalos demasiado calmos ou privados de aveia. Mas essas exortações não funcionavam. Dava-se conta que mais do

que entregar Clarisse a um outro, a idéia de que esse outro fosse Eric, isto é, um homem que não a amava e que tentaria magoá-la em todo caso, essa idéia o revoltava. Julien pensava com espanto que quase preferia que Clarisse amasse um pouco o homem que a queria: pelo bem dela e em prejuízo dele. Era a primeira vez que Julien preferia sua desgraça à de uma mulher.

— Ah, mas eu amo você — disse ele ingenuamente.

Sentiu-se imediatamente tranqüilizado pela gravidade do seu amor, pela ternura desesperada que ela lhe inspirava como se a virtude desse amor lhe garantisse a reciprocidade e a continuidade. Pobre louco que era. Em todo caso um outro alguém estava presente no interior de Julien e recusava compartilhar, coisa que sempre admitira antes, toda vez que tinha o papel de amante, naturalmente. Um Julien a quem bastava ser o preferido e que achava bárbaro querer ser o único, sobretudo tendo chegado por último. Ele procurou aquele Julien e por um instante formulou para si mesmo: "Bem, ora, ela não vai morrer disso. . . deve-lhe acontecer de tempos em tempos como com todos os casais. E já que lhe repugna. . ." Mas de novo era essa última frase que o fazia estremecer: imaginava Clarisse tremendo, assustada, sofrendo o peso, os gestos triviais a respiração desse cara. Mal ouviu a voz de Clarisse junto dele que repetia: "O que vamos fazer, o que vamos fazer" com a mesma voz de pueril. E de súbito Julien teve uma idéia:

— Olhe para mim — disse com doçura e em voz baixa. Uma voz tão baixa que ela virou para ele um rosto espantado sobre o qual Julien inclinou-se beijando-lhe imediatamente a boca, de início afobada, mas de súbito cedendo à sua, à lentidão e às doçuras e ao provisório desse beijo furtivo diante de cem pessoas incrédulas, depois aterrorizadas.

Edma foi a primeira a vê-los, com seu olhar de águia: arregalou os olhos (era realmente um dia de surpresas, mesmo para uma mulher *blasée*) e, precipitando-se para Eric, hipnotizou-o literalmente, lançando-lhe ao acaso:

— Quantos leitores o senhor tem, meu amigo?. . . Talvez 200.000? Há mais leitores no inverno do que no verão? Certamente, não? — e outras banalidades sem qualquer sentido. Bem que se dava conta, mas seu pensamento perdia-se cada vez mais enquanto seu olhar para eles via com o canto do olho aquelas duas sombras abraçadas lá longe, projetando-se contra o céu azul-noite, o azul de uma noite clara sujeito à mesma demência. Ela chegara a censurar Eric, estupefato, pela ausência de qualquer coluna sobre tricô no seu seriíssimo *Forum*, quando um *barman*, com seus olhos arregalados, a garrafa imobilizada acima dos copos sem deixar cair uma gota, olhos que nem mesmo viam as sobranceiras franzidas de Eric, o fez se voltar para aquele espetáculo cativante. E Edma, que tinha um olhar decidido, não ousou olhá-lo enquanto ele os via.

Fora bastante um minuto para que a Doriacci, que se aprontava a subir no estrado com sua fleugma habitual, visse tudo, compreendesse tudo e reagisse logo com o mesmo sangue-frio admirável de Edma, aquele sangue-frio dos antigos combatentes que só a experiência dá, e que nenhuma juventude, por mais que assim acredite, poderia substituir. Com o olhar reunira os músicos, com duas passadas largas atingira o seu lugar e com o queixo eletrizara Kreuze. Foi, assim, que Eric se precipitou para o casal na primeira cena do Ato III do *Trovador* de Verdi (que, ligeiramente perturbada, ainda assim, a Diva pegara no meio, acabando de desconcertar o infeliz violoncelista que tremia atrás dela). O resto dos acontecimentos foi portanto acompanhado durante todo o tempo pela bela voz perfeitamente calma da Doriacci, cujo microfone se tinham esquecido de ligar e que o dispensou muito bem, sem mesmo dar atenção a isso. Aliás, se era necessária uma bela voz para cobrir o ruído em torno dela, não havia necessidade de preocupação com os *pizzicatti* ou com algumas armadilhas que existiam naquela ária, porque ninguém se interessava tanto assim pelo libreto dessa ópera. Eric lançara-se enquanto soava o *Morro ma queste viscere, Consolino i suoi basi*, cuja tradução muito inoportuna era: "Morrerei, mas seus beijos consolarão meu cadáver", coincidência que não chocou ninguém além dela, estando as três regras do teatro completamente negligenciadas nesse novo espetáculo. Foi com o verso seguinte que ele atravessou o estrado, branco de cólera, o rosto como iluminado pelo seu furor, ao som de *Dell'ore mie fugaci* (As horas breves da minha vida), que se jogou em cima de Julien. Seguiu-se uma briga confusa que se tornou ainda mais confusa com a chegada dos passageiros da primeira classe, alertados pela voz da Doriacci, e que não tendo sido reunidos a tempo, esquecidos, segundo pensavam, vinham emburrados, procurando seus lugares com os olhos e se encontravam de súbito diante dos bancos vazios, e dois homens furiosos e despenteados engalfinhando-se como no faroeste, desta vez, isto

é: lançavam-se pontapés dos quais alguns atingiam o alvo, contrariamente às clássicas brigas parisienses. Esses passageiros já separados dos de luxo por um andar, uma diferença de 30.000 francos na passagem, uma quantidade de sólidos desprezos de parte a parte, viram-se também separados por esses dois energúmenos, obstáculo ainda mais intransponível que os precedentes, dir-se-ia. Andréas e Simon, tentando reter os combatentes, receberam, um deles, um valente pontapé, o outro, um *uppercut*. E em suma, "foi uma carnificina bestial", como escreveu Olga a Fernande, e "uma confrontação simbólica mas flagrante", versão Micheline. "Um pugilato de corpo de guarda," disse Edma, que confundia facilmente as imagens; e "um incidente lamentável", como deve ter relatado Ellédocq aos irmãos Pottin. Enfim, terminaram por separá-los, graças a uns camareiros reunidos por Charley no máximo da excitação, do medo e do prazer de ver dois machos se baterem e se machucarem. Todos dois agora, em estado lamentável, ambos se perguntavam desde o início por que infeliz acaso tinham caído num adversário que conhecia também o boxe francês. "Se eu tivesse sabido. . .", pensava muito secretamente Eric massageando a virilha que ficara violeta desde o início do combate por um pontapé de Julien; frase que Julien, apalpando as costelas, também dizia. Levaram Eric Lethuillier, que sofria de forma visível, para dormir na enfermaria. Mas Clarisse não foi compartilhar do seu sofrimento, como fizera com Julien, e como, no entanto, toda mulher honesta deveria ter feito... observara-lhe Edma Bautet-Lebrêche, com os cabelos ainda eriçados pela excitação e o ar nitidamente velhaco, empurrando-a pelo ombro, fazendo-a virar as costas à sua cabina e levando-a diretamente para a de Julien. . . Ele chegou nos calcanhares dela depois de ter subornado a enfermeira e assegurado assim ao seu adversário um sono separador.

Clarisse estava sentada na borda extrema da cama. Tinha os olhos baixos e as mãos nos joelhos. Era a própria imagem do desamparo, pensou Julien, fechando a porta atrás de si.

— Vou chamá-la Clarisse Desespero — falou — como a aldeia.

— Há uma aldeia que. . .?

— Não — disse Julien jogando-se na poltrona mais afastada da cama, com ar descontraido. — Não, não existe aldeia com este nome, mas a gente diria, não?

Tinha a impressão de estar diante de um animal de caça ou de um criminoso um pouco nervoso, de sangue puro demais e assustado demais: um animal que podia magoá-lo mesmo sem fazer de propósito. Olhava para Clarisse com ar frio e a cama com uma ternura tão visível que Clarisse se pôs a rir subitamente.

— Você parece o gato com as castanhas, você se lembra?. . . A

fábula?... Existe uma fábula assim, não é? Mas o que é que você tem no pescoço? Você está sangrando? Você está sangrando!... .

Julien lançou ao espelho um olhar enojado, desenvolto, em verdade macho, para ver um filete de sangue que escoava por trás da orelha, e apalpou o corte com a mesma expressão desdenhosa. Mas esse desdém se transformou em reconhecimento quando viu Clarisse deixar o seu refúgio e virar para ele, com os olhos apreensivos cheios de compaixão, quando a viu pegar-lhe a cabeça entre as mãos com um fluxo de palavras tranqüilizantes, como se fosse ele que precisasse de ser tranqüilizado fisicamente. Estava ferido: ela o tinha a sua mercê. Julien voltava a ser a criança que se pode cuidar, que se pode em todo caso tocar. De gesto em gesto foi um adulto que Clarisse encontrou nos seus braços, mas um adulto terno e doce que, além do prazer, queria o bem dela.

No meio da noite, Clarisse quebrara uma solidão velha de dez anos. Tinha desejo de alguém e que esse alguém a amasse como ele a amava e como ela já se sentia pronta para amar também.

— É engraçado — disse um pouco mais tarde — é engraçado, eu pensava que você fosse um gângster, a primeira vez que o vi. . . e depois um americano.

— Mas não os dois juntos, eu espero?

— Não, separadamente. Que papel você prefere?

— Queria ser um tira inglês — disse Julien virando o rosto (porque temia o instante em que, sabendo a verdade sobre ele, tomasse por mentiras odiosas e deliberadas suas reservas, suas descrições excessivas). Saber ia então que, de certa maneira, essas mentiras eram verdade? Contanto que ela não esqueça, então, que tudo isso, todos esses planos bem estabelecidos os tinha feito por amor a ela e na única esperança que, uma vez reunidos e confiando um no outro a preocupação de suas existências, Clarisse Lethuillier estivesse tão bem com ele para não poder deixá-lo, ladrão ou não.

— Você está com ar preocupado — disse em voz baixa. — Será o famoso desgosto que segue o amor? — completou ela subitamente.

E Julien olhou-a por um instante, estupefato pelas palavras que não a acreditava capaz de dizer.

— A sua pergunta é uma tolice — falou sorrindo.

E inclinados um para o outro, e simplesmente face contra face, tinham esse ar satisfeito e enternecido ligeiramente megalômano que têm os amantes depois da primeira noite de amor, quando essa noite foi sem sono por prazer e não por saudades.

— É preciso que eu volte para meu quarto. Eric vai acordar. Como é que as coisas vão se arrumar agora? O que vamos fazer?

— Quem, nós? — perguntou Julien com ar espantado e suplicante. —

Quem é este *nós*?

— Você e eu, naturalmente. Eric vai segui-lo no rastro ou a mim. Vai ser odioso. . . É preciso que eu desça em Alicante e que nos tornemos a ver em Paris. . . Não poderei esperar por você todo esse tempo — disse logo em seguida. — Você poderia ficar debaixo das rodas de um ônibus ou se enganar de caminho e partir para Sydney... Há muitas coisas possíveis para que eu o deixe partir.

— Não tenho a menor intenção de a deixar fugir.

Ele estava sentado na cama com os lençóis amassados, os cabelos eriçados na cabeça. Parecia antes um adolescente marcado do que um quadragenário, observou Clarisse encantada, embora soubesse que esse encantamento seria o mesmo se Julien fosse calvo ou coxo, contanto que fosse ele, Julien, e que a amasse tal qual era ela.

— De todo modo — disse esticando-se — de todo modo, depois de ontem à noite, contrariamente ao que você pensa, Eric vai ficar completamente seguro para o resto da viagem. Ele pensa, não sem *razão*, que os amantes desconfiam quando sua história é séria. E geralmente é verdade. Acredite-me, o fato de eu tê-la beijado na boca diante de cem pessoas vai nos fazer parecer a cem léguas um do outro. Eu a beijei à força, é um gesto de bandido e tive que usar de violência: portanto eu lhe desagrada, portanto você estava zangada, portanto você era inocente. Você vê?

— Sim, estou vendo — disse Clarisse batendo com os cílios e antes de se virar de bruços e pousar a cabeça debaixo do braço de Julien, fechando os olhos e dizendo: "Não vejo nada. . . Não vejo estritamente nada. . . Não quero estritamente ver mais nada. Quero ficar nessa escuridão toda a minha vida."

Um pouco mais tarde ainda adormeceu. Mas Julien, acordado como nas primeiras vezes em que fazia amor com uma mulher que lhe agradava, Julien contemplou-a longamente dormindo. Belos seios, uma boa caída de cadeiras, articulações finas, pele macia. Tentava adaptar essas estimativas de comprador de cavalos ao corpo de Clarisse, mas não conseguia. Naturalmente que esse corpo era belo, mas tinha a impressão, pela primeira vez na vida, que mesmo que fosse desgracioso, a voz, os olhos e as mãos dessa mulher lhe teriam bastado para ficar tão apaixonado como estava. Ela acordou espontaneamente uma hora mais tarde para grande alívio de Julien, que se sentia incapaz de lhe dizer que precisava voltar para a cabina dela. Em seguida Julien caiu naqueles mesmos lençóis. Procurou o odor e o perfume de Clarisse, encontrou-os e adormeceu, quebrado, enquanto as imagens confusas e sensuais desfilavam sob seus olhos, mas desta vez o mesmo personagem que ele conhecia muito bem. Já eram as suas

lembranças que via desfilar sob suas pálpebras.

O *Narcissus*, projetando-se sobre um céu e um mar cinza cor de ferro, parecia emergir das profundezas, fumegando água e nuvens, sua quilha fendendo como uma faca esse mar de seda e deslizante que se deixava cortar num ruído deliciosamente alarmante de longo dâaceramento. Eram seis horas da manhã e Julien dirigia-se ao convés superior com um passo furtivo. Acontecia-lhe por vezes nessa hora, onde estivesse, numa cidade estrangeira ou no campo, sair por uma hora durante a qual tinha a impressão de passear seu próprio corpo sonolento como um grande cão entorpecido e pouco ajuizado. Sonolento, mas que, liberado dos entraves do sonho, batia com os pés à beira das avenidas ou dos campos a atravessar. Um corpo que trazia de volta para dormir dentro de uma hora, mesmo que fosse contra a vontade, porque o sono lhe era necessário, um sono que impediria suas mãos de tremer ao distribuir as cartas, um corpo cujos instintos, depois de Clarisse, tinha a impressão de ter satisfeito docilmente com dezenas de mulheres, sem que ele próprio, Julien, tivesse realmente desejado. Talvez fosse a principal força de Julien; quanto ao mais, nada bem armado para a vida (se é que consideramos a vida uma batalha), que essa capacidade de continuar sempre o mesmo, de ser o primeiro a aceitar o erro, de não conceder qualquer consideração ao Julien que ele era ainda na véspera, e admitir que podia se enganar sobre todas as coisas. E os homens e as mulheres, aliás, gostavam dele por isso. Seus amigos falavam de sua boa fê, talvez para não falar do seu orgulho. Simplesmente Julien não dava aqueles pequenos sinais agrídoces da vaidade diária desse orgulho. Era assim que percorria distâncias de braços dados com seu personagem social, seus blefes e seus sonhos líricos, sem jamais pensar quando as coisas iam mal, a pôr em causa um dos seus três defeitos, como disse mais tarde Edma Bautet-Lebrêche, recapitulando os incidentes desse cruzeiro: "Julien Peyrat não se amava, mas também não se olhava: não tinha a menor idéia dele próprio" e — acrescentava finalmente — "era provavelmente o único numa época

intoxicada de freudismo de bolso e, portanto, deformado, era o único a ver a moral em relação aos seus atos e não julgá-los em relação aos motivos que os inspiravam.

Naquela manhã, Julien acordado, incapaz de continuar naquela cama povoada, encontrou-se no convés superior diante de um imenso cartão-postal cinza e azul que representava o Mediterrâneo na aurora, em setembro. Julien estava cansado, feliz, e tremia um pouco com os dedos, o que o irritou e enterneceu também. Uma vez amado uma mulher ou pela sorte, Julien, arrebatado à sua indiferença benevolente em geral, em relação a ele próprio e aos outros, achava que seu corpo era amável, sólido e valoroso, qualidades e trunfos importantes justamente para a conquista das mulheres; trunfos que Julien, contudo, não protegia. Herdara, graças a Deus, aquilo que sua mãe durante muito tempo chamara de seu equilíbrio, mesmo quando saía tropeçando as salas de jogo mais mal-afamadas de Paris. Fechou os dedos sobre a palma da mão e cobriu-os com o polegar com um gesto um pouco cinematográfico de que se deu conta, depois, vendo o ar perplexo de Edma Bautet-Lebrêche em roupa interior lilás, cabelos desfeitos e uma cafeteira na mão, que acabara de trazer da cozinha. Mas, curiosamente, seu roupão de *cashmere* e seda estava apertado com uma espécie de cordão, do qual pendia uma chave bizarra ou que, em todo caso, parecia mais bizarra ainda a Julien do que a presença de Edma nesse convés a essa hora: coincidência ainda assim imprevisível e que não parecia contudo despertar a menor curiosidade nela.

— É um objeto silvícola — disse Edma à pergunta muda de Julien. — Não me pergunte para que serve, você também, ou lhe darei uma resposta tão odiosa como a que dei ao pobre Kreuze.

— O que foi que você lhe disse? — perguntou Julien. — Sou todo ouvidos — acrescentou sem mentir.

Porque as histórias de Edma Bautet-Lebrêche, crônica viva das fofocas de bordo, agradavam-lhe enormemente, primeiro, por causa do humor, e também por uma espécie de separação moral, um fortalecimento ostensivo dos valores burgueses dos quais, como muitos dos seus contemporâneos, Edma, depois de os ter espezinhado e desprezado, chamava a si por vezes com firmeza. Sem dúvida, como dizia, esses valores eram indispensáveis e Julien se perguntava se não seria para evitar que sua velhice fosse excessivamente surpreendida ou, pelo contrário, para mostrar os caminhos da doçura de viver a uma juventude brutal e desesperada, como ela acreditava que fosse. Pousara a cafeteira, e sentaram-se nas cadeiras de palha. Olhava Julien de esguelha, por trás a fumaça do cigarro, "numa pose muito 1930", constatou Julien com nostalgia. Sonhava desde que nascera

com um mundo dirigido pelas mulheres; essas mulheres doces e belas, ou temas ou mitômanas, em todo caso mulheres que o teriam protegido e que ele, Julien, julgava terem um bom senso bem mais vivo do que os homens (pelo menos mais do que Julien), um mundo em que os homens ficariam aos pés das mulheres e à sua disposição, o que queria dizer para ele: ao pé da cama e à sua disposição amorosa. Ficaria naturalmente especificado que essas duas ocupações seriam adiadas para mais tarde, se necessário, em caso de vitória em Longchamp ou de ficar com a banca no bacará, em Divonne. .

— De que falávamos? — perguntou Edma com a sua voz mais aguda, ela só fazia essa pergunta no plural para responder no singular. — Ah! sim, da minha correia. Pois é, eu disse a Kreuze que era para prender meus pianos... Fraco, de acordo, mais do que fraco, concordo com você.

— Mas eu não estou de acordo. Gosto muito de respostas um pouco pesadas como essa. . . muda o ar. . . A gente se sente de volta a uma idade mais fácil de contentar.

— Brincadeira de criança débil mental, se é que me estou vendo bem no espelho. Não, você sabe? Esse cinturão servia ao que parece para prender uma machadinha com a qual os silvícolas fendiam suas achas para fazer calor e para cozinhar. Por que você fica com esse ar de dúvida, senhor Peyrat, por favor?

— Porque esse machado devia ser de um comprimento interminável para que os seus silvícolas pudessem se inclinar sem se magoarem o flanco terrivelmente ou se machucarem na. . .

— Na virilha — completou Edma com benevolência. — Sim, é possível. De qualquer modo, não trago comigo qualquer machado na vida mundana. A gente poderia, deveria mesmo, muito amiúde. . .

— Mas a senhora pratica esse esporte de longe, não?. . . se as minhas lembranças são boas. No mundo envia-se o machado depois ou antes de ter deixado a tenda?. . .

— Ah, mas não se engane. Assisti a soberbos combates a machado! — disse Edma entusiasmada por uma recordação guerreira que dava aos seus olhos uma expressão bravia e sarcástica. — Eu me lembro que um dia, na casa daquela velha louca de Thoune, por exemplo. . . Ora, você não ignora quem é Madame de Thoune?. . . A mais bela coleção de Poliakoff e de de Chirico do mundo, com os Thoune de Nova York...

— Ah sim! eu sei — disse Julien entre dentes. — Então?

— Então essa velha Thoune tinha sido abandonada por um belo sueco, Jarven Yuks. . . o belo Jarven que se dividia entre ela e a pequena Darfeuil... Mas, aliás você talvez tenha conhecido esse Jarven em Nova York? Dirigia as vendas em Sotheby's. . . Um rapaz louro, alto, gênero viking. . . um pouco como o nosso homem forte de Montceau-les-Mines — Edma não hesitara

em encaixar o lamentável jogo de palavras de Simon Béjard sobre o nome de Lethuillier e do seu *Forum*. — Pois é, esse pobre rapaz não foi convidado para um jantar, numa noite de setembro, a que suas duas mulheres tinham sido convidadas por acaso. A senhora de Thoune, portanto, e a Darfeuil, que tinha então sensivelmente a minha idade. . . — disse com um ar, de início, satisfeito, esse "sensivelmente", substituindo com vantagens os "mais ou menos" na sua linguagem e na de suas amigas. (Mas então, apenas lançado, se interrogou-se sobre a oportunidade da palavra "sensivelmente", a propósito de uma coisa tão sensível a todos e que ela dizia lhe ser tão pouco sensível: a idade, a sua idade de que de fato pouco se preocupara durante toda a vida, mas que, à força de tanto dizê-lo, tornava-se ameaçadora. . .) — Ei-la pois à mesa com a Thoune que fala e fala e torna a falar, uma coisa terrível... Uma chuva de palavras sobre o menor terreno de conversa. . . Como lhe dizer, caro Julien! . . Se ela lhe falasse de cavalos ou de banqueiro de bacará você teria ficado com horror dos cavalos e de ser banqueiro, você teria abandonado o jogo! Você se tornaria um homem desposável.

— Mas — disse Julien entre o riso e o medo diante dessa palavra lembrando "casamento", agora que ele pensava nisso (e a loucura do seu coração o acabrunhou por um instante) — mas que idéia engraçada...!

— As coisas não vão bem? De repente o senhor ficou todo perturbado... Foi a palavra "casamento"; é verdade que você nunca passou por isso.

— Então, eu sou tão transparente assim? . . — respondeu Julien um pouco sem graça, embora rindo sem querer.

— Completamente, para uma mulher como eu. Completamente transparente. Para os outros não, fique tranquilo. Eles se perguntam todos o que você realmente faz, mas ninguém se pergunta, em compensação, o que você é em profundidade.

— Ainda bem. Não vejo realmente também em que meus atos e gestos poderiam interessar a quem quer que fosse. . .

Tomara uma atitude humilde ao dizer isso, um ar que provocou reação de alegria incrédula em Edma Bautet-Lebrêche.

— Dizíamos que eu era transparente — insistiu Julien com voz neutra.

— Você deve me achar completamente gagá, não é?

Para essa frasezinha tomara uma voz despreocupada, por demais aguda, que lhe fez emitir um *cuac* e depois uma tosse com a mesma voz de falsete, com o rosto virado.

— Então, Julien, você não responde? O que é que você pensa do nosso diálogo de agora? Não é estarrecedor?

— Acho o início desta conversa esquisito de fato, mas não a sua maneira de interrompê-la — (ele sorria). — Na vida você deve ter

interrompido muitas coisas assim de improviso. Por exemplo, eu não ouvi o fim da sua história da senhora de Tanc.

— De Thoune — retificou Edma maquinalmente. — É verdade, pois foi — (ela retomara sua desenvoltura e já estava aborrecida de tê-la perdido por um instante) — pois é: a senhora de Thoune encontra aquela moça num jantar onde as duas se reuniram por acaso, e onde não foram apresentadas, também por acaso, e onde, por conseguinte, nenhuma delas sabia que a outra era aquela "outra" que lhe roubava um pouco do seu belo Jarven. Uma e outra, em suma, puseram-se a falar do homens, do amor, da covardia dos homens, etc. e por uma vez a chata da faladeira emprestou seu microfone a outra pessoa. Elas se entenderam tão bem a respeito daquele amante repugnante que evocavam juntas sem poder imaginar que se tratava da mesma pessoa, que se animaram e decidiram romper naquela mesma noite, uma e outra, com ele. E no dia seguinte de manhã foi o que fizeram. E quando muito tempo depois souberam a respectiva identidade, riram às gargalhadas e com um riso aliviado. E foi assim que o pobre Gérard ficou sozinho. . . Ele se chamava Gérard, de fato, e não Jarven nem Yuk — concluiu distraidamente.

— Ele morreu? — perguntou Julien com ar triste.

— Mas absolutamente. . . Mas por que você quereria que ele estivesse morto? . . . Ele vai muito bem. . .

— Então já não se chama Gérard? — insistiu Julien.

— Mas é claro, naturalmente! Por que você quer? . . .

— Como assim. . . — disse Julien que, se vendo mal encaminhado, abandonou o assunto. — Você quer um café quente, sua cafeteira deve ter esfriado ... e vamos tomá-lo no bar? Está esfriando.

— Eu queria simplesmente que você me mostrasse o seu Marquet — disse Edma, erguendo-se na sua cadeira antes de se levantar graciosamente (ela o percebeu) e tomar o braço de Julien.

— Receio que não seja perfeitamente digno de você — disse Julien imóvel diante dela, sempre sorridente.

De repente não se sentiu muito bem; estava de novo num terreno minado. Podiam confundir-lo. Ele gostava de uma mulher que não devia gostar de ver seu amante confundido e que não devia ter qualquer ternura pelo tipo de homem que come num bar e não paga. . . ou abusa da confiança. Essa ameaça agora delineada por Edma, essa ameaça que planava desde a partida, sem muito constrangê-lo, de uma forma até então mais do que discreta, tomava atualmente uma tonalidade aguda, introduzia na sua vida uma espécie de desacordo com a de Clarisse, introduzia também um desacordo inelutável no equilíbrio frágil, qualquer que tivesse sido o seu

pensamento, entre o alegre Julien e o Julien amoroso. Esse timbre agudo arriscava parecer singularmente gritante e odioso aos ouvidos de Clarisse.

— Esse Marquet não é absolutamente verdadeiro — recomeçou, inclinando-se diante de Edma. — Receio que ele desmereça o seu grande salão, que tem um ar bastante soberbo, segundo a *Geographical Review*...

— Ora, esta revista aqui?... Engraçado — piava Edma segurando a revista que ele lhe estendia e da qual ela própria depositara alguns exemplares pelos cantos de leitura do navio (e onde se viam, de fato, em comprimento e largura, fotos tomadas de ângulos vantajosos do suntuoso apartamento parisiense dos Bautet-Lebrêche). — É um erro — recomeçou ela friamente. — Um Marquet, assinado ou não, é exatamente o que me falta, meu caro Julien.

— Ah! isso não, assinado ele é, mas ficaria constrangido se tivesse de jurar que é autêntico.

Ele a punha numa alternativa clara, observou ela: ou tornava-se cúmplice ou o denunciava. Optou imediatamente pela primeira hipótese, mas em nenhum instante a moral burguesa de Edma sentiu-se comprometida; Julien agradava-lhe demais para que a menor engrenagem dessa aparelhagem complicada, que lhe fazia as vezes de moral, reagisse.

— De qualquer modo, uma vez que meu querido Armand fique persuadido, e isso graças aos meus juramentos, que importância. . . Aliás — lançou ela pondo-se em andamento na direção dos corredores, um pouco enrubescida por esta última emoção — aliás, se acontecer; ele é capaz de ser verdadeiro, esse quadro... Acho-o bem pessimista.

E Julien, que vira esse quadro terminado e assinado com fervor por um dos seus amigos, tão dotado quanto indelicado, achou essa última frase admirável. Não, não podia vender esse Marquet a Edma, decididamente. Já não seria patifaria, seria mendicância. Esse pensamento o fez parar e, virando-se, Edma deve tê-lo compreendido, porque ficou também imobilizada antes de levantar os ombros e dizer-lhe: — Ainda assim, vamos vê-lo — com uma voz enternecida.

Eric voltara da enfermaria de muito bom humor. Com um bom humor intempestivo aos olhos de Clarisse, depois da última noite, um bom humor que o tornava ridículo e portanto desprezível, muito injustamente, aos seus olhos. E no entanto era um bom humor muito sincero, em Eric: a possibilidade de um adultério depois desse escândalo da véspera à noite parecia-lhe nula; não fora, afinal, enganado a dez metros do lugar onde dormia. Era uma hipótese tão grosseira e tão odiosa para seu orgulho que rejeitou-a imediatamente, como não havida. Aliás, o beijo roubado a Clarisse diante da multidão mostrava bem que não fora dado de boa vontade. Pobre Clarisse, pensou Eric, que rejeitara Julien primeiro e chamara por socorro em seguida (porque essa era a lembrança de Eric), essa pobre Clarisse não era decididamente entusiasmável. Mas houvera um tempo em que ela se arranjaria para não ser importunada por um homem, ou pelo menos para resistir-lhe sem escândalo. Houvera uma mulher hábil e desdenhosa, uma grande dama um pouco *vamp* em Clarisse, que durante muito tempo esnobara, exasperara e finalmente excitara Eric. Que sua virtude da véspera fosse fruto de uma timidez masoquista, mais do que de fidelidade sentimental, era bem menos agradável aos olhos de Eric. Mas, afinal, era divertido constatar que fosse ela, Clarisse, que alimentasse as fofocas de bordo; chegava mesmo a ser cômico.

— Clarisse, virgem e mártir — disse olhando-a no espelho, sentada no seu beliche, os olhos fixos no mar, as mãos trêmulas, o rosto liso e desfeito. (Bela naquele momento. ... Cada vez mais bela, Clarisse.) — Você viu meu camarada de combate hoje de manhã?

— Não — falou Clarisse sem se virar — não vi ninguém esta manhã.

Falava distraidamente com a ponta dos lábios e era uma coisa que Eric não podia suportar em ninguém, muito menos em Clarisse.

— Eu não a incomodo, Clarisse? — perguntou virando-se para ela. —

Você está pensando em coisas apaixonantes? Ou em coisas últimas demais para me comunicar? — (E aí Eric já sorria abertamente diante da inverossimilhança evidente, para quem quer que fosse, Clarisse inclusive, dessas suas hipóteses, e sobretudo a de que Clarisse pudesse ter pensamentos apaixonantes.)

— Sim, sim naturalmente...

Não o escutava, nem ao menos o escutava, e Eric levantou-se tão bruscamente que ela deixou escapar um grito de medo, ficando pálida.

Olharam-se nos olhos por um instante: Clarisse espantada redescobria a cor daquele cristalino, essa cor conhecida e tão distante atualmente, esses olhos pálidos, sinônimos de frieza, severidade. . . Aquele olhar que lhe descobria, que lhe censurava de alguma coisa de novo naquele mesmo momento, sentia-o. E com os olhos sempre fixos nele, esmiuçava aquele rosto, aquele belo rosto repelente. No instante em que formulou esses dois adjetivos corou com violência, corou por ser essa impressão tão forte a ponto de se formular espontaneamente e em termos tão crus. Fez um esforço para se repetir: "Bonito e repelente, belo, eu o acho bonito. Repelente também." Aí está. Havia qualquer coisa de vicioso, abjeto e arrogante nesse maxilar fechado, crispado num horror que se sentia indiferente, fechado sobre palavras horríveis. . . Aquela bela boca espirituosa e desdenhosa, em repouso, aquela boca tão perfeitamente desenhada que não se podia imaginar, nem por um segundo, no menininho que Eric devia ter sido afinal, algum dia.

— Então, nenhuma resposta? Sabe que está-se tornando muito grosseira, Clarisse? Agora?

A voz ferina de Eric sacudiu-a por um instante, e mais uma vez olhou essa boca de dentes brilhantes, arrumados pelo dentista da família Baron, o melhor dentista da Europa e da América, e cujos honorários exorbitantes não tinham desencadeado, nenhuma vez, os raios democráticos de Eric. Aliás, para tudo que a seus olhos eram coisas importantes — sua saúde, investimentos e prazeres — Eric recorria de bom grado aos fornecedores dos Baron, tão naturalmente como lhes censurava os desperdícios quando não se referiam a sua pessoa. Esforçou-se por ser polida com esse homem estranho, exasperado, que lhe gritava quase:

— Em que você está pensando?

— Eu pensava em você quando era criança. . . Sua mãe deve ficar triste de nunca vê-lo. Você talvez devesse...

Clarisse interrompeu-se. "O que é que me deu?", pensou antes de se dar conta que era o seu desejo de bondade, perfeitamente maquinal, de não abandonar Eric à solidão, que a fazia falar assim. Mas, ao mesmo tempo, sabia que ninguém amava Eric o suficiente para não rir de vê-lo abandonado

por ela. . . Ele ficaria primeiro louco de raiva, antes de ficar triste.

— Vou tomar o café da manhã no convés — disse Eric irritado. E desapareceu.

Ficando só, Clarisse respirou fundo, viu-se no espelho, despenteada, com ar inocente e não pôde se impedir de sorrir à mulher que amava Julien Peyrat, a mulher que ele achava bonita, da qual não se cansava, ao que parece de sentir o contato, o calor, a luxúria, a mulher que lhe pertencia, abandonada. . . Levou as mãos às faces, virou a cabeça para o cheiro, o perfume dos seus dedos ainda não desembaraçados da noite. Levantou-se e dirigiu-se à porta, para o convés, para Julien que, sabia, tomava sempre o café da manhã no convés, ele também.

Estava sentado a uma das mesas naquela sala de jantar redundante de sol e de porcelana, e não parecia ver atrás dele as silhuetas sentadas de Eric, Armand Bautet-Lebrêche e Simon Béjard, que lançaram a Clarisse um olhar misto de surpresa e vaga censura, porque àquela hora eram em geral os homens que dispunham da sala de jantar (como, do pequeno salão, os ingleses de boa família). Mas Clarisse não os viu: olhava para Julien, ocupado em estender na sua torrada a manteiga dura demais. A expressão contrariada e as sobrelanceiras franzidas, todo o seu rosto magro e queimado concentrado no ato, o grande nariz bonachão, o pescoço reto, tão viril e adolescente na camisa de algodão, as grandes mãos desajeitadas de ver, mas tão habilidosas porém. . . Clarisse fechou os olhos sobre uma lembrança precisa; ela amou o físico de Julien naquele instante, mais do que jamais amara o físico de quem quer que fosse. Amou as faces afundadas e azuladas pela barba, a aresta do nariz, a boca ampla e carnuda, os olhos tão móveis na sua bizarra cor de acaju, os cabelos um pouco longos demais, como os cílios, em grandes mechas desordenadas, estendidas sobre sua cabeça de ossos tão duros e movimentos tão ternos, com ares de potro. Desejou tomá-lo nos braços, cobri-lo de beijos. Subitamente ele era do seu sangue, de sua espécie, do seu mundo, dos seus amigos. E era o seu semelhante, seu correspondente exato. Certamente teria as mesmas lembranças e a mesma infância. Deu um passo para a mesa de Julien, ele ergueu a cabeça, viu-a e levantou-se, os olhos molhados de prazer, sorrindo sem querer com a violência do seu desejo.

— Senhora — disse ele com voz rouca — eu me desculpo de não a ter segurado à força esta manhã. . . Amo-a e desejo-a — continuou, com o rosto formal e arrependido, destinado às testemunhas ao longe.

— Também o desejo e amo — disse ela de cabeça ereta (altiva de se ver ao longe, mas exageradamente amorosa de perto).

— Eu a esperarei todo o dia no meu quarto — disse ele, sempre sussurrando.

Inclinou-se enquanto ela se dirigia para Eric, cujo rosto, quando chegou perto, demonstrava indulgência cheia de desprezo.

— Então?. . . O seu suspirante desculpou-se? Explicou-se? Estava bêbado ou o quê?

— Pode-se querer tirar uma casquinha da sua mulher sem se estar bêbado, meu amigo — falou Simon Béjard da sua mesa.

— Mas não beijá-la na minha frente, não acha?

A voz de Eric era cortante, mas não pareceu perturbar Simon Béjard em nada.

— Quanto a isso estou de acordo. Beijar a mulher de um outro diante dele é sinal de muito mau gosto. Nas suas costas é mais conveniente.

Eric parou. Não tinha condição, evidentemente, para ditar moral a esse vulgar fabricante de filmes, cuja amante se chamava Olga ainda por cima.

— Certamente, certamente — falou virando-se para Clarisse, sem demasiada agressividade. — Então, o belo pilantra desculpou-se?

— Oh, sim! Certamente. . . — Sorria-lhe do fundo dos olhos. Lançou-lhe um olhar, aquele olhar auto-esclarecedor do amor; Eric ficou paralisado, um instante antes de a ver projetar esse mesmo olhar sobre Simon Béjard e sobre Armand Bautet-Lebrêche que ficaram, eles também, embasbacados, como por um raio de calor. Mas sua estupefação não era nada, perto da de Eric. Perplexo, atingido em alguma parte da sua memória, em alguma lembrança de que não chegava a situar o quadro: o sorriso de Clarisse ao sol, voltada para ele, com aquele mesmo olhar. . . Clarisse cercada de folhas, de flores, de árvores, de vento. . . talvez no terraço de algum restaurante? Ou então na casa dela em Versalhes?. . . Não, não conseguia situar aquele instante nem formular o que fora capital naquele olhar. Nem o que ele queria dizer voltando agora aos olhos de Clarisse. Seria simplesmente seu coração, sua memória de colegial que lembrava Clarisse apaixonada por ele? Clarisse com 25 anos, os olhos líquidos de ternura quando olhava para ele. . . com toda aquela selva em torno dela carregada de brotos azuis como promessas. . . Meu Deus! Meu Deus! Onde ia ele? Que linguagem grotesca era aquela? Sim, Clarisse acreditara amá-lo. Sim, fora bastante esperto para fazê-la crer. Sim, era isso, ela comprara um jovem marido da esquerda e para ele um jornal da mesma tendência, esperando bem trazê-los para as paragens (feia, entre os seus, amarrados ao luxo e ao conforto. . . Sim, ela fingira se interessar pelo *Forum*, fingira ludibriar com ele seus tios reacionários, mas não conseguira chegar aos seus fins. O *Forum* existia e o amor morrera. Só a segurava pelo medo, sabia agora; já que ela pudera

pousar nele aquele olhar apaixonado, provocado por outro, era a melhor prova, a mais evidente de que tudo terminara entre eles e que já não o amava de modo algum, estava tudo muito bem assim. Fizera-a sofrer bastante, a pobre Clarisse. .. Somente... Somente...

Levantou-se de um salto, chegou justo a tempo. Espantou-se confusamente diante desses toaletes de madeira de teca, de não vomitar, ao mesmo tempo que ovos estrelados e torradas, pedaços de pulmão, restos de coração, um fluxo de sangue bebido por engano ao mesmo tempo que o sorriso na boca de Clarisse.

Quando voltou à sala de jantar ela estava vazia, e as vozes alegres de sua mulher, do produtor incapaz, afastavam-se no convés. Ficou imóvel escutando as vozes se apagarem. Foi Olga quem o arrancou do torpor.

— Você está muito pálido, meu amor — disse passando-lhe um lenço sobre as têmporas, com ar preocupado. — Você sofreu algum acidente?

Virou-se com esforço:

— De certo modo, sim. Comi um ovo não muito fresco. Quando penso no preço dos ovos neste navio — gritou de repente — acho o cúmulo. Procure-me o *maitre-d'hôtel* — lançou ele a Olga estupefata, antes de se precipitar até a cozinha.

Aí está, realmente não tem nada de um homem de esquerda, pensou Olga, enquanto ele insultava o cozinheiro e seus auxiliares de forma que parecia excessiva, mesmo, sem dúvida, aos tios Baron. Olga via-o maltratar o pessoal consternado, com esse júbilo de desprezo que dissimulou sacudindo a cabeça aprovadamente quando ele a tomou como testemunha.

— Venha — disse, afinal — essa pobre gente não tem culpa de você ter pago tão caro essa viagem...

— Não gosto que façam pouco de mim. De modo algum. É só isso.

Estava branco de raiva, com náuseas. Sentia-se esvaziado, pastoso e indignado. Chegava mesmo a se perguntar se havia razão para seu discurso. Oh! e afinal não se tratava de socialismo neste navio de luxo. Bastava que esses lacaios esnobes fizessem o seu trabalho convenientemente. Eram pagos para isso, como os garotos do *Forum* por seus encargos, como ele próprio era pago para dirigir esse jornal e como... Só havia Clarisse que era paga para nada fazer.

— Estou desolada, você sabe, meu caro Eric — disse Olga depois de se sentarem no pequeno bar triste situado na escada entre os de luxo e a primeira classe. Essa situação chamada de "conciliação" fizera de fato desse bar uma "terra de ninguém", onde ninguém se arriscava. Os de luxo por desdenharem a primeira classe, e esta por desdenhar esse desprezo. Um velho *barman* preparava para si próprio coquetéis imbebíveis que bebia

sozinho (ou então com algum bêbado do primeiro andar, que sua mulher ainda não tinha pensado em perseguir até esse lugar). Embriagava-se e, já colocado pelo destino entre duas classes, dois andares, dois portos, dois séculos, encontrava-se ainda por cima entre dois vinhos (i. e., ligeiramente ébrio). Esboçou um gesto de acolhida cheio de entusiasmo para os dois recém-chegados e, apesar das injunções de Olga, que já cuidava do fígado, e a indiferença total de Eric, decidiu fazê-los testar uma das suas especialidades mais atraentes: Olga que o vigiava do canto do olho, viu-o com incredulidade crescente jogar conhaque, *kirsch*, hortelã verde, frutas cristalizadas a angustura na sua coqueteleira. Decidiu que, forçosamente, seriam garrafas falsas e, mais confiante (muito erradamente), virou-se para Eric, que lhe perguntava em voz baixa:

— Você está desolada por quê?

— Desolada de ter sido demasiado bem informada sobre sua mulher.

— Isso não tem qualquer importância...

— Ainda assim, esse Peyrat, que patife. Fiquei envergonhada por sua causa. . . Ah! Eric, quando vi você se precipitar em cima daquele animal, fiquei com muito medo... E não sem razão, infelizmente.

— Por que não sem razão? Ela apanhou uma bela correção, ele também, não foi?

Eric estava furioso, e furioso de estar furioso: furioso de não querer ser o vencido nessa rixa imbecil, como se tivesse havido um vencedor e um vencido. Inchava de raiva "sem querer", mas também contra ele: porque parecia-lhe que qualquer pretexto para qualquer sentimento violento aliviá-lo-ia de um sentimento bem menos violento, mas pior, evitar-lhe-ia tornar a pensar naquele olhar de Clarisse, tão promissor a um outro, tão esquecido dele. "Clarisse vai certamente me fazer falta, como toda vítima a seu algoz", tentava dizer a si mesmo, procurava pretender diante do homem ainda agora fulminado por aquele sorriso desamparado; esse homem que recebia, de tempos em tempos, através do tilintar dos copos, as frases tristes de Olga, alegres do *barman*; esse homem que recebia ainda o "sim, certamente" de Clarisse, ainda agora, com um ouvido indiferente, mas que o recebia agora como um golpe sinistro. Esse homem, ele próprio, Eric Lethuillier. Ah! ela ia ver, ia compreender quem era aquele homem que ela acreditava amar... Ia ouvir boas coisas e por outros que não ele, aliás. Enviara um telex na véspera; devia ter uma resposta agora.

— Venha — disse a Olga, interrompendo assim uma dissertação pertinente sobre a versatilidade e a inconstância das mulheres do mundo, teoria que já conquistava a adesão completa do *barman*, visivelmente pronto

a apóia-la com experiências pessoais.

Mas deixando-lhe uma gorjeta real, coisa pouco habitual da sua parte, e a metade dos seus coquetéis, Eric levou Olga para a cabina do rádio: o telex realmente estava lá, de fato, e ultrapassava todas as suas esperanças ou, antes, todas as suas previsões. Fora exatamente ele, Eric Lethuillier, que dirigira de longe o inquérito da polícia secreta para a Brigada Mundana, na seção dos jogos, pois não era por acaso que esse mesmo Eric Lethuillier chegara a ganhar uma aposta: montar e conservar o *Le Forum du Peuple*. Desafio difícil de manter, porém, na França dos anos 70/80, quando a liberdade da imprensa parecia tão tristemente engraçada de se evocar quanto o exercício da democracia. Fora-lhe preciso, para chegar aos seus fins, além da fortuna de Clarisse, uma teimosia, uma ambição, uma má-fé infalível; daquelas que fazem os bons diretores de jornais, e aos quais se juntava, nele, um instinto excepcional a respeito das outras pessoas. E, mais precisamente, o instinto das suas taras. Farejava desde a primeira abordagem a perversidade, a covardia, a cupidez, o alcoolismo ou os vícios nos outros, tão infalivelmente, que passava ao largo das qualidades desse outro, geralmente tão evidentes, porém. Esse fato, que teria feito dele um maravilhoso chefe de polícia, o tinha feito encontrar imediatamente a falha de Julien. O telex vindo da delegacia confirmava mais uma vez essa intuição pessimista. Assinalavam-lhe a existência, nos fichários do Quai des Orfèvres, de um chamado Peyrat, Julien, solteiro, nem alcoólatra nem morfinômano, costumes normais numa vida agitada, mas suspeito de trapacear várias vezes no jogo sem se ter podido provar, e ao mesmo tempo de furtos e falsificações de pinturas (nesse ponto tinha havido uma queixa em Montreal dois anos antes). A menção "não perigoso" terminava esse relatório. E até nesses termos secos e brutais, Eric sentia, no estilo próprio do tira que o redigira, planar como uma fraqueza por esse bom camarada Julien, tão francês, tão bom sujeito...

"Tão medíocre, sim. . .", martelava Eric selvagememente para si mesmo e, sem querer, para Olga, de novo sentada diante dele no grande bar, tão selvagememente que ela teve um vago sentimento de pena e de medo com relação a Peyrat.

Olga esperava com calma que Eric terminasse a leitura diante dela, Olga Lamouroux, a esperança do cinema francês, ela, insensível à grosseria desse homem à sua frente, ela, apalpando no bolso um outro envelope, dirigido a ela e vindo dos *Echos de la Ville*, o jornal das fofocas onde trabalhava o seu antigo flerte, o jornal escandaloso e bem-informado sobre os costumes e manias cabeludas ou encarnecidas de Paris inteira. Eric levantou os olhos, pareceu se aperceber da sua presença e, sem uma palavra

de desculpas, dobrou as folhas e colocou-as no bolso.

— Você não bebe nada? — perguntou, menos como pergunta do que como afirmação. E continuou. — Bem, então até daqui a pouco.

Levantou-se, e teria desaparecido sem mais manifestação sentimental se Edma, chegando bruscamente à porta do bar, não o tivesse feito se abaixar de repente, todo carinhoso, sobre o rosto de Olga, impávida e sorridente de raiva. Olga olhava-o se afastar antes de abrir, por sua vez, o envelope azul, de onde tirou com lentidão e uma espécie de prazer ácido os ecos sobre seu amiguinho. "Lethuillier, Eric: aluno bolsista de origem pequeno-burguesa, mãe viúva, recebedora-chefe dos Correios de Meyllat. Reformado por distúrbios nervosos, diplomado pela ENA (Escola Nacional de Administração), marido de Clarisse Baron. Nem homem, nem mulher, nem vício especial. Exceto a ENA." Virou e revirou entre as mãos decepcionada e intrigada. Era bem a primeira vez que os *Echos* não encontravam algum horror na vida de alguém. Procurou, ainda assim, na sua memória o que não estava certo, mas sem conseguir determinar.

Julien fora obrigado a levar Simon Béjard para ver de novo o seu Marquet e Clarisse os seguiu:

— É lindo, decididamente! Por que você não o pendurou mais cedo, logo à saída de Cannes? Aí está uma companhia ideal, não é? — dizia ela diante da parede em que o Marquet substituíra de vez o quadro habitual.

Parou, enrubescceu, e Simon com sua grossura habitual e vigorosa aumentou seu embaraço.

— E então, Clarisse! Ele talvez estivesse ali desde a partida? Como você poderia sabê-lo?

E estourou numa gargalhada sardônica que levou Clarisse a lançar um olhar desamparado a Julien.

— Diga-me, meu velho — começou Julien com uma bela voz grave. — Diga-me, meu velho — repetiu com ar tolo e digno, o que redobrou a hilaridade de Simon.

— Diga-me o quê? Eu não disse nada. . . só que a senhora Lethuillier não podia ter visto este quadro. Só isso.

Inclinou-se para o suposto Marquet, franzindo os olhos, os calcanhares juntos, o que ressaltou a sua proa e a sua popa de forma desgraciosa.

— Mas diga-me. . . mas diga-me. . . — resmungou — você sabe que ele é muito bonito, o seu Marquet. . . Sabe que é um bom negócio, um Marquet dessa época por 50.000 dólares. . . Por Deus, senhor Peyrat, andar com isso entre duas camisas, uma escova de dentes e um *smoking* é muito mais chique do que carregar dez ternos de popelina com detalhes, como eu. Você tinha medo que a paisagem não fosse suficiente para seus apetites artísticos, meu velho?

— Ele caiu nas minhas mãos no último dia — disse Julien, distraído e preocupado.

A lista dos eventuais compradores reduzia-se cada vez mais. . . Não,

não podia fazer isso com Simon; com Edma já estava perdido; restavam-lhe ainda um tabelião, a Sra. Bromberger, o americano, a Diva ou Kreuze. . . Mas este era visivelmente unha-de-fome. Precisava, contudo, vender sua bela falsificação nem que fosse só para levar Clarisse dez dias a um lugar confortável, dez dias no final dos quais o conforto lhe seria indiferente para sempre ou, pelo contrário, não lhe serviria para nada.

— O que você acha, Clarisse? — perguntou Simon com voz de falso.

E Clarisse sorriu a Julien antes de responder:

— Nada mal.

Ele se inclinou para ela perguntando: — Então? — em voz baixa enquanto Simon, com as mãos em anteparos diante dos olhos, aproximava-se e recuava do quadro com a mímica de fino conhecedor, certamente tomada de um mau filme. Balançava a cabeça com convicção, como se aprovasse seus próprios pensamentos, aliás secretos, e foi com um sorriso resignado e um pouco cansado do amator satisfeito no seu esteticismo que voltou-se para Julien.

— É verdade — disse — é da boa época e não está caro por isso. Posso-lhe dizer que não é um pastelão, essa massa não é um guache. . .

A expressão de Julien parece ter sido irresistível a Clarisse, pois ela girou sobre os calcanhares e dirigiu-se para o banheiro, sem qualquer explicação, fechando a porta atrás de si. Os dois homens ficaram sós e, abandonando a pintura, Simon Béjard passeou o olhar de Julien até a porta do banheiro, da porta do banheiro para a cama e da cama para Julien com a mesma expressão de aprovação admirativa de pouco antes, com um laivo de lubricidade. Julien ficou frio como o mármore diante dessa cumplicidade masculina. Mas o mármore nunca fizera Simon Béjard recuar.

— Meus cumprimentos, meu velho. . . — sussurrou, com uma força que se fez ouvir através de três divisões de parede. — Meus cumprimentos... Clarisse, *fiu-fiu*, principalmente de cara lavada. . . Uma bela peça, meu velho, como o Marquet. Você tem aí dois belos prêmios, senhor Julien Peyrat, e nenhuma falsificação, hem?... .

E Julien, que o teria sacudido ou batido noutras circunstâncias, concordou sem querer com a asserção "nenhuma falsificação", coisa de que se arrependeu de imediato.

— E como vai com Olga? — perguntou rapidamente, mas lastimando-o logo, quando viu a lubricidade e a animação desaparecerem do rosto de Simon, agora vermelho cor de telha.

— Vai indo — disse entre os dentes. Depois, reanimando-se. — Eu não lhe posso tomar a Clarisse, meu velho, infelizmente, mas o quadro, eu o pego. Isso pelo menos é coisa sólida. . . Se eu sofrer um golpe duro, e no cinema, hem, isso acontece, vai me valer para uma emergência. E as

emergências às vezes custam uma nota preta. O que foi que houve, meu velho? Em que está pensando?

— Gostaria de esperar pelo certificado do vendedor australiano — disse Julien, balbuciando e se detestando pela fraqueza. — Eu sei que ele é bom mas seria preciso ver os papéis. . . Na pior das hipóteses eu os teria em Cannes ao chegarmos. Mas você terá a prioridade, eu lhe juro — concluiu, de repente apressado, empurrando Simon Béjard para a porta.

Simon protestava, falava de coquetéis, mas lembrando-se de súbito dos amores culpados de Julien, confundiu-se em desculpas e fugiu numa falsa pressa bem mais constrangedora do que seu enraizamento. Julien apoiou-se à porta depois da saída e puxou o ferrolho. Não ouvia qualquer ruído no banheiro, Clarisse nem mesmo acendera a luz ao se refugiar ali, e hesitou um pouco na porta diante do escuro misterioso. Só a mancha branca do corpo de Clarisse luzia fracamente e foi para ela que se dirigiu, com as mãos à frente com um gesto de autoproteção e súplica ao mesmo tempo.

Simon Béjard, toalmente enternecido, julgava, com aqueles amantes, voltou de humor sentimental para sua cabina e ali encontrou Olga estendida, com os olhos no teto e enrolada numa das posições graciosas de que ela gostava, com uma das mãos, um pouco fortes e um pouco vermelhas aliás, pousada no coração, e a outra pendente da cama, quase tocando o carpete. No seu impulso, Simon atravessou a cabina, inclinou-se, pegou aquela mão abandonada e beijou-a com a maleabilidade de um pajem, pensou, ao levantar-se com o rosto vermelho pelo esforço.

— Vai acabar rasgando a sua bermuda — disse Olga friamente — estou avisando.

— Você me fez comprar duas dúzias — respondeu Simon, amargo.

E, por sua vez, estendeu-se com as duas mãos por trás da cabeça, bem decidido a ficar em silêncio, ele também. Mas ao cabo de três minutos, estalou, incapaz de rancor, como era incapaz de resistir ao desejo mais tenaz que jamais tivera, e que era de compartilhar seus projetos com essa jovem, a quem em nada interessavam, essa jovem que ele podia dizer sua, sem rir e sem fazer rir qualquer grupo de indivíduos.

— Pensei no seu papel, sabe? — falou, sabendo que pelo menos com esse assunto poderia extrair de Olga algo mais do que borborigmos e suspiros fatigados.

— Ah, sim? — respondeu ela, com efeito, a voz viva e a mão bem acima do carpete, já no queixo, e os olhos fixos nele com expressão ávida e interessada que, se dava bem conta, só lhe vinha do seu rótulo de produtor, faiscando acima da sua cabeça desde Cannes e seu festival.

Teve vontade de dizer de repente "eu desisto" ou "não vai ser possível", dizer alguma coisa que arrancasse fluxos de lágrimas de desespero a essa jovem sem coração, que não se embaraçava como Clarisse Lethuillier (no entanto mais velha do que ela), essa moça que não corava, não cometia gafes, não passeava sobre os homens que não conhecia um olhar amoroso

destinado a um outro, essa moça que não tinha medo nem desejo de outra coisa que não fosse o fracasso ou o sucesso da sua carreira. Uma carreira de andorinha, de pássaro sem cabeça, uma carreira de reflexos, de artimanhas e atitudes das quais a mais falsa seria finalmente a melhor, e à qual se agarraria sem saber por que, da qual faria sua lenda e sua máxima, por trás da qual se alimentaria, enriqueceria, se desesperaria e envelheceria no desespero e na solidão, talvez na embriaguez, cada vez mais rara com o passar do tempo, de saber que era conhecida de múltiplos desconhecidos; esses desconhecidos múltiplos e abstratos aos quais ela atribuía, como muita gente de sua profissão, gostos e desgostos, fidelidades e excessos que teriam feito desse público, se essas suposições fossem verdadeiras, um monstro doente, débil de espírito e sanguinário. O público era o deus deles, dela e dos outros, um deus bárbaro que adoravam como os selvagens mais primitivos da África, um deus do qual veneravam os caprichos, detestavam as desgraças e desprezavam os indivíduos tomados um por um, quando pediam autógrafos, do mesmo modo como diziam adorá-lo quando estava escondido no escuro, invisível, e todo-poderoso, decidido a aplaudi-los.

A pobre Olga jamais amaria alguém, nunca amaria os seres humanos, um homem, uma mulher ou uma criança, com o ardor, o sombrio ardor, não longe por vezes da grandeza do amor que dedicava a esse rebanho de desconhecidos. E ele, Simon, não passava de um intermediário entre ela e esse amante de mil cabeças, que seria detestado como um embaixador desastrado, se lhe trouxesse uma resposta negativa, e adorado até a afetação do amor se lhe trouxesse, pelo contrário, os "bravos!" desse mesmo amante monstruoso. Aliás, Olga teria razão em odiá-lo ou amá-lo porque seria só dele, Simon Béjard, que dependeria finalmente esse fracasso ou esse sucesso: dependeria da escolha que fizesse para ela: para ela, Olga Lamouroux, a quem ouvira dizer com a mesma convicção: "Prefiro filmar com X que tem talento e que não vende um lugar. . . porque isso é cinema", como também que: "Prefiro filmar com Y que agrada ao público, porque, afinal, o público é que é verdadeiro". Olga, que acreditava com toda a segurança nessas duas teorias opostas e que de qualquer modo só sonhava com uma coisa: pôr seu nome no pequeno espaço em branco que lhe mostraria o indicador de Simon sobre o papel cheio de sinais misteriosos, que se chamava "contrato" para os produtores e "vida" para atrizes da sua idade e outras. E até o fim da sua existência, quer Simon lhe tivesse dado a representar filmes-bombas triunfantes ou obras-primas desdenhadas, ele continuaria sendo aos seus olhos, ainda assim, o homem com o indicador pousado naquele primeiro contrato importante. E aquele homem teria sido mais importante que seu primeiro amante ou primeiro amor.

— Então?. . . — disse Olga — o que é que está pensando para esse papel?. . .

Havia na sua voz ligeiro laivo de incredulidade como se "pensar" fosse um verbo um pouco pretensioso em relação a Simon Bégard. Ele sentiu isso, hesitou em se mostrar ofendido, mas levantou os ombros e se pôs a rir de bom coração. Pensava em Clarisse e Julien, como os tinha deixado naquela grande cabina ventilada pelo ar do alto-mar vindo pela vigia aberta, como deixara Julien de pé, com ar incrédulo e sorridente, rejuvenescido por aquela expressão de dúvida, rosto virado para o banheiro obscuro onde o esperava essa mulher encantadora e assustada, essa Clarisse com a qual sem dúvida sonhara sem o saber toda a vida, e da qual jamais teria a mínima cópia. Pensava no que teria atraído Julien para Clarisse, e o que os haveria reunido, no instante em que ele pensava nisso, no escuro, no medo e no vento daquele banheiro semelhante ao seu; ele os imaginava esbarrando um no outro no escuro, com o desajeitamento dos grandes desejos, e imaginava ao lado aquela cabina aberta ao sol, o mar azul metalizado batendo na vigia, os reflexos da madeira polida e o Marquet secando sua neve nesse sol imprevisto. E a câmera já seguia Simon no seu sonho, atravessava a cabina num movimento lento e pacífico seguido de música pacífica e lenta; a câmera parava diante do banheiro com a porta entreaberta, a câmera atravessava uma zona negra e imobilizava-se no rosto virado de Clarisse, os cabelos colados à testa, os olhos fechados e a boca entreaberta sobre palavras sem nexos.

— Mas em que você está pensando? — disse Olga. — Você está com um ar... E num papel para mim que você está pensando, ou o quê?

— Não — falou Simon distraidamente — não para você. . . — E gastou 20 minutos para reparar os estragos dessa frasezinha. Mas isso não tinha importância. Já sabia quem ele não iria chamar, em todo caso, para filmar essa cena. Não seria Olga, e infelizmente também não seria Clarisse. Mas acabaria por achar uma mulher que se parecesse com essa imagem.

Pela primeira vez desde a partida de Cannes, Charley se encontrava face a face com Andréas. Tinha sua experiência em pederastia com mestres muito informados e cuja divisa única e definitiva era esse "nunca se sabe", que já fizera suas provas, como se dizia. Essa obstinação, essa fixidez do desejo, essa crença cega que bastava um nada para que qualquer indivíduo de qualquer sexo pudesse esquecer por uma hora que a normalidade lhe interditava amar o seu, fora a bíblia e consolo do nosso infeliz comissário de bordo. Ali tinha Andréas sozinho ao seu alcance, Andréas apoiado na amurada com seus belos cabelos fluando ao vento, o rosto repousado pela felicidade ou a segurança reencontrada de que essa felicidade era possível. E olhava-o com o desespero delicado que traz a inacessibilidade, mesmo recusada. Não era possível, pensava, detalhando tudo que na beleza do pobre Andréas coincidia com as normas estéticas e sexuais das pessoas do seu gênero: o pescoço dourado, os olhos vulneráveis, a boca fresca, o torso delgado e forte ao mesmo tempo, as belas mãos, o aspecto tão perfeito, cuidado e trabalhado como o tesouro que era para seu proprietário; tudo isso devia, lógica e infalivelmente, lhe trazer Andréas e levá-lo a sua cama. Um rapaz de 25 anos não tinha unhas tão bem tratadas, nem corte de cabelos tão especial, nem isqueiro, botões de punho, canetas tão harmoniosamente combinadas, nem esse lenço de seda amarrado de lado com desenvoltura, nem essa maneira severa e plácida de se olhar num espelho e de acolher como evidentes os olhares admiradores que essa beleza provocava nos homens e nas mulheres, com essa calma e essa segurança, nesse caso totalmente femininas. Charley via Andréas narcisista, Charley sabia que o narcisismo levava à homossexualidade, Charley não compreendia que Andréas estivesse aos pés da Diva, enquanto ele, Charley, estava aos de Andréas.

— É um absurdo, a gente nunca se vê — comentou sorrindo, com um sorriso forçado (porque bruscamente Andréas sozinho com ele, Andréas acessível, talvez. . . isso tornava-se tão inquietante quanto delicioso. E você não vai dizer que a culpa é minha —disse fazendo caretas sem querer, de forma demasiado caricatural, mas que provocou apenas uma expressão de surpresa sobre o belo rosto impávido diante dele.

— Por que seria culpa sua ou minha? — perguntou Andréas rindo. — E, aliás, de que culpa se trata?

— Isso eu ainda não sei — respondeu Charley com um riso sonoro.

Porque Charley, inversamente ao seu tato e finura na vida de todos os dias, tão compreensivo e intuitivo, mesmo, como comissário de bordo e criador de diversões para os ricos entediados, tornava-se o próprio tolo, pesadão e desastrado quando se entregava à sua tendência e se afeminava para agradar. Era encantador em *blazer*, insuportável em camisolão árabe. Enfim, parecia tão natural quando simulava virilidade quanto exagerado quando se entregava ao seu natural. Em suma, Charley, quando retomava seu posto de combate, o duro, incessante e doloroso combate da pederastia, parecia caçar dela e torná-la derrisória. Essa contradição, que lhe fora pesada em muitos casos, também lhe evitara em muitos outros que lhe quebrassem a cara, ninguém podendo acreditar que um indivíduo adulto pudesse ciciar e desmunhecar dessa maneira senão por derrisão. Andréas e ele lançaram-se, portanto, por um instante, olhares desafiadores; Charley de coração batendo dizendo-se: "Desta vez ele me compreendeu", e Andréas se perguntando o que agitava assim esse tipo encantador e a quem parecia fazer alusão com toda essa pantomima.

— Eu não entendo — disse ele sorrindo. — Desculpe-me, mas eu não entendo.

— O que é que você não entende, meu querido? — disse Charley batendo com os cílios. — Você não pode ou não quer entender?

E aproximou-se de um passo, com um sorriso forçado parado nos lábios, o coração na garganta, demonstrando aquele sorriso diante dele como uma bandeira branca que poderia levantar de repente em sinal de boa vontade, se as coisas se deteriorassem. E era um rosto de mártir que oferecia assim aos olhos de Andréas estupefato, um rosto obsequioso, — falsamente alegre, afobado, um rosto que se forçava a adiantar, tenso da testa ao maxilar, até tremer diante do golpe que talvez lhe dessem. Andréas recuou de um passo e Charley, esgotado, aliviado com sua derrota provisória, quase renunciou a continuar a batalha. Foi-lhe preciso recorrer a toda sua disciplina para recomençar o assalto. Mas desta vez com o rosto grave e triste de censura e de desgosto, supondo substituir o rosto alegre e cúmplice da aventura e do prazer. Curiosamente, esse rosto tranquilizou Andréas, que, se

por um lado não podia compartilhar daquela alegria incompreensível, estava pronto a compartilhar de um desgosto sempre acessível.

— Você sabe que me faz sofrer — gemeu ternamente Charley, vindo se apoiar perto dele e lançando sobre o mar calmo olhos agitados, percorrendo-o da esquerda para a direita como perseguindo um tubarão estróina.

— Eu?. . . Eu lhe dei algum desgosto? — perguntou Andréas. — Mas quando? Por quê?

— Porque parece só olhar essa criatura de sonho: nossa Diva nacional. Parece esquecer todos os seus velhos amigos neste navio. . . Vejamos, não me diga — continuou, diante dos olhos arregalados do seu belo amor (que ele acabaria aliás por considerar imbecil, tanto ele pisava no mesmo lugar) — que um rapaz como você não pode enfrentar vários amores. Você não tem o físico de um homem fiel, meu queridinho. . . Seria demasiado injusto para os outros, que o amam tanto quanto a nossa Diva...

Os olhos de Andréas, aqueles olhos azuis-claros e ingênuos como os de certos soldados nos medalhões da Guerra de 14, pararam um pouco acima do seu ombro, as sobrancelhas franziram-se e Charley pensou ouvir o estalido por trás dessas venezianas abertas, uma máquina um pouco enferrujada de diapositivos e que apresentava a Andréas, em ordem, todos os rostos suscetíveis de amá-lo "tanto" nesse navio. Viu passar Clarisse, Edma, Olga, viu a máquina parar, depois retornar de trás para diante Olga, Edma, Clarisse mais lentamente, relanceá-las a galope mais uma vez antes de parar simplesmente com um ruído de catástrofe e de ferragens sobre ele, Charley Bollinger, que era efetivamente quem o amava na mesma medida. O rosto de Andréas congelou-se, uma espécie de espasmo subiu da sua garganta e murmurou:

— Oh, não, por favor! — com voz suplicante e que teria feito rir Charley até as lágrimas, vindo desse rapagão, se já não estivesse à beira de outras lágrimas. Sentiu-o a tempo e com um rugido incompreensível virou-se e correu para sua cabina e para o único homem estável de sua existência: o Capitão Ellédocq.

Andréas o viu partir com uma expressão desolada e culpada, e depois, como se acordasse, correu a dizer tudo à sua amante.

O *Narcissus*, segundo o seu programa devia ir até Alicante antes de atingir Palma. Alicante, onde beberiam xerez escutando De Falia tocado por Kreuze e a grande ária da *Carmen* cantada pela Doriacci, se ela desistisse do *Au clair de la lune*, naturalmente. Esses climas espanhóis deixavam prever alguns paroxismos passionais. Mas o siroco levantou-se de súbito, soberano dos corações e sobretudo dos corpos, e prendeu na cama quase todos os heróis desse cruzeiro. Agarrados aos lençóis e às náuseas, todos renegaram seus sentimentos ou só os sentiram reduzidamente. Os elementos triunfaram sobre a maioria dos passageiros de luxo, com exceção de Armand Bautet-Lebrêche, que passou o dia justificando sua fortuna passeando com passo distraído pelos corredores inclinados do *Narcissus*. Detestava contudo a solidão no sentido físico do termo, estando desde a infância votado e resignado à solidão moral.

O *Narcissus* refugiou-se, portanto, no fim do dia por trás da ilha de Ibiza, queimando numa noite interminável e enfadonha uma das suas escalas favoritas.

Em Palma, tão logo o *Narcissus* atracara já os passageiros desciam precipitadamente. Todos se extasiavam ante o bom ar dessa ilha ardente, como se o *Narcissus* fosse um cargueiro chumbado ou como se desde Cannes tivessem jogado os passageiros de luxo no fundo dos porões. Para falar a verdade, uma brisa marinha varria cada recanto do *Narcissus*, mas alguma coisa se deteriorara definitivamente na atmosfera. Uma espécie de estagnação ameaçadora parecia pesar sobre o convés e, pondo à parte a Doriacci e Kreuze, que tinham conservado seu bom apetite, as bandejas do café da manhã tinham voltado intactas para as cozinhas. De certo modo, o jogo estava feito... Todos sentiam isso, estivessem ou não diretamente implicados, e tal sensação dava um tom sinistro a cada frase. Até Edma Bautet-Lebrêche, experiente, contudo, nessas situações, habituada a transformar acontecimentos notáveis em circunstâncias fúteis, mesmo a bela Edma tinha dificuldade em manobrar seu pequeno mundo; os jogadores tinham ficado demasiado nervosos, todos: até Julien Peyrat que mostrava um rosto tenso, de sobrolho franzido, longe da sua displicência habitual. A única a aproveitar-se aparentemente dessa tensão geral foi, por uma estranheza da sorte, Clarisse Lethuillier. Recomeçara a se maquiar, mas agora com habilidade: faces afundadas, olhos mais claros e olhar mais nítido; sua beleza se afirmava, deslumbrante. Todos a olhavam, do Capitão Ellédocq ao foguista. Olhavam-na passar, no braço invisível do seu louco amor. A felicidade sobrepujara tão facilmente sua perplexidade, que eternecia por momentos até a própria Olga. Enfim, só bebia demais à noite, encomendando ela própria suas doses.

Em Palma todos os jornais franceses chegados na véspera foram recolhidos pelos cuidados de Olga, nas barbas de Eric Lethuillier, que descera, porém, quase de braço com ela, numa indiferença geral, o folhetim sentimental do navio tendo sido visivelmente garantido por Julien e Clarisse,

cujo idílio passara à frente, de um só golpe, do romance de Olga e da Doriacci. Esse fato irritava Olga: embora se felicitando pela afronta feita a Eric, gostaria, ainda assim, que os ecos e os sussurros lhe fossem reservados e não a essa pobre Clarisse. Continuava a chamá-la de pobre Clarisse para poder continuar a lamentá-la, evitando assim invejá-la. Porque, por uma reviravolta total, era agora inveja que Clarisse suscitava, e, por conseguinte, Julien.

Olga foi a primeira a subir a bordo com os jornais apertados sob o braço, com cuidados excessivos, poder-se-ia dizer. Eric Lethuillier seguiu-a de perto, com ar bem contente de si mesmo, e, um pouco mais tarde, Julien, que passara a tarde a telefonar. Enfim, às oito da noite, todo mundo estava reunido no bar do convés e todo mundo sorria como se esse passeio em terra tivesse clareado os humores. Só Andréas tinha aspecto triste, mas era porque a Diva ainda não chegara, estivera fora toda a tarde e ainda não voltara duas horas antes do seu concerto. Era isso que o Capitão Ellédocq observava, esvaziando com grande ruído chope após chope, sob o olhar reprovador do *barman*, habituado a servi-los na cabina do capitão, onde todos esses ruídos de aspiração perturbavam menos a atmosfera.

A seu favor, convém dizer que o Capitão Ellédocq ficara excessivamente impressionado pela briga da véspera. Contrariamente ao que se poderia acreditar, tendo em vista sua corpulência e gabarito, tendo em vista também seu ar ditatorial, o Capitão Ellédocq não era um homem belicoso. Não era um desses marinheiros sólidos de punhos rápidos que, nos romances de Jack London, abatem-se como carvalhos uns sobre os outros depois de 100 *uppercuts* e 20 garrafas: pelo contrário! O Capitão Ellédocq só tomara parte em duas rixas na sua longa, senão movimentada, carreira, e ainda assim a contragosto, quando, tratado de bobalhão, saco de pancada, contudo e covarde, teve que protestar e avançar em cima de quem o insultara para" não envergonhar sua tripulação. Aliás, das duas vezes, fora literalmente posto em pedaços por homens menores: um cabo irlandês e um cozinheiro chinês. Os quais, em dois tempos e três movimentos, tinham mandado Ellédocq, com seu boné e sua autoridade, por cima do piano e dos tamboretas desses locais de pecado. A rapidez, portanto, da violência da briga de Julien e Eric enchera-o de admiração sem limites tanto por um como por outro desses dois passageiros, aos quais até então reservara um sólido desprezo, tanto de indulgência com relação a Julien (treinador de cães e mundanos), mas não em relação a Eric (jornalístico, para comunistas). Entretanto, tal admiração era acompanhada de terror, pelas consequências desse grave incidente. A estada de um na enfermaria e os boatos que corriam das boas graças do outro redobram o seu pânico. Já se via recebendo no convés manchado de sangue os quatro irmãos Pottin e o comissário de

Polícia de Cannes, ou até mesmo o ministro do Interior, a quem confessava chorando não ter feito reinar a ordem a bordo, conforme sua obrigação. O capitão passeara portanto um rosto preocupado toda a manhã e toda a tarde, o que fez com que Charley, notando, fosse um bom conselheiro, ao menos uma vez. Era preciso que o próprio Ellédocq, com um ramo de oliveira entre os dentes, como pomba, fosse ver os combatentes para lhes arrancar uma promessa de paz. O capitão começara por Julien Peyrat, cujo Marquet, de que todo mundo falava a bordo, dava pretexto à visita.

— Belo trabalho. Bonito — resmungou Ellédocq à guisa de comentário, quando se encontrou na cabina de Julien, e diante daquela paisagem de neve.

— O senhor aprecia? — perguntou Julien Peyrat com olhar oblíquo, mas sorrindo amavelmente.

E Ellédocq tornara a resmungar:

— Belo trabalho, belo trabalho — desta vez com espontaneidade. Hesitava em se lançar. Uma espécie de pudor viril impedia de solicitar a esse adulto, esse homem que tinha no máximo 15 anos menos do que ele, a promessa de não bater num tipo da mesma idade (como se fossem dois garotos na mesma escola, e Ellédocq o inspetor principal). Ellédocq assoou-se então cuidadosamente, e tendo inspecionado o lenço, dobrou-o e tornou a pô-lo no bolso para grande alívio de Julien.

— O senhor e o camarada do *Forum* — começou — foi um caso sério. *Bing, bang* — acrescentou, batendo com o punho na mão com vigor para ilustrar e esclarecer suas afirmações.

— Foi — disse Julien intrigado — de fato. Lamento muito, comandante.

— Vai recomeçar logo? — inquiriu Ellédocq em tom arrogante.

Julien pôs-se a rir.

— Não fiz planos de antemão. Nada lhe posso garantir. Gostou tanto assim? Nada mal uma briga de fato, hem? — recomeçou com ar contente consigo mesmo, de súbito, olhos brilhantes.

E Ellédocq se perguntava se não teria feito melhor evitando esse assunto, visivelmente objeto de delícias para Julien.

— Brigas proibidas neste navio — recomeçou com severidade. — O senhor e os outros presos da próxima vez.

— Preso! — Julien estourou em gargalhada. — Preso? A esse preço? Comandante, o senhor não vai prender pessoas que pagaram nove milhões por um cruzeiro de oito dias ao ar livre. Ou então ponha também Hans-Helmut Kreuze e seu piano! Nosso bom Hans-Helmut com as suas partituras, se não quiser que nós nos façamos reembolsar. Seria agradável, aliás, a música, acorrentados, etc.

O capitão teve que se retirar sem obter segurança da parte desse

doidivas, mas teve muito mais sucesso junto ao outro chato, que ficou plenamente de acordo, para grande surpresa de Ellédocq. Eric Lethuillier mostrou-se mais do que pronto a fazer as pazes, pronto a selar a promessa com um aperto de mão de homem a homem com seu antigo contendor. Sem se demorar sobre a expressão de espanto, até de temor, apresentada pela ex-mulher-palhaço testemunha de entrevista, Ellédocq trouxe portanto esse oferecimento ao primeiro dos combatentes que, surpreso ele também, ao que pareceu, só teve que segui-lo até a cabina de paz e decidiu-se. Ellédocq deixou-os então, encantado consigo mesmo. E ficou muito espantado, ao terminar o relato das negociações a Charley e Edma Bautet-Lebrêche, em plena tagarelice, por não receber a curiosidade nem o entusiasmo que merecia. Na verdade, essa paz deixava um rastro de muitas suspeitas e muitos temores.

Ao mesmo tempo que frutas frescas, alimentos frescos, flores para os vasos e o correio, a peste introduzira-se no *Narcissus* sob a forma de jornais. De um jornal, sobretudo. O mesmo que Olga escondia na bolsa e que, na sede dos Cruzeiros Pottin, alguém achara engraçado juntar aos jornais do dia. Foi Armand, a quem naturalmente isso menos interessava, que caiu nesse jornal, e o conservou por muito tempo com seus jornais financeiros. Não compreendeu aliás, nem mesmo mais tarde, a insistência dessa Olguinha em segui-lo por toda parte, fazendo gaiatices, pedindo-lhe conselhos sobre a bolsa. Finalmente, abriu o jornal. Lançou muitos "Ah, oh", vendo a foto fatal, e, depois de ter lançado por cima dos óculos olhares furtivos à jovem, desapertando com o indicador a gravata quadriculada, disse:

— A senhora está muito bem nessa foto, a senhora é muito fotogênica, realmente.

— Sou — disse Olga levantando os ombros. — O senhor Lethuillier também não está nada mal — acrescentara, com o mesmo tom distraído antes de dizer "O senhor permite", e afinal pôr a mão no jornal e fugir com ele.

Entrou na cabina, fechou o ferrolho, sentou-se na cama ofegante. Parecia ter uma bomba nas mãos. Hesitava, ainda dividida entre o temor do que poderia fazer o belo patife uma vez ciente, e a irresistível vontade de ver seu rosto diante desse artigo. Diante da foto, como diante do texto, cuja legenda repetia-se gravada na memória desde a primeira leitura. Não podendo se decidir, foi pedir conselho, mas já era uma decisão que tomava porque, em vez de ir consultar Edma, que, com seus reflexos de mulher do mundo hostil a todo escândalo, aconselhar-lhe-ia silêncio, como da primeira vez, ela foi procurar a Doriacci, cujo comportamento durante todo esse cruzeiro indicava, sem dúvida alguma, uma ligeira paixão pelo estardalhaço. Mas para seu grande desapontamento, esta briga aparentemente não fazia

vibrar o instinto guerreiro da Diva. Suas pupilas inflamaram-se de início, como faróis, mas logo depois baixaram e parecia assim querer se manter.

— Não convém fazer isso — disse, balançando o jornal dobrado sobre si mesmo e agitando-o um pouco como uma matraca, pensou Olga impressionada. — Não convém porque já está tão difícil, tudo isso... Ela tem medo, ele é ruim, o outro. Não convém exasperá-lo, compreende? — disse a Doriacci, cujo rosto mudou por um instante e transformou-se no de uma mulher comum italiana, séria e compadecente. — Você sabe, eles se gostam realmente.

— Quem eles? — perguntou Olga com irritação, retomando o jornal. — Ah, sim, Julien e Clarisse. . . Eu sei, sim, eu sei — acrescentou com um sorrisinho irônico que imediatamente desencadeou a raiva da Diva.

— Você sabe!. . . O que é que sabe? Como é que sabe? Não pode saber. A rigor, você pode representar amor, e só isso. E ainda o que lhe digo é a extremo rigor. . . Desconhece tudo da gratuidade, minha pobre menina, e dos grandes sentimentos. Já se acredita uma vedete e pensará toda sua vida que isso significa alguma coisa, é só isso. E eu fico com esse jornal — gritou, arrancando grosseiramente a matraca das mãos de Olga, que ficou de boca aberta, indignada.

— Mas. . . mas... — balbuciou ela, ficando vermelha — mas.. .

— Mas nada! — falou a Doriacci, empurrando-a porta afora e batendo com as mãos uma na outra no estilo "uma boa coisa feita".

Ficaria menos entusiasmada se soubesse que Olga tinha 15 exemplares iguais no quarto.

Era bem de Clarisse que Edma falava, mas suas palavras aplicavam-se perfeitamente a Olga e esta, não pensando jamais que se falasse de alguém que não fosse ela própria, tomou isso para si e ficou maravilhada com a lucidez de Edma Bautet-Lebrêche. "Esse coração seco no fundo não era tão seco, já que a hipersensibilidade, o hiperesnobismo de Edma Bautet-Lebrêche a tornavam quase humana, quase faziam dela uma verdadeira mulher por momentos", concluiu Olga na sua própria intenção. Proust ter-se-ia enregelado neste navio (se é que ela lera as duas páginas da *Anthologie des grands écrivains français*, usado nas classes terminais, a antologia que prestara muitos serviços à intelectual sobrecarregada pela vida que era Olga aos seus próprios olhos).

A amizade de Edma pareceu de súbito primordial para Olga Lamouroux, o.u.x. e não e.u.x. (essa grosseria deliberada tendo se tornado um engano divertido). Olga viu-se bem adotada por esse casal riquíssimo e mundano. Via-se festejada, na Avenida Foch, por sexagenários riquíssimos e austeros, deslumbrados pela sua juventude, audácia, sua "classe" também, sua maneira de restituir cartas de nobreza ao cinema francês (ao ambiente do cinema). Esses industriais todo-poderosos que se lembrariam, graças a Olga, que Luís XIV recebia Racine à mesa e a Champmeslé. . . (Seria mesmo a Champmeslé?. . . a verificar), e que esqueceriam, graças a Olga, os seios, e nádegas dos infelizes chouriços transformados em estrelas na última década. Enquanto esperava chegar à Avenida Foch e confiar seu *vison* selvagem muito esporte ao velho *maître-d'hotel*, que já a adorava e a quem ela falaria gentilmente dos seus reumatismos, Olga, ainda no *Narcissus*, mostrou à sua grande amiga, sua segunda mãe, o envelope escondido na bolsa, sentou-se ao seu lado num canto vagamente iluminado e inclinou-se com ela sobre o semanário do seu amiguinho: a foto era nítida. Via-se Eric Lethuillier, com ar arrebatado pela paixão, que apertava contra si uma Olga Lamouroux espantada e um pouco temerosa. Naturalmente, fora com a autoridade de um homem que vê cair uma mulher que Eric naquele dia segurara Olga pela cintura e, sem dúvida, fora também o medo de cair que dera esse ar

contrariado a Olga. "Mas a foto não sugeria uma queda acidental e física", como observou Edma entre os dentes, com um assobio apreciador, mas assustado. Virou-se para Olga com as sobrancelhas franzidas:

— Pois é, minha Olguinha... eu compreendo seu medo. Esse Lethuillier vai ficar num estado!...

— Não se preocupe comigo — disse a corajosa Olga, sempre no seu papel de filha adotiva. — Ele só verá isso em Cannes e estarei longe.

— Mas não estou preocupada com você! — retorquiu Edma, que achou essa idéia absurda. — Seria mais por Clarisse que eu me inquietaria. Esse tipo de homem faz sempre outra pessoa pagar para compensar seus aborrecimentos, mesmo que venham de outro lado... Meu Deus, que foto!...

— E a senhora leu o texto? — disse Olga suspirando de prazer.

Edma tornou a se inclinar sobre o jornal:

"Não é o belo Eric Lethuillier, diretor do austero *Forum*, que se vê aqui tentando esquecer a política e suas preocupações humanitárias? Compreende-se, vendo que a nova bandeira que abraça é a *starlet* n° 1, a bela Olga Lamouroux, que parece menos de acordo, talvez pensando no produtor Simon Béjard (ausente na foto), cujo filme *Feu et Fumée* triunfa ainda em Paris. Enfim! Talvez a descoberta dos encantos do capitalismo, o que no entanto já deveria ter feito com sua mulher Clarisse Lethuillier, nascida Baron das Aciarias (ausente na nossa foto), tornará o senhor Lethuillier mais indulgente com o luxo dos burgueses."

— Essa é boa! — disse Edma rindo nervosamente — está começando bem...

— E a senhora não acabou... (Olga ria, mas com pouca segurança). — Olhe: "Será para denunciar seus companheiros de cruzeiro ou compreendê-los que Eric Lethuillier, o Amigo do Povo, passa suas férias a bordo do *Narcissus*, cujo cruzeiro musical custou a bela quantia de 90.000 francos? Nossos leitores julgarão."

— Mas isso é infecto! — exclamou Edma. — Meu Deus... — disse retomando o jornal das mãos de Olga — que dizem eles? Noventa mil francos? Mas é uma loucura furiosa! A minha secretária vai ter que se ver comigo.

— A senhora não sabia?

Olga estava sendo esnobada de fato. Ignorava que achar tudo muito caro também fazia parte do esnobismo entre ricos. Alguns chegavam a viajar de segunda classe, que lhes dava a vantagem de economizar, coisa muito apreciada pelas maiores fortunas, e pretender assim "manter contato" com o bom povo francês.

— O que pensa que Eric vai fazer? — perguntou Olga com seus escarpins trotando no convés escuro, ao encalço de Edma, cuja indignação

acelerava-lhe o passo.

— Não sei, mas isso vai dar muito barulho! Diga-me, ele está muito apaixonado por você?. . . Certamente não — continuou Edma, depois do silêncio de Olga — ele só está apaixonado por si mesmo. E você, minha Olguinha? É aborrecido para você tudo isso, todos esses ecos?

— Em relação a Simon, sim — respondeu Olga com voz compenetrada (uma voz que de um só golpe despertou a antipatia de Edma por ela).

— Ah, não! Não me diga que se preocupa por pouco que seja com esse pobre Simon Béjard! Teríamos visto!. . . Pobre Simon... Sabe que ele é muito, muito simpático, esse homem: é vivo, tem pontos sensíveis, é espantoso... muito espantoso. . . — retomou com ar pensativo como uma etnóloga diante de uma variedade animal inclassificável.

— Simon é um amor, o pobre, mas... — ia começar Olga. Mas reprimiu o termo "carinhoso" antes de pronunciá-lo.

— Simon é um animal engraçado — concluiu.

— O que é que você quer dizer, minha Olguinha, hem?. . . Sentemo-nos aqui um instante — disse Edma engolfando-se pelo vestiário das senhoras e sentando-se como exausta num tamborete diante do espelho.

— Quero dizer que é ótimo como amigo, mas difícil porém como amiguinho — disse Olga com um riso confuso, que ela própria achou delicioso, mas que fez ranger os dentes da equitativa Edma. — Simon tem tanto medo que eu não o ame por ele mesmo que me tinha praticamente escondido que era produtor! A senhora sabe?... Foi só em Cannes que eu soube ao mesmo tempo que era produtor e ganhara o Grande Prêmio. Há um ano era praticamente desconhecido; e devo dizer que nós éramos muitos a apostar no sucesso de Simon Béjard no cinema — continuou Olga com um risinho de orgulho, que acentuava seu desinteresse e seu faro.

A infeliz ignorava que Simon já contara a Edma como, na noite da palma, quatro *starlets* se tinham jogado ao pescoço dele; e que entre as quatro estava Olga Lamouroux, o.u.x., em pessoa. Edma Bautet-Lebrèche dirigiu mentalmente um "bravo... mil bravos" sarcásticos para Olga.

— Só agora que ele está seguro de mim — continuava Olga mergulhada nos seus sonhos idílicos — seguro de mim, da minha fidelidade... num certo plano. . . Porque, atenção, hem... — recomeçou vivamente (enquanto Edma, voltando ao estado animal à força de tanta raiva concentrada, gesticulava com a cabeça e rangia os dentes num trejeito ausente) — atenção: eu falo da verdadeira fidelidade, da que dura. . . não da que está à mercê de um 5 às 7 ou de um desses impulsos instintivos, uma dessas explosões de uma noite, como nós temos de vez em quando, nós os jovens... nós as mulheres! — corrigiu a tempo.

Pelo menos assim acreditou, mas fora muito exato: Edma o tinha ouvido e compreendido, e inclinava a cabeça cada vez mais para sua escova de cabelos que, em compensação, ela quase não mexia.

Foi a primeira coisa que a Doriacci observou ao entrar por sua vez no oásis do vestiário. Estava com um ar sombrio, furioso, mas, ainda assim, observador, pois parou diante do manejo de Edma, observando-o de início com perplexidade, depois com uma alegria no olhar seguido de um riso baixo e tonitruante, completamente irresistível.

— Mas que é que você tem? — disse Edma Bautet-Lebrêche (vagamente ofendida por ter provocado esse riso, mas pronta a compartilhá-lo), com a cabeça parada de repente no seu moto perpétuo.

— É por causa disso — explicou a Doriacci, imitando-a no espelho — você mexe com a cabeça, mas não com a escova, como os belgas com uma caixa de fósforos, sabe? Para saber se ainda existe um na caixa, eles sacodem a cabeça, mas não a caixa — repetiu de um só golpe antes de recair no riso e nos seus ha, ha, ha, em cascata e incoercíveis, arrebatadores para Edma tanto quanto irritantes para Olga, a quem esse riso lembrava sempre o incidente do "bezerro de 28 anos".

— Nós nos inquietávamos — falou desafiante a Doriacci, que se sentara e passava pó no rosto com uma imensa esponja rosa-vivo.

"Curioso como todos esses acessórios são desmesurados", pensou Edma brevemente. Ser-lhe-ia preciso uma teoria bem estranha ou bem freudiana para comentar essa desproporção em Paris. Olga, inquieta, insistia:

— Mas o que se pode fazer em Palma toda uma tarde?

— É muito bonito — disse a Doriacci, cujos olhos riam. — Podem-se ver recantos encantadores ou amigos velhos, conforme a disposição. Nada aconteceu no navio fantasma na minha ausência?

— Andréas quase furou o chão do convés de tanto andar, mas foi tudo que aconteceu, acho — disse Edma.

— Vejam só, nós aqui os três A: Doria, Edma, Olga. . . É engraçado — disse Olga Lamouroux com voz aflautada — temos a mesma terminação — repetiu diante do ar atônito das outras duas.

— Contanto que não tenhamos a mesma família, não é grave - disse Edma Bautet-Lebrêche com força. E levantando-se, muito mal maquilada, aliás, acrescentou:

— Minha Olguinha, seja gentil, guarde esse papel para você, não é? Nós tornaremos a falar. . . ao mesmo tempo que dos seus problemas psicológicos — acrescentou com voz agastada.

Tendo ficado sós, a Diva e Olga Lamouroux não se olharam de início, e foi com desconfiança e sem querer que seus olhos se cruzaram no espelho

central: a Doriacci com seu olhar de autógrafo, Olga com seu sorriso ofendido.

— Como vai o senhor Lethuillier? — perguntou a Doriacci com voz amável, depreciadora, recurvando os cílios com uma escova inundada de rímel, tudo com uma grande expressão de frieza.

— É melhor perguntar isso a Clarisse Lethuillier — retorquiu Olga com olhar distante, e que de bom grado fugiria dali se a idéia do olhar crítico da Doriacci nas suas costas não lhe tivesse inspirado uma espécie de horror (e no entanto qual das duas deveria ter a tortura do remorso?), um tal horror que decidiu-se a retocar as unhas dos pés com o frasco de esmalte que, graças a Deus, nunca a abandonava. A Doriacci fechou sua cesta gigantesca:

— Se eu perguntasse alguma coisa à bela Clarisse, seriam notícias do belo Julien. Você está muito mal informada, minha filha: neste navio os casais nem sempre são legais. . .

A ironia era por demais evidente, e Olga, pálida de raiva, deixou cair algumas gotas escarlates no seu *jeans* novo. Procurava desesperadamente uma resposta adequada, mas seu cérebro afobado soava vazio, apesar dos seus apelos.

— Você deveria tingir os seus cabelos — terminou a Doriacci enquanto se dirigia para a porta com seu passo soberano: — Ficaria com mais caráter com o ruivo-veneziano.. . Fica um pouco pobre, esse louro falso!

E desapareceu, deixando a moça à beira das lágrimas. Olga subiu para apanhar ar de novo. Espumava de raiva e só se reconfortou com a visão de Andréas no convés. Andréas vencido pelo desgosto. Depois de algumas hesitações, Olga acabou por avistar Julien Peyrat.

— Você está fazendo o *footing* com esse tempo? Que boa idéia...

Julien andava no passo de Andréas, que alcançara, e inquietava-se de fato com a palidez do rosto que Andréas escondia e que, inclinando-se, vira rejuvenescido, mas desfeito pela tristeza, o rosto de um homem muito jovem disposto a tudo. Como um soberbo rapaz como este podia ficar nesse estado por causa de uma mulher de 60 anos, da qual ele era o centésimo amante e não seria o último? Era o mundo pelo avesso, ainda assim... E apesar da afeição instintiva que sentia pela Doriacci, Julien estava furioso com ela. Esse gigolô não tinha a frieza calculada de um gigolô, ela não devia fazê-lo pagar tão cruelmente, e a justificação que Clarisse encontrava para isso, vinda dela, inquietava-o como uma traição.

— Você não se dá conta — dissera Clarisse — decidir-se a amar alguém da idade dela já é de enlouquecer, então para a Doriacci, com 60 anos, deixar-

se enternecer por um Andréas é o fim da sua vida que poderia ser horrorosa. E se o amasse, o que aconteceria num ano, ou em cinco? Pode me dizer?

— Ora, mais tarde, mais tarde. . . — respondeu Julien, que louvava instintivamente o provisório.

Nada tinha podido dizer a Clarisse sobre ele próprio, mas não era tanto o medo de perder Clarisse que o impedia de falar, era sobretudo o medo dela ficar magoada e decepcionada, mais uma vez, na sua confiança nos homens em geral. Era o que irritava um pouco e o seduzia mais na relação com Clarisse: descobrir que estava mais ansioso por ela do que por si mesmo. Era essa escolha que durante muito tempo acreditava reservada aos masoquistas e às pessoas muito sentimentais, com prazer na desgraça, absorvendo-se no seu desgosto e que detestava instintivamente pelo que acreditava ser sua ausência de natural. Que se ame alguém pelo seu bem parecia-lhe normal, mas que se preferisse o bem de alguém ao seu próprio bem, parecia-lhe literatura cor-de-rosa, quase doentia. E no entanto só ao imaginar, o que lhe fazia mais horror era a sua terna e bela Clarisse ser levada de carro por Eric logo à descida do navio, uma Clarisse definitivamente resignada à solidão e detestando-o, a ele, Julien, por tê-la feito acreditar que tal solidão podia ser rompida. Imaginava Clarisse numa casa de vidro moderna, apoiando a testa nos vidros molhados de chuva e tédio, enquanto que por trás dela num cenário bege, luxuoso e desolado, Eric Lethuillier e seus colaboradores riam depreciativamente, esperando que bebesse. E que bebesse demais. A essa imagem ingênua, mas cujo lado luxuoso e gelado escondia-lhe um pouco a ingenuidade, Julien torcia-se por vezes de desgosto na cama. Havia nos beijos furtivos que dava em Clarisse, ao acaso do dia, uma compaixão e uma cólera terna que a encantavam. Olhava os lábios grandes e cheios do seu amante com ternura e gratidão, quando não estava preocupada em se controlar, quase independentes do seu amor por ele, essa boca quente e fresca parecia-lhe de uma doçura e de um fôlego inesgotáveis e os únicos capazes de lhe restituir os milhares de beijos do que fora privada, roubada em todos esses últimos anos. Amava o corpo magro e musculoso de Julien, um corpo nítido, infantil, com cantos de pele, doce e viris também, com cantos de pele cobertos por uma penugem dura, mais clara do que seus cabelos. Gostava da infância de Julien, da maneira como seus olhos se iluminavam quando se falava de jogo, de cavalos, ou de pintura diante dele. Enternecia-se com essa criança, sonhava nesses momentos poder, muito em breve, oferecer-lhe esses cavalos ou essas telas, brinquedos, em suma. E amava o homem quando a olhava e seus olhos tornavam-se profundos e baços, infelizes, à força da contenção dos gestos, quando via seus maxilares fechados sobre palavras de amor, aquelas palavras tranquilizantes; amava sua voz baixa usurpada, ela também, como lhe parecia. Aquela voz de Julien, viril e decidida, que dissimulava aos olhos dos outros o Julien tão

sensível e tão alegre; gostava que se acreditasse forte para protegê-la e que fosse capaz de fazê-lo, se necessário, gostava que ele quisesse decidir tudo, compartilhar de tudo com ela, exceto aquela decisão da qual devia ser o único responsável, tanto de tomá-la como de mantê-la; gostava que a mantivesse na ignorância de todos os seus temores de homem livre, suas reticências a se comprometer por muito tempo; gostava que nunca lhe tivesse perguntando se eles tinham ou não razão, ou se era preciso refletir, se ela própria estava bem segura de sua escolha, ou se queria que lhe deixasse algum tempo para se decidir. Em suma, Julien nunca a deixara pensar que cabia a ela escolher, mesmo que pensasse, e recusando-lhe essa escolha evitava-lhe o esforço suplementar e cruel, evitava-lhe esse papel responsável de que tinha medo, assumindo-o sozinho, embora nunca tivesse o gosto e o hábito desse papel. Mas quanto ao resto, já compartilhava tudo com ela; e Clarisse lhe devia dizer de véspera como se vestir no dia seguinte, que camisa, que gravata, e que suéter combinavam bem, e que ele devia tomar chá antes do primeiro cigarro matinal. Entrara mais na sua vida numa semana do que na de Eric em dez anos, e já sabia que era indispensável e oh, maravilha, essa idéia a reanimava mais do que lhe fazia horror.

Chegando ao convés, Clarisse viu no mesmo momento Julien e Andréas andando por ali na direção dela, e Julien levantava os olhos e sorria-lhe correndo, ao percebê-la. Também apertou o passo para se ver refletida como a imagem da felicidade naqueles olhos marrom-claros.

— Andréas está infeliz — disse Julien, empurrando o rapaz para Clarisse, e olhando-a com expressão confiante como se ela tivesse algum poder no caso.

Julien, visivelmente, acreditava que ela fosse toda-poderosa, responsável pela felicidade de todos como da dele, e começava a lhe trazer os cães perdidos ou magoados com a animação de um bom cão de caça. Contemplava-o sorridente, consciente de que Julien, toda a vida, se ela viesse a compartilhá-la, lhe traria das suas voltas por Longchamps, pelos cassinos ou em outra parte (dos seus campos de jogos exclusivos) uma série de miseráveis, neuróticos ou pilantras que depositaria triunfantemente diante dela para que cuidasse de suas mágoas ou elucidasse seus problemas. Andréas era apenas o primeiro de uma longa linhagem, e, resignada, pegou-o pelo braço e partiu com ele para dar a volta do convés, enquanto Julien, preguiçoso e contente consigo mesmo, apoiava-se na amurada e olhava-os se afastarem com ar satisfeito do dever cumprido.

"O que poderia opor ao desgosto desse rapazinho grande demais e belo demais?"

— Julien me disse que eu devia me comportar como homem —

respondia-lhe Andréas, sem que ela tivesse formulado a pergunta. — Mas eu não sei o que isso quer dizer, "conduzir-se como homem", finalmente...

— Julien também não — respondeu Clarisse num sorriso — e aliás, eu também não! Era uma frase. . . Basta-lhe, sobretudo, que você se conduza como um homem que agradaria a Doriacci, é só isso, não?

— Exatamente — disse Andréas (essa precisão parecia-lhe indispensável, a ele também). — Como é que você quer que eu saiba que homem? Onde foi ela hoje?. . . — disse de súbito em voz baixa, como envergonhado por sua posição. — Parece que tem um amante em cada porto!

— Ou um amigo — falou Clarisse pacificamente.

— Nem pensei nisso. . . — balbuciou Andréas, como atingido por um raio a essa simples idéia.

— Naturalmente, os homens nunca acreditam que a mulher que eles desejam não seja desejada por todo mundo. Não acreditam que nós possamos provocar interesse, afeição em vez de concupiscência!. . . É quase ofensivo para nós, não é verdade?

Espantava-se, estupefazia-se, ouvindo-se discorrer, escutando-se a reconfortar alguém, ela que era a própria angústia encarnada três dias antes. . .

— Mas por que me faz sofrer, se eu a amo?

E Clarisse pensava que era preciso que ser-se muito bonito ou bem inocente para não ficar ridículo com esse gênero de frases.

— Porque se a Doria o ama ela vai sofrer muito — respondeu. — Daqui a algum tempo, em todo o caso. De fato, é por estima que é tão cruel com você. É porque poderia amá-lo e isso lhe mete medo, e com razão.

— Medo de quê? Eu a seguirei por toda a parte, toda a minha vida! — gritava Andréas interrompendo-a de repente. — Não é exclusivamente físico o que sinto por ela, você sabe? — sussurrava. — Gosto do caráter dela, da coragem, do senso de humor, do cinismo. . . mesmo que não queira mais dormir comigo, eu esperarei que isso lhe volte. Afinal de contas — disse com uma sinceridade desarmante — não é o principal, a cama, não é?

— Certamente que não — respondeu com convicção, mas ainda assim desconcertada. (Porque desde Cannes, e apesar das intuições de Julien, considerara Andréas um gigolô profissional e frio.)

Uma vez mais era no seu otimismo que Julien tinha razão. "Ainda assim", pensou com um riso nervoso, "eis-me consolando um homem de 25 anos de suposta infidelidade de uma mulher de 60. . . Decididamente tudo é possível em qualquer idade". E isso a reconfortava, nos seus 30 anos, essa idade "íngrata", pois situava-se após os encantos da juventude e antes da maturidade, comentara Julien. "É João que chora e João que ri", pensou ela

por um instante...

— Se a Doriacci partir sem mim para Nova York — continuava o amoroso no seu solilóquio — eu me matarei — disse com uma voz tão desprovida de flexão que, de repente, Clarisse inquietou-se. — Ficarei sozinho demais dessa vez, a senhora me compreende? — terminou com um ar amável.

— Mas por que só? Deve ter um amigo, ou uma família em alguma parte, não?

E sua própria voz mostrava inquietação. Uma Clarisse apaixonada, uma Clarisse sensível aos outros inquietava-se por causa desse homem triste. Recomeçou, sem levantar os olhos, num tom de desculpa:

— Minha última tia morreu no ano passado, não tenho mais ninguém nem em Nevers nem em parte alguma. E, se a Diva não me levar, nem mesmo poderia segui-la; o cruzeiro custou-me tudo que tinha, e mesmo vendendo minhas roupas e minhas raquetes de tênis não poderei ir a Nova York... — repetiu com voz desesperada.

— Escute, se ela não o levar para Nova York, eu lhe pagarei a viagem. Tome este cheque agora mesmo. E, se você não se servir dele, o rasgará.

Sentara-se a uma mesa e procurava na bolsa o talão de cheques, desgastado, mas intacto depois de seis meses! Isso significava que não tinha tido vontade de nada durante esses dois meses e que ninguém também recorrera a ela! E Clarisse perguntava-se qual das duas hipóteses era a mais vergonhosa e a mais triste.

— Mas não posso — disse Andréas muito pálido, com ar revoltado. — Não posso aceitar dinheiro de uma mulher com quem... que eu não conheço.

— Pois bem, isso fará uma mudança nas suas regras — falou Clarisse tirando uma caneta da bolsa e começando a preencher o cheque. "Mas de quanto? . . . Já não sabia o preço de nada! Eric pagava todas as contas e comprava tudo ele próprio, com exceção da roupa dela, e um guarda-roupa que ela não alterava havia dois anos. Mas precipitar-se-ia, apenas de volta, às casas de costura e ia-se cobrir de raposas cinza-azul, pois Julien lhe dissera adorar essa cor. Naturalmente, não tinha a menor idéia do preço de uma raposa cinza-azul, nem como do preço de uma passagem para Nova York. . . Escreveu 5.000 francos em algarismos e depois acrescentou o número um diante do cinco ao acaso.

— Pegue — disse imperativamente, e Andréas o tomou, revirou e, vendo a quantia, sem o menor falso pudor, assobiou entre os dentes.

— Upa! — (seus olhos brilharam de felicidade). — Mas é muito dinheiro! Custa menos de três mil francos, agora, Paris—Nova York... E depois, como faria para restituí-los?...

— Não é urgente — falou Clarisse encantada com o entusiasmo do rapaz. — As usinas Baron vão muito bem, você sabe.

Andréas apertou-a contra o peito como se fosse uma criança e depois uma mulher, e Clarisse, de início estupefata, compreendeu o fraco da Doriacci e das outras senhoras na província por esse jovem. Estavam com as faces vermelhas quando se separaram, e riram os dois do ar espantado do outro. "Os encantos dos homens me foram restituídos", pensou Clarisse exultante. E para fazer calar Andréas que se desculpava, ela beijou-o espontânea, ligeiramente no canto dos lábios.

Olga sentia um pouco menos de raiva de Eric Lethuillier, desde que o soubera ridículo, tendo a prova na sua bolsa. Achava-lhe até mesmo um certo encanto físico, de novo, apesar da sua safadeza e maldade. Quisera acreditar na teoria do jornal; começara mesmo imediatamente um relato do mesmo estilo: "Como tive dificuldade para me ver livre dele. Como esse navio era pequeno com esse camarada que, de um lado, não largava do meu pé, e, de outro, não tirava os olhos de mim!, etc. . . ." E quase conseguiu isso, porque Olga, como muitas pessoas da sua geração, tinha chegado ao ponto de acreditar mais facilmente nos jornais ou na televisão do que nos próprios sentidos. Em suma, quase acreditava que tivesse sido Eric Lethuillier que a perseguira com suas assiduidades, e que a recusa dela de lhe dar o corpo mais uma vez fora o que provocara nele as frases ferozes que dissera a Armand Bautet-Lebrêche; estimulava-se com animação e vaidade quando sua memória, esse animal selvagem ainda não domesticado, lhe fizera ouvir de novo de improviso a voz de Eric, a voz de Eric dizendo: "Essa putinha intelectual", e sentiu-se de súbito invadida da mesma vergonha, da mesma raiva de três dias antes. . . Virou a cabeça na direção do diretor do *Forum*. Olhava-a agora "com o seu belo rosto de patife", pensou de repente, num surto de raiva que a iluminou e a tornou quase desejável a Eric, que lhe repetia a pergunta com paciência.

— Eu quero comprar esse quadro — respondia ela — mas com que dinheiro? Naturalmente o seu, mas Julien Peyrat não é um imbecil. Vai achar estranho que eu disponha de 25 milhões e estranho, sobretudo, que os dedique a um quadro.

— Diga-lhe então que você o compra para mim — disse Eric brutalmente. O que é que você está querendo? De qualquer modo, ele tem necessidade de vendê-lo.

— Como é que você sabe?

Essa moça o exasperava agora. Eric adotou um tom paciente:

— Porque isso se vê, menina.

Olga olhava-o de frente, com as pálpebras batendo, a voz ingênua:

— Eu não tenho a impressão que ele seja um homem em desespero: tem a expressão de um homem muito feliz com o que tem. Não parece ter outro desejo do que...

Interrompeu-se com um constrangimento calculado. O olhar de Eric, desta vez, estava frio e Olga teve medo de ter ido longe demais.

— Oh, perdão Eric. . . Você sabe que eu não queria dizer isso... Meu Deus, como estou distraída... é terrível.

— Você se ocupa desse quadro — disse Eric com voz neutra, nem mesmo interrogativa.

Olga sacudiu a cabeça em sinal de assentimento, com o lenço enrolado em bola apertado contra sua boca desastrada. Vira Eric empalidecer diante da evidência: a felicidade de Julien. Vira-o parar de respirar e se rejubilava, enquanto se afastava com seu passo apressado, um pouco escondido demais, desta vez.

No bar cheio de fumaça azul-clara e transparente, que lhe dava um ar de cenário de filme, os passageiros, na maioria sentados ou de pé em torno do piano, escutavam Simon Béjard que tocava o "tema do *Narcissus*", que dizia ter sido tirado do folclore boêmio. Só Armand, agarrado à sua mesa refúgio, e Clarisse e Julien, apoiados ao bar, não pareciam ouvir esse recital suplementar; estes dois últimos rindo ambos com a despreocupação e a complacência no riso das pessoas que se amam há pouco tempo, quando Eric apareceu na soleira da porta.

O rosto de Eric Lethuillier estava fechado, e chamou Clarisse em voz baixa mas peremptória, que provocou no bar, durante cinco segundos esmagadores, um silêncio e um constrangimento inconsiderados, rompidos por Edma, habituada a essas tensões teatrais e que bateu com a mão de Simon sobre o teclado como teria feito com uma criança recalitrante no solfejo. Esse gesto provocou um *cuaque* que fez recomeçar a conversa, e só

Julien, crispado, que se levantara ao mesmo tempo que Clarisse, indicava pela sua atitude coisa bem diferente da alegria.

A Doriacci, que chegava, compreendeu tudo vendo a expressão de Julien, e tentou remediar.

— O senhor não vai me deixar beber sozinha, senhor Lethuillier. Eu queria justamente consultá-lo para o meu programa de hoje à noite. O senhor e seus amigos, naturalmente. Os *Lieds* de Mahler. O que o senhor acha?

— Nós lhe fazemos confiança — disse Eric com voz exageradamente cortês. — Desculpem-nos por um momento.

E empurrou Clarisse diante dele. A Doriacci dirigiu-se então a Julien e, levantando as mãos à altura da sua cabeça e virando as palmas para o ar num gesto de impotência, lançou um *Ma que!*, expressivo mas não discreto.

— Você está pálido — disse Andréas a Julien, batendo-lhe no braço num gesto protetor. (Mudara de papel.) — Beba um copo, meu velho — enchendo-lhe o copo de uísque puro, que Julien bebeu sem mesmo olhar para ele.

— Se ele tocar nela — resmungou com a voz estrangulada — se ele tocar nela eu. . . eu. . .

— Mas vejamos! Eu nada, querido Julien. Nada de nada. Você está louco. . . — Era Edma que, atravessando o bar a todo vapor, sentava-se à mesa deles com expressão maternal, de bom senso.

— Esse Lethuillier é por demais esnobe, vejamos, demasiado mole, afinal. Não vai bater na mulher, como nos livros de Zola. Está por demais consciente das suas origens, ao que parece. Deve saber bem que só os aristocratas podem bater na mulher sem que isso seja considerado vulgar. . . E, ainda assim, os aristocratas, não falo da nobreza do Império. . . Aliás, esse pobre rapaz não tem qualquer sentido do esnobismo atual. Deveria ter compreendido que, na nossa época, ser faxineira em casa de família ou postalista era a mesma coisa. . . Naturalmente, faxineira seria mais exótico, mas postalista, isso parece Queneau, tem o seu encanto. . .

— De quem a senhora está falando? — perguntou Andréas. — Em todo o caso acho sua teoria muito justa — falou, sacudindo a cabeça na direção de Edma, que lhe lançou o olhar e o falso sorriso reservado aos lisonjeiros desastrados.

Mas o rosto do jovem era um desmentido a essa hipótese. Era incrivelmente natural, esse lourinho sentimental, esse renegado da grande tribo dos gigolôs, pensava Edma.

— Eu lhe garanto, Julien, não se enerve. De qualquer modo vamos jantar daqui a dez minutos.

— E se Lethuillier não trazer a mulher para a mesa, eu a irei buscar,

eu próprio — falou Simon Béjard.

E dava pancadinhas no seu pupilo quando Charley veio se reunir a eles com expressão igualmente penalizada. Só permaneceram à mesa, agarrados como a uma jangada, alguns velhos amorfos ou indiferentes e Olga Lamouroux, a quem Kreuze, doutoralmente e desligado de tudo aquilo, contava sua infância estudiosa e inspirada.

— Eu me pergunto como esse pobre Lethuillier pôde se tornar tão unanimemente antipático. . . enfim. . . quase unanimemente — disse Edma com um olhar de soslaio para Olga e uma pressão afetuosa na mão de Simon.

Dissera isso rindo, mas ele virou a cabeça.

— Dez *pences* pelos seus pensamentos, senhor Peyrat — continuou sem se perturbar. — Não, de preferência uma azeitona, finalmente — continuou espetando no copo de Julien uma azeitona negra que ela desejava desde sua chegada. — Como é que Clarisse que é bonita, rica e tão... sensível — (Edma Bautet-Lebrêche nunca falava da inteligência de uma mulher a menos que ela fosse repelente de feia) — como Clarisse pôde casar-se com esse Savonarola? . . . — (Abaixou a voz no final da frase por estar um pouco insegura quanto à carreira de Savonarola e do lugar do "o" na ortografia do nome. De todo modo ele era um fanático, disso estava quase certa... e aliás ninguém pestanejou por que ninguém jamais pestanejava.)

— Pobre Clarissezinha — falou a Doriacci sorridente (embora estivesse contrariada por Edma Bautet-Lebrêche ter pescado antes dela aquela azeitona que também desejava). — Em todo o caso tornou-se maravilhosa há dois dias! É a infelicidade que enfeia sempre — disse dando tapinhas no queixo de Andréas que, ele também, desviou os olhos. — Ah! mas os homens não estão alegres neste navio. . . — continuou com soberba. — Andréas, Charley, Simon, Eric. . . Não parece um cruzeiro delicioso para os homens. Em compensação, para as mulheres está sendo ótimo! — disse, jogando o seu belo busto para trás, com riso cristalino que destoava terrivelmente com as causas desse riso.

Os que estavam à mesa ficaram boquiabertos por um instante, e a Doriacci lançou em torno olhos de desafio, de alegria, de cólera que, evidentemente, denunciavam uma alma irredutível ao julgamento dos outros. Ninguém se moveu, exceto Julien, que, apesar da tristeza, não pôde impedir-se de enviar a esse símbolo da liberdade um sorriso de admiração.

— De que é que você me quer falar? — perguntou Clarisse sentada há longos minutos na cama.

Eric deambulava diante dela e mudava de roupa sem uma palavra, mas

assobiando, o que era mau sinal. No entanto, Clarisse olhava-o sem antipatia: arrancara-a a esses cinco ou dez minutos desse tempo perturbado, sensível, confuso, exigente que é o tempo passado diante da pessoa que se ama sem se conhecer bem, esse tempo ávido e perpetuamente esfomeado. E agora, nessa cabina tranqüila, Clarisse podia-se lembrar que amava Julien, que ele a amava, e deixar que se inflassem suas artérias, sua caixa torácica, seu coração, pensando nisso. Esquecera-se de Eric e quase se sobressaltou quando ele instalou-se diante dela em mangas de camisa e aparentemente ocupado em colocar as abotoaduras. Sentara-se ao pé da cama e Clarisse instintivamente levantou os joelhos quase até o queixo, instintivamente com medo que ele a tocasse, mesmo no pé, gesto de que logo se deu conta e que a fez enrubescer e lançar um olhar temeroso a Eric. Mas ele nada vira.

— Vou perguntar alguma coisa — disse ele, tendo chegado aos seus fins, e pôs as mãos atrás da cabeça apoiando-se na parede com ar desenvolto. — Peço-lhe mesmo que responda com um sim ou não a perguntas bastante brutais.

— Então é não — disse Clarisse instintivamente, e viu-o empalidecer de raiva, pouco habituado a ser interrompido por ela nas suas encenações.

— Como não? Você não quer me responder?

— Quero — falou Clarisse pacificamente. — Não quero é responder a perguntas brutais. Não há razão nenhuma para você me falar brutalmente.

Houve um silêncio, e a voz de Eric não tinha som quando recomeçou:

— Pois bem, vou ser brutal, ainda assim. Todo esse navio parece sustentar que você dorme com Julien Peyrat. Posso saber, eu, se é verdade? Isso me parece tão impensável quanto possível. Mas é preciso que eu possa responder se me falarem, sem ficar ridículo ou parecer hipócrita.

Lançara essa frase em tom sarcástico e um pouco enojado, mas se dava conta de repente que corria o risco de ela responder, e dessa resposta poder ser terrivelmente franca, de fato, e tão terrivelmente afirmativa. De súbito, daria não importa o que fosse para se ter calado, e não ter abordado esse assunto com essa imprudência. Que loucura fizera? Que vertigem o empolgara? Não, não era possível. . . Era preciso acalmar-se. Clarisse não teria feito isso, ali no navio, naquele espaço fechado onde ele próprio estava, onde poderia tê-la surpreendido e matado. . . Por que matá-la? Eric teve que se confessar que não havia outra escolha para o homem que forçosamente teria sido se tivesse entrado por acaso numa cabina para encontrar Julien e Clarisse nus e abraçados.

— Então você me responde ou não? Minha querida Clarisse, concedo-lhe o tempo de jantar para refletir e ouvir sua resposta na sobremesa, mas a minha paciência pára aí. Estamos de acordo?

Falara muito depressa justamente para que ela não tivesse tempo de

responder, e não chegava a saber exatamente por que adiava por duas horas essa cerimônia. Não conseguia acreditar que era uma trégua que se dava, mais a ele que a ela. E Clarisse dizendo: — Como você quiser — com voz cansada, parecia menos aliviada do que ele, e mais penalizada.

Para Julien o jantar fora odioso no início. Estava sentado perto de Clarisse como no primeiro dia e, sem olhá-la, via de novo aquelas mãos e uma mecha de cabelos que o tinham excitado fisicamente naquela primeira noite, aquela mão, aquele rosto que se tinham agora tornado seus, objetos permanentes do seu desejo, que ele queria amar e defender contra esse predador legal de olhar frio: Eric Lethuillier. Essa mão e esse rosto que não estava seguro de poder conservar nem de conservar intactos. Agora detestava Eric; e ele, que até então ignorara os miasmas, as sufocações do ódio, sentia-se infectado, gangrenado numa parte subterrânea de si mesmo, da qual não gostava. Desprezava um pouco esse Julien odioso, esse tesoureiro ciumento e assustado que, de fato, vigiava Clarisse tanto quanto Eric. E quando adiantou a perna na direção da de Clarisse, era contra ele mesmo; contra ela também, que reprovava essa prova vulgar do seu entendimento. Retesaria a perna e lhe lançaria um olhar, senão de desprezo, porque ela ignorava o desprezo, pelo menos magoado. E nesse caso o que faria ele? Não poderia retirar a perna nem perseguir Clarisse depois. Mas ainda assim avançou-a, e era a primeira vez que Julien fazia alguma coisa contra si próprio, contra a felicidade, contra o êxito; a primeira vez que agia contra sua ética e seus desejos. Retesava-se de antemão contra o olhar surpreendido de Clarisse. Já lhe virava um rosto obstinado e incompreensivo quando, os joelhos se tendo tocado, sentiu o pé de Clarisse deslizar sob o dele e a perna dela pressionar-se contra a dele com impulso, enquanto Clarisse virava para ele um rosto sorridente e perturbado; um rosto agradecido. . .!, que imobilizou Julien, deu-lhe um arranco para trás no coração e o deixou perplexo no fogo de uma ternura intensa, naturalmente, mas da qual sentiu-se prisioneiro para sempre, num desses raios de lucidez tão freqüentemente associados às felicidades chamadas cegas. "Então mexe-se com o pé da senhora e se fica corado", dizia-lhe no vazio uma vozinha cruel que, ela própria enternecida, só se permitia esse comentário de sapa

por desencargo de consciência.

A escala de Palma onde estavam agora, numa bruma violeta, previa um concerto de Chostakovitch, do qual Hans-Helmut devia tocar a parte do piano e os dois escoteiros fazerem o complemento. A Doriacci devia cantar alguma coisa de Mahler, o que fazia prever que cantaria outra coisa. Era o penúltimo recital, o último ocorreria no dia seguinte em Cannes, que se atingiria no final do dia. Bruscamente, o cruzeiro chegava ao fim e bruscamente sentia-se isso. Era com sentimento de saudades que os passageiros das duas classes retomaram seus lugares habituais e suas atitudes habituais, Hans-Helmut Kreuze estava ainda mais solene ao sentar-se ao piano, como se sua carapaça paquidérmica fosse bastante permeável para registrar essa mudança de atmosfera. Quando pousou a mão no teclado, Julien achava-se diante de Clarisse do outro lado do círculo, como no primeiro dia. E Simon e Olga, como no primeiro dia também, sentados por trás dos Lethuillier. Andréas, sozinho na sua cadeira, naturalmente a mais próxima do microfone, onde daqui a pouco se apoiaria a Doriacci, e os Bautet-Lebrêche de lado, na primeira fila, para que Edma pudesse vigiar o teclado de Hans-Helmut e o arco dos seus companheiros. Havia apenas oito dias que, nessa mesma ordem, esses figurantes tinham partido; parecia-lhes uma eternidade. Esse sentimento de terem de se deixar em 24 horas, depois de se terem conhecido tão pouco, em suma, tão acidentalmente, a certeza de não conhecer os seus vizinhos de repente, embora se tivesse pensado tê-los dissecado tão perfeitamente, impressão que de repente parecia louca e presunçosa. Encontravam-se em face de estrangeiros. O acaso tornava-se todopoderoso de novo e uma espécie de timidez retrospectiva fazia se lançarem olhares furtivos e curiosos, espantados, aos corações mais indiferentes como aos espíritos mais psicólogos, numa última tentativa de compreensão, uma última curiosidade da qual se sabia, justamente agora, e ao contrário da ocasião da partida, que nunca seria satisfeita. Isso dava um interesse a todo mundo; uma espécie de auréola melancólica, a das ocasiões perdidas, vogava sobre as

cabeças mais aborrecidas e as mais ingratas com todo o otimismo das saudades.

As primeiras notas que Hans-Helmut Kreuze arrancou do piano vieram apoiar ainda mais essa melancolia nova. Dois minutos depois, tinham todos abaixado os olhos pelo menos uma vez sobre algo secreto, neles mesmos, algo que essa música revelava de repente e que era preciso esconder a qualquer preço aos olhos dos outros.

O romantismo desarrumado da paisagem, seu lado grandioso era, no entanto, o oposto desse concerto do qual Kreuze, apoiado pelos seus dois instrumentistas, repelia e martelava, sem cessar, com doçura as quatro ou cinco notas deliciosas e fatais, essas quatro notas que evocavam infância, chuvas nos relvados do verão, cidades desertas em agosto, uma foto encontrada numa gaveta ou cartas de amor, de que se tinham rido pela juventude; tudo o que esse piano dizia em sustenido, em nuances, em meia-estação; no imperfeito era todo caso; e dizia pacificamente, como uma confissão ou uma reminiscência feliz, tornada doce à força de tanta tristeza e perda.

Todos caíam no passado com mais ou menos felicidade, porque já não se tratava daquele bom passado geral, adaptado ao presente, que se tinha o hábito de rever nesses últimos tempos, quando viera a idade de modificar seu eco, de adaptá-lo à idéia que se tinha adotado de si mesmo. Dessas lembranças de que sabia apenas que tinham sido felizes e inocentes, Julien, por exemplo, não destacava uma determinada noite de jogo, ou um corpo de mulher ou, mais brilhantemente, um quadro que descobrira, adolescente, num museu. Revia uma praia onde chovera na costa basca, num verão dos seus 19 anos, uma praia cinzenta margeada de espuma quase tão cinza e onde, no seu suéter cheio de areia, com suas mãos de unhas roídas, o sentimento de ser apenas o hóspede provisório do seu corpo tão vivo é tão perecível invadira de súbito Julien com uma alegria embriagante e sem causa precisa. E não era do Festival de Cannes e dos "bravos!" da sala, nem das luzes dirigidas para ele nem dos *flashes*, nem mesmo do menininho que rondava as grandes salas escuras de manhã à noite que se lembrava Simon Béjard, era de uma mulher um pouco gorda que se chamava Simone, que era mais velha do que ele, que o amava até a loucura, como dizia, sem nada lhe pedir senão que fosse ele próprio, e que o abraçava no cais da estação de trem de ferro na partida para Paris. Uma mulher que, já de cima dos seus 18 anos e dos degraus da escada do vagão, achara um pouco provinciana e da qual se envergonhara ligeiramente.

Aquela música era docemente devastadora. Fazia cada um voltar a sua fragilidade e a suas necessidades de ternura (não sem o refluxo da amargura que deveria, no entanto, provocar essa série de fracassos e essa fome que era a vida de cada um). Quando Kreuze parou e levantou-se do tamborete, com seu cumprimento brutal, dobrado para a frente, do qual emergia vermelho o sangue subindo à cabeça por um instante, teve que esperar vários segundos antes dos bravos habituais; e ainda assim, foram fracos, inseguros e como rancorosos, embora interminavelmente prolongados. A Doriacci, que devia continuar quase de imediato, só voltou ao quadrado de luz uma hora depois e curiosamente, passou-se uma boa meia hora sem que ninguém protestasse, ninguém se impacientasse.

Charley fora bater três vezes à porta da Doriacci durante esse entreato imprevisto, e das três vezes teve que se conter para não colar o ouvido à porta, como de hábito. Porque não eram realmente gritos que ouvia, mas, antes, uma espécie de salmos recitados, sem perder o fôlego, pela voz decididamente muito jovem de Andréas, um Andréas que falava sem paixão, como sem pontuação ao que parecia, um Andréas cuja tonalidade do discurso curiosamente não lhe dava sentido. Embora tivesse esperado das três vezes três minutos diante da porta depois do seu "É a sua vez" estimulante, Charley só ouviu uma vez a Doriacci responder, e fora com uma voz breve, excepcionalmente baixa, como lhe parecera, apesar da extensão da colaratura. Voltara sacudindo a cabeça e desgostoso, apesar de tudo, pelo destino de Andréas. Acusava-se por estar inquieto por uma ligação cujo desfecho fatal era o único que o poderia beneficiar. "Eu sou bom demais", resmungou dolorosamente e rindo de si próprio com derrisão, aquela vez erradamente, pois Charley Bollinger era de fato um homem de grande coração e ficaria bem mais acabrunhado ainda se tivesse ouvido com clareza o que diziam essas vozes apagadas.

— Você precisa de uma mãe — dissera a Doriacci, logo no princípio dessa explicação tanto tempo adiada. — Você precisa de uma mãe e eu já não tenho mais idade para representar o papel de mãe. É excessivamente verossímil. Só as mocinhas até 25 anos, não incluídos, podem representar o papel de mães com homens de todas as idades, eu não posso mais. Não posso provocar minha sentimentalidade, nem adaptar meu comportamento a uma situação, por outro lado, inelutável! Não se fazem sonhos em torno de uma realidade, principalmente uma realidade desagradável. Você me compreende. Eu procuraria antes um protetor, agora, meu caro Andréas. Tenho 52 anos e procurarei um pai, talvez porque não tive um, ou porque tive-os demais, posteriormente. Não sei e também não me importa. Não creio que você sirva para pai, nem tampouco os outros senhores que eu freqüento há dez anos.

Voltei-me pois, por falta de pai, para gigolôs, brinquedos; e para isso, também, você não se presta, meu querido, você é sentimental demais para um brinquedo. Não é com abotoaduras que eu transformaria sua mecânica nem sua moral. E é só isso que eu tenho para lhe oferecer: abotoaduras... Você quer uma mulher e eu só tenho um enxoval a lhe oferecer.

Dissera tudo isso de um só golpe com voz amável e elegante, e refugiara-se então por muito tempo num silêncio que a voz de Andréas mal perturbava.

— Não importa o que você pode e o que você não pode — disse Andréas com uma voz sem timbre. — Isso nada tem a ver comigo e rigorosamente também nada tem a ver com você. A pergunta é: "Você me ama?", e não: "Você pode me amar?" Não é uma escolha que lhe peço, é um pedido que você se abandone, se deixe ir. O que é que lhe pode fazer você ser feliz *contra* você, já que você está feliz?

— Isso não me faria nada, mas, infelizmente!, eu não posso mais — respondera-lhe a Doriacci (soberba naquela noite com um vestido decolado negro que a emagrecia e ressaltava o branco deslumbrante dos seus ombros, dando-lhe uma espécie de irrealidade apesar do peso e da vitalidade de toda sua pessoa). — Estou numa idade em que a gente não pode se deixar ir a seja o que for, já que esse seja o que for já não tem voz. Os sentimentos dobram-se imediatamente às nossas necessidades, e geralmente sem retorno. Isso é a velhice, Andréas, imagine só! É só amar o que se pode amar, é só ter vontade do que se pode ter. Isso se chama sabedoria. E confesso a você que é muito desconsolante, mas é assim. Sou lúcida, portanto cínica. Você é lúcido, portanto entusiasta. Pode se permitir paixões soberbas, mesmo infelizes, porque tem tempo de se entregar a outras em seguida, deliciosas, mas eu não. Admitamos que eu o ame: você me deixará ou eu a você. Mas eu não teria mais tempo de amar ninguém depois de você e não quero morrer com um gosto amargo na boca. Meu último amante era louco por mim e fui eu que o deixei há dez anos.

Andréas ouvia boquiaberto essas frases que o acabrunhavam, boquiaberto e, curiosamente, admirado e grato, pois era a primeira vez que ela lhe falava tão longamente e com tanta conseqüência, uns pensamentos ligados aos outros. Noutras ocasiões limitava-se a pensar alto por momentos, isto é, a comentar brevemente os saltos e as mudanças perpétuas de um pensamento descosido e engraçado. Naquele dia, fazia um esforço para lhe explicar que não o amava, que não podia amá-lo. . .

— Mas se não pode me amar — acabou dizendo com força e ingenuidade — não me ame! Afinal, posso sempre esperar e não a deixarei. Não precisara me lambe porque não serei perigoso. Trate-me como um desprezível gigolô se você preferir, não faço questão de ser respeitável. . .

Não ligo a ser respeitável, se isso me impedir de vê-la. . . Aliás eu arranjei dinheiro e a seguirei a Nova York — acrescentou, com um ar enfasiado de repente, enfasiado e ao mesmo tempo assustado.

— Que eu viva com você sem amá-lo?. . . A idéia é boa? Mas você é modesto demais, meu querido Andréas; o perigo existiria, ainda assim.

— Você quer dizer que poderia me amar com o tempo? — disse Andréas com o rosto radioso e dando todos os sinais de orgulho e surpresa.

A Doriacci ficou um instante pensativa diante desse rosto, quase perturbada, ao que parecia.

— Poderia, certamente. E é por isso que vou lhe dar um endereço muito bom, caro Andréas, em Paris, para evitar esse drama, porque seria um drama para mim. A Condessa Maria vive em Paris há dois anos. É encantadora, mais rica e mais moça do que eu. É louca por homens louros de olhos azuis como você. Acaba de mandar embora um amante sueco um pouco interesseiro, enfim, que mostrava demais. É alegre, cheia de amigas, sua carreira está feita em Paris. . . Não fique com essa expressão dolorosa, chocada, eu lhe peço; foi você mesmo que me contou sua educação e suas ambições...

Foi então que viu Andréas com o rosto fechado e quase feio por causa do sentimento de furor, sentimento que, por falta de ter suas pregas, seus afundados, suas rugas num rosto que até então os ignorava, o marcava ao acaso, contraindo a boca, contradizendo a doçura do maxilar, em suma, desfigurava-o. E ele saiu com esse novo rosto, o qual, por um instante, a Doriacci se pôs a desejar profundamente que não fosse o último que guardaria na memória. Censurava-se um pouco, confessou ao espelho, contemplando seu reflexo a três metros. Mas censurava-se muito menos, uma vez diante do espelho onde mil rugas, mil sombras e algumas peles caídas lhe lançavam ao rosto com gritos agudos a confirmação definitiva do seu discurso.

Afinal, os passageiros de início surpresos, ficaram ofendidos e, de ofendidos, exasperados, furiosos. Tudo isso sem efeito aparente sobre a porta fechada da Doriacci, fechada a ferrolho sobre seus problemas sentimentais, ou, antes, sobre os de Andréas. Apesar da ternura que tinha pelo jovem, Charley não ficou aborrecido de o ver sair da cabina funesta com o rosto enfeiado pela raiva, depois de cabeça baixa e expressão embotada pelo desgosto, deixando a porta entreaberta. Charley deixou-o passar e, por sua vez, veio bater mais discretamente do que teria gostado. Era a quinta vez que vinha se chocar contra essa porta em vão, e sempre batia fracamente apesar das exortações e das ordens que vinham do convés. Charley sabia muito bem o que ia acontecer: a Doriacci ia chegar à cena fazendo gaiatices e lançando sorrisinhos deslumbrantes e reconhecidos aos passageiros pela sua paciência. Cantaria sem complexo e seria ele, Charley, que se faria detestar por ter interrompido cinco vezes em seguida o repouso reparador dessa maravilhosa Doriacci. Esperou, portanto, na soleira da porta por muito tempo, aliás. E finalmente a Doriacci apareceu: seu rosto refletia a cólera, ou mesmo o furor. Passou diante dele sem uma palavra, sem um olhar (sem uma desculpa *a fortiori*) e foi para o palco como se vai para o combate. Foi só no momento de entrar que, sem se voltar para Charley, a cabeça simplesmente virada para trás e os pés continuando a andar para a frente como numa figura de tango, dirigiu-se a Charley:

— Faz mesmo questão que cante diante desses cretinos? — (utilizou um outro termo mais forte) e entrou em cena sem esperar resposta.

Quando entrou, o público já chegara a um estado de exasperação inquietante. Chegava a murmurar. Olga Lamouroux, com a expressão ofuscada, já fizera aplaudir ironicamente algumas cabeças impacientes dando-lhes o exemplo, que Simon recusara-se a seguir. Ele lhe pagaria mais tarde, pensou, bocejando ostensivamente e olhando para o relógio pela

enésima vez. Mas retomou sua expressão atenta vendo chegar, "como estafeta", pensou, o pajem da retardatária. Andréas, mais pálido do que antes, lívido mesmo. deixou-se cair numa cadeira perto dos Lethuillier; mais perto de Clarisse; Olga viu que esta se virava para ele, inclinava-se inquieta, dizia-lhe uma palavra e pegava suas mãos entre as dela.

— Decididamente — disse Olga a Simon — eu pensava que era Julien Peyrat que possuía o coração da sua amiga Clarisse.

— Mas é Julien Peyrat — disse Simon seguindo o seu olhar. — Ah! Andréas só tem necessidade de ser consolado, é só... Devo dizer que acho Clarisse muito reconfortante para um homem.

— Não para todos — disse Olga com um rápido riso que levantou um protesto tímido em Simon.

— O que é que quer dizer com isso?

— Que o marido dela não parece procurar consolações. . . Pelo menos não junto dela. — Houve um silêncio que Simon rompeu com dificuldade, com voz quase inaudível:

— Não sei que prazer você acha em ser tão odiosa, tão horrorosa comigo. . . Mas de que me censura, além das suas próprias maldades?

— Você se serve de mim — disse com voz dura. — Só pensa no seu prazer, pouco se importa com a minha carreira, confesse-o.

— Mas. . . — falou, Simon (que se deixava levar contra a vontade a uma conversa cuja conclusão seria sempre à sua custa, sabia-a muito bem). — Mas vou confiar-lhe o papel principal da minha próxima produção, você sabe. . .

— Porque você espera me conservar assim, fazendo-me passar de um papel para outro, tentando egoistamente substituir minha vida particular pela minha vida profissional. É só isso.

— Em resumo, você me acusa de não dar papel algum ou de dar demais? Tudo isso é contraditório.

— Sim — disse ela com uma calma depreciativa. — Sim, tudo isso é contraditório e não me importa. Isso o incomoda?

Deveria levantar-se e partir, nunca mais vê-la. Mas ficou pregado na cadeira. Olhava a mão de Olga, o punho tão frágil, tão doce ao tato, tão infantil na sua finura. E não podia. Não podia mais ir embora. Estava à mercê daquela *starlet* arrivista, que podia por vezes ser tão terna e ingênua, que tinha tanta necessidade da sua proteção, apesar de tudo que dizia.

— Você tem razão — disse. — Isso não tem importância, mas eu queria...

— Calado — disse Olga — calado. . . A Doriacci está chegando. Não parece muito satisfeita — acrescentou a meia voz e afundando instintivamente a cabeça entre os ombros.

De fato a Doriacci chegara. Entrou no foco de luz com a fronte baixa, o rosto marcado pela maquilagem e a raiva, os cantos da boca para baixo, o maxilar brutal.

Houve um silêncio de espanto e de inquietação à vista dessa fúria, durante o qual os espectadores não souberam se não seria a eles que estava logicamente reservada aquela cólera. Tremeram nas suas cadeiras de palha e até Edma Bautet-Lebrêche, que abrira a boca, fechou-a lentamente. Clarisse apertava maquinalmente entre as suas mãos as de Andréas, que parecia não mais respirar, e cuja imobilidade se tornava inquietante. Olhava a Doriacci com os olhos lisos e redondos dos coelhos noturnos quando são apanhados pelos faróis dos carros.

Quem mais impressionado ainda ficou com essa aparição foi Hans-Helmut Kreuze que, sentado ao piano até então, ofendido na sua dignidade de estrela da música, por ter de esperar por quem quer que fosse, levantara-se como um mártir à chegada da Diva, acreditando sentir sobre ele o peso da admiração e da compaixão gerais. Mas os olhares da multidão se tinham desviado para outro lado, para aquela louca furiosa, seminua, e Hans-Helmut deu pancadinhas no braço da Diva com sua partitura, para lembrar-lhe seus deveres, sem que aparentemente ela o sentisse. Apanhara um microfone com um gesto circular e brutal, um gesto de cantora de baile popular. Varreu a multidão com os seus olhos negros fulgurantes e fixos antes de detê-los em Kreuze definitivamente.

— *O Trovador* — disse com voz rouca e fria.

— Mas. . . —murmurou Hans-Helmut batendo com sua brochura na estante — esta noite são os *Lieders* de guerra. . .

— 0 3º Ato, Cena IV — definiu ela sem ouvi-lo nem escutá-lo. — Vamos. Havia um tom tão imperativo na sua brevidade que Kreuze, em vez de protestar, tornou a sentar-se e atacou os primeiros compassos da Cena IV. Uma tosse tímida por trás dele lembrou-lhe a existência dos seus dois discípulos quinquagenários, e virou-se de um golpe para eles, que esperavam com os instrumentos na mão como garfos, o que o exasperou. Latiu-lhes "*O Trovador*, Ato 3, Cena IV", sem nem mesmo olhar para eles. Apenas dissipados os primeiros compassos, a voz de Doriacci elevou-se como um grito e Hans-Helmut, encantado subitamente, percebeu que ia ouvir música muito bela. Esqueceu-se de tudo, esqueceu-se que detestava aquela mulher, precipitou-se ao contrário a seu serviço, para ajudá-la e apoiá-la. Dobrou-se totalmente às suas pulsões, caprichos e direções. Passou a ser o mais servil, discreto e entusiasmado dos seus admiradores. E a Doriacci o sentiu imediatamente, solicitou-o pela voz, fê-lo passar adiante dela, reclamou o violoncelo, fez floreios com o violino, adiantou-se a ele de novo, demorou-

se, cantou com eles em toda confiança. Esquecera-se das suas meias, da sua calvície, sua rusticidade; eles esqueceram-se dos seus caprichos, seu furor e sem-vergonhices. E durante dez minutos essas quatro pessoas se amaram e foram felizes juntas como nunca tinham sido na sua vida com quem quer que fosse.

Clarisse sentia a mão de Andréas ficar tensa entre as suas; ela acentuava sua pressão, ela também, quando a Diva cantava bem demais, as lágrimas ou a vontade de fazer amor subiam-lhe juntas à garganta. Mas para Andréas era como se fosse atingido por cada detalhe dessa beleza musical toda, a beleza que ia perder, era evidente e era certamente atroz, já que a própria Clarisse desejava a Doriacci, na sua vontade de tocá-la, abraçá-la, pousar a cabeça nesse peito cheio, orgulhoso, e o ouvido sobre esse coração e esse ombro, de ouvir nascer, subir e explodir aquela voz todo-poderosa com o mesmo respeito voluptuoso que lhe dava o prazer de um homem.

Enfim, a Doriacci lançou sua penúltima nota e manteve-a nos limites da voz fluida, forte, como brandida acima dos passageiros, como uma ameaça ou um grito selvagem. Interminável, tão interminavelmente, que Edma Bautet-Lebrêche levantou-se inconscientemente como se tivesse sido erguida pela extravagante perfeição desse grito; enquanto que Hans-Helmut virava-se do piano, contemplava-a com todas as suas lentes, e os dois idiotas ficavam com o arco no ar, o violino no queixo, o violoncelo mantido a distância, amedrontados e estupefatos; enquanto que o navio parecia imobilizado na água, sem motor, e os passageiros sem vida. A nota planou assim não meia hora, mas uma hora, uma vida, que a Doriacci interrompeu brutalmente, para lançar com voz dura a última nota, agastada por ter esperado tanto tempo pela sua vez.

O navio pôs-se a navegar e os passageiros irromperam em aplausos frenéticos. De pé berravam "Bravo! Bravo! Bravo!" com expressão de orgulho imerecido e de excessivos agradecimentos, pensou o Capitão Ellédocq que, diante dessa algazarra, não se pudera impedir de lançar um olhar ao mar, e um olhar inquieto: a idéia de que de um outro navio pudessem ver seus passageiros históricos reunidos num rebanho em torno de um piano e urrando no meio da noite fazia-lhe vergonha por antecipação. Graças a Deus não havia barcos por aquelas paragens, e Ellédocq enxugou a testa, aplaudiu por sua vez aquela fêmea cacarejante e aliás grosseira, pois afastou-se sem nem mesmo cumprimentar seus fanáticos, os pobres masoquistas que no entanto a tinham esperado uma hora e agora batiam palmas a ponto de fazer estalar as juntas. Afinal, pagavam por isso, reconheceu Ellédocq antes de se perguntar o que fazia seu boné no chão e o que ele próprio fazia aplaudindo.

Clarisse estava com os olhos cheios de água, observou Eric irritado, quando a Diva foi-se embora. Sentia-se melhor, muito mais seguro de si. Já não compreendia aquele pânico grotesco de antes do jantar, nem, sobretudo, o medo da resposta de Clarisse. Evidentemente, ia-lhe responder e nada lhe dizer. Ia negar, debater-se e com isso revelar a verdade. Porque nada acontecera, dava-se conta agora. Clarisse era incapaz de fazer o que quer que fosse para o bem ou para o mal: tinha medo da sua sombra, medo dela mesma e desdém pelo corpo, no entanto belo, para falar a verdade. Podia-se dizer também que a idéia desse corpo tão desdenhado sob esse rosto desfigurado, tudo isso por complexo de inferioridade. . . tudo isso não estava isento de comicidade. Como Clarisse o poderia ter enganado? Essa pobre Clarisse que não gostava suficientemente de si mesma para suportar que a vissem retocar o batom dos lábios; essa Clarisse com quem, para reforçar seu pudor, ele sempre fazia amor no escuro. Clarisse da qual se afastava depois como constrangido (e como, aliás, sempre se afastava das mulheres, depois dessas pantomimas bufas, mas necessárias, em que a metade dos seres humanos, pensava, aborreciam-se horivelmente sem jamais ousá-lo dizer, pelo menos os homens). E era bem compreensível. . . Essas criaturas moles que flertavam com inteligência e passavam o tempo se defendendo por trás de pretextos de órgãos frágeis, nervos doentes, sentimentalidade abjeta, pieguices levadas ao extremo, e dedicação de polvos; essas criaturas moles que atualmente pretendiam votar, dirigir, ou mesmo conduzir Estados, que pretendiam fazer esporte (e aí pagavam caro, perdiam sua capacidade de serem possuídas). Essas coisas moles e cacarejantes, fossem elas como, neste ambiente, alcoólatras e neuróticas como Clarisse ou então discursadoras e insuportáveis como Edma, ou ainda gigantes da ópera como a Doriacci, todas essas fêmeas sempre o irritaram, e essa infeliz Olga, afinal, parecia-lhe a menos importuna porque pelo menos tinha o bom gosto da humildade.

Olga era humilde mas Clarisse não era humilde; era orgulhosa, mas não de sua fortuna, infelizmente! Era orgulhosa, de fato, daquilo que lhe escondia, daquilo que não conseguira esclarecer e ao mesmo tempo destruir; um sentimento ou uma faculdade ou uma ética ou um fantasma, alguma coisa, em todo o caso, que mantivera fora do seu alcance e que, por não lhe saber o nome nem a natureza, Eric não podia exigir que ela destruísse; essa certeza de uma resistência surda e determinada, escondida em alguma parte do subterrâneo particular de Clarisse, a princípio divertira Eric como uma luta ao mesmo tempo aberta e silenciosa, e depois o irritara quando percebeu sua incapacidade em descobri-la, e finalmente tornou-se-lhe indiferente, quando achou que Clarisse estava suficientemente vencida em vários outros

terrenos. Acreditara até que essa resistência fora abandonada em qualquer lugar como um velho estandarte, até esse cruzheiro, onde não somente Clarisse demonstrara a existência de sua bandeira como também a tinha levantado um pouco para lembrar-lhe a cor.

Era a partir dali que contava começar, mas foi impedido pela música barulhenta que de repente saiu dos alto-falantes. Um velho *slow* dos anos 45, tirado de um filme que todo o mundo vira na época. *As Time Goes by*.

— Meu Deus — disse Edma — meu Deus, vocês se lembram? — E procurou com os olhos alguém que estivesse disposto a se lembrar com ela. Mas não se encontrava no seu círculo de amigas. O único companheiro daqueles anos era Armand, e se lhe perguntasse sobre essa data, lembrar-lhe-ia a fusão de suas fábricas com Deus sabe qual outra fábrica, e só. Aliás, não se podia queixar de Armand não se lembrar precisamente do rosto e do corpo de Harry Mendel, que era seu amante na época; e com quem ela se divertira representando as cenas desse filme, identificando-se com a mímica dos dois atores, seus ídolos. Seu olhar pousou por um acaso um pouco dirigido sobre Julien Peyrat, silencioso no seu canto, e a quem Edma achava que o amor não estava fazendo bem. Aliás, o amor nunca beneficiara os homens que ela conhecia, por uma espécie de má sorte.

— Isso não lhe lembra nada, meu caro Julien, essa melodia linda e melancólica? . . — disse com voz trêmula na última palavra, franzindo os olhos numa dor secreta e longínqua, que, no estado em que estava, chegou a emocionar Julien em vez de fazê-lo rir.

Edma percebeu e aproveitou sua vantagem. O que fariam aqueles dois, o tolo sedutor e a encantadora e pobre mulher rica? Mas ela, Edma, por uma vez nada sabia. Sabia apenas que, no lugar de Clarisse, teria fugido com Julien Peyrat desde seu primeiro convite. Mas as mulheres dessa outra geração, a sua, eram mulheres ainda mulheres, graças a Deus... Não se consideravam iguais aos homens, achavam-se muito mais maliciosas. E se tivessem votado (as mulheres da sua idade, e ela própria), o teriam feito em favor do candidato mais sedutor, em vez de se enrascarem em discussões políticas que acabavam sempre vulgarmente por ucasses e vetos incompreensíveis aliás.

— Sim — disse Julien — como se chamava mesmo esse filme maravilhoso? Naturalmente, essa música me lembra *Casablanca*!

— Você também chorou, não?. . Mas você vai me dizer que não, naturalmente. . . Os homens têm vergonha de confessar que são sensíveis e chegam até a se orgulhar de não o serem. Que falta de instinto.. .

— De que é que a senhora queria que nós nos gabássemos? — disse Julien com voz tensa que não lhe conhecia. — De poder sofrer? A senhora gosta de homens que se lamentam?

— Gosto de homens que agradam, meu caro Julien! E você agrada bastante, acho, para não precisar ficar com essa cara. Sabe por que eu pedi para rodarem esse disco? Você que é sensível, sabe por quê?

— Não — falou Julien sorrindo sem querer a essa permanente exibição de charme e cumprimentos que Edma lhe dirigia.

— Pois é, eu o consegui, para poder estar nos seus braços sem que você fique afobado... Não é delicioso? Não é uma humildade dilacerante?

Ria ao dizer isso, fixando-o com os olhos brilhantes, seus olhos de pássaro. E toda a pele do seu rosto refletia a juventude do desejo e do flerte, apesar das rugas.

— Não acredito — disse Julien tomando-a nos braços. — Mas vai dançar de qualquer maneira comigo.

Com um relincho triunfante e batendo com os saltos no chão, Edma precipitou-se à direita enquanto Julien também esboçava um passo à direita, e ambos se desculpando voltaram para a esquerda, em arrependimento duplo, que os projetou de novo testa contra testa. Pararam, olharam-se rindo às gargalhadas e segurando a cabeça.

— Agora sou eu que dirijo — disse Julien com voz doce. E Edma dócil, de olhos fechados, seguiu-o nas suas evoluções, aliás, prudentes.

O olhar de Eric teria reprimido em quem quer que fosse a idéia desses prazeres grotescos, mas ele foi arrebatado por Olga, que o puxou para a pista. Oponha-lhe recusas, apenas polidas, às quais pôs fim com uma só frase: "*slow* ou quadro". Enquanto isso, Clarisse lançava a Simon Béjard o que considerava mais do que uma piscadela, mas ele retribuiu com sorrisinho confuso e infeliz que deu pena a Clarisse, por um instante. Charley levou-a ao som dos acordes da música.

— Não é que você dance mal — disse Edma soltando-se (como muitos homens que não sabem dançar, Julien Peyrat a apertara estreitamente sobre o coração e o ombro, escondendo-lhe assim a visão da pista, como se essa cegueira provisória permitisse-lhe acreditar nos seus talentos de dançarino como se Edma, não vendo onde punha os pés, não sentisse que não estavam onde deviam estar) — você não dança nada! Você passeia com uma mulher. Uma mulher que em vez de lhe dar o braço para andar está de frente. É um passeio freado que estamos fazendo agora, não? Eu lhe devolvo a liberdade.

— Minha liberdade, pois é. . . justamente, minha liberdade é Clarisse, agora, sabe? Se ela não estiver presente me sinto inibido. . . pela sua ausência.

— A esse ponto?

Edma oscilava entre a vaidade pelo fato de Julien lhe confiar seus sentimentos e um ligeiro despeito de não ser aquela de quem ele falava com

tanta melancolia e ardor. Desprendendo-se dos braços de Julien, apanhou Charley pelo ombro, parando-o decididamente nas suas evoluções.

— Meu querido Charley — disse — você, que é um exímio dançarino, livre-me deste grandalhão desengonçado e de suas infantilidades. Perdão Clarisse, mas eu acabo com os pés em sangue de tanto tirá-los de debaixo dos pés do seu suspirante...

E precipitou-se sobre Charley, deixando Clarisse e Julien face a face. Não quis se voltar principalmente para não os ver se reunirem lentamente, e lentamente começarem a dançar não sem uma visível rigidez, essa indiferença excessiva e tão reveladora dos amantes, felizes no amor. Julien e Clarisse giravam lentamente e com precaução, como se cada um deles estivesse abraçando um parceiro de porcelana, mas com os olhos nos olhos. Olga não pôde deixar de chamar a atenção de Eric, enquanto ao mesmo tempo se enlanguescia contra ele com sensualidade prometedora:

— Não fique tão distraído, meu querido. Tome um ar um pouco mais concentrado, quando me apertar nos braços. Olhe Julien Peyrat, como parece levar a sério o que faz com sua mulher. É muito bom que você não seja ciumento. . .

— Você falou do meu quadro? — disse Eric após um instante de silêncio em que evitou ver o espetáculo anunciado.

— Ainda não falei com Julien. Mas pensava falar amanhã de manhã na piscina; nós estaremos sós e eu não ficarei tão corada! Dizer que quero oferecer esse quadro a Simon... será duro de engolir.

— Você é atriz, não? Que eu saiba!

— Sou, mas não estou certa que Julien o saiba — disse com alguma irritação, como Eric observou inconscientemente. Mas calou-se e apertou-a, ao contrário, com mais força contra ele porque, virando-se, avistara Julien e Clarisse de perfil.

Ela dançava contra Julien e tinha a impressão de se apoiar num fio de alta-tensão. O mesmo curto-circuito iria fulminá-la logo, tudo poderia acontecer de novo, de feliz, de infeliz e de diferente. A vida era tudo, menos monótona, e esse tempo que lhe restava a viver, e que considerava interminável uma semana antes, parecia-lhe odiosamente curto agora que tinha que dividi-lo com um homem que a desejava. Teria que mostrar a Julien todas as paisagens, todos os quadros, fazê-lo ouvir todas as músicas, contar-lhe todas as histórias guardadas na casa dela, nos celeiros e adegas da sua memória, da sua infância, cultura, vida amorosa, da sua vida solitária. E parecia-lhe que nunca teria tempo de contar tudo dessa vida, no entanto tediosa, que considerara desesperadamente tediosa até então e que, graças aos olhos de Julien, seu desejo de compreendê-la, tomá-la e se lembrar tomara-se uma vida, uma vida transbordante de anedotas, de brincadeiras e

de tristezas pelo simples fato de ter vontade de contá-las a outra pessoa. Esse homem que vibrava junto dela com um prazer antecipado, do qual tinha um pouco de vergonha, esse homem restituíra-lhe não apenas o presente, prometera-lhe não apenas o futuro, mas restituíra-lhe um passado maravilhoso, vivo e do qual já não precisava se envergonhar. Apertou-se impulsivamente contra Julien e ele gemeu um pouco contra seu ouvido murmurando "Não, por favor", antes de recuar um passo, e ela riu em voz alta do seu ar penalizado.

O tempo passava. Edma chegara ao *paso doble* com Charley. O Capitão Ellédocq parecia hesitar, ele também, em dar alguns passos de plantigrado na pista, estimulado pelas súplicas de Edma. Os pares se tinham feito e desfeito, sem que jamais um deles fosse o formal, com uma chegada a este navio, quando a voz de Olga, que desaparecera havia dez minutos, ressoou de súbito assim que a música parou.

— Gostaria de saber — disse com voz tonitruante — quem foi mexer no meu armário, nas minhas coisas.

Seguiu-se um silêncio aterrorizado, de todos os lados surgiram exclamações: "Como?", "Por que você diz isso?", "É um absurdo!", enquanto os dançarinos entreolhavam-se com olhos desconfiados.

— Todo mundo desapareceu por um instante ou outro, minha querida Olga — disse Edma, tomando uma vez mais os acontecimentos sob seu bordão — exceto eu. Quando danço, danço até o amanhecer. O que é que você quer dizer? Tiraram-lhe alguma coisa? Dinheiro, jóias. Parece-me pouco provável. Não é, capitão? Vejamos Olga, o que é que lhe tiraram, minha querida Olga? Não se faz um escândalo por causa de um maço de cigarros.

— Não me roubaram nada — respondeu Olga, branca de raiva, o que a tomava feia, observou mais uma vez Edma. — Mas quiseram me tomar alguma coisa. Fizeram uma busca nas minhas coisas. E acho isso insuportável... não suportarei essa infâmia.

A voz dela subia, chegava a um ganido. E Edma, irritada, a fez sentar-se de um impulso numa poltrona, antes de lhe oferecer um conhaque como se fosse uma náufraga.

— Mas o que procuravam? — disse com um pouco de irritação. — Terá alguma idéia por menor que seja do que procuravam na sua cabina?

— Tenho — disse Olga com os olhos baixos. — E também quem era essa pessoa... — acrescentou, levantando a cabeça e olhando para Simon.

Ele tinha uma expressão emburrada e mal-humorada. Levantou os ombros, desviando os olhos.

— Mas — hesitava Edma — isso não é assunto particular?... Se acha

que foi Simon, talvez pudesse ter evitado essas cenas domésticas, minha Olguinha... Será que Simon retomou o seu contrato? Você o encontrou em pedaços no banheiro? Por acaso não será mais a heroína do próximo filme dele?

— Esse alguém procurava provas sórdidas para me acabrunhar — disse Olga com voz de falsete que, para surpresa geral, provocou o riso de Armand Bautet-Lebrêche.

Começou por um gritinho que sobressaltou a assembléia, depois continuou em relinchos, semelhantes aos de sua mulher, em minúsculos, enternecedores na sua modéstia. Olga continuou, sem parecer ouvir essa diversão inoportuna:

— Esse alguém naturalmente é covarde demais para se denunciar, mas eu gostaria bem que o fizesse de público. Era bem preciso que todo mundo soubesse qual é a distinção e a elegância dessa pessoa. Isso me daria prazer, sinceramente. . .

— Mas prova de quê? — gritou Edma Bautet-Lebrêche de súbito, impaciente com aquela acusação vaga tanto quanto com o riso imbecil e incontrolável do marido, que parecia contagiar Charley também.

— Provas da minha infidelidade — gritou Olga. — Eis o que se procurava e que não se encontrou. Devo ter chegado antes, cedo demais para que houvesse tempo de arrumar tudo. . . Acho isso repugnante. . . repugnante! — repetiu, gritando novamente, o que fez se elevar de uma oitava os espasmos do imperador do açúcar.

Clarisse, apoiada na mesa por trás da qual Olga tonitruava como uma estátua da justiça, olhava Simon desde o início da alteração e bruscamente achava-o emagrecido, envelhecido, desorientado e por demais saltitante. Via-o ao vivo e como ele parecia com ela, Clarisse, quando subira ao navio oito dias antes; ela, Clarisse, que ia descer do navio triunfalmente como Simon subira, amando alguém e acreditando ser amado. Parecia a Clarisse que ela roubara a Simon essa segurança bem-aventurada, e que lhe devia restituição por essa perda horrível. Via até onde Olga queria ir para humilhá-lo, mas não via as razões dessa afronta ou dessa crueldade. E alguma coisa dentro dela, que sempre existira desde a infância por cães aleijados, velhas senhoras em bancos, crianças tristes e os humilhados em geral, empurrou-a para a frente e ouviu-se pronunciando, quase surpresa, a única frase que pudesse afastar esse castigo da cabeça de Simon.

— Fui eu — disse em voz baixa, que teve o efeito de uma bomba.

— Você? . . . — perguntou Olga.

E levantou-se com os cabelos eriçados, com um "ar de medusa", pensou

Clarisse, com um movimento de retraimento, como se Olga fosse lhe bater.

— Sim, eu — disse muito depressa. — Estava com ciúmes, procurava uma carta de Eric.

No alarido que se seguiu, um alarido incrédulo e diversamente agitado, Clarisse atravessou as testemunhas do escândalo, apertou na passagem a mão de Julien, que lhe sorria com todo o rosto, e zarpou para sua cabina. Ali, deixou-se cair no beliche, fechou os olhos sobre um curioso sentimento de triunfo. Tentou duas ou três vezes imitar o riso estranho de Armand Bautet-Lebrêche e, após duas ou três tentativas desgraciosas aos seus próprios ouvidos, adormeceu como uma pedra até a chegada de Eric.

A saída de Clarisse foi seguida por uma algazarra de sala de audiência. Ouviam-se soar pedaços de frases muito incongruentes depois desse Verdi e desse Chostakovitch.

— Que teria vindo fazer no meu quarto? — dizia Olga com um furor doloroso que se sente ao se ver frustrado de uma causa justa, diante de pessoas queridas, por uma malícia de guerra.

A voz de Edma respondia à sua voz trêmula, uma voz mundana, um pouco seca, um pouco irônica, que pareceu de repente a Julien o cúmulo da jovialidade e da elegância de sentimentos.

— Eu não quero que se riam de mim! — gritava a voz de Olga. — O que pensam que Clarisse foi fazer no meu quarto? Ela não gosta de Eric, não gosta mais dele e é Julien Peyrat, aqui mesmo, que ela quer, e não esse belo patife de senhor Lethuillier. . . e eu a compreendo, e desejo muitas felicidades ao senhor Peyrat e eu...

— Olga!

A voz de Edma já não tinha nada mais de displicência. Era uma voz de mulher que dá ordens, a voz de uma mulher que comandara com egoísmo e firmeza durante anos os diferentes conjuntos de sua criadagem sem que jamais um deles pudesse mandá-la para o diabo facilmente. Era o tom de uma mulher que durante o dia usava com frequência dez vezes maior os verbos no imperativo do que em qualquer outro tempo, e dava ordens à camareira, ao cozinheiro, *maître-d'hôtel*, motorista, táxi eventual, vendedor, manequim, no salão de chá, nas grandes lojas e voltava para casa e continuava sendo obedecida como pela manhã. O modo interrogativo e o presente do indicativo eram muito raros nesse ambiente dourado. O ponto de exclamação bastava para muitas perguntas. Não havia mais que futuros e imperfeitos um pouco espalhados por toda a parte, quer se falasse de viagens ou de amantes. E o presente ao que parecia só era recomendado para abordar o tema das doenças e dos distúrbios funcionais. Sua voz bateu exatamente numa nota em escala maior, que suspendeu os borborigmos de Olga num pequeno silêncio que Edma não deixou escapar.

— O que é que você quer afinal, minha Olguinha, por favor? Que acusemos todos Simon de uma indiscrição que não cometeu? Que acusemos de perjúrio Clarisse Lethuillier? Esse gênero de confissão não deve ser agradável de fazer para ninguém, pode imaginar. Então o que você quer dizer? Que Simon é mentiroso e Clarisse é masoquista? Você deveria ir-se deitar.

— Tudo isso é ridículo. Ridículo e de mau gosto!

A exclamação de Eric não fora ouvida. Afinal de contas parecia que a vida ou a presença do responsável inicial de toda essa comédia fosse pouco solicitada, Eric percebia isso perfeitamente. Quer esse acontecimento tivesse sido desencadeado por ele, para ele, fosse para preservá-lo ou para se defender dele, Eric era o objeto de um conflito do qual sentia-se o último peão. Lançou um olhar furioso para Simon, que, pálido em vez de vermelho, parecia pregado na sua poltrona, as mãos pendentes enquanto que Julien lhe servia bebida como a um ferido recente.

— Não foi Clarisse — falou Simon, restituindo seu copo a Julien como a um *barman*, pensou Eric, ou antes como a um treinador, pensou Julien.

Tinha imensa pena de Simon Béjard, que partira alegre para seu primeiro cruzeiro de homem rico, todo contente com seu sucesso em Cannes, com sua encantadora amante, com seu futuro. Simon Béjard, que ia descer domingo em Cannes magoado, aliviado de alguns milhões e sem a menor confiança no coração das jovens. Simon, que tentava, apesar do seu desgosto, tranquilizá-lo a respeito do ciúme de Clarisse. Julien teve um impulso de afeição por Simon, que não lembrava ter tido por um homem desde a classe da terceira série. Julien tinha de fato conhecidos em toda a parte, mas não tinha amigos; talvez porque tivessem sido escolhidos em ambiente de vagabundos, cuja gabolice e covardia o exasperava, ou talvez por serem sujeitos corretos aos quais não poderia explicar a origem das suas rendas. Simon Béjard poderia ser um bom amigo. Aliás, Clarisse gostava muito dele.

— Estou farto de saber que ela não esteve lá. Não a perdi de vista um minuto — falou sorrindo a Simon.

— Mas por que você acha que ela fez isso? — Subitamente ficara perplexo.

— Por quê? Você quer dizer por quem? Por você. Você estava em plena catástrofe.

— Cobriu-se de ridículo por mim? . . . Você está percebendo — disse Simon com voz trêmula. Isso é que é uma mulher. Estou aprendendo com ela!

— Então, e o que foi que aprendeu? — disse Julien oferecendo-lhe um segundo copo como um medicamento, que Simon tomou e bebeu de um

trago, como se fosse intragável.

— Quero dizer que me ensinou que o ridículo não tem a menor importância.

E levantou para Julien olhos embaçados que o assustaram. Já não suportava ver mulher chorar. Abraçava-a sempre contra seu casaco para não vê-la. Tinha aliás vontade de abraçá-la e consolá-la com a mão e a voz, como aos cavalos. Mas um homem em lágrimas lhe fazia o efeito contrário, envergonhava-se por ele, fazia-o fugir. Por isso ficou estupefato ao se virar, depois do silêncio que aparentemente servira de resposta a Simon, de encontrar Simon na sua espreguiçadeira, Simon Béjard com o aspecto de novo bronzado e sorridente e sem esforço visível, Simon tinha o olho do mesmo azul que na partida.

— Não sei o que acrescentar, meu velho, porque não consigo acreditar, mas ficou terminado. Estou livre dessa Olga — disse dando um tapa afetuoso no braço de Julien.

— Acabou mesmo?

— Sim! Acabou!

Os dois homens entreolharam-se rindo, o sorriso de Simon provocando o de Julien.

— Fora de brincadeira. . . — disse Julien — fora de brincadeira? Isso passou de uma vez?

— Essa é minha impressão, pelo menos. É como se fosse um espinho a menos. . . Isso já lhe aconteceu? — perguntou amavelmente a Julien, com um alívio na voz, talvez premeditado, mas muito bom de ver.

Parecia-lhe que Olga tinha ido longe demais, demasiadamente longe, e que talvez tivesse ganho aquela vasa se não fosse a rapidez de Clarisse; aquela Clarisse que "tentando salvar a minha honra recordou-me que eu tinha uma", falou. — Você compreende, meu velho?. . . Afinal, não vou me deixar massacrar por uma *starlet*, meu Deus!

— Meu Deus! Como tem razão! Mas está certo que não foi o orgulho que o desligou de qualquer amor nessa velocidade?

— Você vai ver amanhã.

Apoiada no travesseiro, com uma blusa verde-água que lhe ia muito bem, Clarisse lia à luz de uma lamparina. Ou antes, relia *Os Irmãos Karamazov* e os olhos brilhavam-lhe numa espécie de fervor russo que não precisava representar, sendo semi-russo o sangue dos Baron pela parte feminina. Eric fechou a porta a chave encostou-se com um sorriso enigmático, ou que queria que assim fosse, e que pareceu à mulher simplesmente uma cópia de um mau filme americano. Desde Julien, havia uma nova mulher em Clarisse, uma mulher de espírito excessivamente crítico quando se tratava de Eric e excessivamente indulgente quando se tratava de Julien e até dos outros passageiros. Via todo o tempo a afetação e as intenções no fundo da cabeça de Eric. Censurava-se um pouco dessa severidade que julgava duvidosa, por datar do mesmo dia dos seus sentimentos por Julien, cujo impulso e subsistência tinham, *a priori*, necessidade de tal severidade.

— Então?... — disse, as mãos nos bolsos, elegante e louro.

— Então o quê? — perguntou Clarisse, pousando o livro aberto como para mostrar que estava ocupada.

Eric pestanejou mais uma vez. Detestava que se lesse diante dele. Resistiu um instante ao desejo furioso de arrancar-lhe o livro das mãos e jogá-lo pela vigia para lhe ensinar a viver. Controlou-se a tempo.

— Então, está contente com sua saída. Acha engraçado desorientar a pobre Olga na sua suspeita? Você não percebeu suficientemente o ridículo dessa busca? Ainda precisa se imiscuir nas suas cenas grotescas? Gostaria que fosse mais clara sobre isso, minha querida Clarisse.

— Não o compreendo — disse ela (e desta vez fechando o livro, colocando-o na cama ao alcance da mão, pronto para ser aberto logo que esse importuno a deixasse tranqüila, pareceu ainda desta vez a Eric). — Não o compreendo. Tudo isso é muito lisonjeiro para você, não? Que eu vá procurar os vestígios da minha desgraça até nas gavetas de uma rival parece-

me trazer louros para sua cabeça...

— Existem sucessos vulgares que não dão qualquer prazer.

E uma expressão de nojo, de severidade passou pelo seu belo rosto enfeando-o. E Clarisse lembrou-se quantas vezes essa expressão enojada a humilhara até o coração, sem que resistisse, pois não entrava em questão pôr em dúvida a inteligência, a sensibilidade e o absoluto de Eric Lethuillier. "Acalme-se, acalme-se", disse a si mesma. E, de repente, percebeu que pela primeira vez, havia anos, falava consigo mesma à meia voz como a alguém desejável e desejado, alguém em que se pode confiar.

— De qualquer modo era bem secundário; ainda assim, por que fez isso?

— Mais por ele — respondeu Clarisse, sacudindo a cabeça diante do absurdo dessa pergunta. — Por Simon Béjard. Aquela pilantra ia despedaçá-lo...

O termo "pilantra" na boca de Clarisse desconcertou-o ainda mais. Havia muitos anos os adjetivos pejorativos, por acordo tácito, eram reservados a seu uso pessoal.

— Continua se interessando tanto pelos assuntos dos outros? — disse com má fé (e percebendo o seu erro mordeu os lábios, mas já era tarde).

— Quando o outro é meu marido, sim. De fachada. Sabe que não me interesso pelas histórias dos outros. . . Interesso-me apenas pela minha — disse melancolicamente, baixando suas longas pálpebras sobre os olhos azuis.

— Pelo menos você chegou. . .

Hesitou um instante. Tinha a impressão de estar fazendo uma tolice. Sempre esse sentimento de temor e de risco do qual, aliás, não conseguia imaginar os resultados eventuais. E foi o orgulho, e só o orgulho em face de si mesmo, que o fez terminar a frase.

— Você chegou, pelo menos, a se interessar pela de Julien, minha querida Clarisse? Ainda continua me devendo uma resposta... E não me pergunte qual pergunta, seria ofensivo.

Olhava-a severo, e Clarisse levantou os olhos e os abaixou imediatamente, depois de ter cruzado com seu olhar.

— Isso lhe interessa, realmente? — perguntou com voz hesitante.

— Sim, isso me interessa. Na realidade, só isso me interessa — disse quase sorrindo.

E com esse sorriso, sem confessá-lo, Eric queria manter Clarisse naquela atmosfera de boa vontade para que ela se sentisse responsável por qualquer mudança no seu novo acordo. Esse sorriso, em Eric, queria dizer, e ainda sem que ele o percebesse: "Você está vendo, eu sorrio. . . Eu sou complacente, acomodativo. Por que não continuar sem criar dificuldades?", etc. Era de fato um sorriso acomodativo, de paz, mas esse sorriso era tão desconhecido de Clarisse que ela o atribuiu à sua origem habitual: desprezo, condescendência,

incredulidade. E, num movimento de cólera, ergueu-se no travesseiro, lançou um olhar severo a Eric, um olhar de alarme como para preveni-lo, para se pôr ia defensiva e articulou com voz fria:

— Você me perguntou se eu era a amante de Julien Peyrat, não foi? Pois então sim, eu sou amante dele há alguns dias.

E foi só depois dessa frase que ouviu seu coração bater com pancadas redobradas e violentas; como se o próprio coração temesse uma reação de Eric a essa frase; como se seu coração a avisasse, mas demasiado tarde. Viu Eric empalidecer na porta, viu ódio nos seus olhos, ódio e também a sensação de alívio que conhecia bem, e que era o que ele sentia por apanhá-la em falta todas as vezes, a humilhá-la com suas acusações. Em seguida, ele recuperou a cor. Deu três passos em sua direção, pegou-a pelos pulsos. Pousara um joelho na cama, apertava-lhe as mãos até magoá-la e falava a dez centímetros de seu rosto com uma voz entrecortada, ofegante, que ela mal compreendia, de tanto medo. E ao mesmo tempo olhava um ponto negro de cravo, em geral invisível no rosto de Eric, um cravo explicável apenas pela ausência de espelho de aumento no navio. "Acho que tenho álcool", pensou absurdamente. De fato, não está nada bonito, debaixo do nariz. . . Ele tem que fazer alguma coisa. . . o que é mesmo que ele estava dizendo?

— Você está mentindo! É só o que você sabe fazer, mentir! Você quer me enervar, me estragar esse cruzeiro? É de um egoísmo teimoso. Todo mundo sabe. . . Conduz-se como uma selvagem com seus amigos e seus familiares sob pretexto de distração, não presta atenção a ninguém, minha querida Clarisse. Essa é sua fraqueza: não gosta das pessoas! Não gosta de sua própria mãe: você nunca a ia ver. . . mesmo a sua mãe! — dizia com raiva, quando ela o cortou.

— De qualquer modo — disse ela calmamente — isso não tem importância. . .

— Então?. . . tudo isso não tem importância? Suas supostas emoções com esse falsário, esse cafajeste. Tudo isso não tem importância, hem?

Mas estranhamente sua raiva caíra, e quando ela respondeu: "Sim, talvez!", com voz neutra, ele entrou no banheiro como se não tivesse ouvido a resposta e como, efetivamente, não tivesse mais importância.

Olga tinha-se deitado naquela noite muito antes de Simon, que ficara no bar para se embriagar sem o conseguir e, quando voltou à cabina, viu-se atingido pelo olhar elaborado pela sua doce amante. Era um olhar distante e polido, quando ele chegava depois dela, e um olhar indignado, ou mesmo chocado, quando ao contrário, chegando depois dele, encontrava-o deitado. E esses dois olhares destinavam-se a ajudar Simon a perceber sua insignificância, e o esquecimento da sua pessoa que, infalivelmente, se deduzia. Que expressão era aquela de cão batido que ele adotara nesses últimos tempos, seu querido produtor? Sem que ninguém soubesse por quê? Olga estava tão longe de pensar que se pudesse ter sentimentos fora dela, que fazia Simon sofrer menos deliberada que naturalmente. Infelizmente sua natureza não tinha salvação. Olhava esse homem que o destino lhe dera primeiro como produtor, e em seguida como amante, que queria além disso ser amado, e que ela lhe provasse. Bem que lhe provava tudo que queria, não?, pensou ela, "entregando-se todas as noites às suas exigências". E mesmo quando recuava, quase por honestidade, devia saber bem que isso chateia as mulheres, tudo isso as força. "Ou então seria preciso que tivesse um outro físico." Naturalmente, o temperamento de Simon Béjard já era conhecido no ambiente, mas era sempre assim. Os homens como Simon eram sexuais obsessivos, e os como Eric ou Andréas, aliás, eram semifrígidos. A menos que, tendo se tornado artista e cedendo ao narcisismo desse ofício, o gosto pelas mulheres se tornasse excepcional.

Enquanto esperava, lançou, pois, a Simon o olhar distante que se reserva a um desconhecido, e não teve dificuldade em mantê-lo porque as atitudes de Simon a espantavam de verdade. Sentara-se no seu beliche e tinha as duas mãos ocupadas, uma para tirar os sapatos e a outra para acender o cigarro. E quando Olga lhe falou teve a impressão de incomodá-lo pela primeira vez, desde o início do cruzeiro.

— Para onde você foi depois da crise de histeria de Edma? — perguntou-lhe.

Ele franziu as sobancelhas sem responder, sinal que o estava incomodando. De fato, sim, era a primeira vez desde muito tempo que Simon não tinha atitude absolutamente disponível aos caprichos de Olga. A primeira vez que suas mãos estavam ocupadas ao mesmo tempo que seus olhos e pensamentos, em outra coisa que não em sua contemplação ansiosa e suplicante. E Olga percebeu tudo de imediato, graças ao radar perpetuamente em ação e ultra-aperfeiçoado, que a informava de todos os humores ambientes e lhe indicava os sinais luminosos nas encruzilhadas, sem infelizmente lhe dizer se eram vermelhos ou verdes. Nesse momento, por exemplo, pensou que fossem verdes e precipitou-se numa colisão que, se o radar fosse inteligente, lhe teria evitado. Mas era apenas instintivo, nem mesmo sensível. E a luz acendia e apagava sem nada assinalar.

— Não me responde?

Simon olhou-a e Olga espantou-se com o azul de seus olhos. Havia muito tempo que não notava a que ponto esses olhos eram azuis. Havia também muito tempo que não observara que Simon tinha um olhar.

— Que histeria? — disse ele suspirando. — Não vi histeria nenhuma em Edma Bautet-Lebrêche.

— Ah, não? Não ouviu seus gritos, talvez?

— Ouvi principalmente os seus — respondeu Simon Béjard com a mesma voz cansada.

— Eu? Eu gritei? . . . Eu?

Sacudia a cabeça com o rosto da inocência perplexa, alegoria que pouco fazia, era o que lhe indicava o olhar de Simon. E pela primeira vez, havia também alguns dias, ela se perturbou. Não se lembrava da cor nem tampouco da acuidade do olhar de Simon.

— O que quer dizer? Que eu menti, talvez?

— Não — respondeu Simon com a mesma voz lenta que irritava Olga e começou a lhe dar medo. — Não, você não mentiu, você disse a verdade, mas diante de 20 pessoas.

— E então?

— E então foram 20 pessoas demais — disse levantando-se e tirando o casaco lentamente, fatigado, velho, cansado, mas também cansado dela, Olga Lamouroux, *starlet* de segunda classe que nada teria a fazer, na volta, se Simon Béjard mudasse de opinião.

Olga Lamouroux chamou Simon de "meu querido" com voz terna e pueril e ficou no escuro emburrada, tarde demais, esperando em vão que viesse consolá-la da sua própria maldade. À primeira mudança de beliche

que tentou, Simon Béjard levantou-se, tornou a vestir o casaco e as calças com um ar vago e saiu.

No bar deserto, viu no espelho, por trás do seu copo, um homem ruivo um pouco flácido mas com quem não se tinha vontade de brincar. E cuja cabeleira nem barriga se notavam, tão frio era seu olhar. "Enfim acabaram-se a grande música e os grandes sentimentos para Simon Béjard", foi o que disse com amargura para si mesmo desviando a cabeça do seu reflexo, do que ia ser.

Resmungando palavras mal-humoradas, Armand passara a perna para dentro da banheira, gigantesca e ridícula para um navio, segundo achava, e agarrado com a mão direita ao punho de segurança ali imergiu progressivamente seu corpo delgado e branco, tão desprovido de músculos que, nu, adquiria ares de odalisca.

Instalado no fundo da banheira, Armand movimentara vivamente os dedos dos pés respingando água por todos os lados e lançando gritinhos alegres, na verdade chegou mesmo a estalar os dedos dos pés e das mãos, feito a que se aplicava havia anos sem ao menos uma vez ter "pensado nisso". "Edma tratá-lo-ia de débil mental se o surpreendesse." Por essa razão, levantou os joelhos quase até o queixo com um gesto brusco e começou a se ensaboar vigorosamente (como fazem os garotos no colégio diante dos inspetores) quando ouviu a porta da cabina abrir-se bruscamente. Um perfume de mulher que não reconheceu insinuou-se até à banheira, luxuoso e almiscarado como uma raposa, uma raposa azul naturalmente. "Mas é o trinco?", pensou distraidamente desolado, resignado a se levantar, se arrancar daquela doçura da água quente e ao espetáculo dado pelos seus pés nus, lá no fundo, quando percebeu que a resposta precedera sua pergunta. Não ouvia qualquer diálogo ao lado, Edma estava só, indubitavelmente, e além disso assoviava mesmo uma canção ousada, ao que parecia que a Armand que devia ter ouvido semelhantes duas ou três vezes na vida: como militar, como primo de um jovem interno dos hospitais e como colegial, ainda mais cedo. Ela não o chamava e no entanto seu terno estava pendurado no cabide perto da vigia e era impossível que não o tivesse visto. Começava a sentir frio enquanto esperava nessa água morna, o queixo mantendo seu crânio encaixado entre os joelhos.

— Edma? — lançou ele lamentavelmente sem saber por quê. E como

não houve resposta, gritou — Edma! — com voz mais aguda, e tanto quanto possível mais autoritária.

— Pronto, pronto. . . já vou chegando — disse uma voz violenta que não era de Edma, compreendeu de repente, mas da Doriacci que se mostrava, parando na moldura da porta. A Doriacci estava com um vestido de noite amarrotado, as pinturas excessivas mal colocadas, os cabelos negros dentro dos olhos, ar excitado e alegre como depois de uma impudícia. Em suma, a Doriacci. E ele, o imperador do açúcar, Armand Bautet-Lebrêche estava nu como um verme, sem seus óculos e sem sua dignidade, sem uma toalha para se enrolar diante dela. Olharam-se por um segundo desafiadoramente, e Armand ouviu-se suplicar:

— Saia. . . saia, por favor. . . — com uma voz rouca e irreconhecível que pareceu despertar a Doriacci de uma vez.

— Meu Deus, o que é que você está fazendo aí?

— É meu quarto. . . — começou Armand Bautet-Lebrêche levantando o queixo, como fazia nos seus conselhos de administração, mas sempre com voz alta.

— Sim, é seu quarto, não há dúvida... Imagine que marcara encontrar-me com Edma aqui, mais exatamente no pequeno salão. E eu era demais ali — acrescentou alegremente, antes de se sentar tranqüila na beira da banheira acima de Armand, que abaixou suas mãos sobre sua virilidade, aliás pouco impressionante.

— Mas a senhora tem que ir embora. . . Não vai ficar aqui.

Dirigiu a Doriacci um rosto suplicante, cheio de um fervor imenso que lhe fez lembrar os de milhares de fãs, como os via no sopé da escada de serviço nas óperas do mundo inteiro, esperando um autógrafo e lançando sobre ela, sua notoriedade, seu mito, seus cílios falsos e sua arte, esse mesmo rosto esfomeado e idolatra. E a ilusão foi tão perfeita que, tomada por um impulso de bondade, a Doriacci inclinou-se sobre a banheira e pôs com violência sua boca fresca na dele, para em seguida rejeitá-la como se o infeliz se tivesse adiantado meio milímetro que fosse. E deixando-o desequilibrado escorregar para o fundo da banheira, buscando seu pulso como apoio, saiu triunfalmente.

Foi com profundo sentimento de alívio, o sentimento de ter escapado por pouco, ter salvo a vida, que Armand Bautet-Lebrêche, ao menos aquela vez esquecido dos seus açúcares, estendeu-se no grande leito duplo da sua cabina e começou a instalar na mesa-de-cabeceira os dez objetos indispensáveis a essa outra travessia, que era o sono: dispôs ali comprimidos para dormir, comprimidos para relaxar, alguns para fazer funcionar os rins, outros para impedir a nicotina de chegar aos pulmões, etc. E ainda (mas

estes previstos para a manhã), os medicamentos que produziam o efeito inverso: para ficar desperto, para aumentar a pressão, para decuplicar sua vigilância, etc, tudo arruma do em quadradinhos numa exígua mesa-de-cabeceira, como Napoleão arrumava os seus veteranos, na Áustria. Essa providência tomava-lhe todas as noites uma boa meia hora. E pelo menos ainda valia isso, aqueles nove dias de tédio mortal. Convém acrescentar que Armand Bautet-Lebrêche não sentia qualquer revolta nem acomodação, aliás, ao tédio total em que o lançava a inatividade. Aborrecia-se, pensava, porque ele mesmo era aborrecido, ou os outros o eram. De qualquer modo, aborrecer-se não era tão grave assim, era menos grave em todo o caso que uma queda imprevista de ações, ou algum embargo contra os açúcares. Durante toda sua vida, aliás, Armand Bautet-Lebrêche aborrecera-se até a morte: na casa dos pais, com seus conhecidos, na casa dos sogros e finalmente com a mulher, mas, nesse particular, tinha que dizer honestamente que sua vida fora muito menos tediosa graças a Edma; Edma fora sempre, no gênero esposa, "uma chateante, mas não uma chata" como dizia aquele autor cujo nome não se lembrava mais. Mas o que estaria ela fazendo agora? Constatava em todas as ocasiões, e não sem surpresa, que sua mulher Edma, na qual nunca pensava nos seus dias de Paris, ocupava o centro dos seus pensamentos assim que estavam em férias. Ela ocupava-se de tudo, velava para que não se preocupasse com as passagens nem com as bagagens nem com as faturas. Pegava-o embaixo do braço e levava-o. Em qualquer parte aonde fosse, cuidava que ficasse bem penteado, bem alimentado, bem servido de revistas financeiras diversas e de jornais da bolsa. Graças a isso, Armand Bautet-Lebrêche passava férias excelentes, embora quando Edma desaparecesse por mais de cinco minutos se sentisse perfeitamente perdido, até mesmo desesperado. E quando Edma voltava das suas excursões a lombo de camelo no deserto, suas expedições aos portos de prazer nos braços de um homem jovem, encontrava sempre, quando voltava três horas depois, Armand acordado, sentado na cama e todas as vezes a via entrar com expressão de felicidade, de prazer, de alívio também, de tal forma que ela acabava por vezes a se perguntar se, no fundo, não tinham estado sempre loucamente apaixonados um pelo outro, pelo menos ele por ela. Isso daria um tema muito bom para um filme, pensara uma vez, e confiou a Simon Béjard: um homem e uma mulher vivem em boa harmonia há anos. Pouco a pouco, graças a detalhes, a mulher percebe que o marido a adora. Finalmente convencida, deixa-o exatamente a tempo, antes que ele lhe diga o seu amor, ajudada por um amigo de infância do marido que, ele, permaneceu normal.

Simon pusera-se a rir enquanto ela lhe contava (mas sem indicar as origens do tema). E Edma ainda ria agora. A expressão de Armand se lhe dissesse "Armand, eu o amo", assim, de repente, depois do chá. . . cairia da

cama, o pobre queridinho. De tempos em tempos Edma Bautet-Lebrêche enternecia-se assim por alguns minutos sobre o destino daquela formiguinha trabalhadeira e discreta chamada Armand Bautet-Lebrêche, seu marido. Por vezes, mais de três minutos mesmo, antes de se lembrar que ele arruinara seus próprios amigos, que espezinhava os fracos e que a palavra "coração", quando a usava, representava o de uma usina ou de uma maquinação. Vira-o comportar-se como mercador de escravos duas ou três vezes, e sua educação burguesa, ultrapassada e espezinhada, lhe fizera compreender definitivamente as diferenças que existem entre a pequena burguesia e as grandes fortunas, diferenças que nunca seriam por demais sublinhadas por Scott Fitzgerald. Todas essas lembranças chegavam a lhe dar frio nas costas, anos depois.

Bateram à porta. Armand era incapaz de imaginar, nos seus hábitos de normalidade, que fosse outra pessoa senão o camareiro que vinha naquela hora tardia à sua cabina. Gritou: — Entre — com voz irritada, a voz de comando que retomara e de que apreciava se servir de repente dois tons mais alto, como se o ar que engolia e rejeitava brutalmente entre os lábios expulsassem também a lembrança da Doriacci, da sua boca que cheirava a cravo ou a rosa (Armand não sabia realmente mais quem cheirava a quê, entre as flores), a lembrança do constrangimento que o atacara com risco de afogá-lo. Mas quando viu a porta ficar entreaberta sem que ninguém com voz zelosa respondesse à sua interpelação: "garçon", pensou que estava de novo perdido: a Doriacci teria apenas ido pôr uma toalete de noite, um vestuário arcniano qualquer; e como os jovens a aborreciam e os achava sem graça, como parecia se depreender das suas conversas, tinha lançado suas intenções para ele, Armand, devido à idade talvez, mas sobretudo pela sua fortuna. A Doriacci, apesar dos seus milhões dos cachês, queria também a fortuna dos Lebrêche (Bautet sendo apenas o nome de solteira da sua mãe, que a família tinha ligado ao do pai, como ela desejava, e isso sem generosidade nem modéstia, pois o capital das ilações Bautet representava apenas o terço do dos Lebrêche). Pois é, Doriacci ou não Doriacci", repetia febrilmente Armand, "a fortuna açucareira feita pelos meus pais, meus avós e meus bisavós não mudará de proprietário".

Ia explicar tudo isso imediatamente a Doriacci, talvez ela ficasse com medo. . . E na sua inocência Armand esboçou uma careta que acreditava inquietadora, mas era antes cômica, pois Eric Lethuillier, na porta, caiu na gargalhada. O que estaria fazendo ali aquele sujeito agora? Armand Bautet-Lebrêche pestanejou do fundo da sua cama e murmurou: — Saia! saia! — desesperadamente, como devia ter dito o Papa Alexandre aos pequenos Borgias que o viam morrer. — Saia — repetiu fracamente, virando a cabeça para a esquerda e a direita "como os moribundos nos filmes americanos",

pensou bruscamente. E corou por causa do julgamento provável do olhar azul, pensativo e sensato desse homem. Ergueu-se de um golpe na cama, sorriu, tossiu para clarear a voz e disse estendendo uma mão pequena mas viril que não combinava com o pijama.

— Como vai você? Desculpe-me, estava sonhando.

— O senhor sonhava mesmo que eu saísse — disse Eric sorrindo ainda com seu belo sorriso frio que atraía, de tubarão a tubarão, uma certa consideração por parte de Armand. — Vou satisfazer seu sonho muito depressa, mas antes tenho um favor a lhe pedir, caro senhor. Veja de que se trata: minha mulher fará 33 anos amanhã ou depois, eu acho, ao chegarmos a Cannes. Eu queria oferecer-lhe o Marquet do nosso amigo Peyrat, que ela deseja, mas receio que aquela briga estúpida o iniba e impeça de vender-me o quadro. Poderia o senhor fazer essa compra para mim? Aqui está um cheque para reembolsá-lo.

— Mas. . . mas. . . — balbuciou Armand — Peyrat vai ficar furioso.

— Não. . . — (Eric fez um sorriso um pouco cúmplice que constrangeu vagamente Armand.) — Não, se esse quadro for para Clarisse, decentemente ele não poderá se irritar. E uma vez o quadro vendido, não haverá nada a fazer. . . Além disso, acho que nosso amigo Peyrat ficará bem contente de vender esse quadro de qualquer maneira.

Dera uma entonação a esse "bem contente" que despertou em Armand, de imediato, o homem de dinheiro à espreita, ligeiramente anestesiado por esse cruzeiro.

— Que você quer dizer por contente? Você está seguro de que esse quadro é verdadeiro? Quem o confirma? Duzentos e cinqüenta mil francos são 250 mil francos — disse com má fé. (Porque, apesar de sua avareza, o número de zeros num cheque já não representava mais nada para ele. Mais nada, em todo o caso, que se possa comprar ou dê prazer. Duzentos e cinqüenta mil francos não era nada de fato para Armand, já que não chegava a ser uma quantia que se pudesse manobrar com eficácia na bolsa.)

— É Peyrat, ele próprio, que tem todos os certificados e é ele mesmo que garante — disse Eric com ar despreocupado. — E depois, você sabe, se Clarisse gosta desse quadro, gosta dele porque *é* belo, e não por esnobismo. Minha mulher é tudo, menos esnobe, como o senhor pode ter observado — acrescentou, inclinando um pouco a cabeça com esse mesmo sorriso (que desta vez, estava seguro, repugnava realmente a Armand Bautet-Lebrêche).

— Está combinado — disse mais secamente do que queria. — Amanhã de manhã, na primeira oportunidade, o encontrarei na piscina e lhe farei um cheque.

— Aqui está o meu — disse Eric, dando um passo na direção de Armand, e apresentando um papel azul-claro, esse papel idílico de cor pastel

dos bancos franceses. E como Armand não esticava a mão para apanhá-lo, Eric ficou um segundo num pé só e se perturbou, acabando por dizer: — O que faço com isto? — com uma voz hostil a que Armand Bautet-Lebrêche respondeu no mesmo tom:

— Ponha-o em qualquer lugar — como se esse papel fosse feio de ver. Os dois homens entreolharam-se e por uma vez Armand estava atento: Eric lançou-lhe seu sorriso maravilhoso, inclinou-se até mesmo com graça e disse:

— Obrigado — com a bela voz quente que na televisão exasperava Armand, nesse momento lembrando-se disso.

Eric saiu.

Armand Bautet-Lebrêche deixou-se escorregar na cama, apagou a luz e ficou imóvel no escuro três minutos, antes de se levantar, acender febrilmente o abajur e deixar escorregar pela garganta mais dois soníferos, que, se fosse preciso, resistiriam às insinuações voluptuosas da Doriacci.

O *Narcissus* levava dezoito horas de Palma a Carnes, que atingiria atravessando pelo mar alto e sem escala, estando a chegada prevista para a noite, para o jantar antes das despedidas. O tempo estava magnífico. O sol pálido matizado de vermelho, e o ar mais fresco, tenso, mas de uma tensão diferente da que reinava a bordo. Sentia-se, pelo contrário, as alfinetadas de uma vivacidade e de uma vitalidade um pouco friorentas, nesse dia triunfante, andando no convés desse navio que trazia de volta ao inverno e à cidade. Fazendo-se a conta, pensava Charley, haveria certamente maior número de passageiros aterrorizados do que encantados com a aproximação do inverno; entre os passageiros para quem Paris soava como uma promessa só havia Clarisse e Julien, para quem Paris representava 10.000 quartos tranquilos e difíceis de serem encontrados, e Edma, para quem seria uma felicidade contar à grande Paris as peripécias da viagem. Edma, que voltava cheia de amor por aquela multidão da alta hierarquia que a esperava e da qual ele não gostava de ninguém isoladamente, mas cuja rapidez, acrimônia e esnobismo lhe esquentariam o coração, de forma extravagante, mas certa. "Talvez fosse afinal uma das paixões mais sãs, quando já não se tinha idade para outras, o esnobismo", filosofava Charley contemplando Edma, que jogava pedaços de pão aos delfins e às gaivotas com o mesmo gesto que faria provavelmente para oferecer canapés de caviar ou de pasta de fígado em sua casa. Edma participava desse cruzeiro há quatro anos. Charley, de início aterrorizado, acabara por se prender a ela, sobretudo neste ano em que fora encantadora e só devolvera à cozinha quatro vezes o café da manhã. Nem mesmo ameaçara descer na próxima parada, como dizia, o que já era um grande progresso. Mas Charley se perguntava se esse progresso não era devido às distrações realmente numerosas este ano no *Narcissus* que não teriam dado tempo a Edma para se demorar demasiadamente sobre o ponto das suas torradas ou o trabalho das passadeiras. Estava visivelmente encantada, lançando o pão para o ar e rindo seu grande riso mundano e

tonitruante; parecia uma colegial. Parecia estar em cheio na idade ingrata, de fato, disse Charley para consigo, pressentindo que ela nunca sairia dessa fase, como Andréas também não sairia da infância, Julien da adolescência e Armand Bautet-Lebrêche da velhice.

— Mas o que é que eles têm, Charley? Esses animais não comem pão?.. Charley aproximou-se correndo da elegante madame Bautet-Lebrêche, vestida com uma japona azul-cru e uma saia plissada de linho cor de pão integral, apertada na cintura sobre uma blusa de malha estampada azul e branca, e com um chapéu do mesmo azul que a japona. Parecia uma fotografia de revista de modas. Era a própria elegância, como lhe declarou inclinando-se sobre sua mão enluvada e instruindo-a sobre os costumes dos cetáceos, mas ela cortou-lhe a palavra:

— É o último dia, Charley. Estou bem triste, este ano.

— Tínhamos combinado, ontem, não falar nisso até Cannes — disse ele sorrindo.

Mas seu coração sangrava, como gostaria de confessar a Edma. De fato, seria em Cannes que Andréas desapareceria da sua vida, da vida da Diva e da dos outros passageiros. Andréas não pertencia ao mundo deles, nem ao seu ambiente nem à sua cidade, nem ao seu bando.

Andréas, como um príncipe perdido entre a plebe ignorante, vinha do seu reino de Nevers e voltaria muito breve para lá viver uma existência pacífica e trabalhosa de braço com uma mulher que ficaria com ciúmes dele toda a vida. Era isso que o esperava, ou pelo menos era o que pensava Charley, que não pôde deixar de comunicar a Edma suas intuições.

— Ah! Você o vê arrumado em Nantes ou em Nevers, numa vida burguesa? É engraçado, eu não vejo assim — disse Edma com os olhos franzidos para o horizonte por trás de Charley, como se estivesse vendo ali escrito o futuro de Andréas.

Edma batia com o indicador nos lábios e parecia ter dificuldade em formular uma opinião própria.

— Que outra coisa a senhora acha que poderia ser?

— Eu, eu o vejo num mau começo de vida — falou sonhadoramente. — Vejo-o, antes, nunca partindo, não partindo nem mesmo deste navio. Mal vejo o que poderá fazer agora, no cais, sem dinheiro e sem família. . . Ah! Realmente, meu querido Charley, Deus sabe que nunca lamentei que um homem fosse viril, pois é, mas para Andréas, preferia vê-lo nos seus braços do que arrancado aos braços da Doriacci.

— Eu também teria preferido — comentou Charley tentando sorrir.

Mas doía-lhe a garganta e assustava-o que Edma, como ele, temesse por Andréas; ela, Edma Bautet-Lebrêche, que nunca temia nada, por quem quer que fosse, ou então que esse quem quer que fosse não tivesse sido

convidado a um baile a que ela iria.

— Clarisse também está inquieta — disse ele em voz baixa. E Edma olhou-o, viu sua expressão, deu-lhe tapinhas na mão, enternecida.

— Também foi um cruzeiro duro para você, caro Charley.

— Eu estava justamente contando os que saíram ganhando. Vejamos...

— É uma boa idéia...

Edma apoiou-se na amurada perto dele e, num segundo, os dois estavam com os olhos brilhantes, o ar excitado, à idéia das maldades ou brincadeiras estúpidas a se dizerem sobre o próximo. Estavam tão divertidos de antemão que se esqueceram por duas horas do destino de Andréas.

— Venha comigo — dissera a Doriacci a Simon Béjard, que achava singularmente reanimado esta manhã, e quase elegante no seu *jeans* e casaco largo demais. Via-se bem que esta manhã a jovem Olga não cuidara do seu vestuário; e que também não tivera tempo de lançar a esse pobre rapaz uma ou duas frases desagradáveis, frases de que ele procuraria se livrar durante todo o dia, e conseguia-o, mas não sem esforço visível, que dava pena ver. A Doriacci chegara a pensar na última noite em subornar o bravo Simon e confiar-lhe em seu plano o papel principal e, não como agora, de testemunha. Mas isso era muito complicado e sobretudo não pareceria verossímil a Andréas. Disparou na direção do bar e sentou-se tranquilamente ao balcão, onde se apoiou para refazer sua maquilagem sem economizar batom e rímel. Tinha olheiras, o que lhe dava um ar frágil inesperado, "quase desejável", pensou Simon Béjard esquecendo por um instante sua preferência pelas jovens em flor.

— Você quer me levar a beber tão cedo? — perguntou sentando-se ao lado dela.

— Exatamente. Gilbert, dê-me dois martinis secos, por favor — disse dirigindo seu sorriso deslumbrante e um piscar de olhos bastante acentuado ao *barman* louro que estremeceu de prazer, piscadela que lhe foi confirmada quando pousou o copo diante dela e a Doriacci pousou por um segundo sua mão cheia de anéis sobre a dele, chamando-o "meu anjo".

— Eu queria lhe pedir alguma coisa, senhor Béjard, além de se embriagar horivelmente comigo mal o sol se levantou. Por que você não leva o meu protegido para o cinema? Ele tem físico para isso, não?

— Mas eu pensei nisso — falou Simon, esfregando as mãos com expressão finória — mas eu pensei nisso, imagine. Logo que chegarmos a Paris pretendo levá-lo para um teste. Temos falta, na França, de jovens primeira estrelas dessa classe que não tenham cara de cabeleireiros nem de *gangsters* histéricos, estou bem de acordo com sua opinião. Estou perfeitamente de acordo — insistiu, sem prestar atenção a sua frase, o que

fez rir a Doriacci.

— Que opinião — perguntou ela engolindo de um trago o seu coquetel, "aliás terrivelmente forte", pensou Simon. — O que você acha que é a minha opinião?

— Pois é. . . — disse Simon enrubescendo de repente — eu queria dizer que ele também servia muito bem para o cinema.

— Por que "também" — repetiu ela, com ar sério.

— Para o cinema também.

— Mas o que, também?

— Ah, estou me enrolando. . . Enfim, querida Doria, não me atormente, eu lhe digo que farei tudo que queira para esse rapaz.

— Posso contar com o senhor, senhor Béjard? Ou você está dizendo isso para consertar a sua gafe?

— Estou lhe falando seriamente. Vou me ocupar dele e da sua subsistência.

— E do moral também? Acho esse rapaz muito jovem para ter desgostos de amor. Você me promete não rir do seu desgosto?

— Não precisaria fazer muito esforço — falou Simon sorrindo. Levantou os olhos e, cruzando o olhar mineral e encarvoado diante dele, viu-o ternamente pousado sobre ele e ficou comovido.

— Você sabe... — começou.

Mas a Doria pôs a mão sobre a boca de Simon vigorosamente, o que o fez morder a língua e largar a fantasia.

— Sim, eu sei — disse ela — e pensei nisso também, pode imaginar.

— Mas então? Não há obstáculos — disse Simon despreocupadamente.

— Pare — respondeu a Doriacci nervosamente. — Tinha pensado em você para convencer Andréas da minha infidelidade é até da minha perversidade em coisas de amor. E depois pensei que não funcionaria, ele jamais acreditaria.

— Por minha causa ou sua? — perguntou Simon.

— Minha, naturalmente. Eu gosto de carne fresca, muito fresca, você sabe? Você lê os jornais, não é verdade?

— Eu leio mas não acredito, exceto quando me convém.

— Pois é, mas desta vez eles têm razão. Acho que Gilbert seria mais verossímil.

— E como é que você quer fazer Andréas acreditar? E por que, aliás?

— A ordem das suas perguntas está errada — explicou severamente. — Quero que ele acredite nisso para não sonhar mais comigo durante semanas e não se convencer que o espero em Nova York. Quero que acredite para que fique tranqüilo, e eu também. E, uma única vez, acredito que mais

por ele do que por mim. Quanto a saber como poderei fazê-lo acreditar, só há um meio de provar um adultério, meu caro Simon, é preciso fazê-lo diante dele. Essa a razão pela qual lhe ficaria grata se você concordar comigo da necessidade dessa encenação, em enviar Andréas, por volta das três horas, sob um pretexto fútil, até minha cabina, onde estarei, mas não só.

— Mas. . . — falou Simon chateado — não gostaria que isso passasse por mim...

— Reflita — disse a Doriacci, com ar cansado de repente — e beba um outro martini ou dois ou três à minha saúde. Não terei tempo de bebê-los com você, infelizmente; tenho coisas a resolver aqui — terminou batendo com o anel na borda niquelada do bar.

E Simon, com uma reverência e uma frase confusa, virou nos calcanhares deixando a Doriacci face a face com Gilbert e seus cabelos louros.

Via da porta do bar Edma Bautet-Lebrêche lindamente vestida de azul e branco, jogando alguma coisa por cima da amurada com o gesto amplo e fervoroso de sementeiro, inesperado nela. . . Simon estava intrigado: as gaivotas não voavam tão baixo. . . Mas o *barman* louro pôs fim a sua perplexidade informando-o da existência de delfins e da companhia que faziam ao navio. Em tempo mais comum, Simon se teria levantado e corrido até a amurada, imaginaria imediatamente um filme em que os delfins tivessem um papel e Olga outro. Mas agora que fora bem-sucedido já não se podia permitir esse amadorismo. Já não tinha desculpas para perder: pois já tinha ganho. E sua natureza de produtor, despertando apesar de tudo, pensou com alguma satisfação que essa briga e esse cansaço que sentia em relação a Olga iam-lhe permitir na volta tomar para seu filme a pequena Melchior que era encantadora e que, sem lhes falar de Einstein nem de Wagner, ainda assim seduzia os homens de qualquer idade na França, e até mesmo as mulheres ela enternecia, sentimento que Olga jamais provocara, e era preciso dizer, em sexo algum. Não tomando mais Olga, poderia tomar Constantin, a quem renunciara para não desagradar Olga, que o detestava. Assim, asseguraria um cartaz brilhante para os distribuidores, suscetível até de agradar em Nova York. Em nenhum instante se perguntou como o anunciaria a Olga: ele a amara demais nesses dias, cruelmente demais para conservar na ruptura qualquer mansuetude. Não se tratava de se vingar deliberadamente; seu próprio coração esgotado por esses choques já não podia imaginar um desgosto exterior a ele próprio. Um desgosto diferente do seu.

Saiu da sala de jantar e acendeu um cigarro no convés, ao sol, com as mãos nos bolsos da sua velha calça, com um sentimento de autonomia e de bem-estar que não sentia há muito tempo.

Este navio era encantador, decididamente, e era preciso reconhecer que Olga, sem o saber, fizera uma boa escolha. Gostava bastante de Edma; Edma ia-lhe fazer falta como um colega de escola, como o amigo que não tivera nesses últimos anos. Alimentava seus delfins ao longe, ou tentava fazê-lo com seus grandes gestos extravagantes, sua voz penetrante e autoritária, que ele achava agora desarmante. Chegando perto dela, pôs-lhe a mão sobre os ombros afetuosamente e, após ligeiro sobressalto, Edma Bautet-Lebrêche pareceu ter gostado daquilo, apoiando-se até naquele ombro, rindo ao lhe mostrar os delfins, como se eles fossem sua propriedade particular. Instintivamente, aliás, se apropriava de tudo: pessoas, navios, paisagens, músicas, observou Simon, e agora os delfins.

— Vou sentir sua falta — disse com voz ríspida. — Vou ficar com saudades suas, acho, bela Edma. . . e, depois, a gente não poderá se rever nunca em Paris. Deve haver uma grande muralha da China de açúcar-cândi em torno de nós em Paris?

— Mas de modo nenhum! — disse Edma contorcendo-se (um pouco surpresa dessas mudanças na personalidade de Simon: passara do papel de vítima, portanto assexuado, para o de macho solitário e caçador, "que lhe ficava muito melhor, não há dúvida", pensou ela contemplando aqueles belos olhos azuis, aquela estatura confortável e aquela pele um pouco vermelha por baixo de cabelos ainda fortes, sadios embora vermelhos em grau extremo). — Mas naturalmente que sim. . . nós vamos nos ver neste inverno. É você que ficará sobrecarregado, meu caro Simon, com seu filme e aborrecimentos prováveis da senhorita Lamouroux, o-u-x, em cena.

— Finalmente, acho que não poderia utilizar os serviços da senhorita Lamouroux, o-u-x — falou Simon com voz calma, que impedia qualquer comentário desagradável. — De qualquer modo vivo só, você sabe, em Paris e em qualquer parte.

— Ah, então. . . Eram as suas férias neste navio — disse rindo (como se essa palavra, "férias" fosse ridícula neste caso, como efetivamente o era, se é que se possa chamar de férias dez dias de sofrimentos sentimentais).

Simon curvava a cabeça sob uma lembrança penosa: a de Olga no seu beliche contando-lhe com detalhes a noite de Capri. Sacudiu-se e sentiu o perfume de Edma, um perfume sofisticado e delicioso que também lhe ia fazer falta, dava-se conta naquele momento. Esse perfume o teria ninado, ao que parecia, toda a viagem, pois Edma servia-se dele generosamente, e deambulava por toda a parte no navio sem cessar, do porão ao último convés, deixando seus eflúvios no seu rastro, como bandeiras. Simon apertou seu abraço. Edma surpresa levantou os olhos para ele, e, para sua estupefação, o produtor vulgar e ignorante da existência de Darius Milhaud

beijou-a na boca rapidamente, mas com entusiasmo.

— Mas o que é que está fazendo? . . . Perdeu a cabeça? . . . — ouviu-se gemer como uma mocinha.

E os dois ficaram perplexos um segundo, olhando-se antes de caírem na gargalhada um e outro, retomando ainda rindo o clássico passeio em torno do tombadilho, de braços dados. "Sim", pensava Edma, alongando as passadas, "eles se veriam às escondidas... Sim, teriam uma ligação, platônica ou não, que importava!" Como lhe dissera, ia sentir sua falta, ela ia fazer falta àquele homenzinho que achara tão feio e vulgar e que, agora, achava tão encantador e que sentia necessidade dela, como estava-lhe dizendo naquele mesmo momento, com ar zombeteiro, mas terno.

— Eu talvez conseguisse aprender boas maneiras, se você me desse aulas todas as semanas em Paris. . . não acha? Isso me daria muito. . . muito prazer, se você tivesse tempo de me instruir.

E Edma, com os olhos brilhantes e uma alegria idiota, concordou vigorosamente com a cabeça.

Foi portanto de bom humor que Simon voltou para sua cabina pelas 11 da manhã, pensando encontrá-la vazia, como de hábito, Olga tendo saído para jogar tênis ou gamão com Eric Lethuillier. Ficou mais decepcionado que surpresa, encontrando-a na cama num roupão de banho demasiado curto, enrolada com as pernas dobradas por baixo dela, graciosamente enlanguescida no seu travesseiro, com um livro na mão e os olhos maquilados. "Ora! ela pensou afinal no seu filme", refletiu uma pessoa cínica que fazia a lei em Simon desde a véspera, e que pensava por ele. "É do meu interesse só lhe dizer as coisas depois de Cannes. Uma série de cenas nesta cabina seria infernal." E quando Olga lhe sorriu com um sorriso ligeiramente ansioso, como lhe pareceu, Simon forçou-se para lhe responder com um de muita amenidade. E essa amabilidade nova, evidentemente forçada, acabou de afobar Olga. Desde as nove horas da manhã, quando despertara sozinha, ao lado de uma cama nem mesmo desfeita, repetia-se os últimos acontecimentos e se afobava com seus numerosos excessos de linguagem e gestos, do que ela própria achava difícil qualificar como injúrias. O que é que a teria levado ao pior assim? E por uma vez, ao invés de esboçar um relato lírico, visando suas colegas, sobre seus caprichos romanescos. Olga guardou seus discursos para si mesma. Tratava-se bem de Fernanda e Micheline agora. . . ou, mais exatamente, seria um relato menos agradável se fosse a única coisa que tivesse que fazer durante todo o dia. E o próprio relato não teria sal, pressentia, junto ao seu auditório, se fosse um relato de uma *starlet* desempregada. Era preciso reconquistar Simon, e ela pensava, graças a Deus, ser perfeitamente capaz disso. De um só golpe o que

ela chamava de repugnantes apetites de Simon tornavam-se bem-vindos; por meio deles, talvez reencontrasse seu lugar e seu poder. Quanto à gentileza servil do mesmo Simon, que tanto deplorara, não estava descontente, hoje, da sua existência que impediria Simon, pensou Olga, de descartá-la como velha mala. Por essa razão, quando ele entrou, ela subiu discretamente seu roupão até à coxa, com um gesto rápido e que ele viu no espelho ao se virar e que lhe inspirou uma resposta grosseira que teve dificuldade em conter.

— Onde é que você foi? — disse ela. — Fiquei com medo quando acordei. . . Vi-me perdida nesse navio, sozinha com esses estranhos, fora de casa, com essa gente que afinal me irrita. . . Oh! meu querido Simon, na próxima vez partiremos os dois sozinhos, não? Alugaremos um barco pequeno com apenas um sujeito para guiá-lo, pararemos nos botecos ao acaso, sem música clássica, sem panorama, apenas um boteco, como você gosta...

— É uma idéia muito boa — falou Simon com voz comedida. (Procurava rapidamente roupa para mudar.) — Mas, pessoalmente, achei muito bom esse cruzeiro, você sabe.

— Não se chateou demais com esses esnobes?

— Achei-os encantadores — falou Simon, já tendo passado a cabeça numa camisa limpa. — Muito gentis mesmo.

— Ainda assim. . . você é um pouco indulgente! . . Não, acredite-me, para alguém de fora ver você, Simon, tão autêntico, na companhia desses fantoches careteiros. . . posso lhe garantir que não combinava. Era mesmo divertido desse ponto de vista — acrescentou com um risinho que ainda era divertido, mas ressoou lugubrememente.

Aquele riso só soava falso por acaso, e poderia continuar. Mas Simon rangeu de maneira tão evidente que ela interrompeu sua frase e ele enfiou-se na camisa com energia, sabendo um e outro que essa distância entre o riso e as palavras que o tinham precedido não lhes podia escapar, honestamente, sabendo ambos que aquele riso acabava de quebrar a frágil chance que tinham de descender bons amigos na escada do *Narcissus*, ou pelo menos aparentemente semelhantes ao que eram ao subir. Olga puxou lentamente o roupão para as pernas escondendo-as, seu instinto dizendo-lhe que já não era aquele o argumento válido, e Simon deixou sua camisa pendente por cima da calça, sabendo que a fuga para o interior da camisa já não era possível. Sentaram-se cada um num beliche, com os olhos baixos, sem ousarem se olhar. E quando Simon declarou com voz morna: — E se nós bebêssemos alguma coisa? — Olga sacudiu a cabeça em sinal de assentimento, ela que, por causa da tez e da lucidez, nunca bebia antes das oito da noite.

A campainha do despertador era surpreendentemente fraca, e aliás parou ofegante quando ele abriu os olhos. "Devia estar tocando há algum tempo", pensou Armand Bautet-Lebrêche, que se surpreendia por não tê-la ouvido antes e se perguntava por que, até o momento em que um camareiro lhe pousou o chá nos joelhos e se queixou de ter batido três vezes sem resposta. Pelo menos foi o que Armand pôde perceber dos sussurros incompreensíveis que lhe chegaram. Estava surdo. Mais uma vez, um ligeiro resfriado e a contrariedade ajudando, Armand Bautet-Lebrêche fora atacado de surdez, o que lhe acontecia de cinco em cinco anos mais ou menos. Assoou-se energicamente, inclinou a cabeça à direita e à esquerda sem conseguir desentupir os tímpanos, tão traumatizados quanto ele próprio, parecia-lhe, pelos incidentes inenarráveis da véspera. Poderia acreditar num pesadelo, se o cheque de Lethuillier na sua mesa-de-cabeceira não lhe provasse o contrário. Edma dormia um sono de pedra ou já teria saído, o que foi verificar, antes de se lembrar que ela lhe falara na véspera, como de uma festa, do seu desejo de passar o dia inteiro ao sol. O último sol do ano, como dizia lamentativamente, e como se ela não fosse se reencontrar com pederastas na Flórida e nas Bahamas, todos os anos, mal novembro se anunciava.

Vestiu-se com seus pequenos gestos metódicos e precisos, barbeou-se com o barbeador elétrico e, tendo olhado pela vigia se o navio ainda estava andando, suspeita que lhe dava o silêncio total das máquinas, partiu para o convés a fim de fazer seu passeio matinal sem responder aos diversos bondias que lhe dirigiam. Tendo dado sua volta num mar sem voz, voltou para buscar o seu talão de cheques e foi bater na porta de Julien Peyrat. Bateu várias vezes mesmo, esquecendo que Julien Peyrat ouvia os socos na porta. Julien atendeu-o e declarou alguma coisa totalmente incompreensível, mas que pareciam palavras de boas-vindas às quais Armand Bautet-Lebrêche

respondeu por um cumprimento seco de cabeça.

— Que boa surpresa! O senhor é realmente a única pessoa que não visitou minha cabina e minha obra-prima. Será uma curiosidade tardia que o traz?

— Não, não absolutamente. . . de fato, não tenho vontade de jogar tênis agora — disse Armand Bautet-Lebrêche ao acaso — mas nós podemos jogar hoje de tarde — continuou, com expressão benévola.

Julien Peyrat estava com ar inquieto, até mesmo decepcionado. Talvez esse Lethuillier tivesse razão e talvez esse rapaz, falsário ou não, pretendesse vender esse quadro a um trouxa. . . Mas Eric Lethuillier parecia muito sabido para esse papel. . . Armand Bautet-Lebrêche deu de ombros.

— Penso que o senhor está vendendo esse quadro? — falou, designando a coisa pendente do muro da cabina. — Mas por quanto? Eu queria comprá-lo — concluiu secamente.

— Sua mulher está sabendo dessa compra? — disse Julien, que tinha um ar perplexo e menos contente do que supusera Eric Lethuillier.

"Afimal de contas, se esse quadro era bom", pensava Armand, devia valer bem mais do que 250.000 francos.

— Estou persuadido que vale duas vezes o preço que você pede — disse ele à guisa de resposta. — Mas se você está disposto a vendê-lo, por que não a mim? — acrescentou, com um risinho satisfeito.

— Sua mulher está de acordo?

Julien vociferava agora. Estava vermelho e de cabelos eriçados. "Ele nada tem de um *gentleman*", pensou Armand, recuando de um passo diante daqueles dentes brancos que roçavam sua orelha.

— O quê? — disse por polidez e com um gesto de impaciência para seu ouvido, o que fez Julien urrar mais uma vez:

— Sua mulher! Sua mulher! — antes de renunciar definitivamente a ser honesto.

Afinal de contas, Armand parecia não estar-se importando a mínima e Armand Bautet-Lebrêche não precisaria um dia vender esse quadro para viver, acontecesse o que acontecesse. Tirou portanto da mala blasfemando os poucos certificados falsos, com exclusão de um último, que correspondia, aliás, a um outro Marquet, preciosamente conservado por Julien, e esse verdadeiro. Colocou-os na mão de Armand, que os enfiou no bolso sem lançar um olhar, com aquela desenvoltura do homem de dinheiro, pensou. Edma lhe devia ter feito uma cena para que comprasse, por gentileza a ele, Julien, e Armand só tinha uma pressa, a de acabar logo com esse negócio.

— Quanto? — perguntou com sua voz pausada, seus óculos brilhando ao sol.

E teve uma expressão ao preencher o cheque que fez Julien estremecer. Sua arma na mão: seu talão de cheques, Armand Bautet-Lebrêche tinha um ar feroz e brutal, até mesmo perigoso, sentimento que não inspirava durante as férias. O único perigo que representava era um tédio pútrido.

— Duzentos e cinquenta mil francos! — gritou uma ou duas vezes (e o cão, no entanto, situado a duas cabanas e que ele pensava morto, ou amordaçado, se pôs a urrar com ele).

Julien escreveu a quantia no papel e o mostrou a Armand e, com um breve obrigado, Armand enfiou-se pelo corredor com o quadro debaixo do braço. O negócio fora feito tão depressa e de maneira tão inesperada que Julien não teve tempo de dizer adeus àquele fiacre, à mulher, à neve. E talvez tivesse sido melhor assim, pensou, com uma lágrima no olho direito, mas o olho esquerdo encantado, pois, graças a esse papelzinho verde deixado por Armand, poderia levar Clarisse para passar dias ao sol e noites nos seus braços, logo no dia seguinte. Iriam ao Var, ou ao Taiti, ou à Suécia, à Lapônia, a qualquer lugar, tudo que ela quisesse e que agora estava em condições de lhe dar. O dinheiro não fazia a felicidade, não há dúvida, mas dava liberdade, constatou Julien mais uma vez.

Armand Bautet-Lebrêche, com o mesmo passo apressado, ainda sem poder ouvi-lo ressoar, atravessou esse corredor acolchoado, bateu à porta de Lethuillier, entrou no seu quarto sem esperar um "Entre" que não ouvira, ele sabia, e viu Eric lhe dizer qualquer coisa, muitas coisas mesmo, com seu belo rosto animado de prazer, e, sem prestar atenção ao movimento dos lábios e das mãos agitadas, pousou o quadro no beliche vazio de Clarisse e tornou a sair sem dizer palavra e sem ouvir nenhuma também. Armand Bautet-Lebrêche entrou no seu quarto onde o silêncio lhe pareceu de uma qualidade ainda superior. O *Financial Times* chegara à caixa do correio. Instalou-se na cama completamente vestido e abriu o jornal na página em que esperava um artigo apaixonante sobre o desconto das ações petroleiras holandesas. Aquela gentil Clarisse não tinha de que se queixar do marido, pensou no entanto. Edma não sabia o que dizia: não havia a menor discórdia entre os Lethuillier.

Naquele momento, Julien ardia de impaciência por encontrar Clarisse e lhe dar a notícia. Também não devia mostrar demasiado entusiasmo. Fizera bastante o papel do provinciano endomingado, tinha-se pavoneado diante de Clarisse para demonstrar agora como um triunfo e falar desses 25 milhões como se fossem uma bagatela. Foi com ar desligado que acendeu o cigarro com seu isqueiro em baquelita, que punha tudo a perder, descobriu subitamente com vontade de rir.

— Você sabe, acho que finalmente consegui arrumar nossa viagem ao

inverso...!

Essa viagem ao inverso era o título que tinham escolhido para sua escapada, uma viagem que lhes faria sem dúvida tomar a atravessar o Mediterrâneo e partir com o sol de outubro para um país longínquo, como se o cruzeiro musical fosse apenas um treino "como se", pensou ele, "esse navio, esses *barmen* louros, esses mundanos, essa gente rica, como se toda essa música divina, todas essas notas fosforescentes lançadas do convés, de noite, nesse mar onde pareciam flutuar um instante antes de desaparecer, como se essas paisagens, esses odores, esses beijos roubados, esse temor de perder o que ainda não tinham ganho", como se toda essa viagem tivesse sido concebida e executada por Julien como o cenário personalizado do seu encontro. E Julien, que detestava Richard Strauss, cantarolava agora, sem poder parar, as cinco notas de *Burlesque*, cinco notas triunfantes e ternas, como ele tinha a impressão de se ter tornado agora pelo menos quando Clarisse olhava para ele. "Você está maluco". .. pensava, interpelando-se febrilmente, "você é louco de se ter lançado nisso. Quando não tiver mais um vintém, irá sem dúvida trapacear em algum lugar deixando Clarisse à sua espera, sozinha no quarto de um hotel de luxo ou de uma pensão local, conforme suas últimas perdas." Ela não suportaria, mesmo que ele fosse feliz com ela e lho mostrasse. Porque instintivamente sabia que, mais do que ser feliz ela própria, Clarisse sonhava ter alguém que fosse feliz por causa dela e que esse alguém lhe dissesse sem cessar e sem nuances.

— Como é que você fez? — perguntou Clarisse sentada ao lado dele numa cadeira embebida de sol (cuja tela vermelho-cru, antes do verão, tornara-se de um rosa-aquarela um pouco *kitch*, que destoava ao ar livre, de tanta espuma, sol, maiôs de banho encharcados). — Como foi que você fez — repetiu. — Conte-me tudo, Julien. Adoro ouvir você contar suas histórias profissionais com esse ar de estar sofrendo ainda com certas lembranças. . . com esse ar melancólico de milagroso do trabalho: Julien Peyrat, depois de ter trabalhado como um louco durante 18 meses, entregava-se de novo ao trabalho... dez anos depois...

E pôs-se a rir sem querer diante da expressão indignada do amante.

— Seriamente — começou com vivacidade e erguendo os ombros como se rejeitasse por si mesma Sua frase divertida para o cesto das tolices — falando sério, são freqüentes para você essas entradas súbitas de milhões?

Julien bombeava o torso, ou tentava fazê-lo, o que era difícil sentado numa cadeira de lona, como observou com irritação.

— Não vejo em que isso possa espantá-la, em que lhe poderia parecer equívoco — disse de mau humor.

— Mas não — falou Clarisse, retomando seu ar sério de repente.

E se Julien se zangasse, se ficasse de mal com ela, se não a tomasse mais nos braços com palavras de amor. . . Contemplava seu rosto zangado e fechado, via a esperança de uma vida feliz com ele diminuir a toda pressa.

E seu rosto refletiu uma tal desolação, um tal descontrole, que Julien instintivamente segurou-a contra si e cobriu seus cabelos de beijos intermináveis e quase brutais na sua cólera contra ele próprio.

— E o quadro?. . . — começou ela, um pouco depois, quando o medo de perder o amor dele já não lhe apertava a garganta. — O que é que você vai fazer dele — acrescentou, erguendo o rosto e cobrindo-o por sua vez de beijos lentos e devotos, as têmporas, o canto da boca, a pele picotando-lhe as faces, o ângulo do maxilar que o vira cerrar por um minuto. De tempos em tempos, abandonando aquele perfil, desligava-se, os olhos sempre fechados, e com um movimento de cabeça doce e carinhoso, precavido, passava os cabelos sob o queixo de Julien escondendo-lhe e restituindo-lhe o sol com seu pêlo sedoso e raivo como cortinas e tocava o outro lado do rosto, sob a face direita abandonada até ali, que ele consolava com a sua doçura ávida.

— Você me faz ficar doente — disse Julien com voz rouca, quase ameaçadora, e desembaraçou-se dos braços dela com gesto suplicante.

Armand Bautet-Lebrêche, que não ouvira o que eles falaram, naturalmente deu meia-volta vendo-os absorvidos um pelo outro, projetando-se naquele céu claro como uma bela imagem. Penetrou com passo firme no círculo dourado que vogava em torno deles e, lançando-lhe um olhar de passagem, tão pouco surpreso quanto possível, ao que parecia, de os ver nos braços um do outro, gritou-lhes: — Muito obrigado! Não arrisco nada, tenho o meu boné — antes de desaparecer no corredor dos marinheiros.

— Você tem certeza que não vendeu o quadro? — perguntou Clarisse pouco depois (quando o riso e suas conjecturas sobre o comportamento de Armand lhes permitiram recuperar o fôlego). — Você tem certeza que ainda o tem?

— Mas se estou lhe dizendo — começou Julien — se estou lhe dizendo que o vendi, ora — acrescentou de repente, oferecendo-lhe um rosto risonho, penalizado, conquistador, um rosto tão perfeitamente masculino, tão perfeitamente, infantil também, que em vez de ouvir sua frase, limitou-se a chamá-lo de "mentiroso" e olhá-lo dos pés à cabeça e da cabeça aos pés como um negociante de cavalos olhando os que acabou de comprar, ao mesmo tempo sério e encantado com a compra.

— Beije-me mais uma vez — pediu Julien, com voz lamentosa, com as costas na amurada e os olhos semicerrados contra o sol, perfeitamente beatificado de bem-estar e, principalmente, de alívio; um alívio cuja origem

não conhecia mas um alívio, ainda assim, que fez daquela manhã um marco na sua memória sentimental, um desses momentos semelhantes àqueles em que o sol, a mão de Clarisse no seu pescoço, a luz ardente sob suas pálpebras em manchas vermelhas, o ligeiro tremor do corpo extenuado de prazer insaciado há 24 horas, mas que ainda fremia à lembrança, mais longínqua, mais violenta também dos prazeres sentidos marcavam para sempre na sua memória. Julien pressentia aquele momento, dizendo a si mesmo que se lembraria dele toda sua vida, como um desses instantes raros, aliás, em que Julien, o ser humano mortal, amara e aceitara a idéia de sua morte concluindo sua vida de súbito sublime. Houve um momento em que achou o destino dos homens e o seu mais do que aceitável: perfeitamente desejável. Bateu com as pálpebras, entorpecido como um gato e, levantando os olhos, viu os olhos de Clarisse pousados nele, sobre o rosto, olhos com uma luz, uma ternura insuportáveis, quase um olhar entregue, azul-pálido, um olhar rompido e líquido que o refletia por inteiro e só sonhava em refleti-lo ainda e ainda, até o fim dos mais longos cruzeiros.

A costa francesa apareceu ao longe, por volta do meio da tarde, provocando uma reunião geral junto às redes da amurada que nem as estátuas, nem os templos, nem as escalas de toda viagem tinham suscitado. Embora sensivelmente semelhante à costa espanhola e à italiana, pelo menos a essa distância, sua visão foi saudada por um silêncio admirativo e recolhido entre os mais chauvinistas dos passageiros franceses, pelo menos. Para Clarisse e Julien, essa costa seria o lugar em que poderiam, senão amar, sobretudo beijarem-se sem se esconderem pelos cantos, o desejo insaciado tornando pueris e primárias, aparentemente, suas aspirações mais essenciais. Edma, por sua vez, queria suas companheiras do Ritz e dos coquetéis, Armand seus números, a Diva e Hans-Helmut, palcos, orquestras, aclamações e Eric sua equipe. Simon Béjard, o trabalho e o respeito dos seus pares do Fouquet. Olga, seu público, e Andréas, não se saberia o quê. Charley iria reencontrar os "rapazes", entre os quais contaria com Andréas, indo talvez um pouco mais longe que a realidade lhe permitia; e Ellédocq, o Capitão Ellédocq reencontraria Madame Ellédocq, a quem prevenira da chegada já duas vezes (tendo tido o dissabor, das raras vezes em que não pensara em avisar, de encontrar o postalista ou o padeiro no leito conjugal, dois sólidos rapagões que lhe tinham feito reconhecer depressa que sua única amante era o mar).

— Jantamos à vista de Cannes esta noite — disse Edma Bautet-Lebrêche. — A partida é livre; pode ser esta noite depois do concerto, amanhã durante o dia... O que você pensa fazer, Julien?

— Não sei — respondeu Julien, levantando os ombros. — Vai depender. . . do tempo — acrescentou depois de lançar um olhar a Clarisse, imóvel ao longe na sua cadeira, com a cabeça para trás, deixando ver o belo pescoço e os olhos semicerrados, a bela boca de súbito triste.

E a idéia de ser ele o amado, desejado e que ia ser possuidor de tudo

isso, por noites e dias, o proprietário sentimentalmente falando dessa cabeleira ruiva, rosto marcado por suas maçãs, um rosto tão belo e tão triste, os grandes olhos azuis-cinza pousados nele com expressão amorosa, não conseguia acreditar. Era sorte demais, prazer demais, felicidade demais, ingenuidade demais, de um e do outro lado. O olhar que dirigia a Clarisse acordou nostalgias em Edma Bautet-Lebrêche. Quem a olhara assim naqueles últimos anos? E desde quando não suscitava mais aquele olhar? O rosto maravilhado e ciumento do amor? Certamente não nos últimos tempos. Ah, sim. Edma Bautet-Lebrêche enrubesceu, lembrando-se de repente que era o olhar de Simon que lhe lembrava o olhar de Julien. "Que loucura" — disse consigo mesmo, sorrindo involuntariamente, "que loucura. Eu e esse produtor rastaquêra e raivo ainda por cima." Fora realmente preciso o olhar de Julien para perceber o que o outro olhar continha. Edma dirigiu-se de repente, com sua voz baixa, em direção ao *Financial Times* aberto ao lado dela:

— Armand, estamos velhos? — Foram precisos dois ou três apelos desesperados desse gênero para provocar a queda do jornal e a queda também dos óculos de Armand Bautet-Lebrêche, esses ingratos que abandonavam o nariz que os carregava, que se desligavam talvez por causa do tédio e da monotonia daquilo que lhe era dado ver: números e mais números.

— O que é que você vai fazer desse dinheiro todo? — perguntou com nova ironia e, mesmo antes que Armand pudesse lhe responder, acrescentou:

— É ridículo. . . O que é que você vai fazer de todos esses dólares quando estivermos mortos?

Armand Bautet-Lebrêche, quase curado da sua surdez provisória, contemplou sua mulher com tanta desconfiança quanto indignação. Realmente, não era o estilo de Edma caçar do dinheiro com essa desenvoltura. Guardara durante muito tempo da sua infância de dificuldades um respeito instintivo e admirativo pelo dinheiro sob todas as suas formas. Armand também não gostava muito de sarcasmos a esse respeito.

— Você quer-me repetir a primeira pergunta? — perguntou secamente. — A segunda parece-me um pouco desinteressante... Então?

— A primeira pergunta? — disse Edma como perdida e rindo do ar indignado do marido. — Ah! sim, sim: eu perguntei se nós ainda éramos jovens?

— Certamente que não — disse Armand pausadamente — certamente que não. E me felicito quando vejo esses moleques ladrões e incompetentes que, supõe-se, nos substituirão à frente dos negócios ou do governo; digo a mim mesmo que não irão muito longe...

— Responda-me à minha pergunta — insistiu com voz cansada agora

— nós somos velhos, você e eu? Envelhecemos desde aquele dia em Saint-Honoré d'Eylau em que nos unimos para o melhor e para o pior?...

Armand lançou-lhe um olhar subitamente desperto, tossiu, e sua pergunta saiu involuntariamente, ao que parecia:

— Você se arrepende?

— Eu — disse Edma caindo na gargalhada — eu? Mas não, Armand, meu Army, meu Lebrêche, eu me arrepender da vida deliciosa que me deu... Seria preciso que estivesse louca ou neurótica para não ter tomado gosto nessa vida. . . Não, foi encantador, perfeitamente encantador, eu lhe asseguro. O que poderia me ter faltado ao seu lado?

— Muitas vezes eu não estava presente — disse Armand, tossindo ligeiramente ainda com os olhos baixos.

— Mas justamente, era essa maneira de viver que era genial — disse Edma sem a menor hipocrisia. — É a coabitação obrigatória que torna os casais frágeis. Vendo-se pouco, ou não muito, pode-se ficar casada durante anos: a prova...

— Você não se sente só de tempos em tempos? — perguntou Armand com voz quase inquieta, e que de imediato lançou Edma na angústia.

Armand deveria estar doente, gravemente doente, para se interessar por outra coisa do que por ele próprio, refletia, mas sem qualquer animosidade. Inclinou-se para ele.

— Está-se sentindo bem, Armand? Não apanhou sol demais? Ou bebeu demais desse excelente Porto? Preciso perguntar a Charley de onde vem esse Porto. Não somente é bom, como embriaga numa velocidade fantástica. . . Mas o que era mesmo que você me perguntava, meu querido marido? Já não me lembro.

— Eu também não — disse Armand Bautet-Lebrêche levantando seu estandarte à altura dos olhos e murmurando, aliviado, que escapara por pouco.

Hans-Helmut Kreuze, de pé no centro da cabina, vestido de terno preto de grande cerimônia, em vez do seu *smoking* habitual, olhava-se no espelho com satisfação misturada a ligeira dúvida. Não conseguia compreender que a Doriacci não tivesse caído nos seus braços, não lhe assegurando assim um cruzeiro ainda mais agradável que este. Pois, afinal, à parte o mau humor do capitão contra o pobre *Fuschia*, essa viagem fora deliciosa. Mas jamais, jamais mesmo, tornaria a tocar nos mesmos concertos que a Doriacci. .. Queixara-se dela amargamente aos seus alunos, confessara entre homens seu adultério em Berlim e ficaram tão escandalizados quanto ele com o comportamento da Doriacci. Chegaram mesmo a sugerir, respeitosamente, pelo menos era assim que Hans-Helmut Kreuze compreendia o termo sugestão quando dirigido a ele, que talvez devesse denunciar seu caráter odioso aos diretores das salas da Europa e da América. Sem dúvida, podia

lançar mil fumaças ao céu azul e triunfante que era a carreira da Doriacci, mas temia que, se por acaso ela descobrisse o cheiro e a origem, não hesitasse em revelar ao mundo da música aquela noite de orgia, até mesmo o motivo de suas palavras amargas. Naquela noite ele devia tocar Fauré e ela cantar Brahms e Bellini, mas Deus sabe o que ela escolheria no lugar. . . Sim, reconhecia fracamente, é verdade, gostaria de recuperar o lugar na cama da Doriacci. Naturalmente a experiência de Hans-Helmut Kreuze era escassa e sua amante mais paciente fora sua mulher, mas parecia-lhe nas trevas de sua memória ver passar a cintilação branca de um ombro na noite, um riso vermelho e branco sobre a brancura natural dos dentes jovens e brilhantes, olhos negros sob cabelos negros e principalmente uma voz rouca dizendo em italiano coisas escandalosas e intraduzíveis, quando não incompreensíveis. Embora se envergonhasse de pensar nisso, alguém, um anjo mau ou um provocador, deixou-lhe a convicção muito íntima e muito secreta, apenas confessável a ele próprio através desses dias e noites cinzentas de um cinza que atualmente cobria até mesmo as maiores aclamações, através desses anos de trabalho, recitais, triunfos, esses anos cinzentos, que só a noite de Berlim há 30 anos tinha um ar colorido, embora se tivesse passado na escuridão de uma noite de hotel.

— Nunca se deixem agarrar pelas sensações, nem pela libertinagem — disse doutamente, voltando-se para seus dois velhos discípulos, instalados no seu salão e que com *shorts*, meias e sandálias pareciam caídos de um planeta proibido a essas tentações, chegando mesmo a tornar inúteis, à primeira vista, as recomendações do seu bom mestre.

— Vamos — disse Kreuze a si mesmo — sempre haverá corações puros para tocar a boa música.

A Doriacci, numa desordem espantosa que ela pisoteava, olhava dois camareiros esgotados fecharem-lhe as malas. Tinham conseguido um e outro, várias vezes, embalar, sem mostrarem o menor sinal de espanto, meias de homem, um calção, dois colarinhos, uma gravata-borboleta. E todos dois felicitavam-se imediatamente de provarem mais uma vez sua descrição, aliás proverbial, mas de cada vez a Doriacci lhes arrancava das mãos esses atributos masculinos e os punha de lado na cama, dizendo com a indignação mais natural e sem a menor vergonha:

— Deixem isso, ora, vocês estão vendo que não me pertencem! — revoltada, ao que parecia, que quisessem roubar, mesmo que fosse em seu proveito, o guarda-roupa lá não muito brilhante do seu amante. Convocou então Andréas, restituindo-lhe seus bens, sem parecer notar a indiferença total do rapaz por essa restituição. Estava pálido, nem ficara um pouco mais bronzeado durante esse cruzeiro, e evidentemente estava infeliz. A Diva sentia grande ternura e pena dele! Mas não amor, e era disso que ele

precisava, infelizmente!

— Meu querido — dizia em torno dele, passando por cima de vestidos, leques, partituras e finalmente levando-o para o quarto ao lado, aliás igualmente atravancado, fechando a porta em cima dos dois camareiros. — Meu querido, você não deve ficar com essa cara, ora. . . É bonito, muito bonito, inteligente, sensível mas isto vai passar, você é bom e vai fazer uma carreira triunfal, eu garanto. Sinceramente, meu amor — acrescentou com um pouco mais de vivacidade (porque ele continuava imóvel, braços pendentes como se estivesse no máximo do tédio). — Meu querido — continuava ela, ainda assim — asseguro-lhe que se tivesse podido amar alguém nestes últimos dez anos, seria você. Vou-lhe enviar cartões-postais de toda a parte, e quando eu vier a Paris almoçaremos juntos e enganaremos a sua amante num quarto de hotel de tarde. O que, em Paris, é sempre delicioso fazer sem que ninguém saiba, principalmente. . . Você não acredita? — Perguntou com a voz um pouco irritada, apenas irritada, e ele sobressaltara-se temerosamente.

— Sim, acredito — disse precipitadamente com fogo, mesmo um pouco mais de fogo. Depois balbuciara desculpas inúteis enquanto ela o beijava na boca e o apertava contra si num movimento irreprímível de ternura antes de empurrá-lo para a porta e pô-lo do lado de fora, sem que ele fizesse um gesto de protesto.

"Espero não ter sido demasiado dura", dizia ela a si mesma com vaga sensação de remorso. E quando Charley veio-lhe perguntar se vira Andréas descer do navio com os primeiros que saíram com o barco a motor enviado de Cannes, ela não sabia responder. Estava quase certa que Andréas não suportaria esta última noite e fugiria para a terra firme para continuar sua carreira. E o fato de ele ter deixado a bagagem provisoriamente indicava bem que fora um impulso impensado que o levara a deixar o *Narcissus*, a bordo do qual provavelmente um outro impulso o traria de volta, sem dúvida, na manhã seguinte. Preferia, aliás, que assim fosse, porque cantar diante dele seria um suplício, ou pelo menos um constrangimento. Pois todas as palavras de amor em italiano (e que graças a Deus ele talvez não compreendesse), essas palavras que lançava, em obediência às partituras, a amantes trágicos, pareciam-lhe presentes que ela não lhe dera e com as quais podia se desesperar, ao ouvi-las. Abriu a sua agenda um pouco ao acaso e assobiou entre dentes da maneira mais trivial e mais inesperada na Diva das Divas. "Em três dias estarei em Nova York, em dez dias em Los Angeles, em 15 em Roma e em 25 na Austrália, naquela Sydney de onde não provinha esse encantador Julien Peyrat, estava certa. Ah! Nova York. Quem a

esperaria em Nova York?. . . Ah! sim, o pequeno Roy. . . que já devia estar fervendo de impaciência e organizando de antemão nuvens de mentiras que lhe permitissem escapar do Dick, seu protetor, aquele homem tão rico, tão velho, e tão chato." O rosto longínquo, malicioso e frio em geral, mas por vezes entregue ao riso do jovem Roy, apareceu-lhe de repente e ele se pôs a rir também, antecipadamente confiante.

Simon Béjard contemplava sem desejo aquela garupa, se é que se podia chamar de garupa nesse corpo tão delgado, a garupa de Olga debruçada sobre a mala dele, Simon, que ela arrumava antes da sua numa crise de servilidade que teria preferido menos tardia. Olhava aquela boquinha cerrada sobre dentes já cobertos por jaquetas, ouvia pronunciar lugares-comuns pomposos, ou tolices pesadas ou sentimentalismos indecentes. Perguntava-se que homem absurdo poderia ter-se substituído a ele durante várias semanas, a ponto de persuadi-lo que gostava disso: essa pretensão, esse egoísmo, essa dureza, essa tolice ambiciosa, que ela transpirava por todos os poros. Esforçava-se ao máximo, por um instante, para lhe responder amavelmente e até apenas responder. Ah! Tinha querido mocinhas em flor! Ah! Sonhara ser pai, amante, irmão, guia dessa jovem pata intelectual e semifrígida e completamente artificial! Afinal, aquilo estava terminado. Voltando, iria procurar Margot, da sua idade, que, ela sim, tinha uma garupa, grandes seios, riso largo, Margot que o achava genial, e que era mais inteligente do que muitas outras consideradas refinadas. Tinha sido uma sorte para ele ter convivido com Olga fora do círculo tão fechado do cinema e de nível às vezes tão pouco brilhante, que ela pudera lhe parecer superior, porque era de fato. Tivera sorte de poder compará-la a duas mulheres realmente civilizadas de sentimentos e vocabulário, em todo o caso de boas maneiras: Clarisse e Edma, uma imbatível na elegância do coração, a outra na elegância do vestuário e no campo social. A própria Doria tinha melhor classe do que essa pobre Olga. E Simon se perguntava ainda o que esse Eric teria achado de especial, além da possibilidade de fazer sofrer sua mulher, no que Simon, na sua coragem natural, não encontrava motivo suficiente. Para Simon, era o primeiro cruzeiro e sem dúvida o último, pelo menos por alguns anos. Sentiria saudades de Edma ainda assim, pensava, com o coração um pouco apertado para sua grande surpresa. Poderia ser feliz com Edma, se ela não fosse tão chique e se não estivesse tão certo de envergonhá-la diante dos seus amigos da Avenida Foch, cada vez que tivesse de apresentá-lo. Ainda assim, talvez ousasse vê-la às escondidas, discretamente, sozinhos, para poderem se divertir juntos, caçoar das mesmas coisas e saltar de um assunto para outro, rindo-se às gargalhadas como tinham feito durante dez dias. Riam exatamente das mesmas coisas, por mais oposta que tivesse sido sua educação, sua existência; e esse riso de colegial,

Simon sabia agora, era o melhor trunfo para uma união, fosse qual fosse, entre um homem e uma mulher, que todos esses acordos erótico-sentimentalóide-psicológicos de que os jornais estavam cheios.

Movido por impulso súbito e esquecendo Olga enfiada na mala dele, Simon pegou o telefone, pediu a cabina Bautet-Lebrêche e caiu naturalmente em Edma. Nunca falara com ela no telefone e aquela voz aguda causou-lhe de início má impressão.

— Edma... sou eu. Eu queria... — hesitou.

— Sim, sou eu, Edma — respondia em voz alta. — Sim, sou eu.. . O que houve? Em que posso ajudá-lo?

Depois sua voz diminuiu, calou-se e eles continuaram suspensos das duas pontas do fio, um pouco ofegantes e vagamente inquietos.

— Você estava dizendo?. . . — soou baixo a voz de Edma, como se sussurrasse.

— Eu estava me dizendo. . . eu me dizia que talvez pudéssemos nos ver já nesta terça-feira... se você estiver livre — murmurava também Simon.

Tinha a testa banhada em suor sem saber por quê. Houve um silêncio durante o qual ele quase desligou.

— Mas sim, naturalmente — disse enfim a voz de Edma, que parecia vir do além. — Sim, naturalmente. Eu acabei justamente de pôr meu número de telefone e endereço na sua caixa...

— Não... não...

E estourou numa risada com seu riso tonitruante que fez Olga emergir da mala, furiosa mas impotente. O riso de Edma em resposta quase a fez arrancar o fone das mãos de Simon.

— Não — disse Simon — não. . . é engraçado. . . — E acrescentou — é desbundante. Nunca poderia marcar um encontro com você sem o número do telefone...

— É desbundante — aprovou Edma, utilizando esse adjetivo pela primeira vez na sua vida. — É desbundante: os grandes tímidos — acrescentou rindo mais forte.

E desligaram juntos, alegres e triunfantes.

Andréas esticara-se num convés deserto, na outra ponta do navio, onde se secava roupa e onde portanto não podiam ver do lado dos passageiros. Só um cozinheiro árabe o vira passar, e talvez nem mesmo ele. Como se tivesse visto um marciano. Era estranho pensar nisso, todos esses indivíduos nesse navio, que não se conheciam, que jamais se conheceriam e que talvez, graças a uma mina perdida, morreriam todos de uma mesma morte. Andréas esticara-se na madeira dura, sua calça de flanela branca ia se estragar e ele continuava deitado de costas olhando para o sol, a cabeça pousada num rolo de cordas que o esperava. Fumava cigarro sobre cigarro, cujo gosto lhe parecia cada vez mais ácido para sua garganta sedenta, e a fumaça cada vez mais pálida, contra aquele céu tão azul que cheirava tão bem. Sentia um grande vazio na mente; em suma, mais precisamente, sua atividade cerebral limitava-se a uma ária de música descoberta na véspera, no bar, um disco de Fats Waller, cujas notas pareciam brotar do piano, cair de suas teclas brancas e lisas como também se extirparem com grande dificuldade da clarineta, de suas profundezas abissais. Uma ária feliz, de fato. Uma ária de que não se lembrava, que nunca ouvira, mas da qual reconhecia ainda assim cada nota; uma ária que não podia vir de sua infância sem toca-discos, nem a adolescência dedicada ao *rock*, nem do exército, naturalmente, nem das suas loucas amantes, quando começara a trabalhar com elas; estas quinquagenárias ou sexagenárias só sonhavam com o *jerk*, em rebolar diante dele com os cabelos soltos, levantando as mãos ao alto, deixando ver assim as axilas empoadas sob o lamê. Lembrou-se de algumas dessas mecenas. Viu-as desfilar diante dele, umas e outras em filas pouco densas, perguntando-se, sem amargura nem remorso, com fizera para suportá-las à mesa ou nas suas camas. É que, naquela época, não se dava conta do que era compartilhar uma cama. Nesse campo ele jamais compartilhara qualquer coisa que fosse: dera, oferecera gestos e um corpo soberbo a pessoas que se tinham servido dele para usufruir de um prazer de que não participava, e cuja eclosão e subida ele contemplava com objetividade total, por vezes até com

laivos de constrangimento. Mas até no caso contrário, quando era ele que chegava aos seus fins, abandonando a parceira aos seus fantasmas pessoais, nunca tivera a impressão de compartilhar qualquer coisa que fosse. Pelo contrário, durante essas ligações que, aos 20 anos, lhe deveriam sugerir o contrário, Andréas muitas vezes tivera a impressão que o ato de amor o afastava para sempre daquela com quem o praticara.

Mas, de qualquer modo, esses rostos que tentava rejeitar voltavam-lhe, esses e outros semelhantes, em Nevers ou em outra parte. Mas em Nevers primeiro, já que não tinha mais dinheiro e deveria esperar praticamente no café da estação que fossem vendidos os três lotes de terra que tinham sido adquiridos em três gerações pelos homens da sua família, aqueles mesmos que tinham morrido no trabalho sem ter conhecido os prazeres da cidade, aqueles mesmos que Andréas surpreendia-se agora a invejar. . . Porque eles tinham trabalhado e talvez tivessem morrido no trabalho, mas pelo menos tinham morrido acompanhados, chorados, bem tratados. E talvez o trabalho lhes tivesse parecido suportável já que esse trabalho sustentava as mulheres e as crianças que eram deles. Do seu lado, sabia que só recolheria jóias, jóias de homem das quais jamais se desfaria, que nem mesmo poderia dar a alguém, por causa das iniciais gravadas em ouro. . . Voltaria à província, onde circularia de salão a salão, de cama em cama, com mulheres sem classe e sem animação, mulheres ociosas como ele, que não teriam o riso tonitruante nem as más maneiras, nem o vocabulário chulo, nem a pele doce e os olhos risonhos, nem a voz, naturalmente, da Doriacci. Ah! não! realmente não tinha vontade de voltar a Nevers e passar de carro novamente por essa casa que conhecia bem, cuja memória nem os palácios, nem as pousadas da estrada tinham podido desligar. E agora, além dessas lembranças, de todos esses quadros azuis e ternos da infância, seria preciso acrescentar outros de cores mais cruas e mais violentas, cujo perfume e raiz eram também os da felicidade.

Andréas levantou a cabeça involuntariamente, de sofrimento e de revolta. Sacudiu-se, tentou sentar-se para escapar aos seus inimigos cruéis, mas escorregou e se deixou cair para trás, os braços em cruz, entregue aos ataques conjugados da sua imaginação e memória. "Mas estou só, meu Deus...", gemeu indistintamente para si mesmo e para o sol diante dele que lhe bronzeava a pele já dourada, essa mesma pele que deveria assegurar-lhe a subsistência e delimitar-lhe a vida.

Uma gaivota volteava no céu com jeito de abutre e de ave de rapina. Não voava, deixava-se cair do céu ao mar. Tornava a subir na vertical, sem nada ter visto ou encontrado. Andréas seguia, com os olhos, com simpatia e

camaradagem essa alegoria da sua própria vida. Em alguns dias, teria que mergulhar, mais uma vez, em peixes mais firmes e mais rapaces do que os do mar... "Que farei?", disse bruscamente em voz alta erguendo-se a meio-corpo, com os cotovelos apoiados atrás no rolo de cordas, "Que farei?". Ia restituir o choque a Clarisse, já que a Doriacci não queria que a seguisse, e que seguiu-a nem mesmo serviria de nada: não só estava decidida a não amá-lo, mas, além disso, não o amava. Deveria talvez partir para Paris; mas era a mesma coisa: com que dinheiro? Lá ele se deixaria apresentar à amiga da Doriacci e entraria no rebanho dessas senhoras; não se sentia com coragem. Mais precisamente, pensava que se encontrasse de novo a Doriacci, um ano mais tarde, levando pelo braço uma dessas protetoras de luxo que ela própria lhe designara, morreria de vergonha e de arrependimento. Só lhe restava realmente Nevers. Decididamente. Nevers, onde suas aventuras já tinham provocado o riso de todas as suas miseráveis relações e das quais, desta vez, suas três mulheres tendo desaparecido, o riso já não traria qualquer mistura de ternura: já que as proprietárias da palavra ternura tinham morrido sem lhe revelar onde estavam escondidos os seus tesouros, sem lhe dizer onde tinham guardado a inesgotável ternura de que o tinham cercado toda a vida sem mesmo preveni-lo que elas a levariam com elas e sem avisá-lo que teria que viver sem ternura. E sem mesmo prever (como os animais selvagens que se domesticam) que seria atacado e comido cru pelos seus congêneres desde a primeira saída. Eram as duas vias que se ofereciam a Andréas: uma Nevers irônica, ou uma Paris amarga (pondo de lado a Legião Estrangeira, mas ele detestava a violência). E apoiado nas cordas sob o céu azul, naquela manhã, ouviu os motores do *Narcissus* continuando implacavelmente na sua rota para terra, onde não era esperado por pessoa alguma. Depois de ruminar bem esse último fato, acender mais um cigarro, levantou-se, aproximou-se da amurada, no ponto em que uma porta de ferro mais baixa permitia se inclinar um pouco mais para o mar, o mar onde lançou o cigarro.

A ponta do cigarro boiou despreocupada sobre as ondas azuis, depois, engolida num grande torvelinho, desapareceu da vista de Andréas para o fundo, no ponto em que a água ficava negra. Talvez fosse essa mesma onda, pensava absurdamente, que contemplava junto com a Doriacci, no dia em que estava feliz, e feliz sem o saber. Ela estava perto dele, ria acariciando-lhe o punho, com os dedos quentes insinuados sob a manga do casaco e murmurava palavras italianas eróticas, e mesmo obscenas, garantia-lhe ela rindo. Devia ter sido leviano, espirituoso, fogoso, sedutor. Talvez assim o tivesse conservado se... Se, o quê? Tentara ser tudo isso, fora tão leve, espirituoso e sedutor quanto podia ser... Não bastara. Nunca bastaria. Nunca bastaria. Poderia ser tudo que ela quisesse na vida, insistindo,

aplicando-se, forçando-se a tudo, exceto leviano. E ela sabia disso pois não fora a cólera ou o desprezo que suas carências tinham provocado, mas a indiferença. E esse mesmo mar, na sua doçura ausente, parecia-lhe o exemplo, o símbolo do que o esperava. Muitos homens deviam ter-se lamentado nas suas margens durante todos esses séculos, e deviam tê-lo aborrecido. O mar representava esse mundo exterior a ele, representava os outros, era belo, frio, indiferente.

E sua solidão passada e por vir, a inutilidade da sua vida, a ausência de força, resistência, realismo, sua necessidade desesperada e pueril de ser amado, tudo isso lhe pareceu de súbito duro demais, pesado demais. Tudo isso o levou a passar a perna direita por cima da porta e suspender-se nela. Ficou por um instante em equilíbrio precário, até o momento em que o sol, batendo-lhe na nuca, e a sua pele regozijando-se com isso fizeram com que sentisse a impressão de desperdício que era lançar ao mar aquela máquina tão bem constituída, esse corpo de luxo, e ele se deixou cair. O *Narcissus* era mais alto, muito mais alto do que ele pensava e muito mais rápido. Uma coisa fria, fina, golpeou-o, enrolou-se em torno do seu torso antes de rodear-lhe o pescoço. Alguma coisa como um cabo, pensou num milésimo de segundo, ao qual ele poderia se agarrar. E Andréas morreu pensando que estava salvo.

Por uma vez encantado com a ausência de Clarisse, Eric dera dois ou três telefonemas a Cannes, verificara se as suas redes estavam bem esticadas. Em poucas horas o trapaceiro, o ladrão, o falsário estaria trancafiado.

Mas já era tempo. . . Eric controlava-se para não insultar e dar pontapés nesse ladrão desprezível, esse valete de copas, esse "velho valete", pensava ele, esquecendo que eram da mesma idade e a preocupação que ele próprio tinha com sua estética. Eric sempre se orgulhara do seu físico. Escondia cuidadosamente, mas cultivava nele a idéia de que sua beleza máscula, essa beleza quase supérflua devia provocar nos outros, principalmente nas mulheres, uma espécie de gratidão. . . uma gratidão normal por um homem que não só era justo, profundo, liso, humano, mas que além disso tornava sedutoras essas virtudes em geral ligadas a um físico ingrato. Aliás, para ser lúcido, não era apenas dinheiro que censurava em Clarisse, mas sua beleza, esse ar de juventude, de desafio e também esse ar de vulnerabilidade que já tinha quando se conheceram e da qual só gostaria de ver os vestígios hoje, da qual ele pensava que realmente só restavam vestígios sob aquela bárbara maquilagem. Mas agora vira-a em pleno dia no convés do navio, vira-a à luz do sol, vira-a Sob as luzes, desmaquilada, e, sobretudo, sobretudo iluminada pelo desejo de um outro. Não podia deixar de se confessar que a vulnerabilidade sempre fora acompanhada desse ar de juventude, esse odor de juventude que ele sentia ainda nos cabelos dela, na voz, no riso, na maneira de andar. Acabaria como uma velha menininha, pensava por vezes, esforçando-se por desprezá-la. Mas às vezes, quando lhe impusera seus deveres conjugais e noturnos e que, encolhida na posição de feto, cara aos psiquiatras, ela dormia ao seu lado, de costas, surpreendera-se duas ou três vezes olhando com uma avidez misturada de deferência essas costas e essa nuca frágil e indomável. E mesmo, por momentos, deixara levantar-se, como uma melopéia fúnebre um ar esquecido e desolado, a lembrança do que aquele corpo fora para o dele no início da história de

ambos. Naturalmente, a lembrança de tudo que já não era para ela, de tanto introduzir nomes grosseiros, soava falso para Eric também. Mas havia muita probabilidade de que esse rosto feliz desmoronasse na manhã seguinte, e deixasse lugar para outra coisa. Imaginava o rosto dela quando a natureza e a vida do seu belo amor fossem revelados. Já via esse rosto empalidecer ainda mais, via os olhos incrédulos, essa expressão de vergonha, esse desejo de fuga que o cobriria pouco a pouco. Era preciso prestar atenção em seguida, para não lhe repetir demais "Eu bem que lhe disse!", levando assim esse golpe baixo a uma irritação, estragando seu triunfo. Sim, já era tempo que aquele amanhã chegasse. Deixara campo livre a Clarisse, dera-lhe rédeas soltas para que não desconfiasse de nada, que pensasse que ele estava indiferente àquela louca fantasia e que um e outro chegassem desarmados pela inconsciência e o amor contrariado diante do comissário e dos meirinhos de Cannes. Repassava incansavelmente essa cena digna de uma imagem de Epinal: o marido apoiado pela justiça, a mulher culpada e o vilão confundido e lançado à masmorra.

Enquanto esperava, tirara o Marquet do seu esconderijo e pousara-o no travesseiro de Clarisse com três palavras: "Feliz aniversário. Eric", que, sabia-o bem, tiraria três quartos do encanto do quadro. Mas o que poderia estar fazendo Clarisse àquela hora? Em que ponto do navio estaria falando enrubescida com seu amante, diante dos outros, os importunos que notariam eles próprios, sem que ela o percebesse, esse ofegar, essa tensão, esse desejo insuportável, distendido entre ela e Julien? Enfim onde estaria ela? Em algum lugar nesse navio, no convés, rindo às gargalhadas das tolices do seu suspirante, rindo, rindo, rindo como nunca rira com ele. Era preciso dizer que o próprio Eric tinha desde o início do seu encontro instaurado entre eles um tom solene e tenso, que dizia ser de paixão, e que excluía o riso. Aliás, não gostava de rir e desprezava o riso incontrolado de quem quer que fosse, que o arrepiava como qualquer perda do domínio da vontade. Ainda assim, teria gostado muito de oferecer-lhe aquele quadro diante de Julien Peyrat. Mas era impossível. E, de todo modo, seria preciso esperar que o último barco para Cannes tivesse desaparecido na noite incipiente, Julien Peyrat encurralado no navio e incapaz de fugir da armadilha.

— Como faremos? — perguntou Clarisse sentada no bar, evitando assim olhar por muito tempo para Julien, ou tão exatamente.

Por momentos, fazendo um grande esforço, bloqueando a respiração, conseguia vê-lo fora do seu *status* de amante, conseguia vê-lo como um homem diante dela com olhos e cabelos castanhos, chegava mesmo a falar-lhe pausadamente esquecendo o contato, o calor e o perfume desses cabelos,

dessa boca divertida. Mas só resistia uns segundos e seu olhar se perturbava, a palavra esmorecia até ela virar o rosto bruscamente para o lado, incapaz de suportar por mais tempo a perturbação deliciosa, a fome, a necessidade desse homem diante dela. Julien também estava reduzido aos mesmos expedientes e às mesmas distrações forçadas ainda mais breves nele, a ponto de no momento em que olhava para ela e via-a entregue, obcecada, impaciente, se dizia: "Vou abraçá-la agora. . . Vou fazer isso. . . Vou acariciá-la, apertar-me contra ela, abraçá-la assim mesmo", formando desse modo imagens voluptuosas e ardentes que a proximidade dessa mulher, mesmo não estando nua, tornava indecente e cruel.

— Como farei? — perguntava ela rodando o copo entre os longos dedos. — Como é que você quer que eu faça?

— Oh, simplesmente — disse Julien com a expressão tranqüila que arvorava contra a vontade. — Você faz as malas amanhã de manhã, diz que quer partir novamente, desta vez sozinha num outro cruzeiro. . . Não, enfim: que quer fazer sem ele um outro cruzeiro; e entra no carro onde eu a espero...

— Debaixo do nariz dele? . . — Clarisse estava pálida de apreensão.

— Pois é, debaixo do nariz aquilino dele mesmo! — disse Julien com uma alegria que não sentia. — Ele não vai se jogar em cima de você e arrastá-la à força para o carro dele, afinal. . . Nem vai tentar!

— Eu não sei. É capaz de tudo.

— Não vai levá-la comigo vivo! — declarou Julien, rodando os ombros como um carregador. — Mas se você está com medo demais dele, posso ficar ao seu lado quando você lhe anunciar. Posso até lhe dizer eu próprio sozinho... Já lhe disse...

— Isso seria maravilhoso! — respondeu Clarisse levemente, antes de se confessar que isso não se faz.

Estava atormentada, sem dúvida, mas outros problemas preocupavam Julien. Todas as contas realizadas, ele alugaria um carro no próprio porto e levaria Clarisse para a casa dele; contudo, mesmo telefonando de Cannes, não era certo que a casa estivesse suficientemente aquecida para que pudessem dormir lá naquela mesma noite. Naturalmente que havia o hotel, mas não deviam começar juntos uma vida errante. Era preciso, pelo contrário, que, rompendo as amarras, a escuna Clarisse encontrasse um porto seguro, e até mesmo uma pequena enseada, um lugar estável que seria o deles e assim permaneceria: isso significava a casinhola de Julien na região calcária do Tarn, a única coisa que lhe pertencia de fato depois de 20 anos de pôquer, cassino e corridas, e que era, aliás, um legado familiar. Clarisse, que o olhava com o canto do olho para se tranqüilizar, ficaria estupefata de saber que seu subornador procurava na cabeça e em prateleiras longínquas

cobertas e travesseiros para a próxima noite.

O jantar começou muito bem, aliás. Para esta última noite, o Capitão Ellédocq, com ar importante e grave como se se aprontasse a deixar um navio à deriva, lançara em torno olhares benevolentes, ou que assim desejava que fossem, mas que sempre aterrorizavam os jovens *barmen* e os *maitres*. Mal se sentara à grande mesa com seus hóspedes, fora chamado ao telefone e se desculpou.

— E agora? Quem vai dirigir a conversa? — perguntou Edma com voz aflautada que fez todo mundo rir. — É você, meu caro Lethuillier? Deveria assinalar isso no seu *Forum*, esse fenômeno de antropologia, porque, afinal, refletamos. Nós fomos 30, 30 seres humanos neste navio, completamente dirigidos e levados, a passo durante nove dias e sem reclamar sob as ordens de um orangotango de boné. Um animal que não compreendia uma simples palavra do que lhe dizíamos e se dirigia a nós em termos guturais. . . Nada tolo, aliás, esse animal. . . Por exemplo, compreendera bem que a campainha queria dizer "Comer", "Alimento" e era o primeiro a se precipitar para a sala de jantar no mesmo instante e sem mostrar a menor hesitação. . . Não é espantoso? — perguntou em meio ao riso dos vizinhos e o apoio do riso da Doriacci que por si só arrastaria uma sala inteira.

— É pena que não tivéssemos pensado nisso antes... — disse Julien enxugando os olhos. — King-Kong, nós o teríamos chamado de King-Kong.

— Para ele isso não faria a menor diferença — falou Simon. — Afinal, o sonho dele é fazer tremer diante dele e que os homens pelo menos lhe falassem em posição de sentido.

— Psiu! — disse Edma — Lá vem ele, Mas sem Charley. Onde terá ido parar Charley? — perguntou, notando seu lugar vazio ao lado, bem como a cadeira vazia de Andréas.

— Pelo menos que não tenha ido a Cannes rodar as boates de pervertidos. . . — resmungou Ellédocq para si mesmo. — Não na última noite. . . A menos que tenha feito de propósito para me aborrecer.

O capitão ficaria muito surpreso se lhe tivessem dito que só nesse plano ele apresentava tanto interesse quanto Marcel Proust. Quanto a Charley, não voltou naquela noite para grande descontentamento das senhoras. E com toda a razão: sentado na sua cabina, na beira da cama com a cabeça em cima da bacia esmaltada, e apertando com as duas mãos as torneiras de água quente e de água fria, vomitava e chorava ao mesmo tempo sobre o que vira no beliche de um cozinheiro da cantina perto de um dormitório da tripulação. Era um casaco de *cashmere* bege e azul, do mesmo azul dos olhos do seu proprietário, mas que trazia ainda, no lugar em que o anzol do pescador mecânico o tinha agarrado, um rasgão margeado por uma mancha marrom e tenaz, uma mancha de sangue que toda a água do

Mediterrâneo não conseguiria tirar. . .

Era preciso naturalmente que se calasse até que os passageiros saíssem, estivessem longe, e que nada empanasse as últimas delícias artísticas do cruzeiro musical. Charley chorou a noite toda e tão sinceramente, e sobre lembranças tão falsas e tão ternas sobre as esperanças que Andréas lhe deixara, sobre todo esse amor que talvez evitasse o gesto fatal! Charley chorou sobre o que não passava de um relato tendencioso de um drama de solidão e que seria substituído dentro de alguns anos, ele já sabia, pelo relato de uma paixão ardente e desesperada cujo abandono por ele, Charley, provocara a morte do único homem que amara.

A madrugada encontrou-o no mesmo lugar, o rosto inchado, envelhecido de dez anos. E foi realmente por bondade de coração, graças a sua natureza profundamente gentil, que se reteve dez vezes durante a noite para não ir chorar com a Doriacci.

Foi assim que Charley Bollinger, pela primeira e última vez, faltou ao jantar de despedida do *Narcissus*. Faltou também, uma hora mais tarde, aos primeiros compassos do *Parabéns a Você* tocados ao piano por Hans-Helmut Kreuze, triunfalmente anunciados pela supressão das luzes, acompanhando o aparecimento do cozinheiro-chefe, de boné branco, emergindo das entranhas do navio após nove dias de anonimato; trazia com os braços estendidos a consagração dos seus talentos: uma enorme torta decorada com "Feliz Aniversário, Clarisse" em açúcar branco. Todo mundo dirigiu olhares sorridentes a Clarisse, que parecia petrificada. Pôs a mão na boca:

— Meu Deus — exclamou. — Meu aniversário. Tinha esquecido. . .

Ao lado dela, Julien, surpreso e encantado como ficava com qualquer festa, sorria-lhe um pouco irônico e bastante prosa por lhe ter feito esquecer seu próprio nascimento.

— Não se lembrava realmente? — perguntou Eric (e o seu sorriso não tinha calor, embora se estendesse de orelha a orelha).

— O que fez, Clarisse, para se esquecer do seu aniversário? — retiniu a voz de Edma. — Quanto a mim, infelizmente, lembro-me de cada vez e me digo: mais um. . . mais um. . . mais um. Mas para você ainda não existem essas reflexões sombrias, não é?

— Como, como, "mais um ano"? — falou Simon Béjard animado. — Ai está a mais jovem das mulheres queixando-se agora!

Ele exagerava um pouco para o gosto de Edma, depois do telefonema sentimental. Olhava para Edma de frente, de face, sorria-lhe sem cessar, piscava-lhe o olho, executava uma pantomina de amante feliz que, mesmo

na ausência do marido, seria excessiva, em primeiro lugar, e, depois, de mau gosto. Edma ficou ao mesmo tempo irritada e divertida, confusamente lisonjeada de ver os olhares surpresos dos outros diante dessa convivência estranha. "Que sujeito engraçado", "que sujeito engraçado", repetia-se Edma com reticências entremeadas de prazer. Sorria a Béjard, ou olhava-o severamente, de acordo com seus pensamentos, isto é, mudava de atitude cada três minutos.

— Mas minha querida Edma — continuava justamente Simon por cima da algazarra em torno do bolo — mas minha querida amiga, você todos os anos desconta um, não é verdade? Você é e será uma mulher eternamente jovem, sabe bem. Uma cintura de mocinha, uma cintura de vespa mesmo. . . — Asseguro-lhe que de costas parece ter 15 anos! — acrescentou com menos habilidade.

Edma tinha aliás virado a cabeça justamente a tempo de não ouvi-lo, e como de cada vez que cometia uma gafe e a percebia, Simon Béjard enxugava os lábios cuidadosamente três vezes com o guardanapo. Edma encaixara um sorriso de boa vontade na sua direção:

— Mas quantas velas? Quantas? — gritava com sua voz de falsete que tanto irritara seu suspirante ruivo, e que agora quase o enternecia. — Então, Clarisse, você confessa? Quantas?

— Isso não se diz — retrucou Eric. — Não se diz nem para uma mocinha.

— Não, mas isso se diz para as senhoras idosas — respondeu Edma corajosamente, e uma expressão de sacrifício passou pelo seu rosto como nuvens sobre um céu azul. — Eu, por exemplo, eu, a velha senhora aqui, digo-lhe diretamente, meu caro Eric: tenho 57 anos.

Armand Bautet-Lebrêche levantou os olhos ao céu e depois de um breve cálculo acrescentou (imediatamente) cinco anos a essa confissão.

Seguiu-se ligeiro silêncio, silêncio apenas polido, pensou Edma ulcerada, mas logo seu cavalheiro levantou a luva com a elegância habitual.

— E daí?. . . E então?. . . Cinquenta e sete, 58, 59, 60, o que isso importa se você está cheia de vida como aos 20 anos? Não vejo quem poderia dizer alguma coisa.

— Você poderia dizer-lhe "psiu", por exemplo — sugeriu gravemente Julien a Edma.

— Aí está um bom conselho — declarou Edma, com um ar digno que seu sorriso desmentia.

— E então? — começou Simon. — O que foi que eu disse de errado?. . . É verdade, 60 anos para uma mulher da nossa época é uma idade extraordinária.

Do ponto de vista de gafes, Béjard perdera o ritmo durante essa viagem, pensou Julien; parecia ter perdido sua arma automática e só soltava

as gafes uma a uma. Naquela noite parecia que essa tendência voltara e era um bom sinal, apesar de tudo. Lançou um olhar à jovem Olga que parecia muito menos jovem naquela noite, que tinha a idade do descontentamento e do temor, o que lhe dava mais 10 anos. Uma Olga muito decorada pelas sedas exóticas que exaltavam o seu bronzado, um pouco demais, um pouco "natural" demais naquela roupa sofisticada. Bebia as palavras de Simon, ria às gargalhadas quando ele pedia pão e obstinava-se em tirar-lhe do casaco com gestos maternos e voluptuosos migalhas visíveis só a ela. Fazia dengos, era esse o termo, pensou Julien.

"Mas por que diabo Clarisse lhe escondera o aniversário? Teria esquecido, realmente? E ele que nada tinha para lhe dar." Inclinou-se para se queixar, mas à sua expressão perplexa viu que, de fato, ela esquecera. E como se adivinhasse seus pensamentos, Clarisse virou-se e disse, simplesmente:

— Sim, sim, sim... graças a você — sorrindo, diante da insistência muda dele.

— Você sabe que é muito desagradável — disse Edma enquanto instalavam a torta diante de Clarisse e lhe davam uma faca para cortá-la — ninguém nos avisou. Não tenho nada para dar a Clarisse, só roupas que não lhe serviriam ou jóias que não queria. Estou constrangida, caro senhor — disse a Eric, que se inclinou em contrição.

— Eu também, eu também, eu também — disseram os convivas, todos mostrando sinais de desolação.

O próprio Ellédocq soltou um resmungo nostálgico como se já estivesse se imaginando no convés principal cercado por toda a tripulação em posição de sentido, envergando a medalha de bom comportamento do *Narcissus* oferecida como presente de aniversário pela Companhia Pottin a "Madame Eric Lethuillier".

— Não se zanguem — disse Eric rindo. — Eu sabia que todos vocês queriam dar prazer a Clarisse. Assim, comprei-lhe um presente por nós todos, da vossa parte e da minha.

Levantou-se com um ar misterioso, passou para o vestiário e voltou com um embrulho retangular envolto em papel pardo que todo mundo sabia, antes mesmo que o pousasse sobre uma cadeira na ponta da mesa, que era o Marquet para alguns e o falso Marquet para outros. Depois de um instante de surpresa todo mundo rebentou em "bravos" e cumprimentos por essa generosidade, esse perdão dos pecados, oferecido por um bom marido, compreensivo; embora ele próprio adúltero. Só Julien e Clarisse trocaram olhares, assustado em Clarisse, consternado em Julien.

— O que você acha? — dizia Eric olhando-o nos olhos. — Deveria tê-

lo comprado diretamente ao senhor Peyrat, ou posso chamá-lo de Julien? Devia ter-lhe comprado diretamente, Julien, mas receei que você tivesse guardado má lembrança de nossa luta de boxe e que se recusasse a vendê-lo.

— Fui eu que o comprei oficialmente — disse Armand Bautet-Lebrêche, todo agitado e todo contente de representar, finalmente, um papel qualquer nessa orquestra onde, no final de nove dias, só tinha o papel sucinto do triângulo.

— Foi você? — perguntou Edma com as sobrancelhas franzidas.

— Pois foi — respondeu Armand encantado e orgulhoso dessa pequena farsa, ele que urdia outras mil vezes mais difíceis e mil vezes mais perniciosas durante todo o dia no seu escritório. — Nada tolo, hem? — falou sorrindo. — Foi gozado. . . — acrescentou, como se jogasse diante dele, na toalha, uma pedrinha, esse "gozado" que aliás fez o efeito de uma pedrinha.

— Gozado. . . gozado. . . o que foi gozado?. . . — resmungou Edma severa (de quem, no entanto, ele tomara o termo).

— Então, Clarisse? — disse Eric. — Não é uma beleza esse quadro? Você está com uma expressão estranha. . .

— Foi a surpresa — disse ela corajosamente. — Uma bela surpresa, aliás. . . Adoro esse quadro.

— Então aproveite-o — disse Eric com um sorriso gelado. — Vou pendurá-lo no seu quarto e você poderá olhá-lo toda a noite. Já seria alguma coisa — acrescentou confusamente, sem que os outros pudessem ouvi-lo.

E desculpando-se retirou-se para o corredor, deixando os passageiros confusos por um instante até que a turbulenta Edma, parecendo até encabulada, fosse convidada por Simon Béjard e literalmente entusiasmada comesse a valsar com ele, levando atrás de si pouco a pouco todos os outros convivas para a pista. Clarisse escondeu o rosto no ombro de Julien.

— O que é que você pensa? — disse ela afinal. — Acho esse presente estranho.

— Por quê? — perguntou Julien com voz fria e quase irritada, subitamente. — Por quê? Você não costuma receber presentes no seu aniversário? Acha que eu lhe deveria dar esse quadro, eu mesmo? E que seria mais natural da minha parte do que da de Eric?

— Você está louco — respondeu Clarisse, esfregando por um instante o crânio contra o queixo de Julien. — Você está louco, ficaria furiosa... Vamos precisar desse dinheiro, não é, para nossas férias ao inverso? Não, o que me inquieta vindo de Eric é que seja um presente só para mim. Eric só me dá presentes para nós dois, tem-me oferecido viagens, a dois, carros que ele dirigia e objetos para a casa de que ele também aproveitava. Agora parece que ele disse "o seu quadro". Só Deus sabe como fui coberta de presentes só para mim, durante toda a minha infância, mas há 10 anos só

tenho presentes compartilhados, como diz Eric. Os únicos honrosos, diz ele. Mas vou lhe parecer terrivelmente egoísta, adoraria ter presentes só para mim...

— Pode me confessar tudo o que você quiser — disse Julien num impulso — acharei tudo uma delícia. Se eu puder vou lhe dar os mais belos presentes só para você.

E ele abraçou-a contra si com uma doçura que era a do desespero, mas cuja natureza Clarisse não imaginava. Simon Béjard inclinava-se diante deles num grande gesto espetacular como se estivesse varrendo o chão com as plumas do seu chapéu e levava a "gentil dama" para um tango especialmente antiquado. Julien, sozinho no lugar em que ela o deixara, "parecia o próprio símbolo da desorientação", pensou Edma consigo mesma passando diante dele nos braços de um velho americano; e não sem razão, pensou, deixando-se docilmente guiar por esse robô de pés chatos. Apesar da ausência dos dois dançarinos mais dotados e mais animados, Andréas e Charley, houve alguns instantes de excitação e divertimento, por exemplo, quando Edma quis arrastar Ellédocq para a pista jurando-lhe que depois ele poderia fumar todos os cachimbos que quisesse. Na partida desse cruzeiro, poder-se-ia esperar que ele seria agradável para Andréas e Charley, mas agora só se podia esperar que ele fosse de algum apoio para um deles, mas sem o menor erotismo.

Houve um instante menos divertido ou mais excitante, quando Olga, em lágrimas, gritando para Simon que não gostava mais dele, deixou o convés correndo, dando todos os sinais de desespero, isto é, sem batom nos lábios. Mas nenhum desses incidentes foi capaz de afugentar a tristeza, a doçura, o encanto dessa noite que recordava tantas outras tão longínquas já, tão longínquas no tempo e no espaço, aquelas noites perfumadas de jasmim e de panquecas fritas, que não voltariam, e que o inverno, já à espreita no porto, as faria esquecer depressa. A Doriacci cantou melodias de Debussy com voz doce e sentimental, um voz cuja tristeza excluía a sensualidade, uma voz muito madura e muito jovem, um pouco suplicante, mas reservada ainda assim, uma voz secreta e que tornava absurdos e inúteis todos os pequenos segredos descobertos ou não, desse cruzeiro. Todo mundo foi deitar cedo; alguns com lágrimas nos olhos sem saber por que, e em maior número do que seria de supor.

Tendo à força de energia roído completamente todos os laços que o prendiam no seu reduto, *Fuschia*, enfim livre, ficou deitado alguns instantes relaxando assim sua mandíbula dolorida depois de tantas tentativas, e em seguida partiu na caça ao homem.

Foi portanto esse cão sanguinário, e só ele, que encontrou Julien Peyrat no seu passo noturno, mais longo que de hábito naquela madrugada. Passeava sozinho no convés e por cima do ruído sedoso e sussurrante da proa fendendo a água tinha a impressão que seus passos faziam vibrar o assoalho, que as tábuas freMIam sob seus pés e que aquele estalar repercutia até às vigias, até os ouvidos de Clarisse, que não o ouvia. Clarisse devia dormir tranqüila sob o falso Marquet. Clarisse liberta da sua vida e dos seus atos ao mesmo tempo que da sua solidão, Clarisse que confiara a vida a um barco piloto, ele, Julien Peyrat, que talvez fosse afundar sob seus olhos. Não fora à toa que Eric comprara aquele quadro, Julien sabia muito bem. E perguntava-se quando e onde lhe pediria contas. Protegida contra malversações, ignorante dos furtos que eram os meios de vida do seu amante, Clarisse dormia e talvez o visse passar nos seus sonhos. Clarisse ia provavelmente acordar feliz e sem desconfiar da brevidade da sua felicidade. E mais uma vez Julien temia por ela, temia muito mais a decepção que teria do que o risco de prisão que corria (que não era nada agradável, segundo lhe tinham dito, na República Francesa). Amava-a, era isso, e tinha um prazer masoquista em se dizer que o primeiro amor absoluto que sentia na vida terminaria antes mesmo de começar... e que por uma vez que ele amava "bem", esse bem o conduziria à cadeia. Contanto que não fosse logo, contanto que ainda pudesse segurar contra ele" o corpo trêmulo, sentir o perfume de Clarisse. . . Contanto que pudesse ainda enfiar o rosto nos seus cabelos, falar-lhe como a uma criança ou a um animal. .. Contanto que visse a alegria mais louca animar esse rosto tão belo, tão nobre, na sua inocência, esse rosto em que não podia deixar de pensar, às vezes como numa heroína de Delly, às vezes como numa de Laclos. Que o destino lhe deixasse ainda uma vez esse rosto, esses ombros, esse pescoço sob sua boca e as mãos ternas de Clarisse nos cabelos dele, aquela doçura extravagante que irradiava dessa mulher e que fizera de um jogador cínico um suspirante enregelado. "Clarisse", murmurou ele três ou quatro vezes no ar do fim de

noite, num ar branco e acolchoado, um ar sem sol ainda. A luz no convés naquela hora estava cinza, bege-ferrosa e triste. "A gente pensaria estar num navio abandonado, sobre um destroço em algum oceano Indico de grandes profundezas equívocas."

Um animal que visivelmente não vinha do oceano Indico inscreveu-se subitamente no cristalino de Julien e ali se imobilizou por um segundo: o tempo suficiente para que todos os relês, circuitos, pistas, informações da memória se organizassem e concordassem para avisar Julien, numa mensagem das mais rápidas, que era *Fuschia*, o cão mordedor que avançava para ele, nessa madrugada, com os pêlos eriçados de raiva; era ele, sem dúvida, que avançava para sua presa, zombeteiro e implacável. Julien só teve tempo de pular para uma escada de serviço. E na sua pressa ainda assim teve a alegria de ouvir rosnados furiosos e decepcionados do monstro. E, logo em seguida, o prazer inegável de cuspir-lhe em cima da altura de dois metros, que a ausência de vento tornava ideal, era só uma questão de mira. Julien não estava muito mal ali em cima naqueles degraus rígidos e levou um segundo para compreender a expressão atônita no rosto da Doriacci, quando ela emergiu dos corredores. Envolta numa mistura de albornoz e camisolão africano de seda negra e vermelha que destoava, mas alegrava completamente todos aqueles cinzas em torno dela, a Doriacci lançou-lhe um olhar inquisitivo e fez-lhe um sinal com a mão de não continuar brincando de marinheiro, até perceber a causa de tudo.

— Ora, aqui está o meu amigo *Fuschia* — disse ela em sua voz tempestuosa.

O interpelado virou a cabeça para ela e Julien, com um suspiro de resignação, preparava-se para lhe saltar em cima como numa bola de rúgbi para salvar a Diva, quando o animal, para seu grande espanto, veio quase ronronando para a Doriacci, de quem lambeu os pés com energia, sem que ela mostrasse qualquer surpresa.

— Bom-dia, meu *Fuschiazinho* — murmurou ela, pelo contrário. — Bom-dia meu cãozinho gentil. Ele reconhece a mão que o alimenta. Pois é, fui eu que lhe dei aquele chocolate gostoso, o ossinho de frango. E dei também o creme inglês, cãozinho horrível e mau; diga bom-dia à tia Doria. O que é que o cãozinho quer para o café da manhã? O mau Ellédocq?

— Ah! Não! É o senhor Peyrat que *Fuschia* quer esta manhã — disse levantando os olhos para Julien, sobre o qual se fixaram com uma nota de ironia, pensou Julien. — Mas o que é que o senhor tem, senhor Peyrat? Não se incline dessa maneira. É de se perguntar se o senhor vai cair ou são os seus olhos que vão cair do rosto. . .

— Certamente devo estar com os olhos fora das órbitas — respondeu Julien, pousando prudentemente o pé no chão — Mas confesso-lhe que

desde Santa Blandina e os leões, nunca vira coisa semelhante.

— Imagine só, senhor Peyrat, eu sou domadora — disse a Doriacci com sorriso de derisão — e me pergunto por onde passou meu último leãozinho. Chego a ficar inquieta por ele, o que é muito mau sinal. . . *Fuschia*, não se mexa daqui e deixe o senhor Peyrat sossegado — disse no mesmo tom.

— Não para ele — disse Julien, ao pé do mastro agora, de olhos fixos em *Fuschia*. — Para ele não é mau sinal, é o que eu quero dizer.

— Oh, sim! — disse a Doriacci convicta. — Oh, sim! Não faltaria mais nada a esse pobre Andréas, que eu o amasse.. .

— Acho que está sendo muito dura com ele! Não é um bom amante?... além de um sujeito encantador?

— Um bom amante? Vejamos, senhor Peyrat. Um bom amante é o que diz às suas amantes que são amantes maravilhosas.

E tornava a dizer isso com uma satisfação sombria, enquanto juntava as pontas do lenço nos ombros.

— Vai-se resfriar — disse Julien, tirando o seu casaco para lhe pôr nos ombros, e o perfume da Doriacci imobilizou-o por um instante.

Era o perfume de uma mulher que muito amara, enfim, que acreditara ter amado muito antes de encontrar Clarisse. Tinham até gostado muito um do outro, lembrava-se Julien, revendo o terraço do chalé na neve e sentindo as espetadelas do frio sobre as faces e o calor do ventre contra o seu. Foi saindo de um cassino na Áustria, onde sua maneira de jogar um pouco louca atraía-lhe, sexualmente, propostas de todos os lados. Convém dizer que ele ganhara no zero três vezes seguidas e no oito quatro vezes.

— Está pensando num cassino, senhor Peyrat, ou eu me engano? — disse a Doriacci sempre de costas como se esperasse que depois de lhe ter pousado o casaco ele o ajeitasse ou fechasse.

— É engraçado — disse Julien ingenuamente e, dando vagamente tapinhas no casaco perguntou: — Como foi que adivinhou?

— Quando se acusa um jogador de estar pensando no jogo, pode-se dizê-lo um pouco antes ou depois desse pensamento, mas nunca errar.

Virou-se para ele, projetando ao mesmo tempo um sopro de perfume. Olhava-o com tal expressão de convite sobre todo o rosto que Julien, hipnotizado e incapaz de recuar sem esmagar *Fuschia* que o cercava, inclinou-se e beijou a Doriacci sem saber por que, e provavelmente sem que ela também soubesse, simplesmente porque era a única coisa a fazer naquele momento preciso. Havia um escaler úmido de orvalho a dois passos e um pouco mais tarde emergia Julien rindo da horrível brincadeira da Doriacci a respeito das proezas amorosas de Olga Lamouroux. Sentia-se estupefato desse semi-estupro praticado nele, mas nada envergonhado, curiosamente. Era, de fato, o tipo do acidente, pensou ele; dez minutos brutais com uma

mulher que jamais desejara realmente e que não lhe significava nada, mas procurava um leãozinho de madrugada, enquanto ele próprio vagava por baixo das vigias da cabina de uma mulher casada. A Doriacci tornara a se vestir alegremente com o rosto um pouco inchado por esse prazer roubado, mas já todo marcado pelo riso de quem pregou uma boa peça a alguém.

— Cada vez que eu ouvir um disco seu — disse Julien galantemente — ou cada vez que eu for a um concerto, terei muita dificuldade para não contar...

— Conte, conte. Não é uma história vergonhosa. O que é vergonhoso são as pessoas que a contam em geral. . . Preferiria que você contasse minhas perversidades a ouvir Kreuze falar da minha voz. . . Bem, agora vou dormir. Tudo isso dá sono — disse sem qualquer romantismo.

E, tendo beijado Julien no rosto e retomado certa altivez no olhar e no porte da cabeça, desapareceu, deixando-o embasbacado.

Os policiais chegaram ao meio-dia em ponto ao *Narcissus* e os passageiros da classe de luxo que tinham permanecido a bordo na última noite, isto é, todo mundo exceto Andréas, sentados à borda da piscina ou dentro dela, sorriram diante dessa chegada. Entre esses corpos despidos e bronzeados, ou vestidos como pessoas de luxo em férias, três homens vestidos de escuro e calçados com grossas sapatrancas, com as quais martelavam o convés, tinham qualquer coisa de irreal. Desapareceram por um quarto de hora na companhia de Ellédocq. Um quarto de hora em que foram esquecidos, acreditando-se que tratavam de histórias de fretes ou administração. Só Julien os seguira com maus olhos, por alguns instantes, para esquecê-los também. Mas quando Eric surgiu no convés ladeado pelos outros quatro, Julien compreendeu que o perigo estava ali e levantou-se instintivamente como se tentasse escapar a Clarisse e aos outros, tentando explicar-se (se houvesse alguma coisa a explicar) em lugar discreto; mas essa não era a opinião de Eric. Olhando-o, Clarisse teve medo dele. Ele empalidecera, ria alto demais; em suma, rejubilava-se. E Clarisse sabia por experiência que a alegria de Eric repousava sempre sobre os aborrecimentos ou a desgraça alheia. Levantou-se também e segurou Julien pelo punho. O mais velho dos três tiras deu dois passos e Julien, como uma criança inconsciente, pediu aos céus que ele caísse com sua capa e sua pasta no fundo da água.

— Senhor Peyrat, eu creio — disse o tira mostrando os dentes. — Sou o comissário Rivel, da municipalidade de Cannes. Aqui está o meu cartão. Estou aqui por queixa do Sr. Eric Lethuillier.

Houve um silêncio total, de súbito, em torno da piscina. Edma fechara os olhos, por sua vez, e dizia a Armand com voz alta:

— Pronto, a confusão está feita. . . O que foi que lhe deu de se meter nisso?

— Meter em quê? — perguntou Armand em voz baixa. — O que foi que eu fiz?

— Nada, nada — Edma tornou a fechar os olhos.

Julien tomara sem querer a atitude irônica com o rosto divertido, que opunha sempre aos golpes da sorte. Sentia Clarisse um pouco atrás dele, sentia-a vibrar no ar quente, ao sol, ao lado dele, sentia-a vibrar de medo, desta vez. Já não tentava se afastar discretamente, era melhor que ela soubesse brutalmente, diretamente. "Pobre Clarisse. . . pobre querida. . .", dizia para si mesmo, e uma nota de compaixão e ternura fazia-lhe o coração derrapar entre as costelas.

— Estamos aqui por queixa do senhor Lethuillier, portanto — disse o comissário Rivel. — O senhor é acusado de ter obtido para o senhor Eric Lethuillier, pela quantia de 250.000 francos, um quadro cuja natureza seria impossível o senhor desconhecer, dadas as suas qualidades profissionais. Acabamos de examinar esse Marquet com o senhor Plessis, perito junto aos tribunais, que é formal: esse quadro é uma falsificação. E o certificado que o acompanha também.

Julien escutava-o falar e se aborrecia. Fora atingido por uma letargia, quase sono, que deixava acima de tudo e que o arrancaria a esses indivíduos pomposos, suas declarações desagradáveis e a massa de papelada que tudo isso ia desencadear.

— A lei é formal — continuava o chamado Rivel — vou ser obrigado a levá-lo comigo até o comissariado, onde tomaremos seu depoimento.

— Tudo isso é grotesco e ridículo e o menos interessante possível — disse a Doriacci com os olhos faiscantes da sua cadeira de convés. — Senhor comissário estou espantada de ver que na França...

— Deixe, deixe — interrompeu Julien — tudo isso é inútil: — Olhava com atenção os pés e a prega da calça; sua única preocupação era evitar o olhar de Clarisse. Desde que aquele imbecil diante dele começara a discursar, Julien esperava, com todos os músculos do corpo contraídos, que Clarisse fugisse para a cabina correndo. Ela ia fazer as malas, voltar para Versalhes, se deixar maltratar, ser infeliz, o que já esperava quando subira a bordo, mas ele tivera a crueldade, por atração, de lhe fazer crer que estava acabado. Ela choraria um pouco, enviar-lhe-ia uma carta encantadora para lhe dizer que não lhe queria mal por isso e jamais se tornariam a ver; ou por acaso. . . e ela desviaria o olhar por compaixão e melancolia, com alívio até, talvez, pelo fato de o marido a ter arrancado a esse trapaceiro.

— O senhor reconhece os fatos, imagino? — perguntou o chefe dos tiras. Julien via diante dele o belo rosto de Lethuillier convulsionado por uma alegria amarga que lhe torcia a boca e lhe dava o aspecto de um peixe. Ouviu a voz de Clarisse levantar-se por trás dele, mas só compreendeu as

palavras um segundo depois, vendo o impacto sobre o rosto de Eric, onde a alegria desaparecera de um golpe para dar lugar à estupefação.

— Mas é completamente ridículo... — dizia Clarisse com voz alegre, até mesmo um risinho. — Comissário, incomodaram-no por nada; mas você poderia ter-me falado, Eric, antes de falar com esses senhores.

— Falar com você de quê? — perguntou Eric friamente.

— Senhor comissário — falou Clarisse sem olhar para Eric. — Senhor comissário, estou desolada: tínhamos projetado com o senhor Peyrat e madame Bautet-Lebrêche pregar uma peça ao meu marido por causa da sua pretensão um pouco irritante em matéria de pintura. Há alguns dias o Senhor Peyrat transportava essa falsificação como uma curiosidade; por divertimento pensamos fazê-la ser comprada pelo meu marido, prontos naturalmente a revelar-lhe a brincadeira quando chégássemos a Cannes. íamos lhe explicar na hora do almoço, daqui a pouco. . .

Houve um pequeno silêncio, preenchido por Edma Bautet-Lebrêche:

— Devo reconhecer — disse ela aos três pobres tiras — que tudo isso é rigorosamente verdade. Estou desolada, Eric, dessa farsa, talvez de mau gosto.

— A senhora é Madame Bautet-Lebrêche? — perguntou o comissário, agora furioso, ao que parecia, e cujo tom de voz ao se dirigir a Edma faltava ao respeito e à deferência que esta pensava suscitar em toda a parte onde passava.

Julien viu com prazer o busto da citada Edma se dilatar e os olhos e a voz se aguçarem.

— Eu sou madame Bautet-Lebrêche, de fato. E aqui está o meu marido, Armand Bautet-Lebrêche, que é comandante da Legião de Honra e Presidente da Câmara de Comércio de Paris e Conselheiro do Tribunal de Contas.

Armand pontuava esses títulos com pequenos movimentos da cabeça que em outras circunstâncias teriam feito Julien morrer de rir.

— Perfeitamente — dizia ele com ar indignado também, sem que se soubesse por que, e a algazarra se generalizou.

Julien sentiu a mão de Clarisse no seu braço e virou-se desconsolado. Ela olhava-o com os olhos dilatados pelo alívio, e uma lágrima suspensa entre os cílios e os olhos.

— Meu Deus — disse ela em voz baixa —tive medo, Julien. . . Pensei que o prendiam por bigamia!

E sem parecer nem de leve constrangida por essa demonstração, pôs os braços em torno do pescoço e beijou-o entre a raiz dos cabelos e a gola da sua camisa de malha negra.

Um pouco mais tarde, os três tiras, encharcados de champanha, de

brincadeiras e risadas, desciam as escadas de costas agitando os braços, e Clarisse, radiosa, apoiada na amurada com os outros passageiros, murmurava a Julien:

— Meu falsariozinho, meu belo amor, o que é que você acha que isso importa para nós, tudo isso... — E ela ainda ria de alívio.

Clarisse não queria descer à cabina. Nem mesmo queria tornar a ver Eric. Freava-se com cada centímetro do corpo. E Julien estava meio surpreso, meio divertido, meio irritado dessa resistência, ou, antes, dessa covardia.

— Mas não pode partir assim sem uma palavra. . . Você viveu 10 anos com esse homem.

— Sim — respondeu Clarisse desviando o olhar. — Sim, foram dez anos demais. Não posso dizer de frente que vou deixá-lo. . . Sou covarde demais, tenho medo...

— Mas medo de quê? Ficarei a dois passos. Se ele for odioso, você me chama, chegarei logo e recomeçaremos uma briguinha tipo *western* para os seus belos olhos!

Ria tentando desdramatizar a situação; via Clarisse enrubescer, empalidecer, agarrar convulsamente com suas longas mãos o braço dele, via seus olhos se escurecerem com lágrimas de raiva e medo.

— Tive emoções demais hoje — disse ofegante. — Pensei que você não fosse mais meu; que fosse preso, tudo arrasado, acabado. . . pensei que tudo estava perdido, a felicidade. . .

— Eu também — respondeu Julien interrompendo seus conselhos morais — eu também, você imagina. . . E isso bem que podia ter acontecido — completou, depois de um instante de silêncio.

— O que é que você quer dizer?

Clarisse parecia surpresa. Sua naturalidade era perfeita demais. Ele ignorava que essa honestidade escrupulosa e esse respeito da propriedade dos outros eram noções reservadas a uma certa burguesia em ascensão e só raramente eram praticadas no cimo, e mesmo assim só depois de um certo estágio; a falta de escrúpulos aumentava com a fortuna.

— Você sabe; quando compreendeu que eu era um ladrão de pequena

escala, um trapaceiro e um falsário, isso poderia tê-la desgostado de mim, não é?

— Não dramatize — falou Clarisse sorrindo (como se ele se estivesse acusando sem razão). — O que fez não tem importância. E, aliás — concluiu ela com um risinho que ele achou cínico — você não terá necessidade de tudo isso, agora.

"Mas o que é que ela está pensando? Que quer dizer? Que pensa de mim?" As hipóteses mais extravagantes cruzaram-se na sua cabeça.

— O que é que você quer dizer? — perguntou com voz quase suplicante.

Suplicava de fato que não o considerasse um gigolô, que ladrão já bastava. Suplicava que não o desprezasse, coisa que um dia o obrigaria a fugir, ele percebia, pois ele a amava.

— Quero dizer que pode ser avaliador público sem fazer dessas coisas. Compraremos quadros juntos em toda a parte, revenderemos e dividiremos os lucros, depois que você tiver reembolsado o meu banco, para que fique de bom humor. Você adota uns ares tão morais para um falsário — disse ela ternamente.

E Julien deixou ali, de vez, sua tentativa de compreender o que ela entendia por *morais*. Empurrou-a suavemente para a escada, com certa firmeza porém, e viu-a entrar na cabina enquanto ele mesmo se apoiava à parede do corredor, dividido entre o desejo de pegar aquele denunciador pelo pescoço e o de encontrar Clarisse não muito acabrunhada, nem muito ferida, nem culpada.

Eric fazia as malas, ou antes: as refazia, pois o camareiro as enchera, ignorando que o diretor do *Forum* repartia suas bagagens e as classificava com tanto cuidado quanto os artigos do seu jornal. Clarisse fechou a porta e se encostou nela com o coração batendo forte e surdamente. Parecia ouvi-lo ali, ressoar e ficar mais lento. O coração enfraquecia-se por momentos, arrastava-se a ponto de parar completamente, quando Eric se virou de chofre, pálido mas decidido e afável ao que parecia. Havia um ar de resolução no seu rosto e de pressa nos gestos e na voz que confirmavam as suposições de Clarisse. Ele não ia acentuar o golpe, não ia falar de nada, ia fazer de conta que nada acontecera, como todas as vezes que alguma coisa o constrangia.

— Estou arrependido de ter suspeitado desse bom Julien Peyrat. Deveria ter imaginado que era uma brincadeira, de fato. Você está com o meu cheque, eu penso.

— Sim — falou Clarisse.

Apresentou-lhe o belo cheque de Armand, endossado por Julien à

ordem de M. Lethuillier.

— Bem, enviarei um bilhete ao senhor Peyrat, se você tiver o endereço dele, naturalmente. Você está pronta? Nós teremos tempo de correr ao aeroporto de Nice e chegarei a tempo para o fechamento do jornal.

E sem parecer notar a imobilidade e a desobediência de Clarisse, passou para o banheiro juntando escovas, pentes, tubos diversos e chegando mesmo a deixá-los cair com grande ruído na banheira, único ponto capaz de revelar sua tensão. Eric jamais deixava cair coisa alguma, nunca quebrava nada, não esbarrava nos móveis, como também não se queimava comendo batatas quentes. Como também não fazia o champanha espirrar ao abri-lo. Como também não. . . Clarisse tentava parar na sua cabeça aquela enumeração de virtudes, ou antes: ausência de defeitos. Era verdade que Eric tinha alguma coisa de negativo, que tudo que ele fazia era feito contra alguém, ou por recusa de alguém. Ele esbarrara na penteadeira ao passar e Clarisse se viu no espelho como estava: de pé, pálida, feia, era assim que se achava, tendo ainda um tique imbecil que fazia sua boca tremer para a direita, que ela não conseguia interromper. Aquela mulher pálida no espelho era completamente incapaz de dizer a verdade ou de fugir, escapar a esse belo homem bronzeado e decidido que passava e repassava às pressas diante desse espelho onde seu reflexo por vezes simbolicamente escondia o dela.

— Eric. . . — disse contudo a mulher do espelho com voz trêmula. . .
— Eric, vou-me embora. . . Não vou partir com você, não volto a Paris. . . Acho que vamos nos separar. . . Vou deixá-lo. É. . . é muito aborrecido — disse ela na sua desorientação — mas não pode ser de outra maneira.

Eric estava diante dela, que o viu parar à sua primeira frase e assim ficar sem se mexer, ereto sobre as duas pernas numa posição esportiva, que não combinava com o sentido das suas frases. Podia vê-lo do canto do olho sem olhar para ele; via ou adivinhava ou se lembrava de um rosto atento, fechado, drogado pela ação que ia empreender, definitivamente dopado pela idéia que tinha de si mesmo, a segurança formal de que essa ação seria a única a fazer, uma vez que a escolhera. Ela o via com as mãos ao longo do corpo, o busto para a frente, ligeiramente inclinado, o olhar fixo nela. De certo modo parecia estar jogando tênis. Parecia-lhe que essas bolas que ela lhe arremessava havia um minuto eram todas indefensáveis. Mas sua voz estava calma quando lhe respondeu:

— Você quer dizer que vai partir com esse ladrão barato de quinquilharias, esse desenxabido, esse velho estudante expulso do colégio? Você quer dizer que se interessa por isso: seus poquerzinhos, seus quadros falsos e suas corridas? Esse primário, você, Clarisse?

— Eu, Clarisse — repetiu ela atrás dele, sonhadoramente. — Eu, Clarisse. Você bem sabe que eu sou alcoólatra, estragadinha, indiferente e

tola... E sem graça — acrescentou ela com uma espécie de prazer orgulhoso e profundo, com uma tonalidade na voz que era a da libertação, uma tonalidade que Eric reconheceu imediatamente.

Era a mesma que soara na boca do seu motorista quando o despedira três meses antes; e a desse grande filósofo, esse grande escritor, antes colaborador do *Forum*, que lhe retirara para sempre sua assinatura antes das férias, em resposta a uma simples observação de Eric sobre seus artigos. Nessas três pessoas, primárias ou não, cultas ou não e às quais estava ligada por sentimentos ou relações hierárquicas tão diferentes, ouvira soar esse sustenido, esse som, essa quase alegria, dizendo-lhe adeus. Sim, fora de fato alegria, e desta vez era a mesma coisa. Mas o que queria ouvir era a vergonha. E a idéia de que não conseguiria provocá-la, arrancá-la de Clarisse, como não conseguira dos outros dois, o acabrunhou de repente, com tamanha evidência que cambaleou e enrubescou de vergonha, mas dele próprio, diante da sua incapacidade.

— Você sabe que não vou retê-la — declarou ele escandindo as palavras, o que reforçava a brutalidade dos termos. — Não vou amarrá-la, à porta da casa de Versalhes, nem a fazer controlar pelos gorilas, nem fechá-la em casa.

E à medida que enumerava essas vilanias que, justamente, não faria, que se comprometia a não fazer, elas lhe pareciam, pelo contrário, as únicas soluções, as únicas saídas normais e, muito depressa, ele se disse a si mesmo que, desta vez, se encontrasse um estratagema, se conseguisse levá-la para Versalhes, depressa renunciaria a essas elegâncias estúpidas e arrancadas dele pelo medo. E Clarisse pareceu percebê-lo também, pois fez menção de recuar e esbarrou na porta, cuja maçaneta ela alcançou por trás do corpo.

— Não quero matá-la — disse ele com amargura. — Sem querer ser injurioso, querida Clarisse, não vou passar no desespero e nas lágrimas, os poucos dias de que precisará para descobrir quem é o senhor Peyrat.

— Eu não contava com isso — respondeu Clarisse com voz surda. — Contava até com o *Forum* para absorvê-lo, e distrai-lo nos primeiros tempos.

— Você talvez pense retomar o *Forum*?

E, imediatamente, o absurdo dessa frase o constrangeu, apesar de tudo. Ela sabia muito bem que o jornal pertencia a ele, apesar dos capitais dos Baron, e ele sabia que Clarisse não o tomaria.

— Não... esqueça — disse ele brutalmente.

Ela piscou os olhos como se de fato não tivesse ouvido. Tinha a expressão tranqüila, apesar das mãos e do lábio inferior tremerem juntos; chegava a ter um ar sereno. Provavelmente teria encontrado essa coisa invisível nela, essa arma secreta graças à qual sempre lhe escapara e a que ele não chegara a dar um nome, e que jamais chegaria a nomear, sem dúvida.

E esse "jamais" enfim pronunciado na sua cabeça fez-lhe o efeito de um golpe baixo. Ela nunca mais voltaria, estava certo disso agora. E mesmo que fosse culpa dela, mesmo que não fosse culpa dele, pelo contrário, ainda assim era uma coisa definitiva e que lhe escapava, que escapava ao seu controle, à sua vontade, que escapava ao seu poder. E foi com voz furiosa, num último sobressalto, que lançou a Clarisse:

— Se pensa que vou sentir sua falta, ou ter saudades por um instante, um só instante, minha pobre Clarisse, realmente, realmente, você se engana redondamente.

Olhou-a fixamente sem a ver, sem mesmo ouvi-la, e sua resposta só chegou ao seu entendimento cinco minutos depois da sua partida:

— Estou certa disso. E é mesmo por essa razão que eu vou me embora.

— Naturalmente eu não estava lá — gemia Simon Béjard, lançando olhares de censura a Olga, cuja lentidão em arrumar as malas fora a causa desse atraso, ao que parecia. — Eu os teria feito calar. Não sei por que, mas não suporto tiras. Como se Eric não soubesse que esse quadro era falso. Eric já tinha dito que Julien não o teria querido vender, então, hem? Está ficando quadrado, o seu marido. Não quero ofendê-lo, mas ele é um chato. É da raça dos que vivem passando sermões, ele também.

Essas diversas considerações entrecortadas pela ingestão de salmão defumado e torradas com caviar escapavam-se em série e sem elo aparente da boca de Simon Béjard, que os acompanhava às vezes de um olhar para a pessoa interessada diretamente por suas alusões, ou que devia sê-lo. Olga almoçava de olhos baixos, sem maquilagem, com uma blusa *chemisier pied-de-poule*, um calçãozinho que supostamente devia rejuvenescê-la, mas que justapondo esse toque juvenil do vestuário à melancolia do rosto só lhe dava o aspecto ambíguo de uma velha menininha mal-humorada. Ela também perdera a cena, mas agora isso pouco lhe importava. Os Lethuillier, os Bautet-Lebrêche, os Peyrat e consortes bem podiam se entrematar ou se deixarem lançar na cadeia; enquanto não assinasse o contrato do seu filme com Simon, Olga não se interessava estritamente por nada. O mundo podia voar e as grandes potências se atomizarem umas às outras. Olga estava persuadida que a chuva atômica não atingiria os estúdios Boulogne e que os presidentes dos Estados Unidos ou da Rússia esperariam pelo menos que ela tivesse assinado o contrato e que se tivesse filmado a última imagem antes de lançarem seus bombardeiros. Enquanto esperava, seguia Simon Béjard como um cachorrinho, saltava quando ele ria, rosnava quando ele ficava descontente, enchia sua gamela se ele estava com fome, e acompanhava todos os seus discursos com latidos entusiastas. Simon contemplava-a por vezes com um olhar que ela pensava ser terno, mas era apenas enojado. Falava-lhe duramente, e Clarisse já se interpusera com doçura.

Clarisse estava na cabeceira da mesa, perto de um Ellédocq sombrio e um Julien distraído e embevecido. Falava, ria, parecia no máximo de felicidade. E Julien a bebia com os olhos. Simon olhou-os por um momento e subitamente sentiu-se muito velho e muito pomposo. Clarisse ia continuar a beber, talvez, Julien continuar a jogar, mas ela não se embebedaria mais e ele não trapacearia mais, não tendo realmente mais razões para fazê-lo, nem um nem outro. Ela traria um enxoval de mulher rica, ele traria o seu dote de homem feliz, e a contribuição de Clarisse seria certamente a menor. De repente pareciam duas crianças — dizia-se Simon com nostalgia, dois irresponsáveis dos quais Clarisse parecia ser a mais refletida sem dúvida, mesmo que essa reflexão fosse o fruto da desgraça. E vendo essa mulher rir e enviar olhares ardentes ao seu vizinho, Simon sentia que ela podia muito bem se entregar à felicidade e parar de refletir. E a felicidade deles tinha chance de durar, já que ambos estavam prontos a fazer concessões, prontos para a indulgência, e que detestavam a desgraça, todos dois. Ela por experiência, ele por instinto.

— Boa sorte! — falou Simon, de repente levantando o copo.

E todo mundo se levantou, bateu com o copo no do vizinho, com expressão emocionada, como para dizer adeus a uma vida anterior, como se todos tivessem visto um pedaço da sua existência desaparecer com esses nove dias tão depressa decorridos. E todo mundo sorria da sua própria emoção, exceto Eric, que já descera, e exceto Charley, demasiado sentimental, sem dúvida, e que desde a véspera estava com os olhos cheios d'água. Era tão emotivo, esse pobre Charley, pensava Edma Bautet-Lebrêche, batendo seu copo por sua vez. Devia estar chorando esse pobre Andréas, que não chegara a ter, no entanto, e que partira para sofrer em Nantes ou Nevers...

— Bebamos a Andréas — disse ela — mesmo que não esteja presente. Bebo à sua carreira!

— E eu bebo à sua felicidade — disse a Doriacci com entusiasmo.

— E eu bebo a Andréas ator — falou Simon.

— E eu também — disseram uns atrás dos outros, até Armand Bautet-Lebrêche, cujo brinde foi interrompido pela saída precipitada em lágrimas de Charley Bollinger, que chegou a virar a cadeira. "Mas o que é que ele tem? Mas o que é que esse simpático Charley está fazendo? Que bicho o mordeu", etc. As diferentes hipóteses emitidas daqui e dali foram varridas por Ellédocq, sempre a par de tudo que pudesse interessar o seu pessoal.

— Charley Bollinger doente do fígado — disse ele com ar preocupado perfeitamente conjugal. — Ontem meio-dia, três pratos ovos nevados. Vou levar especialista em Cannes.

— Faz muito bem — disse Edma. — O senhor precisa se ocupar dele,

comandante. Afinal o senhor é ao mesmo tempo seu pai e seu. . . — interrompeu-se subitamente — ... seu *alter ego*.

— Quer dizer o quê? — resmungou Ellédocq sempre desconfiado em matéria das relações dele e de Charley.

— *Alter ego* quer dizer um outro nós mesmos; Charley o completa, comandante. Ele tem a feminilidade, a doçura, a delicadeza que sua virilidade tonitruante não lhe permite. Quanto à sua doença do fígado eu sei de que se trata: se a atmosfera em torno desse pobre Charley não estivesse perpetua-mente poluída pela fumaça de charutos ou de cachimbos, ele respiraria melhor e teria melhor tez. . . Ah, não, comandante, não revire os olhos, não falo obrigatoriamente do senhor, o senhor não é o único neste navio a lançar nuvens de fumaça. . . Sim, eu sei, nós sabemos todos — continuou ela com voz irritada enquanto Ellédocq, roxo de raiva, exclamava:

— Mas eu não fumo, meu Deus. Eu não fumo há três anos — sem que alguém lhe prestasse atenção, exceto Kreuze que, ao mesmo tempo que o desprezava, achava que Ellédocq tinha muita razão no seu papel e em sua preocupação com a hierarquia.

— Acho o Capitão Ellédocq muito corajoso, pelo contrário — disse ele com sua voz entrecortada. — Para não dar mau exemplo fuma, sem dúvida, sozinho na sua cabina. É muito estimável, porque a nicotina muito difícil de tirar como hábito, não é? — perguntou a Ellédocq que de vermelho se tornara rubro.

— Não — urrou o capitão. — Não. Eu não fumei uma só vez, ninguém me viu fumar. Eu não fumo há três anos. O senhor nunca me viu, senhor Kreuze, nem duas vezes, nem mesmo uma vez, ninguém me viu fumar. . . ninguém — gaguejava Ellédocq desesperado enquanto Edma e a Doriacci, como duas colegiais, escondiam o rosto nos seus pequenos guardanapos de mesa. . .

Ellédocq levantou-se e, tendo voltado ao morse habitual, graças a um enorme esforço de sangue-frio, inclinou-se diante da mesa, os dedos no boné, heróico e escrupuloso até o fim.

— Espero partida de todos na escada.

Tornou a se inclinar e saiu. Só ficaram na mesa os Bautet-Lebrêche, a Doriacci, Béjard e Olga, Julien e Clarisse.

— Já é muito tarde — disse Edma consultando seu relógio Cartier (posto no cofre do *Narcissus* pelo tempo da viagem com três ou quatro berloques do mesmo preço). Nós almoçamos às duas horas, aliás, graças a você, Armand. O que foi fazer no cais a esta hora, se não for indiscrição?

— Fui procurar alguns jornais financeiros, minha querida — disse Armand sem levantar os olhos do prato.

— E você trouxe naturalmente os *Echos de la Bourse*, o *Journal*

Financier etc. Nem sei se as coleções de costura começaram em Paris...

— Eu lhe trouxe *Le Regard*, para lhe mostrar a foto da senhorita Lamouroux e do senhor Lethuillier — disse Armand defendendo-se corajosamente. — Acho aliás que foi nesse momento que ele resolveu almoçar na cidade. Parecia detestar aquela fotografia, mas não estava mal.

— Meu Deus — disse Edma. — Meu Deus, eu perdi isso! Quando eu penso que quase perdi sua prisão também, meu caro Julien... Teria ficado doente.

— De fato — disse Julien de bom humor — eu a tenho distraído bastante. Quase vendi uma falsificação ao diretor do *Forum*, bati-me com ele a socos, etc, etc. — concluiu rapidamente mas não bastante para evitar os comentários refinados de Simon Béjard.

— E você lhe tomou a mulher, e você o cobriu de ridículo, e, aliás, ele o adora — disse Simon hilariantemente.

E caiu na gargalhada seguido de um risinho azedo e submisso de Olga e do riso bem mais convincente da Doriacci, que esse dia e essa noite de solidão pareciam ter posto de muito bom humor. Levantou-se, dirigiu-se à porta com seu passo real e com o seu xale vermelho-vivo. Assim fazendo, dirigiu-se a Clarisse, que beijou nas duas faces antes de Edma e Olga, depois Simon e Armand, antes de acabar por Julien, que beijou um pouco mais demoradamente do que os outros.

— *Adiós* — disse ela da porta. — Estou partindo. Se eu cantar em algum lugar em que vocês estejam, venham me ver; e sem entrada. Devo dois *lieds* de Mahler, quatro árias de Mozart e uma canção de Reynaldo Hahn aos passageiros do *Narcissus*. Sejam felizes — finalizou, passando pela porta.

Os outros entreolharam-se, levantaram-se agitando-se e dirigiram-se ao portão para as despedidas diante e com Ellédocq e Charley.

Clarisse segurava a mão de Julien e lançava para a cidade olhares inquietos, mas Julien levou apenas um quarto de hora para alugar um carro e embarcar a metade das bagagens.

— E as outras, como as recuperarei? — perguntou subindo no velho carro de aluguel.

E Julien respondeu-lhe:

— Possivelmente jamais — beijando-a. O carro deu marcha à ré, deu meia-volta no cais para pegar a estrada oeste e parou um instante diante do *Narcissus*.

O *Narcissus* ostentava-se no porto, ronronando e fumegando ainda com ar confortável, satisfeito do dever realizado, o *Narcissus* onde, sob um sol igual

ao do dia da partida, reinava um silêncio ensurdecedor, privado das vozes dos passageiros e do ruído das máquinas. Um silêncio que Charley, subindo para o navio, achou atroz, mas Ellédocq, repousante.